MEMORIA

SOBRE

OS CONHECIMENTOS DA LINGUA E LITTERATURA GREGA,

QUE

HOUVE EM PORTUGAL ATÉ AO FIM DO REINADO

DE

ELREI D. DUARTE.

PRIMEIRA MEMORIA ATÉ AO ESTABELECIMENTO DA MONARCHIA PORTUGUEZA.

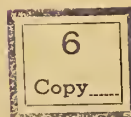
POR

JOAQUIM JOSÉ DA COSTA DE MACEDO

DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE, COMMENDADOR DA ORDEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA, E OFFICIAL DA ORDEM IMPERIAL DO CRUZEIRO, SECRETARIO GERAL PERPETUO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, E SOCIO DE MUITAS OUTRAS ACADEMIAS, E SOCIEDADES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS DA EUROPA, E DA AMERICA.

LISBOA

TYPOGRAFIA DA ACADEMIA.

1854

MEMORIA

SOBRE OS CONHECIMENTOS DA LINGUA E LITTERATURA GREGA, QUE HOUVE EM PORTUGAL ATE' AO FIM DO REINADO DE ELREI D. DUARTE.

PRIMEIRA MEMORIA ATÉ AO ESTABELECIMENTO DA MONARCHIA PORTUGUEZA.

Lida na Sessão de 14 d'Abril de 1853 e nas seguintes.

POR

JOAQUIM JOSÉ DA COSTA DE MACEDO.

A historia d'um povo, que chegou a certo gráo de civilisação, é de tal modo vasta, que nenhuma vida humana póde ajuntar os materiaes necessarios para escrevela, com o desenvolvimento conveniente, em todas as épocas de cada uma de suas ramificações.

Conhecendo esta difficuldade é que alguns sabios se dedicárão a estudar uma dessas ramificações, escrevendo a historia litteraria, militar, diplomatica, ou qualquer outra, a que mais se inclinárão; mas, ainda assim mesmo, sendo qualquer das ramificações da Historia tão copiosa em factos, para assim dizer desconexos, porque só se tocão considerados n'uma lata generalidade, admitte tratarem-se separadamente diversos pontos, que se tornarão outros tantos elementos valiosos para escrever a historia geral da ramificação a que pertencem. Quando se multiplicarem esta qualidade de monographias é que poderá coordenar-se devidamente uma historia completa de cada ramificação da Historia geral d'uma Nação; e quando estas historias especiaes assim estiverem feitas, então, e só então, é que um genio transcendente, d'uma grandissima comprehensão, d'um tacto fino, d'um gosto apurado, e d'um espirito philosofico e profundo, capaz de ligar a serie dos factos, mostrar a es-

pecie de genese que os encadea, e que prepara os acontecimentos futuros, poderá abranger n'um quadro os traços mais salientes e caracteristicos da vida das Nações; quadro que, por mais circunscripto que seja, hade ainda occuppar bastantes volumes. Uma historia firmada nestas bases ainda não existe em nenhuma das Nações cultas; e por isso é que o Sr. Alexandre Herculano teve que lutar com obstaculos quasi invenciveis, para lançar um clarão de luz sobre a Historia de Portugal.

Movido das considerações que acabo de expor propuz-me a dar uma noticia dos conhecimentos da lingua e litteratura Grega que houve em Portugal até ao fim do reinado d'ElRei D. Duarte. O Sr. Fr. Fortunato de S. Boa-ventura escreveo já sobre este objecto; (1) e por isso poderia talvez parecer escusada a minha tarefa, mas é elle tão escasso, pelo que respeita aos tempos anteriores ao meado do seculo 15, que toca, apenas em quatro paginas, tudo o que pertence a estes tempos.

A primeira parte deste trabalho, que agora apresento á Academia, comprehende o tempo decorrido até ao estabelecimento da Monarchia Portugueza, dividido em diversas épocas; e como, em algumas dessas épocas, Portugal não estava separado dos outros Paizes da Peninsula Iberica, são nellas applicaveis a Portugal as noções que poderem colher-se relativamente ao resto da Hespanha.

PRIMEIRA ÉPOCA.

DESDE OS TEMPOS MAIS REMOTOS ATÉ Á CONQUISTA DA HESPANHA PELOS ROMANOS.

A Historia primitiva de todas as Nações perde-se na noite dos tempos; e é por isso tão difficil penetrar na daquellas que habitárão a Hespanha, anteriormente ao assento que nella tomárão com suas Colonias os Phenicios e os Charthagineses, que, por falta de cabedal de sciencia, não me attrevo a tentar semelhante empresa. Parece que a povoação da Europa progredio do Oriente para o Occidente; mas se a identidade de nomes que se encontra entre alguns Paizes do Oriente,

---

(1) *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* T. 8.°, p. 1. das Memorias dos Correspondentes. Lisboa 1823.

e outros da Italia e da Hespanha é a designação da sua localidade geographica, como o *Al-garb*, ou *El-garb* (o occidente) dos Arabes, ou se é indicio da transmigração de povos orientaes para o occidente, só quem estiver bem provido de conhecimentos das lingoas orientaes, e das do Norte, é que poderá, com estes soccorros linguisticos, descobrir em alguns vestigios quasi apagados de nomes e de palavras desfiguradas a filiação das gentes que successivamente entrárão na Hespanha, restando ainda saber se essas gentes encontrárão um Paiz virgem, ou se nella havia já Nações autochtonas, questão que prende com outra de mais subido alcance que é o modo da apparição do genero humano nos diversos pontos do globo; porém, de qualquer maneira que isto acontecesse, não é tão longe que hade ir buscar-se materia para o assumpto de que me occupo, nem mesmo ao tempo das colonias Phenicias, e Punicas.

As Colonias Phenicias podem considerar-se unicamente como umas feitorias de commercio, sem espirito de conquista: o objecto que os Phenicios tinhão em vista era a extensão do seo commercio; erão, se me é permittida esta phrase, os almocreves que levavão ao emporio de Tyro, para d'ali se espalharem pelo Egypto, e por todo o Oriente, então as partes mais civilisadas, e por consequencia as mais opulentas do mnndo, as mercadorias dos Paizes para onde navegavão, e que trazião para elles as fazendas do Egypto e da Asia.

As Colonias, Punicas, tendo talvez a mesma origem, pelos habitos que os Carthagineses conservarão daquelles de quem descendião, tomárão com tudo depois o caracter de conquista, mas nem umas, nem outras introduzírão na Peninsula o conhecimento da lingua Grega. É possivel que, em suas excursões commerciaes, alguns dos navios de Tyro que frequentavão os mares da Grecia, viessem tambem traficar nas colonias Phenicias da Hespanha, e trouxessem a seo bordo alguem que fallasse Grego. É certo que os Carthagineses tiverão relações, mais ou menos aturadas, com os Gregos da Italia; cuja lingua alguns Cartagineses necessariamente havião de entender, mas estes conhecimentos que homens adventicios e ambulantes, ou por motivos especiaes, alcançárão da lingua Grega, não podião lançar raizes nas terras Hespericas, que mais mais ou menos frequentavão, nem formar um nucleo d'estudo e d'ensino capaz de propagar na Hespanha o conhecimento da lingua e litteratura Grega, além de que o estado bravio do Paiz não permittia esse luxo scientifico.

É opinião, adoptada por muitos sabios, que os Gregos formárão colonias na Hespanha; porém custame a acreditar que assim fosse. Não cabe neste lugar discutir semelhante questão; e por isso, reser-

vando para outra occasião expender os fundamentos da minha incredulidade, limitome a ponderar, que havendo, alem dos testemunhos historicos incontestaveis; tantos vestigios da estada dos Phenicios e dos Carthagineses na Hespanha, onde as medalhas destes dois Povos que nella se tem encontrado attestão a sua permanencia na nossa Peninsula, parece-me que não póde apontar-se, com certesa, nem uma medalha Grega de tempo anterior ao dominio Romano, achada nella, nem um monumento authentico que prove terem os Gregos fundado colonias neste Paiz.

Sei que se diz Castullo fundado pelos Phocenses, seguindo a authoridade de Silio Italico, citado por Florez (1 *a*); porém Risco confessa, que não deve admittir-se como verdade historica tudo o que escreve Silio Italico (2). Sei que Morales, citado tambem por Florez, assevera que tinha uma medalha com lettras Gregas, que dizião *Castul;* porém que não podia ler-se o fim, e que, poucos annos antes, se tinhão descoberto, não longe d'ali, até 400 moedas de prata juntas, debaixo da terra; e que grande quantidade dellas tinhão o Pegaso no reverso; pelo que os doutos as tinhão por esta Cidade (de Castullo); porém o mesmo Florez tem difficuldade em acreditar isto, assim pelo metal da prata, como porque, se erão Hespanholas, não era necessario limitalas a Castullo; porque a mesma insignia se acha n'outras medalhas d'Hespanha; e de fóra della; e continua: « As que eu tenho, e tenho visto, com o « nome de Castullo, não tem Pegaso, mas uma esfinge, como está de« buxada a p. 68 (3). »

Em quanto á Medalha de Morales com lettras Gregas, alem da pouca fé que merece Morales em assumpto de antiguidades (4), elle mesmo declara que não podia ler-se o fim, e por isso nada prova, e tanto mais porque Florez: « só conhecia duas medalhas em que se « acha gravado *Cast*, com a esphinge no reverso, não com o Pegaso « (como escreveo Morales nas Antiguidades V. Castullo) nem com del« fins, nem lettras Gregas (como ali diz) senão com latinas como póde « ver o curioso no T. 2.º das minhas Medalhas » (5). E quanto ás de-

---

(1 a) *España Sagrada*. T. 7.º, p. 134.

(2) *España Sagrada*. T. 37, p. 26.

(3) L. c. p. 142.

(4) Florez, *Medallas*, T. 1, p. 342. Risco *España Sagrada*, T. 42, p. 210, e 214.

(5) « *No conocemos mas que dos Medallas, en que se halla grabado* Cast. « *con la Esfinge en el reverso, no con el Pegaso (como escribió Morales, en sus* « *Antiguidades*, V. Castullo) *ni con delfines, ni lettras Griegas (como ali dice),*

mais, sem outra nenhuma designação, nem inscripção, tem muito pouco abono em seo favor; porque, se não tinhão inscripção que podesse indicar que erão de Castullo, o Pegaso, se é que tinhão, não prova que fossem daquella Cidade, cujas medalhas não apresentão o Pegaso, mas uma Esfinge, e todas tem as inscripções em Latim (6); por consequencia são do tempo dos Romanos: e a Esphinge que tem as medalhas de Castullo não póde ser indicio de origem Grega, porque se encontra em medalhas de Amba, de Asta, de Iliberris, de Munda, de Osca, de Ursona etc. (7), a que não se assigna semelhante origem.

Sei tambem que é opinião muito recebida terem os Phocenses de Marselha fundado, no golfo de Rosas, uma Cidade a que dêrão o nome de Emporias (hoje Ampurias) e chamão por isso a Emporias Colonia dos Gregos (8); e Risco afirma com tanta segurança que isto foi obra dos Phocences de Marselha, unidos aos Hespanhoes, como se a tivesse visto edificar. Eisaqui como elle se explica.

« Os mesmos Phocenses (os de Marselha) se estabelecêrão em al-
« gumas partes de Hespanha, e a elles se atribuem as Cidades de
« Ulissea, Menaca, Denia etc., como se póde ver em Estrabão. Entre
« estas Cidades foi a mais celebrada a de Emporias, cuja fundação se
« deve aos Phocenses, que vierão da sua Colonia Masilia, e não dire-
« ctamente de Phocea. Assim consta dos escriptores antigos, os quaes,
« ainda que fallando das outras Colonias de Hespanha as atribuem aos
« Phocenses, quando tratão d'Emporias, escrevem que a fundárão os
« Masilienses que vierão de Phocea. Pelo testemunho de Estrabão sa-
« bemos que os Masilienses, quando vierão a Hespanha, não se estabe-
« belecêrão primeiro no continente, mas em uma ilha que está em

---

«*sino con Latinas, como puede ver el curioso en el Tom. 2.° de mis Medallas.*» No Tom. 1.° das Medalhas, Est. 17, é que estão as de Castullo a que Florez se refere.

(6) V. Florez, *Medallas*. T. 1.° Est. 17. N.° 11 e 12; T. 3.°, Est. 61, N.° 11 e 12; e os N.os 845, 846, e 847 da *Description des Monnaies Espagnoles* etc. *composant le cabinet de D. José Garcia de la Torre....* par Joseph Gaillard Madrid, 1852, 8.°

(7) Flores, *Medallas*, Tom. 3.°, Est. 59, N.° 5. Tom. 3.°, Est. 60, N.° 2. Tom. 3.°, Est. 62. N.° 13 e 14, e Est. 63, N.° 1. Tom. 3.°, Est. 63, N.° 11. Tom. 3.°. Est. 64, N.° 12. Tom. 2.°, Est. 49, N.° 6 e 7; Est. 50, N.° 2 a 8. E Tom. 3.°, Est. 66, N.° 8.

(8) *Como los Emporitanos eran Colonia de Griegos*. Florez, *Medallas*, Tom. 2.° p. 411.

« frente do sitio de Emporias, a qual em tempo do mesmo Geographo,
« se chamava Paléopolis (9). Na parte do continente que está em frente
« da Ilha houve, antes da vinda dos Phocenses, algum povo habitado
« pelos nossos Hespanhoes; porém nenhum Geographo nos deixou me-
« moria do seo nome (10).

« Não se sabe que entre os Hespanhoes e os Phocenses da Ilha
« houvesse jámais oposição alguma, antes parece que a cultura e com-
« mercio destes Estrangeiros roubárão o amor dos nossos, e por tanto
« estes os convidarião a passar da Ilha ao continente, para que po-
« dessem ali melhor attender aos interesses que resultavão da navegação
« e commercio. O certo é que os Masilienses Phocenses passárão da
« Ilha ao continente, e unidos com os nossos fundárão para si uma Ci-
« dade, junto á que tinhão os Hespanhoes, dividida só da dos Hespa-
« nhoes, por meio d'uma muralha. O nome que derão á sua nova Ci-
« dade foi *Emporium*, que significa povoação de mercado, ou com
« mercio. Os Escriptores mais antigos lhe chamão assim no singular,
« como Scilax, Polibio L.° 3.° p. 192, Estrabão, p. 159, e Estephano.
« Os Latinos começárão a chamar-lhe *Emporiae* no plural, e assim se
« lê em Livio, Mela e Plinio. Em Estrabão se lê expressamente que os
« Masilienses fundárão esta Cidade, e que estes, chamados já Empori-
« enses, forão os mesmos que habitárão a Ilha, chamada em tempo
« deste Geographo Paléopolis. Havia dito que por esta parte da costa
« tinhão os Hespanhoes muitos e bons portos, e que a terra era fertil
« até chegar a Emporio. Diz depois desta Cidade: *Urbs ea a Masilien-*
« *sibus condita. . . Habitarunt Emporienses ante insulam quandam op-*
« *positam quae nunc vetus urbs dicitur; modo in continente degunt.*
« Nunca teve esta cidade o nome proprio de Diopolis, ainda que alguns
« o tenhão assim acreditado, devendo entender-se que se em Estrabão
« se lê esta palavra, não é nome proprio e significa só que a Cidade
« estava dividida em duas, por meio da muralha que separava os Ma-
« silienses dos Hespanhoes. *Est autem* (diz) *in duas urbes divisa muro*
« *ducto, cum olim accolerent Indigetum quidam.* Isto mesmo escreve
« Livio no L.° 34, cap. 9. *Jam tunc Emporiae duo oppida erant muro*
« *divisa*: *unum Graeci habebant à Phocea, unde et Masilienses oriundi,*
« *alterum Hispani* (11). »

Tendo-se unido os Phocenses Masilienses com os Hespanhoes edi-

---

(9) *España Sagrada*, Tom. 42, p. 203, col. 2.ª
(10) Idem l. c., p. 205, col. 1.ª
(11) Idem, ibi, p. 205, col. 2.ª, e 206, col. 1.ª

« ficárão uma Cidade que, por seo porto, edificios e muralhas, foi mui
« celebrada naquelle tempo (11 *a*). A Cidade, como fica dito, estava di-
« vidida em duas por meio d'uma grande muralha. Os Gregos habi-
« tavão a parte que olhava para o mar, e erão senhores de todo o porto,
« por não serem os Hespanhoes, seos visinhos, dedicados á Marinha.
« Esta parte da cidade era bastante pequena, não tendo, segundo Li-
« vio, senão 400 passos em roda da sua muralha. A parte que habi-
« tavão os Hespanhoes estava do outro lado, e apartada do mar, e era
« muito maior, porque tinha até 3:000 passos de circuito. . . Estrabão
« diz que os Hespanhoes que vivião nesta Cidade conservárão o mesmo
« governo que tinhão antes de virem os Gregos; mas, para segurar-se
« melhor de seos inimigos, quizerão estar fechados com os mesmos
« muros, só com a separação do que os dividia pelo meio, o qual nada
« estorvava que se ajudassem em tempo de necessidade. Por esta razão
« diz Tito Livio que poderia qualquer maravilhar-se de que duas Na-
« ções tão oppostas como os Hespanhoes e os Gregos, sendo estes
« poucos, e os Hespanhoes muitos, aquelles dados á contractação, e
« estes de animos ferozes, e afeiçoados á guerra, se mantivessem em
« tanta concordia, que não se lê que houvesse nunca entre elles, nem
« sequer motivo de contenda. O mesmo Livio julga que esta paz e
« união entre Gregos e Hespanhoes, procedia do governo e rigorosa
« disciplina com que os Gregos tratavão com os Hespanhoes, para con-
« servar a sua amisade e a segurança de seo senhorio. Tinhão fortale-
« cido o muro que os dividia de seos visinhos, e cercava a sua po-
« voação, por parte da terra, e tinhão só uma porta em que punhão
« sempre por guarda um dos principaes do governo da Cidade. Isto
« era de dia; mas de noite não se contentavão com menos do que com
« pôr a terça parte dos habitantes para fazer a guarda nos muros, e
« isto não por costume ou cerimonia, senão com tanta diligencia como
« se tivessem presente o inimigo. Não recebião dentro da Cidade Hes-
« panhol algum, nem permittião que os seos proprios moradores sa-
« hissem sem necessidade mui urgente. Quando sahião pela porta que
« hia para a povoação dos Hespanhoes, não sahião em menor numero
« do que a terça parte, e estes erão os mesmos que na noite antece-
« dente tinhão ficado de sentinella sobre as muralhas. A causa unica
« que tinhão para sahir era a contractação, porque os Hespanhoes,
« como não erão afeiçoados á navegação, gostavão de comprar-lhes as
« mercadorias que trazião por mar de terras mui distantes. Os nossos

(11 *a*) Idem, ibid, p. 206, col. 2.ª

« tinhão tambem muita ganancia com a contractação; porque, não
« tendo os Masilienses campos que cultivar, era-lhes necessario comprar
« aos Hespanhoes os fructos que necessitavão para o sustento da vida.
« Com o rigor da disciplina que temos referido, e com o gosto que
« resultava do commercio, se mantiverão estas gentes, de tão diversas
« Nações e condições, em summa paz e concordia. Ajudava tambem,
« para segurança dos Gregos, e para a confiança com que vivião com
« gente tão belicosa, o amparo que se promettião dos Romanos, com
« quem professavão tão estreita amisade como os habitantes de Mar-
« selha, por isso mesmo que tinhão menos forças que estes para sua
« defesa.

« Viverão por largo tempo os Hespanhoes e Phocenses só com
« esta communicação de commercio; porém usando sempre de diffe-
« rentes leis, e costumes, distinguindo-se tambem em que os Gregos
« estavão confederados com os Romanos; porém os Hespanhoes erão,
« como todos os mais destas provincias, inimigos do Imperio Romano.
« Mudou-se depois todo este theatro chegando a ser todos os habitantes
« de Emporias tão unidos em governo, e em leis que formavão uma só
« Cidade, igualmente regida por estatutos Hespanhoes e Gregos. *Tem-*
« *pore* (diz Estrabão) *in unam coaluerunt civitatem mixtam ex barba-*
« *ricis et Graecis constitutionibus, quod et multis aliis evenit* (12).

« Depois das victorias que Julio Cesar alcançou dos filhos de
« Pompeo mudou-se o estado da Cidade de Emporias, com os novos
« colonos que vierão viver nella. Disso falla Tito Livio no L.º 34, cap.
« 9.º, dizendo *tertium genus Romani coloni ab Divo Caesare post de-*
« *victos Pompeii liberos adjecti. Nunc in corpus unum confusi omnes;*
« *Hispanis prius, postremo et Graecis in civitatem Romanam ascitis.*
« Vemos pois que tendo vivido nesta Cidade Hespanhoes e Gregos até
« ao Imperio de Julio Cesar, se fez depois um povo composto de Hes-
« panhoes, Gregos e Romanos. Nesta occasião se lhes deo a todos o pri-
« vilegio e honra de Cidadãos de Roma, sendo os primeiros que parti-
« cipárão desta prerogativa os Hespanhoes, sem embargo de que os
« Gregos tinhão sido antes confederados com os Romanos, a qual dis-
« tincção, e preferencia foi sem duvida effeito de que os Hespanhoes
« habitavão a maior parte da Cidade, ou de que se submettêrão, sem
« grande resistencia ao Imperio (13).

« Ainda que os Hespanhoes forão sempre amantes da sua propria

---

(12) Idem, ibid., p. 208, col. 1.ª a p. 209, col. 2.ª
(13) Idem, ibid., p. 210 a p. 211, col. 1.ª

« religião e Leis, e por isso não parece verosimil que nelles se intro-
« duzissem a religião e culto dos Gregos, em quanto vivêrão com elles
« formando um corpo distincto e separado, e não tendo outra commu-
« nicação mais do que a necessaria para o commercio; depois de se ter
« verificado a confusão que asseguirão os escriptores antigos, não só par-
« ticipárão da religião dos Gregos, como vimos pelas medalhas, como
« tambem do seo governo, costumes e instrucção nas artes e nas scien-
« cias. Isto é o que Estrabão quiz dizer no texto já exibido em que,
« havendo testificado que os Hespanhoes Indigetes de Emporias conser-
« várão a sua fórma particular de governo, ainda quando vivião com
« os Gregos; porém depois fizerão todos uma Cidade, *mixtam ex bar-*
« *baricis et Graecis constitutionibus*. Parece que depois de se terem
« agregado os Romanos aos visinhos d'Emporias participárão estes de
« grande parte dos costumes, leis e religião do Imperio; porque é cons-
« tante que os Romanos, assim como erão ambiciosos de estender o seo
« dominio, assim erão solicitos em communicar a sua lingua e costu-
« mes, fazendo que todos parecessem Romanos (14). » Isto é o que diz
Risco, vejamos o que dizem os escriptores cujo testemunho elle invoca.

Os que fallárão de Emporias, além de Estephano, que a considera como uma Cidade Celtica, e que, por isso mesmo não citarei, forão Scylax, Polybio, Mela, Tito Livio, Strabo, Silio Italico, e Plinio, porém só Tito Livio, e Strabo tratárão della com alguma individuação.

Scylax lembra-se d'Emporias do modo seguinte: « Os primeiros
« da Europa são os Iberos, gente da Iberia, e o rio Ibero, e ha ali
« duas Ilhas chamadas Gades. Uma destas tem uma Cidade que dista
« um dia de viagem das Columnas d'Hercules. Depois um Emporio,
« Cidade Grega, que tem por nome Emporio, e são estes Colonia de
« Marselha. O trajecto da Iberia é de sete dias e sete noites (15). »

É tamanha a confusão deste passo de Scilax que me parece que, ou elle ignorava o objecto de que tratava, ou ha aqui alguma lacuna, ou alteração; porque

1.º Põem junto ao Ebro duas Ilhas, chamadas Gades, n'uma das

---

(14) Idem, ibid., p. 213, col. 2.ª, *in fine*, e 214.

(15) Τῆς Εὐρώπης εἰσὶ πρῶτοι Ἴβηρες, Ἰβηρίας ἔθνος, καὶ ποταμὸς Ἴβηρ· καὶ νῆσοι ἐνταῦθα ἔπεισι δύο, αἷς ὄνομα Γάδειρα. Τούτων ἡ ἑτέρα πόλιν ἔχει ἀπέχουσαν ἡμέρας πλοῦν ἀπὸ Ἡρακλείων στηλῶν. Εἶτα ἐμπόριον, πόλιν Ἑλληνίδα, ᾗ ὄνομα Ἐμπόριον εἰσὶ δὲ οὗτοι Μασσαλιωτῶν ἄποικοι. Παράπλους τῆς Ἰβηρίας ἑπτὰ ἡμερῶν, καὶ ἑπτὰ νυκτῶν. *Geographiae veteris Scriptores Graeci Minores.* Ed. de Hudson, Oxoniae, 1698, T. 1.º, p. 1.ª

quaes ha uma Cidade que dista um dia de viagem das columnas de Hercules.

O Ebro, passando por Tortosa, desagoa no Mediterraneo por duas bocas, formadas pela Ilha de Buda, segundo Tofiño; (16) e o Mappa que Risco juntou ao T. 42 da Hespanha Sagrada, publicado em 1801, traz duas Ilhas na embocadura do Ebro, e assignala o antigo alveo deste rio, sahindo ao mar no golfo de Ampola. Ora Tofiño diz que o golfo de Ampulla, ou Ampola, é a parte NO. do porto do Fangal, que é formado pelos enxurros do Rio Ebro; e por tanto póde ser que parte deste terreno, agora aparcelado e cheio de lagoas (17), formasse antigamente uma Ilha, quando o Ebro vinha lançar-se no mar no golfo de Ampola. Porem, como quer que fosse, nem estas Ilhas, se existírão, se chamárão Gades, nem houve nellas nenhuma Cidade; e ainda quando quizesse applicar-se a descripção de Scylax a outro rio, proximo de Cadiz, o Εἶτα (depois), seguindo-se a Ibero, e ligando-o com Emporio, mostra bem que falla do Ebro, no Mediterraneo, e do golfo de Rosas, onde está situado Emporio, posto que em alguma distancia, que não é de estranhar, pela rapidez com que Scylax descreve os Paizes.

2.° O relativo οὗτοι (estes), na clausula — *Estes são colonia de Marselha* — não tem a que se refira; ainda não tinha fallado em Gregos, e julgo que estas elipses não estão muito no gosto da lingua Grega.

Gail já observou que havia lacunas no passo de Scylax transcripto, e indica assim. . ., no texto que publicou deste Autor, os lugares em que as suppoz; e Klausen notou, do mesmo modo, uma falta (17 *a*).

Polybio diz: « E nesta occasião Cneio Cornelio, a quem seo irmão « Publio tinha deixado por commandante das forças navaes, como acima « declaramos, partindo das bocas do Rhodano, com toda a armada, « aportou a um lugar d'Hespanha chamado Emporion (18). »

---

(16) *Derrotero de la Costa del Mediterraneo*, p. 118.

(17) Ibid., p. 118, e 119.

(17 a) *Geographi Graeci Minores*, T. 1.°, p. 236, Parisiis, 1826, 8.° V. tambem a p. 332, 333 e 534, Notas 754 a 756. Klâusen, *Hecatei Milesii Fragmenta, Scylacis Caryandensis Periplus*. Berolini, 1831, p. 164.

(18) Κατὰ δὲ τοὺς ἀυτοὺς καιροὺς, Γνάϊος Κορνήλιος, ὁ καταλειφθεὶς ὑπὸ τἀδελφοῦ Ποπλίου στρατηγὸς ἐπὶ τῆς ναυτικῆς δυνάμεως, καθάπερ ἐπάνω προεῖπον, ἀναχθεὶς ἀπὸ τῶν τοῦ Ροδανοῦ στομάτων παντὶ τῷ στόλῳ, πρωσέσχε τῆς Ἰβηρίας πρὸς τοὺς κατὰ τὸ καλούμενον Ἐμπορεῖον τόπους. Polybio, L. 3.°, Cap. 76, p. 558 do T. 1.°, Ed. de Schweighaeuser. Lipsiae 1789. *Emporeion* neutro, em Latim *Emporium*, e não *Emporiae*, como diz o traductor Latino.

Mela, descrevendo a costa d'Hespanha, no Mediterraneo, unicamente diz. O rio Tichis está junto a Rhoda (Rosas); o Clodiano junto a Emporias (19).

Silio Italico tambem só menciona que os Phocenses d'Emporias, e os de Tarragona derão os seos mancebos para a guerra (20).

E o passo de Plinio é o seguinte: « Emporias são duas, dos an-« tigos habitantes, e dos Gregos que forão descendentes dos Pho-« cences (21). »

Passemos a Tito Livio, e a Strabo.

Tito Livio, referindo a expedição de M. Porcio Catão contra a Hespanha, no anno 558 de Roma, diz assim (21 a):

« De Rhoda com vento favoravel, chegou a Emporias, e ali desem-« barcou todas as tropas, excepto os aliados navaes. Já então Emporias « erão duas cidades, divididas por um muro. Uma possuião os Gregos « de Phocaea, de donde erão tambem oriundos os Marselheses; a outra « os Hespanhoes. Mas a Cidade Grega estava voltada para o mar, e « tinha, em toda a circunferencia do muro, menos de 400 passos: o « muro dos Hespanhoes era mais afastado do mar, e tinha 3:000 « passos em circuito. Juntou-se-lhe um terceiro genero d'habitantes, « que forão os colonos Romanos, mandados para ali por Cesar, depois de « vencidos os filhos de Pompeo. Agora estão todos confundidos n'um « só corpo, recebendo o foro de cidadãos Romanos, primeiro os Hes-« panhoes, e ultimamente os Gregos. Quem visse então estes, expostos, « por uma parte, ao mar largo, e por outra parte aos Hespanhoes, « gente tão fera e belicosa, causar-lhe-hia admiração o que os defendia: « era a disciplina, guarda da fraquesa que o temor contem optima-« mente entre os mais fortes. Tinhão bem fortificada a parte do muro « voltada para os campos, e para essa banda só tinhão uma porta, de « que sempre era assiduo guarda um dos Magistrados. De noite ficava « de vigia nos muros a terça parte dos cidadãos; e isto não era só por « effeito de costume, ou lei, mas conservavão as sentinellas, e patru-

---

(19) *Tichis flumen ad Rhodam, Clodianum ad Emporias.* L. 2.°, Cap. 6.

(20) *Phocaïcae dant Emporiae, dat Tarraco pubem.* L.° 3.°, verso 369, Ed. de Drakenborch p. 158.

(21) *Emporiae, geminum hoc, veterum incolarum et Graecorum, qui Phocaeensium fuere soboles,* L.° 3., Cap. 4.°, p. 532 do T. 1.° da Ed. de Franz, Lipsiae 1778, e seguintes.

(21 *a*) Assigno esta data á vinda de M. Porcio Catão á Hespanha; porque ella teve lugar no Consulado de Catão, que foi no anno 558 a 559 de Roma.

« lhavão em roda do muro, com tanto cuidado, como se tivessem ás
« portas os inimigos. Nenhum Hespanhol deixavão entrar na Cidade,
« nem elles mesmos hião para fóra della temerariamente; para o mar
« podião todos sahir. Nunca sahião pela porta que dava para a Cidade
« dos Hespanhoes senão em numero, quasi a terça parte que tinha fi-
« cado de guarda nos muros, na proxima noite. A causa da sahida era
« porque os Hespanhoes, imperitos no mar, gostavão do commercio dos
« Gregos, e querião comprar-lhes as fazendas estrangeiras que trazião
« em seos navios, e dar extracção aos fructos dos campos; e o desejo de
« conservar este mutuo costume fazia com que a Cidade Hespanhola
« se abrisse aos Gregos, que tambem estavão mais seguros, porque se
« cobrião com a sombra da amisade Romana, que cultivavão, ainda
« que com menores forças do que os Marselheses, com igual fidelidade.
« Nesta occasião recebêrão tambem o Consul e o exercito, polida e be-
« neficamente (22). »

---

(22) *Ab Rhoda secundo vento Emporias perventum* (Catão). *Ibi copiae omnes, praeter socios navales, in terram expositae. Jam tunc Emporiae duo oppida erant muro divisa. Unum Græci habebant a Phocaea, unde et Massilienses, oriundi: alterum Hispani, sed Graecum oppidum in mare expositum, totum orbem muri minùs quadringentos passus patentem habebat: Hispanís retractior à marí trium millium passuum in circuitu murus erat. Tertium genus Romani coloní ab Divo Caesare, post devictos Pompeii liberos adjecti, nunc in corpus unum confusí omnes; Hispanis prius, postremo et Graecis in civitatem Romanam ascitis. Miraretur, qui tum cerneret, aperto mari ab altera parte, ab altera Hispanis, tam ferae et bellicosae genti, objectos, quae res eos tutaretur: disciplina erat, custos infirmitatis, quam inter validiores optime timor continet. Partem muri versam in agros egregie munitam habebant, una tantum in eam regionem porta imposita: cujus assiduus custos semper aliquis ex magistratibus erat; nocte pars tertia civiúm in muris excubabant: neque moris tantum aut legis caussa, sed, quanta si hostis ad portas esset, servabant vigilias, et circumibant, cura. Hispanum neminem in urbem recipiebant, ne ipsi quidem temere urbe excedebant, ad mare patebat omnibus exitus, porta ad Hispanorum oppidum versa nunquam nisi frequentes, pars tertia fere, cujus proxima nocte vigiliae in muris fuerant, egrediebantur. Caussa exeundi haec erat: commercio eorum Hispani, imprudentes maris, gaudebant: mercarique et ipsi ea, quae externa navibus inveherentur, et agrorum exigere fructus, volebant, hujus mutui usus desiderium, ut Hispana urbs Graecis pateret, faciebat. Erant etiam eo tutiores, quod sub umbra Romanae amicitiae latebant: quam sicut minoribus viribus, quam Massilienses, pari colebant fide; tunc quoque consulem exercitumque comiter ac benigne acceperunt.* L.° 34, Cap. 8.° e 9.°, p. 783 do T. 4.° da edição de Drakenborch. Amstelaedami, 1740.

Strabo, depois de ter fallado das Ilhas de Gymnesia e Ebuso, accrescenta que, desde as columnas d'Hercules até aqui, ha raros portos, mas que depois ha bons portos, e o solo é fertil, tanto dos Leetanos, como dos Lartolaeetanos, e outros taes até Emporio; e continua. « Este (Emporio) é edificado pelos Marselhezes, perto de 4000 « estadios distante dos Pyrineos, e dos confins da Iberia, para a parte « da Celtica; e esta (região) é toda boa e de bons portos. Aqui está « tambem Rhodope, pequena Cidade dos Emporitanos, dizem alguns « que foi edificada pelos Rhodios; e ahi, e em Emporias, dão culto a « Artemis (Diana) Ephesia. Os Emporitanos habitárão primeiro certa « ilha fronteira, que neste tempo se chama cidade velha, mas agora « habitão no continente. São duas Cidades, separadas por muro que as « cerca; antes moravão nella uns dos Indigetes ali visinhos, os quaes, « posto que vivendo separadamente, segundo as suas leis, querião « ter, n'um muro commum, o beneficio da segurança Grega. Mas este « duplo Emporio é dividido por um muro intermedio; porém com o « tempo unírão-se estas duas Cidades, misturando-se as instituições dos « Gregos e dos barbaros, o que aconteceo a muitas outras (23). »

É opinião de Mr. Malte Brun, que Strabo, ou não conheceo Tito Livio, ou não teve confiança nelle, porque nunca o cita (24); porém amim parece-me que Strabo aproveitou Scylax e Tito Livio, accrescentando ao que elles disserão a circunstancia de se terem os Gregos estabelecido n'uma Ilha defronte de Emporias, chamada no seo tempo Cidade velha, antes de passarem para o continente; circunstancia sugerida a Strabo n'alguma das diversas redacções que deo ao seo trabalho (25); porque não existe em nenhum outro Author, e que é necessario pesar bem na balança da critica.

---

(23) Αὐτὸ δ' ἐςτὶ Μαςςαλιωτῶν κτίςμα, ὅσον τετρακιςχιλίους διέχον τῆς Πυρήνης ςταδίους, καὶ τῶν μεθορίων τῆς Ἰβηρίας πρὸς τὴν Κελτικὴν· καὶ αὕτη δ' ἐςτὶ πᾶςα ἀγαθὴ καὶ εὐλίμενος. Ἐνταῦθα δὲ ἐςτὶ καὶ ἡ Ῥόδος, πολίχνιον Ἐμποριτῶν· τινὲς δὲ κτίςμα Ῥοδίων φασὶ· κἀνταῦθα δὲ καὶ ἐν τῷ Ἐμπορείῳ τὴν Ἄρτεμιν τὴν Ἐφεσίαν τιμῶσιν· ἐροῦμεν δὲ τὴν αἰτίαν ἐν τοῖς περὶ Μαςςαλίας. Ὤικουν οἱ Ἐμπορῖται πρότερον νησίον τὶ προκείμενον, ὃ νῦν καλεῖται παλαιὰ πόλις· νῦν δ' οἰκοῦσιν ἐν τῇ ἠπείρῳ. Δίπολις δ' ἐςτὶ, τείχει διωριςμένη, πρότερον τῶν Ἰνδικητῶν τινὰς προσοίκους ἔχουςα, οἳ καίπερ ἰδία πολιτευόμενοι, κοινὸν ὅμως περίβολον ἔχειν ἐβούλοντο πρὸς τοὺς Ἕλληνας ἀςφαλείας χάριν· διπλοῦν δὲ τοῦτο, τείχει μέςῳ διωριςμένον· τῷ χρόνῳ δὲ εἰς ταυτὸ πολίτευμα συνῆλθον μικτόντι, ἔκ τε βαρβάρων καὶ ἑλληνικῶν νομίμων, ὅπερ καὶ ἐπ' ἄλλων πολλῶν συνέβη. L.° 3.°, p. 427 do T. 1.°, da Ed. de Siebenkees. Lipsiae, 1795; e seguintes.

(24) *Biografie Universelle*, p. 6 do T. 44, Paris 1826.

(25) Ibi, p. 4, 12 e 13.

Risco diz que esta Ilha, a 3:000 passos de distancia d'Emporias, se chama actualmente as Médas, e consta de dois altos e asperos penedos, e outro menor, em cujos lados descanção, com grande segurança, os navios e outras embarcações; que no mais alto do penhasco, mais elevado e extenso, ha lugar capaz de muitos edificios; porém que os Geographos não tem fallado em povoação alguma; nesta pequena Ilha, que está deserta (26). Admira que Risco, publicando o seo Tomo 42 da Hespanha Sagrada em 1801, não tivesse visto nem as Cartas Esphericas das Costas d'Hespanha de Tofiño, nem a descripção e *Derrotero* do Mediterraneo que as acompanha, impresso em 1786. E se deve dar-se mais credito a Tofiño que, com a sonda na mão, correo todos os recantos da costa que descreve, não ha semelhante Ilha defronte de Emporias, nem as Médas são uma Ilha, mas duas; nem distão 3:000 passos d'Emporias, quer se considere esta distancia em frente da Costa, quer seguindo a mesma costa, desde o ponto em que ellas existem; nem estão totalmente despovoadas.

Eisaqui o que se lê em Tofiño.

« Ao SE. da ponta septentrional do Rio Ter estão as Ilhas Médas « do Estardis, que são duas Ilhas altas que se correm NO.SE. A « maior tem meia milha de comprido, que é a mais NO., e tem uma « fortaleza, para resguardo de algumas embarcações que costumão fun- « dear na sua parte de SO.; e a outra é um penhote alto com figura « de pyramide, conhecido com o nome de Mogote Bemad; dista a « ponta do NO. da Ilha grande da terra mais immediata, que é a « ponta anteriormente dita (a ponta septentrional do Rio Ter) algum « tanto mais de meia milha, em cujo canal ha fundo sufficiente, se fôr « necessario passar (27).

« Da ponta septentrional do Rio Ter até ao cabo d'Entrará ou « Estardy, em que principia o golfo de Rosas .... $\frac{2}{3}$ de Milha.
« Daqui á Torre de Mongo .... $2\frac{3}{4}$ d.ª
« Daqui á Villa da Escala......................... 2 d.ª

Por tanto da ponta do Ter, em cuja frente estão situadas as Médas, até á Villa da Escala, são proximamente 5 milhas e meia.

« Desde a Villa da Escala começa a praia correndo para o N. 7 « milhas, onde desemboca uma lagoa, que está diante da Villa de Cas- « tellon d'Ampurias. Antes, na mediania desta praia, está o Rio Fluvia,

---

(26) *España Sagrada*, Tom. 42, p. 204, e 223.

(27) *La punta septentrional del Rio Ter es alta, y se avanza para el NE. dos tercios de millas, y á la parte del SE. estan las Médas del Es-*

« em cuja margem esquerda está a Villa de S. Pedro pescador, e a « pouco depois da da Escala estão umas ruinas de fortaleza, com al- « gumas casas, que são os vestigios da Cidade de Ampurias (28). »

Ora estando o Rio Fluvia na mediania da praia que corre desde a Villa da Escala até diante da Villa de Castellon de'Ampurias, que tem 7 milhas, está a $3\frac{1}{2}$ milhas da Villa da Escala; e como Emporias estava ao pé do Rio Clodiano, hoje Fluvia (29), que Mela, e Ptolomeo (30) situão ao pé d'Emporias; e como tambem Strabo diz que, na proximidade d'Emporias, ha um rio cuja boca serve de porto aos Emporitanos (31), é claro que Emporias ficava muito proxima ao Rio Fluvia, aliaz não lhes podia servir de porto; e estendendo esta proxi-

---

tardis, que son dos Islas altas que se corren NO. SE. La mayor tiene media milla de largo que es la mas NO. y tiene una fortalesa para resguardo de algunas embarcaciones, que suelen fondear á su parte del SO. y la otra es un Peñote alto que hace figura de Pirámide, conocido con el nombre de Mogot Bemad: dista la Punta del NO. de la Isla grande de la tierra mas immediata, que es la Punta dicha anteriormente, algo mas de média milla, en cuyo Canal hay fondo suficiente si fuere necessario passar. Tofiño, *Derrotero del Mar Mediterraneo p. 134.*

(28) *Desde la Punta septentrional del Rio Ter corre un pedaso de Costa alta de dos tércios de milla para el N. cuyo fronton llaman Cabo de Entrará, ó Punta de Estardy: desde aquí principia el Golfo de Rosas, y continúa un pedazo de Costa alta al N. 38° O. distancia 2 $\frac{3}{4}$ millas, en donde hay una Torre llamada de Mongo: despues dobla la Costa para el seno del Golfo al O. 20° N. de dos millas: aquí está la Villa de la Escala . . . . Desde la Villa de la Escala empieza la playa corriendo para el N. 7 millas donde desemboca una Laguna, que está delante de la Villa de Castellon d'Ampurias. Antes en la medianía de esta Playa está el Rio Fluvia, en cuya margem izquierda distancia 1 milla del Mar está la Villa de San Pedro Pescador, y á poco despues de la Escala estan unas ruinas de Fortaleza, con algunas casas que son los vestigios de la Ciudad de Ampurias.* Tofiño, *Derrotero del Mar Mediterraneo, p. 135.* V. tambem a Carta da Costa d'Hespanha, desde o Cabo d'Oropesa até ao Cabo de Creux.

(29) Florez, *España Sagrada,* T. 24. p. 50; e Risco T. 42 da mesma obra, p. 217 e 218.

(30) Mela. *Tichis flumen ad Rhodam, Clodianum ad Emporias.* L.° 2.°, cap. 6.

Ptolomeo.

Ἐμπορίαι.

Κλωδιανοῦ ποτ. ἐκβολαί. Ed. de Bertius, Lugduni Batavorum, 1618, p. 43.

(31) L.° 3.°, p. 428 do T. 1.°

midade a uma milha, o que me pareee bem demasiado, attendendo ás circunstancias dos Gregos, habitantes d'Emporias, mencionadas por Tito Livio, teremos que Emporias estava a duas milhas e meia da Villa da Escala, que juntas ás 5 milhas e meia que as Médas distão da boea do Ter até á mesma Villa, fazem 8 milhas desd'as Médas até Ampurias.

Não deve causar espanto que Tofiño chegasse os vestigios d'Ampurias tão perto da Villa da Escala; porque do antigo edificio, da Cidade se levou muita pedra para as fortalezas de Perpinhão e de Rosas, deixando-o quasi assolado, de maneira, que o pouco que ficou está coberto d'areia, e gastado dos ares salobres do mar; e o que antes era porto é hoje terra que leva hortalice, e serve de pasto ás bestas o que era abrigo das náos (32); e se a Cidade era de 30 mil visinhos (33), necessariamente havia d'occupar um grande espaço, alongando-se muito para a parte do rio, onde era o porto. Ou talvez Tofiño tomasse por vestigios d'Ampurias quaesquer que encontrasse entre a Villa da Escala e o Fluvia, onde esteve aquella Cidade, por não achar outros n'aquelles sitios, em consequencia dos motivos acima apontados. Seria ociosidade discutir se as Médas se chamárão antigagamente Malodes, que é o mesmo nome que tambem tinha o Monte de Jupiter, que as arrojou quasi defronte de Emporias, como quer Risco (34), fundado n'um passo da *Ora maritima* de Rufo Festo Avieno, suprido por D. Nicoláo Antonio (35); e por isso me absterei de o fazer.

É igualmente estranho ao meo assumpto investigar se os Gregos que vierão estabelleeer-se em Emporias erão de Marselha, ou de outra qualquer parte; e por isso só direi que não é tão certo eomo Riseo pertende serem de Marselha; porque só os dão como taes Scylax e Strabo, quando Tito Livio expressamente diz que erão de Phocaea, donde tambem os Marselhezes erão oriundos (35 *a*), no que concordão Plinio e Silio Italieo; e o mesmo se confirma, se tanto é mister, eom o passo de Tito Livio, quando diz: « que os Gregos d'Emporias es-

(32) Risco, *España Sagrada*, T. 42, p. 207, citando Pujades. O passo de Pujades está a p. 158 do T. 1.° da edição Castelhana. Barcelona, 1829, 4.° grande.

(33) Risco, l. c.

(34) Idem, ibid., p. 222 a 224.

(35) Idem, ibid., p. 204.

(35*a*) Alem do passo que fica transcripto, já Tito Livio tinha dito, no L.° 26, cap. 19 — *Emporiis urbe Graeca (oriundi et ipsi a Phocea sunt)*, T. 2.°, p. 1:092.

« tavão mais seguros, porque se cobrião com a sombra da amisade Ro-
« mana que cultivavão, ainda que com menos forças do que os Marse-
« lhezes, com igual fidelidade. » Se os Gregos de Emporias fossem Colonia dos de Marselha não faria Tito Livio esta distincção, uns e outros formavão o mesmo corpo, e a Colonia havia de seguir os passos da Metropole.

Mas suponhamos que uns Gregos deparárão n'uma Ilha deserta, não em frente d'Emporias, mas n'uma das Médas, junto ao Ter, com um abrigo em que podessem recolher os seos navios, para dali commerciarem com a costa; suponhamos que achárão depois maior commodidade de porto na embocadura do Fluvia, e que por isso, e por outras considerações, tratárão de estabelecer-se na sua proximidade, nada disto muda o estado da questão.

O que se conclue dos passos de Tito Livio e Strabo é:

Que uns Gregos vierão acolher-se a uma pequena Ilha que está em frente da costa dos Indegetes, e alli fizerão uma povoação, chamada no tempo de Strabo Paleopolis (Cidade velha).

Que os Gregos, costumados a darem grande vulto a todas as suas coisas, não admira que chamassem Cidade a qualquer pequeno ajuntamento de casebres, que o tempo facilmente consumio, quando derão o pomposo nome de Cidade a um recinto que não tinha 400 passos em circuito:

E que o incommodo da vivenda, n'uma Ilha desabrida e privada de tudo o necessario, e a communicação com os moradores da costa fronteira, determinárão os Gregos a procurarem alcançar um estabellecimento na terra firme, onde os Indigetes, habitadores daquella região, lhe permittírão fazer uma Feitoria, pegada com a Cidade que ali tinhão, e com tantas cautellas que bem mostrão, por uma parte, as restricções com que o permittírão, e por outra parte o receio de que qualquer desmancho causado pela nimia e descuidada frequencia de trato com os naturaes do Paiz, gente dura e feroz (36), e muito superior em numero, podesse alterar a boa harmonia que os Gregos tinhão a peito conservar, em attenção ao seo commercio.

Os Indigetes fizerão aos Gregos o mesmo que os povos da India nos fizerão, no principio de nossos descobrimentos, consentindo que ti-

---

(36) *Post Indigetes asperi se proferunt.*
Gens ista dura, gens ferox. . . . Rufo Festo Avieno *Ora maritima*, Vers. 523 e 524. Poetae Latini Minores, Ed. de Wernsdorf, T. 5.°, Parte 3.ª, Helmstadii, 1792, p. 1255. Este passo já foi citado na *España Sagrada* de Risco, T. 42, p. 219.

vessemos Feitorias em Cochim, em Cananor etc. (37), com a differença de que nós tornámos depois conquistadores, e os Gregos conservárão-se sempre no mesmo estado até serem, com os Indigetas, comquistados pelos Romanos.

Os Escriptores Gregos, que forão os primeiros que fallárão de Emporias, conhecendo só a Feitoria Grega, porque não tinhão nenhumas relações directas com os naturaes do Paiz, que despresavão como barbaros, attribuírão ao complexo das duas povoações o nome da mais pequena; e Strabo levou tão longe a nenhuma conta em que tinha os Indigetes que os faz ir abrigar-se nas muralhas dos Gregos, guardando a sua fórma de Republica, e separando-se por dentro com um muro!

Apesar de ser Tito Livio tão explicito sobre a existencia d'Emporias, antes da Feitoria dos Gregos, declarando que, já no anno 558 de Roma, Emporias erão duas Cidades, *Jam tunc*, o que mostra claramente que, antes da Feitoria dos Phocenses, havia já ali uma Cidade, parecendo até, pelo modo porque elle se explica, que este estabelecimento dos Gregos não era muito anterior aquella época; apesar da authoridade de Strabo que positivamente afirma ser Emporias habitada antigamente pelos Indigetes, tem-se applicado, até nossos tempos, á pequena Feitoria, consentida por elles aos Gregos, junto á sua Cidade, o desenvolvimento que Emporias teve, augmentada com a população Romana, e a grandeza a que depois chegou, e obstinárão-se a fazer desta Cidade uma Colonia Grega.

Os Gregos conservárão-se estacionarios na sua pequena Feitoria, como fica dito, e só mudárão de condição, quando os Romanos conquistárão a Cidade a que ella estava annexa, e mandárão para ella colonos seos, então misturou-se toda a população, ficando, tanto os Gregos como os Indigetes, sujeitos ás leis geraes que lhe impozerão os Romanos, mas conservando as suas instituições etc. Fizerão os Romanos o mesmo que nós fizemos aos Mouros, e aos Judeos, dando-lhes bairros em que vivessem, segundo os seos usos e costumes, e até certo ponto, com seo governo proprio.

Á vista dos passos transcriptos, e reduzindo ás suas devidas proporções a chamada Colonia Grega d'Emporias, deprehende-se que, em lugar de semelhante Colonia, só houve ali uma Feitoria Grega, até ao tempo dos Romanos, tal como as que nós tivemos na India, no prin-

---

(37) Barros, *Decada* 1.ª, L.º 5.º, cap. 10; L.º 6.º, cap. 7.º; L.º 7.º, cap. 3 etc.

cipio de nossos descobrimentos em Cochim, Cananor etc., que até agora ninguem se lembrou, nem podia lembrar, de dizer que forão Cidades fundadas pelos Portuguezes; e Feitoria mui pequena, e tão apertada e resumida em suas relações com os naturaes do Paiz, como a Feitoria que os Hollandezes tem actualmente no Japão. Para explicar muitos dos factos que passárão em tempos bem remotos, é necessario recorrer ao que se praticou em tempos posteriores, em casos analogos; porque os homens, em cirunstancias identicas, quasi sempre obrão do mesmo modo.

Occorre-me, a respeito d'Emporias, um passo de Polybio, que tem sido interpretado n'um sentido pouco intelligivel; e que, por isso, se me permittirá illustrar. Fallando d'um tratado em que os Carthaginezes prohibírão os Romanos de navegar em certos pontos da costa d'Africa, diz elle, que julga ter sido motivada esta prohibição « porque « os Carthaginezes não querião que os Romanos conhecessem, nem os « lugares visinhos de Bisacio, nem a pequena Syrtes que, *pela fertili-* « *dade do terreno, chamão Emporios* (38). » A versão latina e a Castelhana (39), conformes em traduzir assim, que é o que, á primeira vista, parece colligir-se do texto de Polybio, induzirião a pensar que a fertilidade do terreno era o motivo de se chamarem estes lugares Emporios, se não lhe resistisse a etymologia, que de nenhum modo se pode prestar a que Εμπορεια (Emporios) signifique lugares ferteis; mas o que, segundo Heyne, diz Polybio é: « que os Carthaginezes não qui« zerão que os Romanos, em consequencia da fertilidade do terreno, « conhecessem, nem os lugares visinhos de Bisacio, nem da pequena « Syrtes, que se chamavão Emporios (mercados) » onde os Carthaginezes conduzião, do interior do Paiz, os generos que dali exportavão (40).

---

(38) *διὰ τὸ μὴ βούλεσθαι γινώσκειν αὐτοὺς, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ, μήτε τοὺς κατὰ τὴν Βυσσᾶτιν, μήτε τοὺς κατὰ τὴν μικρὰν Σύρτιν τόπους, ἃ δὴ καλοῦσιν Ἐμπορεῖα, διὰ τὴν ἀρετὴν τῆς χώρας.* L.° 3.° Cap. 23, p. 436 do T. 1.° da Ed. citada.

(39) *La causa de esto, a mi entender, es para que no les exploren las campiñas immediatas á Bisacio, y á la pequeña Syrtes, que por la fertilidad del terreno llaman ellos* Emporios. D. Ambrosio Ruy Bamba, *Traducção de Polybio*, p. 287 do T. 1.°, Madrid, 1789, 4.°

(40) *Male accipiunt*, quae propter soli ubertatem vocant Emporia. *Immo, vero loca illa, Emporia dicta,* noluerunt Poeni a Romanis cognosci propter soli ubertatem. *Observetur Poenorum prudentia, quod interiores terras, adire noluere romanos mercatores: sed ex iis terris merces, sua opera advectas, ipsi vendidere Poeni Romanis, et ab iis emtas merces per Afrorum fora, pretio quod ipsi statuebant, venditarunt.* Heyne, *Memorias da Academia de*

Esta interpretação de Heyne corrobora-se com outros dois passos de Polybio (40 *a*), e com um de Tito Livio (40 *b*).

É inutil indicar todos os pontos em que Risco discorda dos AA. que cita; e por isso só mencionarei uma contradição, que se encontra no que refere, relativamente a este objecto. Asseverou que os Phocenses, juntos com os naturaes do Paiz, edificárão Emporias, e diz depois : « Tendo sido a Cidade de Emporias de tanta nobreza que por ella « se denominárão Emporitanos os campos e povos daquella Região, « como consta dos Geographos antigos, *(se faz bastante verosimil, que,* « *sendo tambem Cidade populosa, antes de virem a ella os Phocenses,* « *o seu primeiro nome foi o de Indica, que é a cabeça daquella Região,* « *de donde tomárão o seo nome os Indigetes, segundo o testemunho de* « *Stephano* (41). »

Parece-me ter demonstrado que Emporias não foi Colonia Grega, mas sim uma pequena Feitoria, até á conquista desta Cidade pelos Romanos; e por isso poderia despensar-me de tratar mais de semelhante assumpto; porém como um dos argumentos com que se quer provar a colonisação Grega d'Emporias são as Medalhas deste Povo, farei ver o que provão as medalhas.

As medalhas de Emporias tem no anverso a cabeça de Minerva, ou de Diana, e no reverso diversos symbolos (42). Sem entrar na questão de serem ou não de Emporias d'Hespanha todas as medalhas que Florez dá como taes, o que nellas se observa é que umas tem a ins-

---

Gottinga, do anno de 1788, T. 3.°, p. 50, e 51, citado por Scheweighaeuser, na sua edição de Polybio, T.° 5.° p. 532. A citação da obra de Heyne vem a p. 526 do mesmo Vol., e é a seguinte: *Duae Commentationes viri doctissimi Christ. Gottl. Heyne, Volumini tertio Opusculorum Academicorum quod Gœtingae anno 1788 prodiit, insertae, quibus Foedera Carthaginiensium cum Romanis super navigatione et mercatura facta, illustrantur.*

(40 *a*) L.° 1.°, Cap. 82, p. 204 do T. 1.°; e L.° 32, Cap. 2, p. 546 do T. 4.°

(40 *b*) L.° 29, Cap. 25, p. 358 do T. 3.°

(41) *Habiendo sido la Ciudad de Emporias de tanta nobleza que per ella se denominaron Emporitanos los campos, y pueblos de aquella region, como consta de los Geographos antiguos, se hace, bastante verisimil que, siendo Ciudad populosa antes de venir á ella los Phocences, su primer nombre fué el de Indica, que es la cabeza de aquella region, de donde tomaron su nombre los Indigetes segun el testimonio de Stephano.* España Sagrada T. 42, p. 218.

(42) Florez. *Medallas.* Tom. 2.°, Est. 24, 25, e 53; e T. 3.°, Est. 62.

cripção em Latim (43), outras em lettras desconhecidas (44); porém não se creia que as que tem inscripções em lettras desconhecidas são anteriores ao dominio Romano, nem as que apresentão no anverso a cabeça de Minerva ou a de Diana o fizerão pela communicação com os Gregos.

A muitas outras Cidades, a quem os Romanos permittírão cunhar moeda na Hespanha, aconteceo o mesmo que a Emporias, punhão-lhe indistinctamente inscripções, ora em Latim e na lingua nacional, com as lettras proprías dos habitantes das Cidades, ora só na lingua e escriptura nacional, e outras vezes misturando na mesma inscripção lettras de diversas linguas, quer Latinas e Gregas, quer Latinas, e das linguas d'Hespanha, quer destas e das Gregas. Assim ha inscripções nas medalhas

De Acinipo, bilingues (em lettras Latinas e desconhecidas) (45).

De Asido, bilingues (Latinas, e em lettras desconhecidas), e só em lettras desconhecidas (46).

De Bailo, bilingues (em Latim, e em lettras desconhecidas) (47).

De Carmo, bilingues (Latinas, e em lettras desconhecidas) (48).

De Ilerda, em Latim, e em lettras desconhecidas (49).

De Ilici, em Latim, e bilingues (Latinas, e em lettras desconhecidas (50).

De Obulco, em Latim, e bilingues (Latinas, e em lettras desconhecidas (51).

---

(43) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 24, N.° 1 a 12; Est. 25, N.° 1; Est. 53, N.° 4 e 5.

(44) Idem, Ibid., T. 2.°, Est. 25, N.° 3 a 8; Est. 53, N.° 6 a 11.

(45) Gaillard. *Description des Monnaies* etc. *du cabinet de* D. José Garcia de la Torre, p. 5, N.os 62 e 63, e no *Tableau* N.° 201 e 202.

(46) Florez, *Medallas*, T. 1.°, Est. 4, N.os 4 a 6; Tom. 3.°, Est. 59, N.° 10.; T. 1.°, Est. 4, N.° 7.

(47) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 51, N.° 8.

(48) Gaillard, l. c., p. 12, N.° 173, e *Tableau*, N.° 207.

(49) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 28, N.° 5; T. 3.°, Est. 62, N.° 12.; T. 2.°, Est. 28, N.° 6, 7, e 8; T. 3.°, Est. 62, N.° 10 e 11.

(50) Florez, *Medallas*, T. 3.°, Est. 62, N.° 1.; T. 2.° Est. 28, N.° 1, dá estas Medalhas como de Gili, attribuindo-as a Zilia, Zilis, ou Zili, Cidade da Mauritania Tingitana (T. 3.°, p. 51); porém Madeu, *Historia Critica de España*, T. 6.°, p. 473, N.° 1256, diz que, em lugar de Gili, deve ler-se C. Ili. Colonia Ilici (hoje Elche); porque a 1.ª lettra da inscripção, nas Medalhas bem conservadas, é claramente um C, e não um G. Sigo a opinião de Masdeu; pelas razões em que elle a funda.

(51) Idem, ibid., T. 2.° Est. 33, N.os 3, 4 e 5, 13 e 14; Est. 34,

De Oset, em Latim, bilingues (Latinas, e em lettras desconhecidas) (52).

De Osicerda, em Latim, e bilingues (Latinas, e em lettras desconhecidas) (53).

De Saetabi, bilingues (Latinas e em lettras desconhecidas) e só em lettras desconhecidas (54).

De Sagunto, em Latim, bilingues (Latinas, e em lettras desconhecidas), e só em lettras desconhecidas (55).

De Ursona, em Latim, bilingues (Latinas, e em lettras desconhecidas), e só em lettras desconhecidas (56).

E de Valencia, em Latim, e bilingues (Latinas, e em lettras desconhecidas (57).

As lettras desconhecidas, misturadas com as Latinas encontrão-se em medalhas de Asta, Emporias, Obulco, e Sagunto (58), e misturadas com as Gregas em medalhas d'Emporias (59).

Conhece-se perfeitamente nas medalhas d'Emporias que todas aquellas onde se vê o Pegaso, no reverso, quer tenhão inscripção em

---

todas as 12; Est. 55, N.° 4; T. 3.°, Est. 64, N.° 4, 5, e 6.; T. 2.°, Est. 33, N.° 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, e 12.

(52) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 37, N.° 1 a 4; T. 3.°, Est. 64, N.° 14; T. 2.°, Est. 37, N.° 5.

(53) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 37, N.° 6; T. 3.°, Est. 65, N. 1, 2 e 3; T. 2.°, Est. 37, N.° 7 (se é de Osicerda).

(54) Idem, ibidem., T. 2.°, Est. 39, N.° 9 e 10.; T. 2.°, Est. 40, N.°s 1 a 4.

(55) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 41, N.° 4, 14 e 15, Est. 42, N.° 1 a 6; T. 3.°, Est. 65, N.° 11; T. 2.°, Est. 40, N.° 5, 6, 7, 8, e 10; Est. 41, N.° 1 e 12; T. 2.° Est. 40, N.° 9, Est. 41, N.° 2, 3, 5, 9 e 13, se todas são de Sagunto.

(56) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 49, N.° 6 e 7; Est. 50, N.° 1, a 4; T. 3.°, Est. 66, N.° 7 e 8. T. 2.°, Est. 50, N. 5; T. 2.°, Est. 50, N.° 6 a 8.

(57) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 48, N.°s 4 a 7; T. 3.°, Est. 66, N.° 5; T. 2.°, Est. 48, N.° 8, no anverso lettras desconhecidas, e no reverso *VAL*, primeiras lettras da palavra Valencia.

(58) Idem, ibid., T. 3.°, Est. 60, N. 2; T. 2.°, Est. 53, N.° 4.; T. 2.°, Est. 33, N.°s 4 a 6. A de N.° 5 está cunhada ás avessas, ficando para a banda debaixo o que devia ficar para cima. T. 2.°, Est. 41, N.° 11, e n'uma medalha incerta. T. 2.°, Est. 58, N.° 5.

(59) Pellerin, *Recueil de Médailles de Peuples et de Villes* etc. T. 1.°, p. 5 e seguintes. Gaillard l. c., p. 58, N.° 940.

Latim (60), quer em lettras desconhecidas (61), são todas identicas no cunho, e por consequencia do tempo dos Romanos,

A Religião dos Romanos era a mesma do que a dos Gregos; adoravão as mesmas divindades, e até ás vezes com a mesma invocação. Os Romanos introduzírão nos Paizes que reduzírão a Provincias suas as suas instituições, e o culto dos seus deoses, não só por espirito de proselytismo, mas por calculo politico, para terem na Religião mais um vinculo com que ligassem a si os Povos conquistados; fizerão o mesmo que nós praticámos na Asia. Daqui vem a multidão de imagens dos seus deoses que apparece nas medalhas d'Hespanha, entre as quaes figurão as de Palas ou Minerva, representadas nas medalhas de Emporias, e que se mostrão tambem nas medalhas de Carthagena (2), de Carteia (63), e de Cesti (64); e se me é licito dizer o que entendo em semelhante materia, nas de Carmona (65), de Sagunto (66), e de Valencia (67); porque os cabellos postos, por baixo do morrião, na cabeça do anverso, melhor competem a Minerva ou Palas, como nas medalhas de Carthagena, de Carteia, e de Emporias (68), do que a Marte, o qual segundo Florez, é representado nas medalhas de Carmona, de Sagunto, e Valencia; e com tanto mais razão, quanto elle mesmo confessa, seguindo a authoridade de Phurnuto, que o morrião de Minerva se vê algumas vezes com azas; que Roma adoptou as azas para a sua imagem; e que assim anda figurado em medalhas do tempo da Republica (69), consequentemente não é necessario recorrer á sua communicação com os Gregos para explicar o motivo porque os Emporitanos figuravão nas suas medalhas as divindades Helenicas.

Florez traz duas medalhas Gregas d'Emporias, a 1.ª com a inscripção ΕΜΠΟΡΙΤΩΝ (Emporiton) diz que é como a que Phelipe Paruta estampou, applicando-a a Mazara de Sicilia (70); a 2.ª com inscripção ΕΜΠΩΡΙΤΩΝ (Emporiton) do Marquez de Monte Real, sem declarar a

---

(60) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 24, N.° 1 a 12, Est. 53, N.° 4 e 5.
(61) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 25, N.°s 3 a 8, Est. 53, N.° 6 a 11.
(62) Idem, idid., T. 1.°, Est. 16, N.° 8.
(63) Idem, ibid., T. 3.°, Est. 61, N.°s 7 e 8.
(64) Idem, ibid., T. 1.°, Est. 19, N.° 9.
(65) Idem, ibid., T. 3.°, Est. 61, N.° 3.
(66) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 40, N. 5 a 8, Est. 41, N.° 1 e 14.
(67) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 48, N.°s 5 a 8.
(68) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 24 e 25, Est. 53, N.°s 5, 6, e 7.
(69) Idem, ibid., T. 2.°, p. 560, e nota.
(70) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 25, N.° 2; e p. 420.

sua procedencia (71). Fallando da 1.ª dá-nos a noticia de que as medalhas Gregas vierão d'Ampurias, onde se achou a que teve D. Antonio Agostinho, as que Florez tinha que erão duas, uma com Delfins e outra sem elles, e tres que ali alcançou o Thenente D. Diogo da Costa, que não se virão as Emporitanas de Sicilia, e que por tanto é mui provavel reconhecer a moeda como nossa; pois que, se a fabrica é mais elegante, deve applicar-se á maior destreza do artifice Grego, que do nosso (72), E quanto á 2.ª diz que o Sabio Francez, já mencionado, (73) põem quatro medalhas de Ampurias que só se differenção nas lettras Latinas. . . . Põem tambem de prata, com lettras Gregas ΕΜΠΟΡΙΤΩΝ (Emporiton) debaixo do Pegaso, e a cabeça de mulher, do outro lado, diz que está coroada d'espigas. Accressenta terceira classe tambem em prata, porém com lettras Hespanholas desconhecidas, e as Gregas misturadas n'uma dicção, o que prova mistura de uma e outra lingua, dos Hespanhoes antigos e dos Gregos, que vivião juntos em Ampurias, e com a lingua misturarão tambem os caracteres (74).

O passo do A. Francez é o seguinte.

« As 13 ultimas medalhas desta 1.ª Estampa são da Cidade cha-
« mada *Emporiae* pelos Latinos, hoje Ampurias. Fizerão-se desenhar
« porque as incripções que ellas contem não são as mesmas que as das
« medalhas que o P. Florez produzio, e que, na sua opinião, são todas
« raras. Não admira que umas sejão Latinas, e outras Gregas, nem
« que as haja tambem em caracteres barbaros. Sabe-se que esta Ci-
« dade, habitada primeiro, pelos naturaes do paiz, foi depois augmen-
« tada, e occupada separadamente, da parte do mar, por Gregos que
« ali se estabelecêrão, e que posteriormente recebeo um terceiro au-
« gmento, por meio d'uma Colonia Romana, que Julio Cesar, depois de
« ter destruido o partido de Pompeo, juntou a esta Cidade. . . . *As me-*
« *dalhas Gregas que tem no reverso o typo do cavallo Pegaso, como*
« *as Latinas*, só differem *das precedentes na materia, e nas cabeças,*

---

(71) Idem, ibid., T. 3.°, p. 67.

(72) Idem, ibid., T. 2.°, p. 420, e 421.

D. Antonio Agostinho, nos seos *Dialogos sobre as Medalhas*, traducção Italiana, da Edição de Roma; 1592, a p. 192, não diz que as medalhas Gregas de que falla se achavão em Ampurias, mas na Hespanha.

(73) O A. anonymo da Obra: *Recueil de Médailles de Peuples et de Villes qui n'ont point encore été publiées, ou qui sont peu connues.* París, 1762 e seguintes, 4.° g.[de] O A. é Mr. Pellerin.

(74) Florez; *Medallas*, T. 3.°, p. 67.

« *que n'umas representão Minerva com elmo, e n'outras uma mulher*
« *coroada d'espigas e cercada de peixes.*

« *Relativamente áquellas cujas inscripções são barbaras, distin-*
« *gue-se nellas unicamente que os caracteres que as compõem são, em*
« *parte Gregos, e em parte antigos Hespanhoes, cujo valor é desco-*
« *nhecido*, do que póde inferir-se que, pela successão dos tempos, os na
« turaes do paiz, misturados com os Gregos, que ficárão ao principio
« separados por um muro, na mesma Cidade, formárão um só povo, e
« consequentemente uma mistura de linguagem de que resultou a bar-
« baridade das inscripções, de que se trata; *as medalhas que as con-*
« *tem assemelhão-se no mais, inteiramente, na materia, na fórma, e*
« *na fabrica, áquellas cujas inscripções são puramente Gregas.* »

« As duas ultimas, n'uma das quaes se lê distinctamente ΕΜΠΟ-
« ΔΕΙΤΩΝ (Empodeiton) da banda da cabeça, são da mesma fabrica do
« que as outras medalhas Gregas; mas pelo typo do cavallo, coroado
« por uma victoria, parecem-se com as medalhas de Sicilia, que tem o
« mesmo typo, e como as medalhas precedentes se assemelhão tambem,
« pela cabeça cercada de peixes, a outras medalhas Sicilianas, o P. Har-
« douin inferio daqui que estas medalhas Gregas pertencião a quatro
« Cidades da Sicilia, a saber *Agrigentum, Leontini, Segesta, e Selinus;*
« que erão os *Emporia* desta Ilha; mas, alem de que o seo sentir, sin-
« gular a este respeito, não parece fundado, o P. Florez assegura que
« umas e outras se achão todas commumente no districto onde está si-
« tuada a Cidade de Ampurias. Deve accrescentar-se que o commercio
« que, sem duvida, existia entre a Sicilia e esta Cidade, que era um
« porto de mar muito frequentado, póde muito bem ter occasionado a
« especie de conformidade que se *acha nas moedas, ou medalhas destes*
« *dois lugares* (75). »

---

(75) *Les treize dernieres médailles de cette premiere Planche sont de la ville appellée* Emporiæ, *par les Latins, aujourd'hui* Ampurias. *On ne les a fait dessiner que parceque les légendes qu'elles contiennent ne sont pas les mémes que celles des médailles que le P. Florez a rapportées, et qui, selon lui, sont toutes rares. Il n'est pas étonnant que les unes soient latines, et les autres grecques, ni qu'il y en ait aussi en caracteres barbares. On sait que cette ville, habitée d'abord par les naturels du pays, fut ensuite agrandie et occupée séparément du côté de la mer par des Grecs qui s'y établirent, et que postérieurement Jules César, après avoir défait le parti de Pompée, ajouta à cette ville un troisieme agrandissement pour une colonie Romaine . . . .*

Les médailles grecques qui ont au revers le type du cheval Pégase, de méme que les latines, ne different des précédentes que par la matiere, et par

Ha neste passo uma contradição. Tendo referido que, na opinião de Florez, todas as Medalhas d'Ampurias são raras; escreveo depois que o mesmo Autor assegura que todas se achão commumente no destricto onde está situada áquella Cidade. Florez deo como raras; e muitas até como rarissimas, as medalhas d'Ampurias (76); e diz que as moedas do Pegaso com lettras Latinas, e em lettras desconhecidas se achão, mais que n'outra parte, em Ampurias, que de lá vierão as Gregas de prata que menciona (77); por consequencia não ha nos passos de Florez a contradição, que lhe attribue o Autor Francez.

Sem contestar a genuidade da origem Iberica a nenhuma das medalhas d'Emporias publicadas por Florez, e por Mr. Pellerin, contento-me com serem inteiramente semelhantes as que tem o Pegaso no reverso, que era o symbolo dos Emporitanos Hespanhoes (78), quer

---

les têtes, qui dans les unes représentent Minerve casquée, et dans les autres une femme couronnée d'épis, et environnée de poissons.

A l'égard de celles dont les légendes sont barbares, l'on y distingue seulement que les caracteres qui les composent sont en partie grecs, et en partie anciens espagnols, dont la valeur est inconnue; d'où il y a lieu d'inférer, que par la succession des temps les naturels du pays, mêlés avec les Grecs, qui demeurerent d'abord séparés par un mur dans la même Ville, ne formerent qu'un même peuple, et conséquemment, un mélange de langage, dont résulta la barbarie des légendes en question; les médailles qui les contiennent ressemblent d'ailleurs tout-à-fait par la matiere, la forme et la fabrique à celles dont les légendes sont purement grecques.

Les deux dernieres, sur l'une desquelles on lit distinctement ENΠOΔEI-TΩN *du côté de la tête, est de même fabrique que les autres médailles grecques; mais par le type du cheval, qui est couronné par une Victoire, elles ressemblent à des médailles de Sicile, qui ont le même type; et comme les médailles précédentes ressemblent aussi par la tête entourée de poissons, à d'autres médailles Siciliennes, le P. Hardouin en a inféré que ces médailles grecques appartenoient à quatre villes de Sicile; savoir,* Agrigentum, Leontini, Segesta, et Selinus; *lesquelles étoient les* Emporia *de cet Isle: mais outre que son sentiment singulier à cet égard ne paroît pas fondé, le P. Florez assure que les unes et les autres se trouvent toutes communément dans la contrée où la ville* d'Ampurias *est située. Il faut ajouter que le commerce qu'il y avoit sans doute entre la Sicile et cette ville, qui étoit un port de mer très-fréquenté, peut fort bien avoir occasionné l'espece de conformité qui se trouve dans les monnoies, ou médailles de ces deux endroits.* Mr. Pellerin, l. c., T. 1.°, p. 5 e seguintes.

(76) *Medallas*, T. 2.°, p. 409 a 426, e 643 a 644.

(77) *Medallas*, T. 2.°, p. 421.

(78) Florez, T. 2.°, p. 420.

sejão Latinas, quer Gregas, e com serem as que apresentão inscripções em lettras desconhecidas igualmente semelhantes em tudo ás Gregas. Isto quer dizer que todas pertencem á época do dominio Romano.

Os ΠΠ (pis) Gregos, com a segunda linha mais curta Γ, em medalhas d'Emporias, (79) não denotão mistura de linguagem, e por consequencia dos caracteres de ambas as linguas entre os Gregos e Hespanhoes d'Emporias; isto mesmo se encontra en denarios Romanos (80), e em medalhas de Acinipo, Ilipa e Ilipla (81); são um archaismo (81 *a*); e o H (eta) Grego existe n'uma medalha de Osset (82), havendo medalhas com identicas inscripções em que as lettras correspondentes são Latinas (83); e nem Acinipo, nem Ilipa, nem Ilipla, nem Osset se considerárão nunca, até agora, habitadas por Gregos.

O que provavelmente aconteceo foi que, ou o gravador das medalhas em que se encontrão lettras Gregas era Grego, e que foi inserindo nas que gravava lettras de seo alphabeto a que estava mais habituado, ou que, não sendo Grego, quiz com este charlatanismo, ostentar pericia na lingua Grega, ou porque reputou uma elegancia semear algumas lettras Gregas entre as Latinas, gentilesa muitas vezes repetida em medalhas, inscripções etc. e usada successivamente até nossos tempos, de que só apontarei dois exemplos. Na edição *Variorum* de Ovidio, 1670, o Titulo do 2.° volume, que contem as Metamorphoses, *Metamorphoseon*, em lugar do segundo *o* tem um ω omega; e Bothe, na sua edição d'Horacio, Lipsiae 1822, traz *Epodon* escripto, com ω no segundo *o*.

O mesmo que digo das inscripções latinas com lettras Gregas é applicavel ás medalhas com inscripções em caracteres desconhecidos, em que se vem lettras Gregas, sendo em ambos os casos mais provavel a primeira hypotese.

Porém nas medalhas d'Hespanha não só apparecem lettras Gregas misturadas com as Latinas, porém até Hebraicas, como por exemplo n'uma medalha de Ceret, em que o *c* é substituido por um caph He-

---

(79) Idem, ibid., T. 2.°, Est. 25, N.° 1.

(80) Idem, ibid., T. 2.°, p. 419.

(81) Idem, ibid., T. 1.°, Est. 3, N.° 8, e 10; T. 2.°, Est. 29, N.° 11 a 13; Est. 30, N.° 3.

(81 *a*) V. Eckhel. *Doctrina Numorum Veterum*, Vol. 5.°, Vindebonae 1795, estamp. em frente da p. 72, e a p. 74.

(82) Florez, ibid., T. 2.°, Est. 37, N.° 4.

(83) Idem, ibid., T. 1.°, Est. 3.°; T. 2.°, Est. 30; T. 2.°, Est. 37; T. 3.°, Est. 63.

braico (84), e n'outra medalha incerta em que Florez quer que a mesma lettra seja um *e*, sendo ella identica com o *caph* de Ceret (85).

Advirto ultimamente que, nem por se acharem medalhas ou moedas Gregas de Emporias d'Hespanha, é isso prova inconcussa de que fossem ali cunhadas. Os Carthaginezes cunhárão moedas em Grego para as Cidades de que se asenhorearão na Sicilia (86); e é possivel que isto mesmo praticassem os Romanos a respeito dos Gregos d'Emporias, cujas moedas Gregas são do tempo do dominio Romano. Os Romanos obrarião neste caso como os Carthaginezes, e como posteriormente fez D. Affonso de Castella, filho de D. Sancho III, mandando fabricar em Toledo moedas com inscripções arabicas (86 *a*). Accresce a isto que os Gregos d'Emporias forão os ultimos que tiverão o foro de Cidadãos Romanos, e que uma população tão mesquinha que se accommodava n'um ambito de menos de 400 passos era pouco natural que se occupasse em cunhar moeda.

A raridade da moeda Grega d'Emporias, parece concorrer tambem para dar algum pezo a esta opinião; porque, ainda concedendo que são d'Hespanha todas as que traz Florez, desd'o tempo em que elle publicou a sua Obra, não se tem descoberto muitas. D. Pedro Alonso O'Crouley, que posteriormente colligio mais de 6:000 medalhas, em que se contão algumas d'Emporias, das que traz Florez, comprehendendo-se nellas a de N.° 2 da Est. 25 do T. 2.°, menciona mais 5 ineditas, porém nenhuma com lettras Gregas (87), e D. José

---

(84) Idem, ibid., T. 1.°, Est. 19, N.° 10, e p. 364. Gaillard, l. c. p. 14, N.^{os} 226, 227 e 228, e a inscripção no *Tableau*, N.° 208.

(85) Florez, l. c., T. 3.°, Est. 67, N.° 1., e p. 139.

(86) *La ville de Roses auroit été sous la domination des Carthaginois, les quels auroient fait fabriquer, pour l'usage des Grecs qui l'habitoient, des monnoies en leur langue, comme ils en avoient fait fabriquer en Sicile pour l'usage des habitants des villes dont ils s'étoient emparés dans cette isle.* Pellerin, l. c. T. 1.°, p. 10.

Celles (les médailles) *d'argent qui ont des légendes puniques; et d'autres de bronze, qui sont de fabrique Carthaginoise, ont été rapportées par Goltzius et Paruta, à la suite des médailles de la ville* de Palerme. *Il y en a d'autres qui estiment qu'elles doivent être plutôt de la ville de* Syracuse; *mais il paroît que plusieurs ont été frappées* à Carthage, *d'où elles ont été portées en Sicile: les mêmes que l'on trouve dans cette isle, se trouvent aussi dans la partie de l'Afrique appellée aujour d'hui le* Royaume de Tunis, *où cette ville étoit située.* Pellerin, l. c., T. 3.°, p. 110.

(86 *a*) Masdeu, l. c., T. 9.°, p. 438 a 441, N.^{os} 5 e 6.

(87) *Catalogo de las Medallas, camafeos* etc. de D. Pedro Alonso O'Crouley,

Garcia de la Torre, tendo no seo gabinete 57 medalhas, ou moedas, d'Emporias, só 5 destas erão Gregas (88).

Pelo que fica expendido persuadome de que as medalhas d'Emporias nada valem para provar que esta Cidade foi Colonia Grega.

SEGUNDA ÉPOCA.

DOMINIO DOS ROMANOS NA HESPANHA.

Os Romanos succedêrão, no Dominio da Hespanha, aos Carthaginezes, que della expulsárão, no anno 548 de Roma, depois de desbaratados Magon, filho de Amilcar, e Asdrubal, filho de Gisgon, por Scipião Africano na Andaluzia; queimada Illiturgi; occupada Castullo, por traição; tomada Astapa, por Marcio, um dos Capitães de Scipião, com barbaro exterminio de todos os seos habitantes, ou pelo ferro dos Romanos, ou pelo dos Naturaes; derrotados por Scipião Indibilis e Mandonio, que se tinhão rebelado; rechaçado com grande perda Magon, na sua tentativa contra Carthagena; e tomando o partido dos Romanos os Gaditanos, ultimos aliados que os Carthaginezes conservavão na Hespanha, e que tinhão fechado as portas ao mesmo Magon. quando pertendeo refugiar-se ali, e não sendo recebido, foi demandar a Ilha Pityusa (89).

Polybio assigna a todos estes factos o anno 548 de Roma, o que talvez não se accommode á Chronologia de Tito Livio, segundo alguns dos seos editores; porém Polybio afirma que o induzírão a tratar dos acontecimentos dos primeiros 53 annos decorridos desd'o principio da Olympiada 140, « a grandeza das acções, e os casos admiraveis que « então succedêrão, *e principalmente porque, não só foi espectador das « mais dellas, mas tambem teve parte em algumas, e dirigio outras*

---

impresso com a sua tradução dos *Dialogos de Adisson sobre a utilidade das Medalhas antigas*. Madrid 1795, 4.°, 1 vol.

(88) Gaillard, l. c., p. 58 a p. 61, N.os 936 a 976.

(89) Tito Livio, L.° 28, Cap. 12 a 16, 19, 20, 22, 23, 31, 33, 34, 36 e 37, p. 184 a 198, 204 a 210, 211, 213 a 217, 242, 244 a 249, 251 e 253 do T. 4.°

Polybio, L.° 11.°, Cap. 20 a 24, e 31 a 33, p. 349 a 360, e 373 a 378 do T. 3.°

«(90); e repete n'outro lugar, que vai referir factos pertencentes á «mesma época, acontecidos, parte na sua idade, e parte no tempo de «seos Paes; pelo que, ou interviera em alguns delles, ou os soube de «pessoas que tinhão sido testemunhas oculares (91).»

A Olympiada 140 começou no anno 535 de Roma; e por tanto os 53 annos indicados por Polybio comprehendem todos os successos da Hespanha que mencionei; consequentemente pareceme que devemos tomar por guia Polybio, de preferencia a qualquer outro Autor. Alem de que, seguindo-se á derrota de Indibilis e de Mandonio a volta de Scipião para Tarragona, donde sahio para Roma, e ahi foi logo nomeado Consùl (92); e sendo o Consulado de Scipião no anno 548 a 549 de Roma, ajustão-se bem os successos acima expendidos com o anno 548 de Roma. Com isto concorda tambem Appiano, dizendo que «Os Romanos se apossárão de Cadiz, depois de Magon a ter dei-«xado; e que desd'então, que foi pouco antes da Olympiada 144, é «que principiárão a mandar-se Magistrados annuaes para os Povos ven-«cidos da Hespanha (93).» A Olympiada 144 começou no anno 550 — 551 de Roma; e por isso, pouco antes, vem a dar pelo anno 548.

Não pode determinar-se exactamente a época em que os Romanos principiárão a ter relações, ou internacionaes, ou de protecção, com os habitantes da Hespanha, relações que depois se transformárão em projecto de conquista, e ultimamente em conquista absoluta do Paiz. E como o principio dessas relações é o ponto de partida donde caminharão ao dominio, mais ou menos lato, das terras Ibericas, ser-me-ha necessario averiguar quando ellas tiverão lugar, e quando, em consequencia dellas, foi lavrando o espirito de dominio, e da conquista.

Concluida a guerra da Sicilia, entre os Romanos e os Carthagi-

---

(90) Ὑπὲρ ἧς, διὰ τὸ μέγεθος τῶν ἐν αὐτῇ πράξεων καὶ τὸ παράδοξον τῶν συμβαινόντων, τὸ δὲ μέγιστον, διὰ τὸ τῶν πλείστων μὴ μόνον αὐτόπτης, ἀλλ'ὧν μὲν συνεργὸς, ὧν δὲ καὶ χειριστὴς γεγονέναι, προήχθην, οἷον ἀρχὴν ποιησάμενος ἄλλην, γράφειν. L.° 3.°, Cap. 2.° e 4.°, p. 387, 392, 395 do T. 1.°

(91) Δεύτερον δὲ, διὰ τὸ καὶ τοὺς χρόνους οὕτω συντρέχειν, τοὺς ἑξῆς καὶ τοὺς πίπτοντας ὑπὸ τὴν ἡμετέραν ἱστορίαν, ὥστε τοὺς μὲν καθ'ἡμᾶς εἶναι, τοὺς δὲ κατὰ τοὺς πατέρας ἡμῶν· ἐξ οὗ συμβαίνει, τοῖς μὲν αὐτοὺς ἡμᾶς παραγεγονέναι, τὰ δὲ παρὰ τῶν ἑωρακότων ἀκηκοέναι. L.° 4.°, Cap. 1.° e 2.°, p. 5 a 8 do T. 2.°

(92) Tito Livio, L.° 28, Cap. 35 e 38, p. 251, e 255.

(93) Στρατηγοὺς δὲ Ἰβηρίας ἐτησίους ἐς τὰ ἔθνη τὰ εἰλημμένα ἔπεμπον, ἀπὸ τοῦδε ἀρξάμενοι, μικρὸν πρὸ τῆς τετάρτης καὶ τεσσαρακοστῆς καὶ ἑκατοστῆς ὀλυμπιάδος, ἁρμοστὰς ἢ ἐπιστάτας αὐτοῖς τῆς εἰρήνης ἐσομένους. *De Bello Hispanico*, p. 145 do T. 1.°, da edição de Schweigaeuser, Lipsiae, 1785.

nezes, celebrou-se entre elles, no anno 512 de Roma, um tratado em que se estipulou:

1.° Que os Carthaginezes evacuarião a Sicilia, e todas as Ilhas situadas entre ella e a Italia:

2.° Que não farião guerra a Hieron, Rei d'uma parte da Sicilia:

3.° Que não tomarião armas contra os Syracusanos, nem contra os seos aliados.

4.° Que haveria segurança para os Socios d'um e d'outro Povo:

5.° Que nenhum dos dois Povos teria mando no dominio do outro, nem edificaria publicamente, nem levantaria tropas, nem faria amizade com os Socios do outro Povo etc. (94).

No tratado de 516 accrescentou-se a estas condições que os Carthaginezes largassem a Serdanha (95); e nem neste, nem no tratado de 512 se acordou coisa alguma relativamente á Hespanha.

E no tratado de 526, entre os Romanos e Asdrubal, Governador das possessões Carthaginezas na Hespanha, é que, pela primeira vez, se convencionou que as armas Carthaginezas não passarião para a margem esquerda do Ebro (96), sem se fallar do resto da Hespanha.

Tomada Sagunto, no anno 535 de Roma (97), mandárão os Romanos embaixadores a Carthago, queixando-se de que Annibal, contra a fé dos tratados, se tinha apoderado de Sagunto, que era socia do Povo Romano, ao que respondêrão os Carthaginezes, que os tratados feitos, por occasião da guerra da Sicilia (os dos annos 512 e 516), não comprehendião Sagunto, porque não era ainda socia dos Romanos; e que nelles só se estipulou a respeito dos que então erão seos socios (98). Nem os embaixadores Romanos, nem os AA. que se occupárão deste assumpto, contestárão o facto de não ser ainda Sagunto socia de Roma, quando se fizerão os tratados de 512 e 516; Polybio diz tão

---

(94) Polybio, L.° 1.°, Cap. 62 e 63, p. 157 e 158; L.° 3.°, Cap. 27, p. 444 do T. 1.°

Freinshem, no suplemento ao L.° 19 de Tito Livio, Cap. 60 e 61, a p. 316 do T. 3.°, põe este tratado no anno 511.

(95) Polybio, L.° 1.°, Cap. 88, p. 219 e 220; L.° 3.°, Cap. 27, p. 445 do T. 1.°

(96) Idem, L.° 2.°, Cap. 13, p. 250; L.° 3.°, Cap. 27, p. 445, do T. 1.°

(97) Polybio, L.° 3.°, Cap. 17, p. 423 do T. 1.°

Tito Livio, L.° 21, Cap. 7, a 9, 11 a 15, p. 359 a 365, 370 a 377, do T. 3.°

(98) Polybio, L.° 3.°, Cap. 20 e 21, de p. 428 a 432 do T. 1.°

Tito Livio, L.° 21, Cap. 18, p. 382 do T. 3.°

sómente que os embaixadores, ardendo em ira, pela destruição de Sagunto, não produzírão as razões que lhes assistião, e vem a ser, relativamente a Sagunto, que sendo uma das condições dos tratados, haver mutua segurança para os socios de um e outro Povo, esta condição não era só applicavel aos que então havia, como interpretavão os Carthaginezes; porque, nesse caso, ter-se-hia declarado, ou que não se receberião outros socios, alem dos que nesse tempo havia, ou que os tratados não comprehendião os que depois se recebessem; e como não se tinha especificado nenhuma destas circunstancias, era evidente que a segurança devia comprehender os socios d'um e d'outro Povo, tanto os que então havia, como os que depois se recebessem (99).

Limitando-se o tratado de 526 com Asdrubal unicamente a prohibir que as tropas Carthaginezas passassem para a margem esquerda do Ebro, sem fallar em Sagunto, poderia concluir-se daqui não haver ainda nesse tempo aliança de Sagunto com Roma; mas Polybio afirma que era notorio terem-se os Saguntinos posto debaixo da protecção dos Romanos, muito antes de Annibal; e que a maior prova disto, o que tambem confessavão os Carthaginezes, era que, rebentando uma sedição entre os Saguntinos, não tomárão por arbitros em suas discordias os Carthaginezes, a pesar de serem seos visinhos, e de governarem já a Hespanha, mas os Romanos (100). Annibal teve o commando da Hespanha no anno 533 de Roma (101); por consequencia para o = *muito antes de Annibal* = de que falla Polybio, parecerão de certo pouco os sete annos que medeão entre 526, época do tratado feito com Asdrubal, e 533, em que Annibal foi nomeado General das forças Carthaginezas na Peninsula; e por isso a aliança com Sagunto cahe entre os annos 516, em que se fez o segundo tratado com Carthago, depois da guerra da Sicilia, e o anno de 526 em que se fez o tratado com Asdrubal. Qual era porém o caracter da aliança entre Roma e Sagunto sabemolo por Apianno.

Quando os Saguntinos, vendo-se cercados por Annibal, mandárão embaixadores a Roma pedindo auxilio, houve no Senado votos de que os soccorressem immediatamente, mas prevaleceo a opinião de se so-

---

(99) L.° 3.°, Cap. 29, p. 446 do T. 1.°
Tito Livio, L.° 21, Cap. 19, p. 385 do T. 3.°, diz o mesmo, em resumo.

(100) L.° 3.°, Cap. 30, p. 449 do T. 1.°

(101) Polybio, L.° 2.°, Cap. 36, p. 305; L.° 3.°, Cap. 13, p. 412 do T. 1.°

brestar neste negocio; porque « os Saguntinos, nas suas convenções « com os Romanos, não estavão ligados a elles como socios, porém « como livres, e sem sujeição, e livres erão, ainda estando cercados « (102). » Tito Livio posto que não diga claramente o mesmo que Appiano, com tudo, referindo a demora que houve no Senado de Roma em adoptar medidas promptas sobre o soccorro de Sagunto, e a resolução de se informarem primeiro do estado dos negocios na Hespanha (103), dá bem a conhecer que os Romanos não tinhão empenho em auxiliar os Saguntinos, como o terião feito, se effectivamente fossem seos socios.

O passo de Appiano mostra, por tanto, que a aliança dos Romanos com os Saguntinos se reduzia simplesmente a relações de paz, e se elles tomárão aquelles por arbitros, em suas contendas intestinas, não se segue d'ahi que se tivessem posto debaixo da protecção de Roma, como diz Polybio, fizerão o mesmo que frequentemente até hoje se tem feito, sem que a intervenção de alguma Nação nos negocios de outra importe protecção daquella, que se toma por arbitra, nem sujeição da que a procura para esse fim. E se os Saguntinos preferírão os Romanos para decidirem as suas discordias, talvez o fizessem por não terem confiança nos Carthaginezes, que erão aliados dos povos visinhos, com quem os Saguntinos tinhão desavenças; ou persentindo já o que depois lhes aconteceo.

Á vista do que fica expendido pareceme que a conquista de Sagunto não foi o motivo, mas o pretexto para os Romanos moverem a segunda guerra Punica. Os Romanos vendo que, desd'o tempo de Amilcar, os Carthaginezes forão successivamente estendendo o seo dominio na Hespanha (104); que Asdrubal com a sua afabilidade para os Potentados do Paiz, mais do que com as armas, tinha conseguido augmenta-lo muito (105); e que ultimamente Annibal tinha submettido a Carthago todos os Povos até á margem direita do Ebro, á excepção de Sagunto (106); conhecendo tambem os recursos que os Carthaginezes tiravão da Hespanha, tanto em levas de tropas, como em

---

(102) *Ὧν ἐς Ῥώμην ἀπαγγελθέντων, οἱ μὲν ἐκέλευον ἤδη συμμαχεῖν τοῖς Ζακανθαίοις· οἱ δ' ἐπεῖχον ἔτι, λέγοντες, οὐ συμμάχους αὐτοὺς ἐν ταῖς συνθήκαις σφῶν, ἀλλ' αὐτονόμους καὶ ἐλευθέρους ἀναγεγράφθαι· ἐλευθέρους δ' ἔτι καὶ τοὺς πολιορκουμένους εἶναι. καὶ ἐκράτησεν ἡ γνώμη.* Ibid., p. 113 do T. 1.°

(103) L.° 21, Cap. 6.°, p. 358 do T. 2.°

(104) Polybio, L.° 2.°, Cap. 1.°, p. 222 do T. 1.°

(105) Idem, L.° 2.°, Cap. 36, p. 305 do T. 1.°

(106) Idem, L.° 3.°, Cap. 13, 14, p. 413 a 416 do T. 1.°

dinheiro, recursos que serião tanto maiores, quanto mais crescesse ali o seo poder, e de que já tinhão experiencia nas guerras da Sicilia, e n'outras, determinárão fazer-lhes a guerra, procurando debellar na Hespanha um inimigo que se lhes tornava formidavel, e de tal modo o foi, que esteve a ponto de assenhorear-se de Roma. E tanto é isto assim que os embaixadores Romanos, mandados a Carthago, propozerão que se lhes entregasse Annibal e seos Conselheiros, aliás se lhe declararia a guerra (107); e expondo-lhes o Senado (como já fica dito) que na destruição de Sagunto não se tinha faltado á fé dos tratados; porque Sagunto não era ainda aliada de Roma, quando elles se celebrárão; o mais velho dos Embaixadores, nenhum dos quaes replicou nem uma só palavra, descobrindo o peito disse: aqui vos trazemos a guerra e paz, escolhei a que quizerdes que tire — ao que o Presidente do Senado respondeo — tirai a que vos parecer —, e o Romano lhe tornou — que tirava a guerra — (108). Ora concordando Polybio em que a condição de se entregar Annibal aos Romanos não podia aceitar-se, sem deshonra, e prejuiso (109), é claro, até por este motivo, que os embaixadores vinhão com proposito deliberado de declarar a guerra.

A condição de não passarem as tropas Carthaginezas para a margem esquerda do Ebro, ajustada com Asdrabal em 526 foi uma precaução para não deixar aproximar os Carthaginezes dos Pyrineos donde poderião adiantar-se até inquietar as possessões, e os aliados dos Romanos na Gallia; a declaração de guerra, que precedeo a segunda guerra Punica, foi uma necessidade para evitar que acontecesse o que se tinha precavido, e para obstar ao extraordinario desenvolvimento de poder que os Carthaginezes tinhão na Hespanha, e que ameaçava asenhorearem-se de toda ella.

Pelo que temos relatado parece-me poder assegurar-se que, até ao anno 534 de Roma, só tiverão os Romanos na Peninsula Iberica relações d'amisade com Sagunto, no Paiz que toca a margem direita do Ebro, e aliança com a Feitoria Grega d'Emporias, no golpho de Rosas, aliança que, nem por conjectura, sei determinar quando começou; porque o *Jam tunc* de Tito Livio, que notei a p. 18 desta Memoria, é esteio tão debil que não me atrevo a encostar-me a elle para aventurar alguma hypotese.

---

(107) Idem, L.° 3.°, Cap. 20, p. 430 do T. 1.°
Tito Livio, L.° 21, Cap. 18, p. 382, do T. 3.°
(108) Polybio, L.° 3.°, Cap. 33, p. 456 do T. 1.°
Tito Livio, L.° 21, Cap. 18, p. 384 do T. 3.°
(109) Polybio, L.° 3.°, Cap. 20, p. 430 do T. 1.°

Os Embaixadores Romanos, seguindo as instrucções que tinhão, passárão para a Hespanha, afim d'atrahirem as Povoações para a sua aliança, ou as afastarem dos Carthaginezes. Primeiro dirigírão-se aos Bargusios, dos quaes sendo bem acolhidos, porque estavão aborrecidos do dominio Carthaginez, excitárão em muitos povos d'alem do Ebro o desejo de nova fortuna. D'ahi forão ter com os Volcianos, de quem forão mal recebidos, e lançando em rosto aos Romanos terem deixado arrasar Sagunto, mandárão sahir immediatamente do seo Paiz os Embaixadores, que depois não tiverão melhor resposta em nenhuma outra terra, pelo que, tendo vagado inutilmente pela Hespanha, passárão para a Gallia (110).

Por tanto no anno 535 de Roma é que os Romanos tiverão nos Povos da Hespanha os primeiros aliados verdadeiros, que então lhes durarão pouco tempo; porque, tendo Annibal passado o Ebro em 536, na sua marcha para a Italia, subjugou os Ilergetas, Bargusios, Airenosios, Andosinos e Lacetanos, Povos que se extendião até aos Pyrineos (111). Masdeu quer que os Bargusios estivessem situados entre os Povos que vivião á direita do Ebro (112); porém os textos de Polybio, e de Tito Livio citados, confrontados com outro passo de Polybio, onde diz que Annibal, depois da campanha contra os Olcades, Vaceos, e Carpetanos, não houve Povo que, na margem direita do Ebro, ousasse temerariamente levantar os olhos contra os Carthagi-

---

(110) *Legati Romani ab Karthagine, sicut his Romae imperatum erat, in Hispaniam, ut adirent civitates, ut in societatem perlicerent, aut averterent a Poenis, trajecerunt. Ad Bargusios primum venerunt: a quibus benigne excepti, quia taedebat imperii Punici, multos trans Iberum populos ad cupidinem novae fortunae erexerunt. Ad Volcianos inde est ventum: quorum celebre per Hispaniam responsum ceteros populos ab societati Romana avertit. Ita enim maximus natu ex iis in concilio respondit:* Quae verecundia est, Romani, postulare vos uti vestram Karthaginiensium amicitiae praeponamus, quum, qui id fecerunt, Saguntinos crudelius, quam Poenus hostis perdidit, vos socii prodideritis? ibi quaeratis socios, censeo, ubi Saguntina clades ignota est. Hispanis populis, sicut lugubre, ita insigne documentum Sagunti ruinae erunt, ne quis fidei Romanae aut societati confidat. *Inde extemplo abire finibus Volcianorum jussi, ab nullo deinde concilio Hispaniae benigniora verba tulere. Itaque, nequidquam peragrata Hispania, in Galiam transeunt.* Tito Livio, L.° 21, Cap. 19, p. 386 do T. 3.°

(111) Polybio, L.° 3.°, Cap. 35, p. 462 do T. 1.° Tito Livio, L.° 21, Cap. 23, p. 395 do T. 3.°

(112) *Historia Critica d'Hespaña*, T. 4.°, p. 2.

nezes, á excepção de Sagunto, que depois tomou (113), mostrão claramente que os Bargusios erão Povos da margem esquerda do Ebro.

Que esta aliança com os Bargusios era de verdadeira amisade prova-se porque, fazendo Annibal as disposições necessarias para segurança da Hespanha, durante a sua ausencia, deo a Hannon o governo de todo o paiz, desd'a margem esquerda do Ebro, e o commando dos Bargusios de quem principalmente desconfiava, pela amisade que tinhão com os Romanos (114). E que os Romanos só tinhão na Hespanha estes aliados, e a Feitoria Grega d'Emporias, mostra-se, não só pelos passos de Polybio e de Tito Livio, mas tambem porque mandado Cneo Cornelio Scipião fazer a guerra aos Carthaginezes na Hespanha, no anno 536 de Roma, e chegando a Emporias, desenbarcou ali as tropas, e sujeitou todos os Povos maritimos até ao Ebro, parte renovando a antiga aliança (refere-se aos Bargusios), parte fazendo novas alianças, e parte á força d'armas (115). Ora como Annibal tinha sujeitado todos os Povos, desd'o Ebro até aos Pyrineos, em que se incluia a Lacetania, situada nas raizes dos Pyrineos (116), e Cneo Cornelio principiou as suas expedições na Hespanha pelos Lacetanos (117), segue-se que, até ao tempo em que elle entrou na Hespanha, só tinhão os Romanos ali por aliados, desd'o Ebro até aos Pyrineos, a Feitoria d'Emporias; e tanto é isto assim que, não só Cneo Cornelio Scipião, na sua empresa contra a Hespanha, no anno 536 de Roma, demandou a Feitoria Grega d'Emporias, para d'ali começar as suas operações, mas o mesmo praticou Scipião Africano, quando veio fazer a guerra na Peninsula; porque desembarcou na parte Grega d'Emporias (118); e até quando Catão (M. Porcio) veio commandar as tropas Romanas na Hespanha, em 558 de Roma, a pesar de terem sido muito anteriormente expulsos os Carthaginezes da Peninsula; a pesar das conquistas de Scipião Africano, e de se julgarem os Romanos Senhores de toda ella, Catão foi aquartelar-se na Feitoria Grega d'Emporias, onde

---

(113) L. c., L.° 3.°, Cap. 13 e 14, p. 413 a 416 do T. 1.°

(114) Polybio, L.° 3.°, Cap. 35, p. 462 do T. 1.°

(115) Polybio, L.° 3.°, Cap. 76, p. 558 do T. 1.° Tito Livio, L.° 21, Cap. 60, p. 497 do T. 3.°

(116) *Lacetaniam quae subjecta Pyrinaeis montibus est.* Tito Livio, L.° 21, Cap. 23, p. 395 do T. 3.°

(117) *Orsus a Lacetanis.* Tito Livio, L.° 21, Cap. 60, p. 497 do T. 3.°

(118) *Emporiis urbe Graeca. . . . copias exposuit: inde sequi navibus jussis etc.* Tito Livio, L.° 26, Cap. 19, p. 1:092 do T. 3.°

foi recebido pelos Gregos polida e beneficamente (119); e d'ahi principiou as suas excursões militares; e note-se bem que o General Romano, nem com os Indigetes d'Emporias tinha relações; porque só se dirigio aos Gregos de quem era aliado; e nesta mesma occasião, antes de chegar a Emporias, é que tomou Rhoda (Roses), de cujo castello expelio á força o presidio Hespanhol, que lá estava; (120) de maneira que, não obstante dizer Strabo que Rhoda era Cidade dos Emporitanos, (121) pelo que parece que deveria Catão ter sido ali acolhido, o que nos mostra o texto de Tito Livio é que Rhoda estava occupada pelos naturaes do Paiz; e por tanto, ainda nesse tempo, os aliados maritimos com quem os Romanos podião contar erão os Gregos d'Emporias, e por isso fizerão daquelle ponto base das suas operações, tanto maritimas, como terrestres.

Cneo Cornelio Scipião. depois de ter submettido todos os povos maritimos até ao Ebro, penetrou pela terra dentro, engrossou notavelmente o seo exercito, com aliados Hespanhoes, e em 537 de Roma, junto com seo irmão Publio Scipião, que se lhe tinha enviado com reforço, atravessou o Ebro, e foi acampar a 40 estadios de Sagunto; e então é que, pela primeira vez, os Romanos passárão para margem direita do Ebro (122). Sendo Polybio, e Tito Livio conformes em que os Romanos não tinhão passado o Ebro antecedentemente, é isto mais um testemunho de que, no tempo em que os dois Irmãos Scipiões vierão guerrear a Hespanha, nenhuns aliados tinhão os Romanos na margem direita do Ebro.

Masdeu entende que Polybio, quando diz que, em 537 foi a primeira vez que o exercito Romano passou o Ebro, commetteo este erro porque, tendo contado a batalha naval entre os Romanos e os Carthaginezes nas bocas do Ebro, ommittio todos os mais feitos de Scipião, deixando um grande vacuo na historia (123). É verdade que Polybio ommitte todos os acontecimentos que se passárão depois da derrota da armada Carthagineza nas bocas do Ebro até Scipião atravessar este rio

---

(119) *Tunc quoque Consulem exercitum que comiter ac benigne acceperunt* (os Gregos d'Emporias). Tito Livio, L.° 34, Cap. 9.°, p. 785 do T. 4.°

(120) *Inde Rhodam ventum, et praesidium Hispanorum, quod in castello erat, vi dejectum.* Idem, L.° 34, Cap. 8.°, p. 783 do T. 4.°

(121) L. c., na Nota 23.

(122) Polybio, L.° 3.°, Cap. 76, e 97, p. 558, e 609 do T. 1.°
Tito Livio, L.° 21, Cap. 60; L.° 22, Cap. 22, p. 497, e 582 do T. 3.°

(123) L. c., T. 4.°, p. 20, nota (*a*).

em 537, quando foi acampar proximo a Sagunto; mas tambem é certo não constar de Tito Livio que um exercito Romano transpozesse o Ebro, antes desta época. Vencido o combate nas bocas do Ebro, fez a esquadra Romana incursões na Costa da Hespanha, fez desembarques em diversos pontos, lançou fogo a algumas casas junto aos muros de Carthagena, foi até Longuntica (Cidade cujo nome não se encontra em nenhum Autor); e de lá passou á Ilha de Ebuso; (124) seguio-se a rebelião dos Ilergetas, que vierão devastar os campos dos aliados Romanos, ao que acudio, com tropas, um Tribuno de Scipião, e a tempo que já estava debellada, atravessou Asdrubal o Ebro, para defender os seos aliados. Os Romanos excitárão, entre tanto, contra os Carthaginezes os Celtiberos, que invandírão a Provincia de Carthagena, tomárão tres cidades, e peleijárão duas vezes com Asdrubal (125); e, quando os Romanos achárão os Carthaginezes occupados na guerra Celtiberica, é que não se demorárão em passar o Ebro, e não encontrando nenhum inimigo, forão acampar a 40 estadios de Sagunto, onde Scipião recebeo os refens Hespanhoes que ali tinha deixado Annibal; e feito isto voltou a tomar quarteis d'inverno (126).

Pela narração de Tito Livio se conhece que os Romanos só atravessárão o Ebro, porque estavão certos de não encontrar inimigos que se lhes oppozessem; e que, mesmo então, as operações desta campanha se reduzírão a chegar a 40 estadios de Sagunto, receber os refens Hespanhoes que ali estavão e se lhes entregárão por traição, e voltar de lá a quarteis d'inverno.

De 537 até 542 continuárão as guerras dos Romanos contra os Carthaginezes, ora com prosperos, ora com adversos acontecimentos, ora sendo ajudados pelos Povos da Hespanha, ora sendo abandonados por elles, que umas vezes seguião o partido dos Romanos, outras o dos Carthaginezes, rebelando-se successivamente contra uns e contra outros. Em 542 veio Scipião Africano commandar as tropas de Roma, tomou Carthagena, e proseguio em suas conquistas até expulsar da Peninsula os Carthaginezes, como já se disse.

Nos primeiros tempos da sua invasão na Hespanha inculcárão-se os Romanos por valedores dos Povos para os livrar da opressão dos

---

(124) Tito Livio, L.° 22, Cap. 20, p. 578 a 580 do T. 3.°

(125) Tito Livio, L.° 22, Cap. 21, p. 581 do T. 3.°

(126) *Occupatis igitur Karthaginiensibus Celtiberico bello, haud cunctanter, Iberum transgrediuntur* (os Romanos); *nec ullo viso hoste Saguntum pergunt ire.* Idem, ibidem, Cap. 22, p. 583 do T. 3.° V.° tambem de p. 584 a 587.

Carthaginezes, e por isso acharão nelles auxilio contra os oppressores; porém á medida que forão proseguindo em suas conquistas, fizerão-se cada vez mais insolentes, as extorsões, as rapinas, e as crueldades tornárão ainda mais intoleravel o jugo Romano, e os Povos desenganados de que só tinhão conseguido ter um senhor, tanto mais duro, quanto era mais poderoso, tentárão, com esforços e resistencias desesperadas, recobrar a sua liberdade; mas, por falta de união entre si, forão alfim subjugados (127). Durou esta luta quasi 200 annos (128), até que no anno 735 de Roma, no tempo d'Augusto, com a total destruição e sujeição dos Cantabros, ficárão os Romanos pacificos senhores de todo o Paiz (129); e estes quasi 200 annos são effectivamente os que decorrêrão des'o anno 536 de Roma, em que Cneo Cornelio Scipião veio á Hespanha.

Do que fica expendido já pode colligir-se que a época do Dominio Romano na Hespanha comprehende dois periodos

1.º O da conquista:

2.º O da pacifica posse da Peninsula Iberica.

1.º PERIODO, DA CONQUISTA DA HESPANHA.

Os Carthaginezes tinhão na Hespanha estabelecimentos proprios, como Carthagena e outros; Povos tributarios; e aliados. Os Romanos assenhoreárão-se dos estabelecimentos, e a sua ambição só teve por limites a conquista geral do Paiz. Para o conseguirem empenhárão-se em guerras interminaveis, e á medida que hião sujeitando os Povos, ou por conquista, ou como tributarios, ou como aliados, hião tambem crescendo os motivos de animosidade contra os Romanos. Alem dos effeitos ordinarios da guerra, os Governadores Romanos da Hespanha acanhavão-se de não levar para Roma sommas consideraveis d'uma terra que tinha fama de tão rica como a Peninsula; e por isso excedião-se uns aos outros em vexações e rapacidades. Os Povos irritavão-se; as queixas a Roma erão contínuas; mas, por mais alto que se

---

(127) Strabo, L.º 3.º, p. 423 do T. 1.º Floro, L.º 2.º, Cap. 17, p. 405, Ed. de Duker, Lugd. Bat., 1744.

(128) Strabo, l. c. na nota antecedente. Floro, L.º 2.º, Cap. 17, p. 406. Velleio Paterculo, L.º 2.º, Cap. 90, p. 416, Ed. de Jan e Krause, Lipsiae 1800, diz 200 annos.

(129) Dion Cassio, *Historia Romana*, L.º 54, p. 741 do T. 1.º, Ed. de Reimar, Hamburgi, 1750.

elevassem os clamores dos Povos contra as rapinas, as atrocidades, as perfidias, as traições e aleivosias dos Governadores Romanos, os gritos da sua dor erão abafados em Roma pelo tinir do dinheiro que, em quantias avultadissimas trazião para comprar o Senado, e toda a qualidade de Magistratura da Republica (130).

As sublevações repetião-se; algumas dellas assustárão Roma, como a de Viriato, que durou onze annos (131), e a de Sertorio, que durou oito annos (132), a respeito da qual diz Velleio Paterculo que, pelo espaço de cinco annos, não poude julgar-se quaes tinhão mais força, se as armas Romanas, se as Hespanholas, e qual dos dois Povos havia de obedecer ao outro (133).

Por estes motivos a situação dos Romanos na Hespanha estava bem longe de ser tranquilla; e tanto é isto verdade que a primeira

---

(130) Tito Livio, L.° 31, Cap. 20; L.° 32, Cap. 7.°; L.° 33, Cap. 27; L.° 34, Cap. 10 e Cap. 46; L.° 36, Cap. 21, p. 539, 608, 722, 787, 857, e 1:050 do T. 4.°; L.° 39, Cap. 29, e 42; L.° 40, Cap. 16 e 43; L.° 41, Cap. 7 e 28; L.° 43, Cap. 2.°; L.° 45, Cap. 4.°, p. 358, 389, 463, 522, 564, 610, 698 e 818 do T. 5.°

Appiano, *Hispan.*, Cap. 59, e 60, 80 a 83, p. 171 a 173, 199 a 203 do T. 1.°

Dion Cassio. *Historia Romana*, L.° 43, Cap. 39; L.° 48, Cap. 42, p. 368, e 558 do T. 1.° E os passos correspondentes de Aurelio Victor, Dion Cassio, Floro, Orosio, Suetonio, Valerio Maximo etc. que não cito, por não fazer apparato d'erudição.

(131) Diodoro Siculo. *De virtutibus et vitiis, excerpta* do L.° 32, p. 597 do T. 2.°, da Ed. de Wesseling, Amstelodami, 1746, contando-se os onze annos desde que principiárão os preparativos de Viriato para a sublevação, em consequencia da perfidia de Galba. Esta é tambem a opinião de Masdeu, l. c., T. 4.°, p. 336.

(132) Appiano. *De bellis civilibus*, L.° 1.°, Cap. 108, p. 154 do T. 2.°

Eutropio, L.° 6.°, Cap. 1.°, p. 243, Ed. de Verheik, Lugd. Bat., 1793.

(133) *Per quinquenium dijudicari non potuerit, Hispanis Romanis ne in armis plus esset roboris, et uter populus alteri pariturus foret.* L.° 2.°, Cap. 90, p. 417.

Orosio diz, que esta guerra durou dez annos; e o Epitome do L.° 96 de Tito Livio, diz (p. 366 do T. 6.°) *Cn. Pompeius. . . recepit Hispanias decimo fere anno quam coeptum erat bellum.* Isto prova, ou que no tempo de Orosio ainda existia o L.° 96 de Tito Livio, ou que, já anteriormente a Orosio, se tinha feito o Epitome, e que delle se servio. Os dez annos que Orosio assigna á guerra de Sertorio só podem contar-se desd'os seos primeiros movimentos contra Sylla.

Colonia que fundárão na Hespanha foi Carteya, no anno 582 a 583 de Roma (134); e a segunda Cordova, no anno 584 a 585 de Roma (135); por tanto, procurando estender as suas conquistas, e éxtinguir sedições, tratavão, quasi exclusivamente, de batalhas e de rapinas; e sempre, para assim dizer, com as armas nas mãos, não podião dar-se muito a cultivar as lettras; e por isso são mui escassos os vestigios que nos restão do conhecimento da lingua e litteratura Gregas na Hespanha no primeiro periodo do dominio Romano.

Masdeu traz algumas inscripções Gregas na Hespanha, uma em Cordova, e outra em Sevilha (136); porém como não tem data, nem circunstancia alguma que indique, nem aproximadamente, o tempo a que pertencem; e como elle as colloca entre as inscripsões do tempo do Imperio, tratarei dellas no 2.° periodo da época do dominio Romano. No mesmo caso estão duas inscripções Latinas achadas igualmente em Cordóva e em Sevilha, que fazem menção d'um Mestre de Grammatica, e d'um Rhetorico Gregos, que não tendo data, mas dando a conhecer maior applicação aos estudos Helenicos, julgo serem mais provavelmente do mesmo periodo.

Traz tambem outra inscripção Grega, achada por um camponez, no territorio d'Almeida, e dada a D. Blas Nassarre Bibliothecario de Filippe V. e D. Fernando VI (137). A inscripção, gravada n'uma cornelina, que servio n'um anel, e a sua traducção, forão publicadas por Masdeu, do modo seguinte:

ΤΟΝ. ΘΕΟΝ. ΣΟΙ. ΥΨΣΤΟΝ.
ΜΗ. ΜΕ. ΑΣΙΚΗΣΙΣ
ΜΕ ΓΑ. ΤΟ. ΟΝΟΜΑ

(134) Tito Livio, L.° 43, Cap. 3.°, p. 700 do T. 5.°

(135) Strabo, L.° 3.°, Cap. 2.°, p. 476, diz que foi Cordova a primeira Colonia que os Romanos estabellecêrão na Hespanha, o que aconteceo no tempo de Marcello; porém isto não é exacto; porque já anteriormente existia a Colonia de Carteya, e só pode admittir-se considerando Cordova como a primeira Colonia, composta só de Cidadãos nascidos em Roma, o que já advertio Masdeu (l. c., p. 257 do T. 4.°). Marcello foi Pretor na Hespanha, no Consulado de Quinto Marcio Philippe, pela segunda vez, e de Cneo Servilio Caepio, que vem a ser no anno 584 a 585 de Roma. V. Tito Livio, L.° 43, Cap. 11, e 15, p. 712 e 720 do T. 5.°

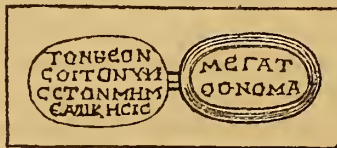
(136) l. c., T. 5.°, p. 13, Inscripção 26; T. 6.°, p 402, Inscripção 1:147. A Inscripção de Marcion, a p. 13 do T. 5.°, que Masdeu põem em Cordova, é de Betanzos, *Memorias da Academia Real da Historia de Madrid*, T. 8.°, p. xxv.

(137) l. c., T. 5.°, p. 55, Inscripção 112.

« Não offendas a teu Deos Ipsisto. Este é um grande nome; e ac-
« crescenta — Algum devoto desta Deidade levaria esta pedra engas-
« tada, em algum anel — » e promette neste lugar, e duas vezes a p. 54, tratar das Divindades da Hespanha na illustração a Endovelico; porém nesta illustração só diz a respeito de Ipsisto « Divindade que « descobrio D. João d'Iriarte n'uma lapide Grega de S. Pedro de las « Nogueras, cujo nome se acha tambem n'um anel d'Almeida, que « citei em N.° 112 (138). »

A phisionomia Grega da palavra Ipistos, e a inscripção Grega, ou fosse posta por Grego, adorando um deos Hespanhol, ou por um Hespanhol, escrevendo em Grego, fizerão-me desconfiar de que este nome designasse uma divindade Hespanhola; a circunstancia de ter sido a cornalina encontrada em Portugal; augmentou o interesse em averiguar este facto; e o exame d'um passo de Sanchoniaton, allegado por Masdeu, para provar que parte das divindades a quem os Hespanhoes rendião culto, tinhão origem Phenicia, ou Carthagineza, citando D. Blas Antonio Nassarre no Prologo á Polygraphia Hespanhola de D. Christovão Rodriguez (139), trouxeme o conhecimento da verdade.

D. Francisco d'Almeida fez presente da cornalina, achada por um lavrador, no territorio d'Almeida, a D. Blas Antonio Nassarre, e deo-lhe noticia d'outra inscripção Grega copiada por D. Jeronimo Contador d'Argote (140). Esta inscripção é a que traz Argote, entre outras achadas junto a S. Pedro de Val de Nogueiras (141), de que tratarei no 2.° periodo da época do dominio Romano.

A inscripção da cornalina, publicada por Nassarre, (142) donde a transcreveo, pouco exactamente Masdeu, sem apontar donde a tirou, como frequentemente lhe acontece, é a seguinte

(138) l. c., T. 8.°, p. 357.

(139) l. c., T. 8.°, p. 360. A citação — a fl. 6 — é errada, é a fl. 12 v.

(140) Folhas XII do Prologo da obra citada.

(141) *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*, T. 1.°, p. 346, Estampa I., N.° 4, que Nassarre cita por engano — a p. 246.

(142) l. c., Prologo, fl. XI, Estampa 15.

Diz Nassarre « que tendo meditado, a seo rogo, sobre esta ins-
« cripção, D. João Iriarte, um dos Bibliothecarios del Rei, a lê e ex-
« plica assim:

TON ΘΕΟΝ. COI ΥΨICCTON MH ME
AΔIKECIC.

« que litteralmente soa em Latim *Deum tibi Hypsistum, ne me of-*
« *fendas*; e em Castelhano significa *Não me offendas a mim Deos Hipsisto*
« (altissimo) ou *que sou o Deos Hypsisto* (altissimo); e no reverso se lê
« ΜΕΓΑ ΤΟ ΟΝΟΜΑ *Magnum nomen*; isto é *Grande é o meu nome*,
« ou *o nome deste Deos*, A orthographia d'algumas das palavras desta
« inscripção parece algum tanto estranha, como a fórma de seus cara-
« cteres; estar escripta a palavra ΥΨICCTON com dois CC poude pro-
« vavelmente nascer de equivocação ou ignorancia do artista, ou acaso
« do uso de duplicar as consoantes, introduzido no seculo em que se
« abrio esta pedra.

« O verbo AΔIKECIC tem na ultima sylaba um I, em lugar di-
« phtongo EI ou HI, conforme se supozer, ou futuro ou aoristo. Desta
« mudança se encontrão exemplos, assim nas medalhas e inscripções,
« como nos Mss. da media antiguidade; porque se escrevia assim, at-
« tendendo á pronuncia alterada daquelles seculos.

« Pela interpretação e sentido das palavras esculpidas nesta pedra,
« é facil reconhecer que é um amuleto, ou talisman anular, com que
« a superstição gentilica, ou a execravel seita dos Gnosticos, Basili-
« dianos, e Priscilianistas pertendia preservar-se de todo o mal, levando
« gravado o grande nome do Deos, chamado ΥΨICCTOC (Hypsisto).

A palavra *altissimo*, que Iriarte põe entre parentheses é a signi-
ficação de ΥΨICCTOC.

Nassarre accrescenta « Não sendo commum a noticia desta falsa
« deidade, adorada pelos Fenicios, é digno de pôr-se aqui um lugar de
« Sanchoniaton, conservado por Eusebio de Cesarea, no seo L.° 1.° da
« *Preparação Evangelica*, fl. 36, cuja defeituosa traducção, em Latim,
« pelo equivoco do nome Hypsisto, fez com que não se reparasse nella (143).

« *Horum aetate extitit quidam* Eliun, *vocatus* Hypsistus, *et foe-*

(143) Κατὰ τούτους γίνεται τις Ελιοῦν καλούμενος ΥΨΙΣΤΟΣ· καὶ θήλεια λεγομένη Βηρούθ, οἳ καὶ κατῴκουν περὶ Βύβλον. ἐξ ὤυν γεννᾶται Επίγειος ἢ Αυτόχθων, ὃν ὕστερον ἐκάλεσαν Ουρανον·....γεννᾶται δὲ τούτῳ ἀδελφὴ ἐκ τῶν προειρημένων, ἣ καὶ ἐκλήθη Γῆ....Ο δὲ τούτων πατὴρ ὁ ΥΨΙΣΤΟΣ ἐκ συμβολῆς θηρίων τελευτήσας ἀφιερώθη, ᾧ καὶ χοὰς καὶ θυσίας οἱ παῖδες ἐτέλεσυν. Nassarre, l. c., fl. XII v.

« *mina appellata* Beruth, *qui et habitabant* circa Biblum: *ex quibus ge-*
« *nitus est* Terrestris *sive* Indigena, *quem postea vocarunt* Uranum
« (coelum). . . . *Nata verum est ei soror ex praedictis quae et nominata*
« *fuit* Terra. . . . *Horum autem pater* Hypsistus *ex ferarum conflictu*
« *mortuus, consecratus est cui et libamina et sacrificia liberi perfece-*
« *runt*. . . .

« Em tempo destes houve certo *Eliun*, chamado *Hypsisto*, e uma
« mulher, chamada *Beruth*, que habitavão nas visinhanças de Biblio, e
« tiverão por filho ao *Terrestre*, ou natural da terra, a quem chamárão
« depois *Urano* (Ceo). . . . A este lhe nasceo dos sobreditos uma Irmam,
« que foi chamada *Terra*. . . . *Hypsisto*, Pae d'ambos, tendo sido morto,
« peleijando com feras, foi collocado entre os Deoses, e seus filhos lhe
« offerecêrão libações e sacrificios. »

« Para a noticia deste nome, e da seita dos *Hypsistarios*, podem
« ver-se Hesychio, Theophilo, S. João Chrisostomo, Suidas, S. Gregorio
« Nazienzeno, e S. Gregorio Nisseno (144). »

Desviar-me hia muito do que me propuz se intentasse fazer commentarios sobre a parte mythica do passo de Sanchoniaton, e sobre a relação que o mesmo passo pode ter com a seita dos Hypsistiarios, unicamente lembrarei que a traducção do passo de Sanchoniaton feita por Nassarre é, em sustancia, a mesma que se lê nas edições d'Eusebio que examinei, tanto Latinas só, como Gregas e Latinas, e a que vem nos fragmentos de *Sanchoniaton, publicada em Londres* (144 *a*); e restringindo-me ao que é privativo do meo assumpto, o que se conclue da confrontação dos lugares apontados de Argote, Nassarre e Masdeu é:

---

(144) Nassarre, l. c., fl. XII v. e XIII.

(144 *a*) *Ea tempestate natum* Elium *qui altissimus fuit cognominatus et mulierem* Beruth *vocitatam: hos in Biblo habitasse: hi genuerunt* Terrenum *aut indigenam cui caelum postea cognomen fuit. . . . huic ab iisdem temporibus nata soror* terra *appellata: cui etiam propter formam* terra *cognominis facta. Ii patri altissimo a bestiis dilaniato sacra et cerimonias ut Deo instituerunt.* Edições de Veneza, 1500, sem nome do editor; Veneza, 1501, per Bernardum Vercelensem, Haganoae, 1522, opera et industria Henrici Gran; e Basileae, per Henricum Petri, 1599, com outras obras d'Eusebio.

Nestas edições *altissimus* é a traducção da palavra Grega ὑψιστος applicada a Elium, e com que elle foi qualificado, e por consequencia parece-me não haver defeito na traducção deste lugar d'Eusebio, que se acha no L.° 1.° da *Preparação Evangelica*, Cap. 7.° As duas edições Latinas e Gregas de 1628 e 1688, differentes em algumas palavras, quanto ao resto deste passo,

Que Masdeu, nos apontamentos que tirou d'ambos, confundio os factos, atiribuindo a D. João Iriarte o descobrimento da inscripção Grega, achada junto a S. Pedro de Val de Nogueiras, que Argote publicou:

Que a unica noticia certa do deos Hypsisto que apparece em Hespanha, é a da pedra anular, achada em Almeida, como se verá mais especificadamente no segundo periodo da época Romana, quando tratar da inscripção d'Argote:

Que Hypsisto não é divindade Hespanica: E que esta pedra é um talisman, e pela inscripção Grega, não pertence provavelmente a Portugal, mas a algum Grego, ou a outra pessoa que passou pelo sitio onde foi encontrada, e ali a perdeo, e é do 2.º periodo do dominio Romano; porque a seita dos Hypsistiarios nasceo no tempo do Imperio; e não ha vestigio nenhum historico de que ella lavrasse na Hespanha.

Os Padres Mohedanos referem (145) que, em Huescar, fundou Quinto Sertorio, para instrucção da nobreza Hespanhola, a escola de lettras Gregas que teve na Betica Asclepiades Myrleano, e repetem, n'outro passo, que este Asclepiades tinha escola de lettras Gregas na Betica, no tempo de Sertorio (146); porém não dizem donde tirárão esta noticia. Nem sei, nem indago, se mais algum Escriptor Hespanhol é deste mesmo parecer; mas deixando para outro lugar, a escola de Huescar, o que sei é que o facto de Asclepiades Myrleano ter estado em Hespanha, só o traz Strabo.

Strabo falla duas vezes em Asclepiades Myrleano.

A 1.ª, tratando da costa da Batistania, e da Oretania, aponta Malaca, Menaca, Abdera, e nas montanhas, sobranceira a estas terras,

---

são conformes na traducção de *altissimo*; e a versão dos fragmentos de Sanchoniaton é a seguinte = *In these mens* (means) *age*, viz. *in the 9th and 10th, there was one* Elioun, *wich imports* in Greek Hypsistus, *the Most High*; *and his wife was call'd* Beruth, *wich dwelt about* Byblus, *from whom was begotten one* Epigeus, *or* Autochton, *whom they afterwards call'd* Ouranus, i. e. *Heaven .... And he had a sister of the same parents, call'd* Ge i. e. *Earth; and by reason of her beauty the earth had her name given to it.*

Hypsistus, *the father of these, dying in figth with wild beast, was consecrated, and his children offer'd sacrifices and libations to him.* Sanchoniatho's Phoenician History etc. By the R.t Rev.d R. Cumberland, D. D., late Bishop of Peterborough. London, 1720, p. 28.

(145) *Historia Litteraria d'España*, T. 1.º, prologo, p. 93, N.º 79.

(146) Ibid., T. 2.º, p. 311, nota.

se vê Ulissca, e nella um templo de Minerva, como dizem Possidonio, e Artemidoro, « e *Asclepiades Myrleano, que ensinou grammatica na « Turdetania, e fez a descripção das gentes della. Este relata que es- « tavão pendurados no templo de Minerva, para memoria das viagens « d'Ulisses, escudos, e os ornatos das proas dos navios* (147). »

A 2.ª, mencionando os nomes da Hespanha, observa que « *anti- « gamente se chamavão Igletas os povos que habitavão uma parte da « Peninsula,. . . . como diz Asclepiades Myrleano* (148). »

Em nenhum destes lugares se diz quando Asclepiades Myrleano esteve na Hespanha, e eu duvido de que elle cá viesse.

« Asclepiades Myrleano, Grammatico, discipulo de Apollonio, que « viveo no tempo de Attalo, e Eumenes, Reis de Pergamo, foi natural « de Myrlea, cidade da Bithinia, que depois se chamou Apamea. Es- « creveo correcções dos Livros philosophicos, ensinou em Roma no « tempo de Pompeo Magno, e sendo ainda moço habitou em Alexan- « dria, no reinado de Ptolomeo IV. Escreveo muitas coisas. » Eisaqui a noticia de Asclepiades, que nos dá Suidas (149).

Attalo reinou, desd'o anno 513 até ao anno 557 de Roma, em que morreo (150).

Eumenes sucedeo a seu pae, e reinou até ao anno de 597 de Roma, em que morreo (151).

Ptolomeo IV, que é o Ptolomeo Philopator, reinou 17 annos, principiando a reinar no segundo anno da Olympiada 140, e acabando no segundo anno da Olympiada 144, segundo Eusebio (152); mas Mr. Champolion-Figeac, dando-lhe os mesmos annos de reinado, falo co-

---

(147) Καὶ Ἀσκληπιάδης ὁ Μυρλεανὸς, ἀνὴρ ἐν τῆ Τουρδιτανίᾳ παιδεύσας τὰ γραμματικὰ, κὰι περιήγησίν τινα τῶν ἐθνῶν ἐκδεδωκῶς τῶν ταύτῃ. Οὗτος δὲ φησιν ὑπομνήματα τῆς πλάνης τῆς Ὀδυσσέως ἐν τῶ ἱερῷ τῆς Ἀθηνᾶς, ἀσπίδας προσπεπαττα λεῦσθαι καὶ ἀκροστόλια. L.° 3.°, Cap. 4.°, p. 419.

(148) Οἱ δ'ἔτι πρότερον, αὐτοὺς, τούτους Ἰγλήτας, οὐ πολλὴν χώραν νεμομένους, ὥς φησιν Ἀσκληπιάδης ὁ Μυρλεανός. = Ibid., Cap. 4.°, p. 444.

(149) Ἀσκληπιάδης, Διοτίμου, Μυρλεανός (πόλις δέ ἐστι Βιθυνίας, ἡ νῦν Ἀπάμεια καλουμένη) τὸ δὲ ἄνωθεν γενος ἦν Νικαεύς· Γραμματικὸς, μαθητὴς Ἀπολλωνίου· γέγονε δὲ ἐπὶ τοῦ Ἀττάλου καὶ Εὐμηνοῦς των ἐν Περγάμῳ βασιλέων, ἔγραψε Φιλοσόφων βιβλίων διορθωτικά· ἐπαίδευσε δὲ καὶ εἰς Ῥώμην ἐπὶ Πομπηΐου τοῦ μεγάλου, καὶ ἐν Ἀλεξανδρειᾳ ἐπὶ τοῦ δ' Πτολεμαίου νέος διέτριψεν. ἔγραψε πολλά. Suidas, T. 1.°, da Edição de Kuster, Contabrigiae, 1705, p. 351.

(150) Polybio, L.° 18, Cap. 24, p. 89 e 90 do T. 4.°

(151) Idem, L.° 32, Cap. 23, p. 538 do T. 4.°

(152) *Chronicorum canonum. . . libri duo. . .* opus ex *Haicano codice*

meçar no primeiro trimestre do quarto anno da Olympiada 139, e terminar quasi no fim do quarto anno da Olympiada 143, fundando-se na Inscripção de Rosetta, e n'outras authoridades, e monumentos que se acordão com ella (153); e por tanto seguirei a sua Chronologia. O 4.° anno da Olympiada 143 foi o anno 549 — 550 de Roma, e por isso Ptolomeo Philopater reinou desde 532 — 533 até 549 — 550 de Roma.

Pompeo Magno nasceo no anno 648 de Roma, no consulado de C. Attilio Serrano, e Q, Servilio Caepio (154) e foi apellidado grande por Sylla, no anno 672 de Roma, depois da guerra d'Africa, em que debellou a facção de Mario (155).

Exponhamos todas estas épocas n'um pequeno quadro, a fim de poderem abranger-se facilmente, e combinar-se, n'um golpe de vista.

ATTALO	EUMENES	PTOLOMEO IV	POMPEO
Reinou de 513 a 557.	Reinou de 557 a 595.	Reinou de 532 a 549.	Nasceo em 648. Apellidado grande em 672.

No tempo destes Reis viveo Apollonio, Mestre de Asclepiades.

A ordem dos successos da vida de Asclepiades, de que Suidas nos dá conta, é a seguinte:

Aprendeo com Apollonio:

Habitou em Alexandria, no reinado de Ptolomeo IV, chamado Philopator:

Ensinou grammatica em Roma, no tempo de Pompeo o grande.

Como Asclepiades habitou em Alexandria, sendo moço, não podia ter então menos de 17 ou 18 annos, mais ou menos completos, e para

. . . Angelus Maius et Johannes Zhorabus. . . *latinitate donatū* etc. Mediolani, 1818, p. 116, 353, e 354. *Chronicon. . . Armeniaco textu in latinum conversum. . .*, opera Jo. Baptista Aucher Ancyranus. Venetiis 1818, T. 1.°, p. 238, T. 2.°, p. 235.

(153) *Annales des Lagides*. Paris, 1819, T. 2.°, p. 60 a 62, 86, e 87.

(154) Velleio Paterculo, L.° 2.°, Cap. 53, p. 280, e 281.

(155) Plutarcho, *Apophtegmata Regum et Imperatorum*, p. 84 da Ed. de Londres, 1741; Plinio, L.° 7.°, Cap. 27, p. 121 do T. 3.°

Eutropio diz, que triumphou da Africa, tendo 24 annos de idade, L.° 5.°, Cap. 9, p. 239. Tendo Pompeo nascido em 648 de Roma, vem os 24

ajustar esta idade com o reinado de Ptolomeo Philopator, que durou quasi 17 annos, não pode a estada de Asclepiades nessa terra alongar-se alem do ultimo anno do governo daquelle monarcha, e tendo elle morrido em 549, é claro que Asclepiades nasceo no anno 532 de Roma, e por consequencia no tempo de Attalo; e que, nesse mesmo tempo, aprendeo com Apollonio; porque Eumenes, sucessor de Attalo, principiou a reinar em 557. Desde 532 em que, nesta hypotese, nasceo Asclepiades, até ao nascimento de Pompeo o Grande, no anno 648 de Roma, vão 116 annos, e qualquer época que se adopte para assignar ao magisterio de Asclepiades, no tempo de Pompeo, desde que este nasceo até ao anno de 672, em que teve a antonomasia de grande, nos levará a fazer subir a idade de Asclepiades a mais de 120 annos, quando veio ensinar grammatica em Roma; isto é conduzir-nos-ha a um absurdo.

O que acabo de ponderar verifica-se, suppondo que foi Apollonio, quem viveo no tempo de Attalo, e Eumenes, e esta é tambem, ao que parece, a opinião do traductor de Suidas (156); sendo porem Asclepiades, o anachronismo é sempre o mesmo. A hypotese que expendi, relativamente ao tempo da estada de Asclepiades em Alexandria, é ainda a menos absurda; porque, ou se aproxime do principio do reinado de Ptolomeo IV esse acontecimento, ou se faça Asclepiades mais velho, quando esteve naquella cidade, maior será a sua idade; e querendo-se que elle tivesse menos de 17 annos, quando habitou em Alexandria, o que não é natural, a differença de quatro, ou cinco annos nada influe para salvar o absurdo. Dos successos anachronicos de Asclepiades conclue-se, que sendo Suidas o unico que nos dá noticias da vida delle, taes são estas noticias, que não podem afiançar-nos nenhum desses successos, e accrescendo que Suidas não faz menção do facto. aliaz tão notavel de ter elle ensinado grammatica na Turdetania, tudo o que diz d'Asclepiades é incerto. A vinda desta personagem á Hespanha é, alem disto, só produzida por Strabo, que não é muito exacto nas suas asserções; porque, mais d'uma vez, apresenta opiniões diversas, e até oppostas, sobre o mesmo objecto.

---

annos a cahir em 672. Esta é a opinião mais vulgar; outros dizem que elle tinha 25 annos, outros 26, quando triunfou. V. as notas a p. 239 d'Eutropio.

(156) *Asclepiades, Diotimi filius, Myrleanus (est autem Myrlea urbs Bithiniae, nunc Apamea vocata) at si altius genus ejus repetas, Nicaeensis: Grammaticus, Apollonii discipulus, qui vixit Attali, et Eumenis Pergamenorum Regum tempore. Scripsit* etc. No lugar citado na nota 149.

Mais augmenta a minha desconfiança, a respeito de Asclepiades, não se encontrar memoria da sua descripção da Turdetania, entre as obras de que o fazem Autor.

O Anonymo que escreveo a vida de Arato cita o L.° 11.° da obra de Asclepiades sobre a grammatica (157).

Nos Scholios Gregos a Apollonio Rhodio cita-se cinco vezes Asclepiades, quatro sem indicar obra alguma, e uma indicando o L.° 10.° sobre a Bithynia (158).

Atheneo cita oito vezes Asclepiades Myrleano, seis indicando as obras a que se refere, que são os commentarios sobre Cratino, uma vez, e cinco a obra sobre Nestor (159); e duas vezes, sem designar as obras de que se servio (160). Quanto á primeira destas duas citações, como no passo transcripto se trata da arvore *chamaeceraso* que, segundo Asclepiades, nasce na Bithynia, é natural que a obra em que falla daquella arvore seja a que escreveo sobre a Bythynia. E quanto á segunda, combinando o que diz com o passo dos commentarios de Cratino (161), pode concluir-se ser esta a obra a que Atheneo allude.

O Etymologicon Magnum, verbo Αρυαῖος, cita Asclepiades Myrleano nos commentarios á Odyssea (162).

Eustathio menciona duas vezes Asclepiades.

A 1.ª no commento ao verso 631 e seguintes do L.° 11.° da Iliada, onde Homero descreve o copo de Nestor, cuja fórma e ornatos Asclepiades explicou diffusamente na obra sobre Nestor, passo copiado por Atheneo (163), a que Eustathio allude, resumindo, em poucas palavras, os principaes pontos da explicação d'Atheneo (164).

A 2.ª commentando o verso 521 do L.° 11.° da Odyssea, em que Homero toca em Memnon, diz

«Que este mesmo Memnon matou o formoso Antilocho, filho de

---

(157) Allegado por Meursio. V. a nota (172).

(158) Scholios ao L.° 1.°, versos 23, 156, 623 a 626; L.° 2.°, verso 790, só com o nome de Myrleano, p. 9, 19, 50, 184, e 159 do T. 2.° das obras de Apollonio Rhodio, Ed. de Brunck e Schaefer, Lipsiae 1810, e 1819.

(159) L.° 11, Cap. 104, 76, 78, a 85, 99, e 110, p. 363, 309, 313, 332, 351, e 353 do T. 4.°

(160) L.° 2.°, Cap. 35, p. 193 do T. 1.°; e L.° 11, Cap. 103, p. 361 do T. 4.°

(161) L.° 11, Cap. 104, p. 363 do T. 4.°

(162) Col. 132, Lipsiae, 1816.

(163) L.° 11, Cap. 78 a 86, p. 313 a 332 do T. 4.°

(164) p. 816 do T. 2.° da Ed. de Basilea, 1560.

« Nestor, tambem o refere a historia. A este respeito conta Ascle-
« piades Myrleano que tendo um oraculo avisado Nestor que acaute-
« lasse seo filho Antilocho contra um Ethiope, o pae deo ao filho, para
« seo conselheiro e escudeiro, Chalcon, natural de Chipre. Este tendo-se
« namorado de Penthesilea, e indo em seo auxilio, foi morto por
« Achilles, e o seu corpo foi pendurado n'uma forca pelos Gregos. A
« outros heroes tambem forão dados Conselheiros, como a Achilles por
« sua Mãe, segundo refere Lycophron, e a Patroclo, por Achilles, foi
« dado Eudoro. »

Este passo de Asclepiades, ou é da obra sobre Nestor; porque os factos relatados a elle pertencem, ou é dos commentarios á Odyssea.

Parthenio, cita o L.º 1.º sobre a Bithynia (166).

E Suidas, na palavra *Orpheo Crotoniato*, lembra-se outra vez de Asclepiades Myrleano, no L.º 6.º da Grammatica (167).

N'um scholio ao verso 2.º do L.º 10.º da Odyssea, onde Homero falla de Eolo, filho de Hippotes, refere o Scholiastes que houve tres Eolos, e accrescenta poucas palavras de Asclepiades, a esse respeito (168); e posto que não diga ser este Asclepiades o Myrleano, pode com tudo conjecturar-se que o fosse, por ter elle escripto commentarios á Odyssea.

Todas as obras allegadas, por quantos Authores se recordárão de Asclepiades, á excepção de Strabo, são ou sobre objectos geraes de Litteratura, como as correcções aos Philosophos, e os livros sobre a grammatica; ou relativos á sua Patria, e a assumptos Gregos, como os Livros sobre a Bithynia, Cratíno, Homero, e Nestor; e é crivel que tendo Asclepiades feito a obra que lhe attribue Strabo, não fallasse nella nos commentários á Odyssea; e não aproveitasse Eustathio, no

---

(165) *Ὡς δὲ καὶ τιθωνοῦ ἦν υἱὸς, καὶ ὡς ἐξ αἰθιόπων ἐπικουρήσων ἦλθεν εἰς τροίαν, καὶ ὡς ἀχιλλεὺς αὐτον κατέῤῥιψε κρατερῶς ανθιστάμενον τοῖς ἀχαιοῖς, τοῖς ἱςτοροῦσι τεθρύληται. ὅτι δὲ ὁ τοιοῦτος μέμνων καὶ τὸν καλὸν ἀνεῖλε νεστορίδην ἀντίλοχον, ἡ ἱςτορία δηλοῖ. περὶ ὃυ ἱςτορεῖ ἀςκληπιάδης ὁ μυρλεανὸς, ὡς χρησμοῦ δοθέντος νέςτορι φυλάττεςθαι ἐπὶ τῷ υἱῷ ἀντιλόχῳ τον αἰθίοπα, ἔδοτο αὐτῷ μνήμονα ὁ πατὴρ καὶ ὑπαςπιςτὴν, χάλκωνα κυπριατέα. ὅς ἐραςτεὶς πενθεσιλείας καὶ βοηθῶυ αὐτῇ, ἀνηρέθη ὑπ' ἀχιλλέως καὶ το σῶμα ὑπ' ἑλλήνων ἀνεςκολοπίςθη. ἐδόθησαν δὲ καὶ ἄλλοις τῶν ἡρώων μνήμονες οἷον τῷ ἀχιλλεῖ πρός τῆς μητρὸς, ὡς ἱςτορεῖ καὶ λυκόφρων. καὶ τῷ πατρόκλῳ δὲ ὑπ' ἀχιλλέως εὔδωρος.*

Idem, p. 453 do Commentario á Odissea, Ed. de Basilea, 1559.

(166) *Erotic.* XXXV, apontado por Meursio. V. a Nota (172).

(167) T. 2.º, p. 719.

(168) Angelo Maio. *Iliadis fragmenta antiquissima. . . . item Scholia Vetera in Odysseam.* Milano, 1819, fl. maximo, fl. 92, col. 2.ª

seo commento a esse poema, o que, segundo Strabo, Asclepiades escreveo na descripção da Turdetania, a respeito da Ulyssea do Mediterraneo, assim como aproveitou parte da extravagante explicação dos ornatos do copo de Nestor, na Iliada, e o que elle conta da morte do filho do mesmo Nestor, na Odyssea?

Existindo as obras de Asclepiades, ainda no tempo de Eutathio (que viveo nos fins do seculo XII, ou no principio do seculo XIII), porque cita não só o passo sobre a explicação dos ornatos da taça de Nestor que traz Atheneo, mas o outro sobre a morte do filho do mesmo Nestor, que em mais nenhum Autor vem; será crivel que em Geographo algum, posterior a Strabo, não apparecesse rasto da obra de Asclepiades Myrleano sobre a Turdetania? Eu não o acredito. Plinio faz menção de Malaga, de Menaca, e de Abdera (169); Ptolomeo, na Betica, traz Malaga, e Abdara (Abdera) (170); Rufo Festo Avieno menciona igualmente Malaga, e Menaca, no Mediterraneo (171); e em nenhum delles, descrevendo os mesmos paizes que Asclepiades, ha allusão a Ulyssea e ao templo de Minerva.

Acho tambem summamente extraordinario que Meursio, pesquisando quantas noticias poude colher de Asclepiades Myrleano, lembrando-se de Autores cuja licção é pouco vulgar, oomo o Autor Anonymo da vida de Arato, e Parthenio (172), se esquecesse de Strabo que anda nas mãos de todos, a quem emenda, a quem concilia com Pau-

---

(169) L.° 3.°, Cap. 3.°, p. 505 do T. 1.°; e outra vez de Malága no L.° 5.°, Cap. 1.°, p. 266 do T. 2.°

(170) p. 38, e 39.

(171) *Ora Maritima*, p. 426 a 431; e p. 1240 e 1241, do T. 5.°, dos *Poetae Latini Minores*, Ed. de Wernsdorf.

(172) *Celeberrimus omnium, Diotimi F. Myrleanus, Grammaticus, de quo est videre apud Suidam; qui ait eum scripsisse plurima et recenset* Φιλοσόφων βιβλίων διορθωτικά· *Ejus opera* περὶ Κρατίνου *commemorat Athenaeus* Lib. XI, περὶ Νεστορίδος, *bis ter ve ibidem:* περὶ γραμματικῶν *citat Anonymus in vita Arati;* Ἀσκληπιάδης δὲ ὁ Μυρλεανὸς ἐν τῳ ἑνδεκάτῳ περὶ γραμματικῶν Ταρσέα αὐτον φησι γεγενέναι, ἀλλ' οὐ Σολέα. *Suidas* Ὀρφεὺς, Κροτωνιάτης, ἐποποιος· ὃν Πεισιστράτῳ συνεῖναι τῳ τυράννῳ Ἀσκληπιάδης φησὶν ἐν τῷ ἕκτῳ βιβλίῳ τῶν γραμματικῶν. *Ejus* ὑπόμνημα εἰς Ὀδυσσειαν *nominat Etymologici Auctor in* Ἀρναῖος, Ἀσκληπιάδης δὲ ὁ Μυρλεανὸς ἐν τῷ Ὑπομνήματι τῆς Ὀδυσσείας. *Parthenius, Erotic. XXXV.* Τὰ Βιθυνιακὰ laudat. Περὶ Εὐλιμενης ἱστορεῖ Ἀσκληπιάδης ὁ Μυρλεανὸς Βιθυνιακῶν πρώτῳ. *Ex eo que opera librum decimum legere est apud Scholiasten Apollonii, lib. II.* Ἱστορεῖ Δεινίας ἐν πρώτω Ἀργολικῶν, καὶ Ἀσκληπιάδης ὁ Μυρλεανὸς ἐν δεκάτῳ Βιθυνιακῶν. *Notas a Chalcidio, no Commentario ao Timeo de Platão*, p. 415 do T. 2.° das Obras de Santo Hippolito. Hamburgi, 1716, fl.

sanias e Plinio (173), e a quem fez anotações que Siebenkees aproveitou na sua edição de Strabo,

Não posso levar á evidencia a incredibilidade da estada de Asclepiades Myrleano na Hespanha; mas o exemplo que produzi do que aconteceo a Masdeu, deve pôr d'aviso a quem houver de servir-se de authoridades que não pode verificar, para proceder com o maior tento, e escrupulo em admittir noções que apresentarem incongruencias notaveis com factos de fé indubitavel. Se por acaso tivessem desapparecido as Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga de Contador d'Argote, não ficava D. João Iriarte sendo o descobridor da Inscripção Grega, encontrada junto a S. Pedro de Val de Nogueiras, estando este facto abonado por um homem de tão asisada critica como Masdeu? E com tudo o facto é falso.

O estabelecimento das Escolas em Osca, que os Escriptores modernos qualificão com o nome pomposo de Universidade onde, segundo Plutarcho, se ensinavão aos Hespanhoes as disciplinas dos Gregos, e dos Latinos, serião uma prova do empenho que neste primeiro periodo da época do Dominio Romano teria havido em propagar na Peninsula o estudo da Litteratura Grega. Não posso porém admittir a existencia destas Escolas; porque, se diversos Autores escrevem acontecimentos, relativos a um mesmo objecto, e um só destes Autores menciona um facto revestido de circunstancias inverosimeis, parece-me que não pode reputar-se septicismo demasiadmente severo, nem contrario ás regras d'uma critica judiciosa, duvidar delle; e se alem de inverosimies, essas circunstancias são contradictorías e impossiveis, então a consciencia do escriptor obriga a refutalo.

Plutarcho, referindo os meios porque Sertorio conseguio a admiração, e o amor dos Povos da Peninsula, que forão, as suas façanhas, adestralos na disciplina militar, tornando a sua tropa um exercito regular, e introduzindo no equipamento dos soldados o luxo Romano, dando-lhes para isso dinheiro, o que influia no seo animo etc., continua =

« E principalmente os captivou o que fez a seos filhos; porque ajuntou » a mocidade mais nobre do Paiz em Osca, cidade grande, e deo-lhe « mestres que lhe ensinasse as doutrinas Gregas e Latinas. De facto ti« nha-os em refens, mas a titulo de os ensinar, para obterem, quando « fossem homens, os direitos, e as magistraturas dos cidadãos Ro-

---

(173) *Licções Atticas*, L.° 1.°, Cap. 1.° e 2.°, p. 1:031, e 1:068 do T.° 2.°, das Obras de Meursio, Ed. de Florença, 1741 e seguintes.

« manos. E os paes vião com prazer e admiração, irem seos filhos, « para as Escolas, vestidos de toga, e muito enfeitados, pagando Ser« torio as despesas, indo examinar o estado de seo adiantamento, des« tribuindo premios aos que erão dignos delles, e dando-lhes os or« natos d'ouro que os mancebos Romanos costumão trazer ao pescoço, « a que chamão bullas (174). »

Diz depois que, em consequencia d'algumas sedições e rebeliões d'algumas cidades d'Hespanha, « Sertorio, degenerando da sua anterior « clemencia e brandura, e portando-se perfidamente contra os filhos dos « Iberos, que se educavão em Osca, a uns matou, e a outros vendeo « em almoeda (175). »

N'outro passo tinha alludido a isto mesmo, dizendo tambem « Pa« rece que nos ultimos tempos da sua vida, o acto barbaro e cruel, « praticado com os refens, mostrou que a sua natureza não era ser « brando, mas que a encobria, em razão da necessidade (176) » e em « nenhum outro lugar da vida de Sertorio falla em refens.

Appiano, Aulo Gelio, o Epitome de Tito Livio, Eutropio, Floro, Frontino, Julio Exsuperante, Julio Obsequens, Justino, Orosio, Plinio, Strabo, Valerio Maximo, e Velleio Paterculo, escriptores anteriores, coevos, e posteriores a Plutarcho, e algum mesmo por elle citado

---

(174) Μάλιστα δὲ εἶλεν αὐτοὺς τὰ τῶν παίδων. τοὺς γὰρ εὐγενεστάτους ἀπὸ τῶν ἐθνῶν συναγαγὼν εἰς Ὄσκαν, πόλιν μεγάλην, διδασκάλους ἐπιστήσας Ἑλληνικῶν τε καὶ Ῥωμαϊκῶν μαθημάτων, ἔργῳ μὲν ἐξωμηρεύσατο, λόγῳ δ'ἐπαίδευεν, ὡς ἀνδράσι γενομένοις πολιτείας τε μεταδώσων καὶ ἀρχῆς. οἱ δὲ πατέρες ἥδοντο θαυμαστῶς, τοὺς παῖδας ἐν περιπορφύροις ὁρῶντες μάλα κοσμίως φοιτῶντας εἰς τὰ διδασκαλεῖα, καὶ τὸν Σερτώριον ὑπὲρ αὐτῶν μισθοὺς τελοῦντα, καὶ πολλάκις ἐπιδείξεις λαμβάνοντα, καὶ γέρα τοῖς ἀξίοις νέμοντα, καὶ τὰ χρυσᾶ περιδέραια δωρούμενον, ἃ Ῥωμαῖοι βούλλας καλοῦσιν.
Sertorio, p. 531 a 534 do T. 3.°, da edição de Reisk, Lipsiae 1775.

(175) Ὥστε τὸν Σερτώριον ἐκ τῆς προτέρας ἐπιεικείας καὶ πρᾳότητος μεταβαλόντα, περὶ τοὺς ἐν Ὄσκῃ τρεφομένους παρανομῆσαι παῖδας τῶν Ἰβήρων, τοὺς μὲν ἀνελόντα, τοὺς δ'ἀποδόμενον. — Ibidem, p. 557 do T. 3.°

(176) Καίτοι δοκεῖ περὶ τὸν ἔσχατον αὐτοῦ βίον ὠμότητος καὶ βαρυθυμίας τὸ περὶ τοὺς ὁμήρους πραχθὲν ἔργον ἐπιδεῖξαι τὴν φύσιν οὐκ οὖσαν ἥμερον, ἀλλ'ἐπαμπεχομένην λογισμῷ διὰ τὴν ἀνάγκην. — Ibidem, p. 524 do T. 3.°

(177) Na vida de Pompeo.

(178) Appiano, *De Bello Hispanico*, T. 1.°, p. 255; *Guerras Civis*, L.° 1.°, desd'o Cap. 107 até ao Cap. 113, de p. 153 até p. 161. do T. 2.°
Aulo Gelio, *Noctes Atticae*, L.° 10.°, Cap. 26; L.° 15, Cap. 22, p. 67, e 232 do T. 2.°, Ed. de Lyon, Gottingae, 1824.
Epitome de Livio, *Epitome* do L.° 96, p. 366 do T. 6.°
Eutropio, L.° 6.°, Cap. 1.°, p. 243.

(177), todos fallão, mais ou menos, em Sertorio (178), porém não se acha, em nenhum delles o menor vestigio, nem das Escolas d'Osca, nem da morte dos mancebos que nellas estudavão, coisas aliás tão notaveis, que não merecião ser esquecidas. Analysemos, por isso, estes dois factos, confrontando-os com outros, e vejamos o resultado desta analyse.

O facto do assasinio e venda dos estudantes d'Osca é uma barbaridade tão insensata, pelos effeitos que necessariamente havia de produzir, que, só por esta consideração custa a acreditar; porém apresenta, além disso contradições tão flagrantes com outros factos, que o tornão impossivel.

Floro, L.° 3.°, Cap. 5.°, N.° 4; Cap. 21, N.° 13, Cap. 22; p. 468, 617, e 633 a 639.

Frontino, L.° 1.°, Cap. 5, N.° 1, Cap. 10, N.° 1, Cap. 11, N.° 13, Cap. 12, N.° 4; L.° 2.°, Cap. 1.°, N.° 3, Cap. 3, N.° 11, Cap. 5, N.° 31, Cap. 7, N.° 5, Cap. 12, N.° 2, Cap. 13, N.° 3; L.° 4.°, Cap. 7, N.° 6; p. 66, 128, 143, 152, 164, 206, 281, 309, 339, 346, e 527, Ed. de Oudendorp, Lugd. Bat., 1779.

Oudendorp, observa na nota (9), p. 527, que já tinha dito, a p. 128, o que se repete aqui, e que este passo não se encontra, nem no 2.° Mss. de Leyda, nem no 1.° de Medicis etc.

Julio Exsuperante, *Epitome das guerras civis de Mario Lepido e Sertorio*, Cap. 7.° e 8.°, p. 257, e seguintes do T. 1.°, da edição de Sallustio, publicada por Frotscher, Lipsiae, 1825. Outras edições de Sallustio trazem este opusculo.

Julio Obsequens, *De prodigiis*, Cap. 119 a 121, p. 173 a 176 da ed. d'Oudendorp, Lugd. Bat., 1720.

Justino, L.° 43, Cap. 5, N.° 11, p. 719 da ed. de Gronovio, Lugd. Bat., 1760.

Orosio, L.° 5.°, Cap. 23, de p. 355 em diante.

Plinio, L.° 7.°. Cap. 27; L.° 8.°, Cap. 51, p. 122 e 452 do T. 3.°; L.° 22, Cap. 6.°, p. 212 do T. 7.°

Strabo, L.° 3.°, p. 423, e 431 do T. 1.°; L.° 17, p. 656, *in fine* do T. 6.°

Valerio Maximo, L.° 1.°, Cap. 2, N.° 4; L.° 7.°, Cap. 3, N.° 6, Cap. 6, N.° 3; L.° 8.°, Cap. 15, N.° 8; L.° 9.°, Cap. 1.°, N.° 5; p. 39, 645, 679, 782, e 793 da ed. de Torrenio, Leyda, 1726.

Velleio Paterculo, L.° 2.°, Cap. 25, N.° 3, Cap. 29, N.° 5, p, 153, 176 a 178.

Não mencionei Photio entre os Escriptores que se lembrão de Sertorio; porque, sendo a sua obra uma collecção d'extractos dos Autores que tinha lido, e cujos nomes declara, em que se comprehende Plutarcho, a sua authoridade confunde-se com a daquelles a quem extractou.

Aulo Gelio diz que tendo Sertorio sido vencido, em muitas batalhas, nunca o abandonou nenhuma das Nações d'Hespanha, a pesar de ser muito voluvel esta qualidade de gente (179); e com isto concorda o que se lê em Plutarcho — que pela morte de Sertorio a maior parte dos Hespanhoes se passou para Pompeo, e para Metello, desemparando a Perpenna (180) —, donde se conclue que até ali não o tinhão abandonado. E como aconteceria isto se elle tivesse tratado tão desapiadadamente os refens, que erão a mocidade mais nobre do Paiz?

Appiano diz que os soldados, accesos em ira, pela morte de Sertorio, perpetrada por Perpenna, se amotinárão contra este, e vendo que, aberto o testamento de Sertorio, era Perpenna nomeado um de seos herdeiros, cresceo summamente a indignação, e terião vindo ás mãos se Perpenna não fosse ter com elles, applacando uns com dadivas, e outros com promessas, atemorisando com ameaças os mais embravecidos, e matando elle mesmo alguns para incutir medo aos outros; e alem disso percorreo os Povos, dirigindo-lhes fallas, e para captar a sua benevolencia, soltava os que Sertorio tinha presos, e entregava os refens dos Hespanhoes; e tendo-os assim abrandado, obedecêrão a Perpenna, como sucessor de Sertorio, mas, nem assim mesmo tinhão os animos socegados. (181) ¿ E como era possivel que houvesse nos Hespanhoes todo este furor contra Perpenna, pelo assassinato de Sertorio, se este tivesse commettido contra seos filhos, as atrocidades que lhe imputa Plutarcho? E como é que Perpenna restituio os refens que Sertorio tinha dos Povos da Hespanha, se Sertorio os tinha matado, e vendido em almoeda? Appiano, que não era grandemente afeiçoado a Sertorio, como logo mostrarei, nem poupa, nos seus quadros, as tintas negras, não deixaria de aproveitar este facto, se fosse verdadeiro.

Uxama e Calagurris, ainda depois da morte de Sertorio, não se quizerão render a Pompeo, que arrasou a primeira, e queimou a segunda que tinha cercada, e não lhe restando já animal algum de que se alimentassem os habitantes, chegárão a comer suas mulheres e filhos! e os que sobrevivêrão a este horror, forão mortos por Pompeo.

---

(179) *Memoria prodita est, ex iis nationibus quae cum Sertorio faciebant, cum multis proeliis superatus esset, neminem unquam ab eo descivisse, quanquam id genus hominum esset mobilissimum.* L.° 15, Cap. 22, p. 332, *in fine*, do T. 2.°

(180) Cap. 27, p. 560 do T. 3.°

(181) *Guerras Civis*, L.° 1.°, Cap. 114, p. 162 do T. 2.°

(182). Como pode compadecer-se este fanatismo de fidelidade ás cinsas de Sertorio, com a brutal ferocidade de matar e vender, em almoeda a principal nobreza d'Hespanha?

Julgo ter demonstrado que o facto praticado com os estudantes d'Osca, referido por Plutarcho é impossivel, e por consequencia falso; e parece-me que, sendo este facto tão ligado com o da escola, desmentido elle não subsiste o outro; todavia, para remover qualquer duvida, farei ainda alguma ponderação sobre este objecto.

Diz Plutarcho « Depois (Sertorio) servindo-se das armas, dos di- « nheiros, e das Cidades dos Iberos, nem sequer só de palavra, lhes « concedia a suprema authoridade; mas punha-lhes Commandantes e « Governadores Romanos, como quem queria recobrar a liberdade aos « Romanos, e não dar-lhes mais poder contra os Romanos » porque era muito amante da sua Patria, e tinha muitos desejos de tornar para ella, e quando alcançava alguma victoria, mandava emisssarios a Metello, e a Pompeo, propondo-lhes que estava prompto a depôr as armas, e reduzir-se á vida particular, concedendo-se-lhe voltar á Patria; por que antes queria ser o mais obscuro dos cidadãos em Roma, do que ser aclamado imperador de todos os outros, estando desterrado (183)

Se Sertorio era tão cioso de dar authoridade aos Hespanhoes, e todo o seu empenho era sujeita-los aos Romanos, como é que havia de ordenar escolas, para nellas educar a principal mocidade daquelles Povos, com o fim de, quando fossem homens, participarem das honras, e das magistraturas a que tinhão direito os Cidadãos Romanos, circunstancias que, na sua opinião, lhes davão poder contra os mesmos Romanos? Nem era natural que, sendo Evora, para assim dizer, a côrte de Sertorio, e onde elle presistia mais tempo, quando elle quizesse crear escolas, fosse estabellecelas longe de suas vistas, e muito mais propondo-se a examinar, por si mesmo o adiantamento dos dis-

---

(182) Orosio, L.° 5.°, Cap. 23, p. 357. Valerio Maximo, L.° 7.°, Cap. 6, p. 679. Floro, L.° 3.°, Cap. 22, p. 638. A isto allude Sallustio nos *Fragmentos da sua Historia*, L.° 3.°, N.° 10, p. 179, da ed. de Frotscher. Estes fragmentos vem igualmente nas edições de Sallustio, publicadas por Cortio, Havercamp etc.; servime da de Frotscher, porque traz mais fragmentos, e mais emendados. Juvenal allude tambem a este facto, Satira 15 vers. 93 a 106, p. 294 do T. 1.° Ed. de Rupert, Lipsiae, 1819.

(183) *Μηδ'ἄρχι λόγου τῆς ἄκρας ἐξουσίας ὑφίεσθαι πρὸς αὐτούς, Ῥωμαίους δὲ καθιστάναι στρατηγοὺς καὶ ἄρχοντας αὐτῶν, ὡς Ῥωμαίοις ἀνακτώμενον τὴν ἐλευθερίαν, οὐκ ἐκείνους αὔξοντα κατὰ Ῥωμαίων.* Pag. 551 do T. 3.°

cipulos e a premia-los; e note-se mais que havendo inscripções que comservão memoria, tanto dos beneficios feitos por Sertorio a Evora na fabrica das suas muralhas, e do aqueducto para abastecer d'agua a Cidade, como de seus feitos militares (183 *a*), não ha nenhuma que diga respeito á escola d'Osca, sendo objecto tão proveitoso, não só á Lusitania, mas a toda a Hespanha, nem sei que haja inscripção alguma relativa a Sertorio fóra da Lusitania. Porém não é só esta a contradição que apresenta a vida de Sertorio escripta por Plutarcho, Affirma que Sertorio sempre se conservára invencivel, e os que estavão com elle; e que só tinha sofrido perdas nas acções commandadas pelos seus generaes; referindo antes que sendo os Hespanhoes desbaratados junto a uma cidade, e acossados pelos inimigos, esquecidos de si, só cuidárão em salvar Sertorio, passando-o sobre seos hombros de uns para outros, até o levarem acima do muro da Cidade e, posto o seo general em segurança, tratárão de fugir, cada um por onde poude (184).

Conta n'outra parte que n'um recontro em que vencera a Metello, que nelle foi ferido, envergonhados os Romanos voltárão á batalha, repelírão os Hespanhoes, e vendo Sertorio que a victoria o abandonava, refugiou-se n'uma Cidade, a fim de procurar aos seus uma fugida facil e que não lhes fosse prejudicial; e conta mais a ridicula farça triumphal de Metello, por ter destroçado Sertorio n'um combate (185).

Alem disto deparão-se na vida de Sertorio com inepcias e patranhas, que não se comprehende como podessem entrar na cabeça d'um homem de mediano senso commum; v. gr.
As Ilhas que uns navegantes, chegados havia pouco do Atlantico, indicárão a Sertorio, separadas por um mui pequeno estreito, e distantes 10:000 estadios da Africa, que se chamavão as Ilhas Afortunadas, e que os barbaros, seos habitantes, estavão na firme persuasão de serem ali os Campos Elysios, cantados por Homero (186); como

---

(183 *a*) Tres inscripções, duas publicadas por Diogo Mendes de Vasconcellos, a p. 14 e 15 da sua obra — *De Eborensi Municipio* — impressa no fim da obra de André de Resende, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Eborae 1593; e uma que traz André de Resende, no L.° 4.° da mesma obra, p. 241.

(184) T. 3.°, p. 534, e 543.

(185) T. 3.°, p. 548, e 550.

(186) T. 3.°, p. 520, e 521. V. tambem a minha *Memoria em que se pertende provar que os Arabes não tiverão conhecimento das Canarias antes dos Portuguezes*, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 2.ª Serie, T. 1.°, P. 2.ª, p. 52 e 53.

se, ainda quando estas Ilhas realmente existissem, e fossem as Canarias, os pobres Canarios soubessem que tinha havido no mundo Homero. Que em Tanger está sepultado Anteo, e não se fiando Sertorio no que, a respeito da sua estatura, lhe dizião os barbaros, mandou abrir a sepultura, e tendo achado um corpo de 60 covados, segundo dizem, ficou pasmado, e sacrificando-lhe victimas, tornou a fechar o moimento, e augmentou-lhe a honra, e a fama (187).

O que praticou para vencer uns povos, na margem do Tejo, que não habitavão em Cidades, nem aldeas, mas n'um oiteiro muito grande, e elevado, em cavernas e covas abertas na rocha, viradas para o Norte, e que o campo que lhe estava inferior era um limo argiloso, e terreno cego, de modo que não podia sustentar os que por elle pertendião passar, e tomando alguma consistencia tornava-se em cal viva, ou cinza, que se espalhava para longe; e por isso estavão seguros de ser perseguidos; e como este sitio não era accessivel, por banda nenhuma, Sertorio fez ajuntar montes daquella terra esponjosa, e cinericia para que, em se levantando os ventos do septentrião, se enchessem de pó o outeiro e as covas que nelle estavão, e ficassem suffocados com elle os barbaros, que por este modo se entregárão, depois de ter durado tres dias esta manobra (188).

Onde é que ha nas margens, ou nas visinhanças do Tejo, um terreno com estas condições? Este conto pueril, em que figurão uns Povos chamados Characitanos, de que não se lembrão Appiano, Plinio, Polybio, Ptolomeo, Rufo Festo Avieno, Strabo, nem outro nenhum Autor, que eu saiba, não sofre analyse, nem semelhante estratagema se acha em Frontino, recordando não poucos ommittidos por Plutarcho, naturalmente porque não o acreditou, e até o nome de Characitanos, parece ser forjado de χαράσσω, *excavo*, Povos que fazião covas para viver, a fim de o accommodar ao conto que se tinha inventado.

Heeren, na sua 3.ª Memoria sobre as fontes, e authoridade das Vidas Parallelas de Plutarcho (189), diz que elle, na vida de Sertorio, seguio principalmente a Historia de Sallustio, e para o provar cita.

---

(187) T. 3.º, p. 522.

(188) Ibidem, p. 538, e seguintes.

(189) *De fontibus et auctoritate Vitarum Parallelarum Plutarchi, commentatio* 3.ª Nas *Commentationes Societatis Regiae Scientiarum Gotingensis*, Vol. 4.º, Gottingae, 1820, de p. 108 a p. 110.

O fragmento de Sallustio, conservado por Aulo Gelio, relativamente aos seos feitos, debaixo das ordens de Didio, e na guerra Marsica (190):

Outro sobre o desejo de ir para as Ilhas Afortunadas, transcripto por Acron (191):

A carta de Pompeo ao Senado de Roma, pedindo que lhe mandasse dinheiro para pagar ás tropas (192), que contem frases quasi pelas mesmas palavras, que se lêm na integra da mesma carta (193):

E outro fragmento que allude á maneira porque estavão collocados os conjurados na cea em que foi morto Sertorio (194), donde Plutarcho tirou a indicação do lugar que nella occupava Antonio, que foi o primeiro que o ferio (195).

E podia citar tambem outro passo de Sallustio (196), que se refere ao caso de ser levado por cima dos soldados aos muros d'uma Cidade (197).

Observa mais Heeren que Plutarcho seguio igualmente a Valerio Maximo nas historietas da cerva e das clinas arrancadas aos cavallos (198); mas, alem destes AA., aproveitou Plutarcho mais alguns, para tecer a historia da vida de Sertorio.

Consta por um lugar das Historias de Sallustio que muitos feitos de Sertorio forão occultados por escriptores, uns ignobeis, e outros invejosos (199); mas, pelas memorias que nos restão de Ser-

---

(190) L.º 2.º, Cap. 27, p. 251 do T. 1.º

(191) *Sallustius in historiis tradit Sertorium victum voluisse fugere ad Insulas Fortunatas*, L.º incerto, p. 207. As edições de Cortio, de Havercamp, de duas Pontes, de Gerlach, e de Frotscher, assim trazem este fragmento, provavelmente porque se forão copiando uns aos outros; porém Acron, commentando o verso 41 do Epodo 16 d'Horacio — *Nos manet oceanus*. . . diz *Nos manet. o. [oceanus] in quo sunt insulae fortunatae ad quas Sallustius in historiis* dicit *victum voluisse* ire *Sertorium*. Ed. d'Horacio, Venetiis 1498, fl. 160 v.

(192) Plutarcho, p. 549 do T. 3.º

(193) *Fragmento N.º 1 do L.º 3.º das Historias de Sallustio*, p. 179 do T. 1.º

(194) Ibid., N.º 44, p. 186 do T. 1.º

(195) Plutarcho, p. 560 do T. 1.º

(196) Fragmento do L.º 2.º, N.º 66, p. 173 do T. 1.º

(197) Plutarcho, p. 534 do T. 3.º

(198) Idem, p. 525, 546, e 536 do T. 3.º. Valerio Maximo, L.º 1.º, Cap. 2.º, N.º 4; L.º 7.º, Cap. 3.º, N.º 6, p. 647, e 679.

(199) *Multaque tum ductu ejus curata*, primum per *ignobilitatem, deinde per invidiam scriptorum celata sunt.* Aulo Gelio, L.º 2.º, Cap. 27, p. 251 do T. 1.º

torio, conhece-se, que, a respeito delle, não só se occultárão muitos de seos feitos, mas até os deprimírão.

Appiano, taxado de plagiario de Plutarcho, accusação de que muito bem o defendêrão Reimar, Schweigaeuser, e Combes-Daunou (200), longe de se conformar com elle, peló contrario adoptou, relativamente a Sertorio, algumas das opiniões dos que contra este escrevêrão.

Assaca a Sertorio que « desamparado já de Deos, abandonava; da « melhor vontade, os negocios e os trabalhos, e se entregava ao luxo, « ás mulheres, a comesanas, e ás bebidas, pelo que sempre ficou mal, « em todos os conflictos; que, por varias suspeitas, se tornou colerico, « que era cruelissimo nos castigos, e já não se fiava em ninguem, de « modo que Perpenna que, da fação de Emilio (Lepido) tinha vindo « para elle, com bastantes tropas, receando por si mesmo, pervenio-se « a atraiçoa-lo, com dez conjurados, dos quaes uns forão justiçados, « outros fugírão: porque alguns delatárão a conspiração, e Perpenna, « não tendo sido descoberto, contra a sua expectação, mais se apressou « na sua obra, e como Sertorio nunca andava desacompanhado de « guardas, convidou-o para um banquete em sua casa, e embriagando « a elle e aos guardas que o rodeavão, matou-o no banquete (201). »

O que narra Plutarcho é inteiramente opposto a tudo isto.

Sertorio nunca se deixou vencer nem da alegria, nem do medo (202).

Portava-se com moderação na prosperidade (203).

Era muito sobrio, contentando-se com sustento parco e ordinario, e não se entregando ao vinho, nem mesmo quando estava em ocio (204).

---

(200) Reimar, na prefação da sua edição de Dion Cassio, p. XXII, §. 14 do T. 1.° Schweigaeuser, na edição d'Appiano, T. 3.° p. 905 e seguintes. = *Ad Hitoriam Parthicam Appiano temere tributam adnotatio.* = Combes-Daunou, *Histoire des Guerres Civiles des Romains traduites d'Appien*, na prefação do T. 1.°, p. XIII e seguintes, París 1808.

(201) Ὁ δὲ Σερτώριος, βλάπτοντος ἤδη θεοῦ τὸν μὲν ἐπὶ τοῖς πράγμασι πόνον ἑκὼν μεθίει, τὰ πολλὰ δ' ἦν ἐπὶ τρυφῆς, γυναιξὶ καὶ κώμοις καὶ πότοις σχολάζων. ὅθεν ἡττᾶτο συνεχῶς. καὶ γεγένητο ὀργήν τε ἄκρος, δι' ὑπονοίας ποικίλας, καὶ ὠμότατος ἐς κόλασιν, καὶ ὑπόπτης ἐς ἅπαντας· ὥστε καὶ Περπένναν, τὸν ἐκ τῆς Αἰμιλίου στάσεως ἑκόντα πρὸς αὐτὸν ἐλθόντα μετὰ πολλοῦ στρατοῦ, δεῖσαι περὶ ἑαυτοῦ, καὶ προεπιβουλεῦσαι μετὰ ἀνδρῶν δέκα. Ὡς δὲ καὶ τῶνδέ τινες τῶν ἀνδρῶν ἐνδειχθέντες, οἱ μὲν ἐκολάσθησαν, οἱ δ' ἀπέφυγον· ὁ Περπέννας παρὰ δόξαν λαθών, ἔτι μᾶλλον ἐπὶ τὸ ἔργον ἠπείγετο. καὶ οὐδαμοῦ τὸν Σερτώριον μεθιέντα τοὺς δορυφόρους, ἐπὶ ἑστίασιν ἐκάλει· μεθύσας δ' αὐτόν τε καὶ τὴν περιεστῶσαν τῶν ἀνδρῶν φυλακήν, ἔκτεινεν ἀπὸ τῆς διαίτης. L.° 2.° *das Guerras Civis*, Cap. 113, p. 161, e seguintes do T. 2.°

(202) T. 3.°, p. 524.

(203) Idem, ibid.

(204) Idem, p. 530 do T. 3.°

Nos banquetes a que assistia havia sempre grande commedimento, e honestidade; porque elle não sofria vêr, nem ouvir nada indecente, mas costumava os convidados a entreterem-se com gracejos modestos, inofensivos, e polidos; e que no meio do banquete a que foi convidado por Perpenna, querendo os conjurados principiar a contenda, soltárão claramente palavras obscenas, fingindo-se bebados, e para o irritarem praticárão coisas deshonestas; mas elle, ou offendido desta licença, ou percebendo a sua intenção, pela hesitação de suas palavras, e insolita dissolução, mudando-se do lugar que tinha na mesa, levantou-se, para não ver, nem ouvir o que se dizia; e logo que Perpenna recebeo uma taça cheia de vinho, e a deixou cahir da mão, o motim que ella fez, era o signal dado aos conjurados; e Antonio, que estava encostado acima delle á mesa, o ferio com um punhal (205).

Não houve, por tanto, nem uma primeira conspiração de dez conjurados abortada, nem Sertorio foi embriagado, no banquete que lhe deo Perpenna, nem era possivel que a um convite para casa d'um amigo, e em companhia d'outros suppostos amigos, Sertorio fosse acompanhado de guardas, e que essas guardas fossem admittidas ao banquete e embebedadas com Sertorio. Sallustio conserva-nos o nome de parte dos conjurados, que forão L. Fabio, Antonio, Versio, Maecenas, Tarquitio, e Perpenna, designando até os lugares em que estavão á mesa (206), talvez porque fossem só estes os que assistissem ao banquete; e alem destes nomea Plutarcho, Manlio, Aufidio e Gracino, e diz que Perpenna tinha muitos conjurados, para acometter Sertorio (207).

Colligi-se de Appiano que increpa Sertorio por desconfiar de Perpenna, a ponto de ser a este necessario attentar pela sua segurança, tendo vindo Perpenna unir-se-lhe com grandes forças; porém Perpenna não veio unir-se voluntariamente a Sertorio, forão os seos soldados quem o forçárão a isso, ameaçando-o de o desampararem, e passarem para Sertorio, senão o fizesse (208).

Nem o motivo da conspiração contra Sertorio foi desconfiar Perpenna que elle o queria matar. Perpenna, orgulhoso com o seo nascimento e riqueza, não queria ficar debaixo das ordens de Sertorio. (209). Os Senadores Romanos que Sertorio tinha creado, e que se julgavão iguaes a elle, perdido o medo com as victorias alcançadas por

---

(205) Idem, ibid., p. 559 e 560 do T. 3.°

(206) p. 186 do T. 1.°

(207) Plutarcho, T. 3.°, p. 557 a 560.

(208) Idem, p. 535 do T. 3.°

(209) Idem, l. c.

Sertorio, entrárão a ter ciume e inveja do seu poder; e Perpenna accendeo-lhes esta estolida emulação, que elle tambem partilhava, e confiando muito de si, assentou, que podia sustentar e levar ao fim, a guerra na Hespanha, e não tendo força, nem elle, nem o Senado, para rebellar-se abertamente contra Sertorio, danavão secretamente os seos negocios, punindo cruelmente, e exigindo tributos dos barbaros, e affligindo-os, como se fosse por ordem de Sertorio, e daqui nascêrão algumas rebeliões, e sedições; e aquelles que erão mandados para socegar, e remediar estas desordens, voltavão, deixando os tumultos mais exaltados, e as rebeliões maiores do que dantes (210).

Leão-se com attenção, e considerem-se desapaixonadamente as narrações de Plutarcho, e de Appiano sobre este assumpto, e ver-se-ha de que parte está a probabilidade dos acontecimentos.

De quanto fica expendido resulta:

Que diversos AA. escrevêrão de Sertorio, uns a favor, dizendo a verdade, outros calando alguns de seos feitos, e diprimindo outros, em que entra Appiano, e outros finalmente, inventando fabulas, em que fazem figurar Sertorio, contando no numero destes ultimos Gabinio, Escriptor d'Historias Romanas, de quem é a patranha relativa á estatura d'Anteo, segundo Strabo (211), escriptor de tão suspeita fé que nunca foi citado por Plinio:

E que de tudo isto amalgamou Plutarcho um composto pouco homogeneo de verdades, de contradicções, e de fabulas; e que por isso, em coisas inverosimeis, como as escolas d'Osca, não ha que fiar na sua authoridade. Não me conformando com a existencia destas escolas é inutil discutir se ellas forão estabellecidas na Osca da Betica, ou na de Aragão, aliás ser-me-hia facil provar que Sertorio, depois do seu desembarque na Lusitania, só foi ao Aragão, quando as exigencias das operações militares ali o chamavão.

Não contesto a possibilidade de haver na Hespanha conhecimento da lingua e litteratura Grega, no primeiro periodo do dominio Romano, antes, pelo contrario, me persuado de que o haveria, muito principalmente nos ultimos tempos deste periodo, em que os Romanos, apoderados de quasi toda a Hespanha, e desasombrados d'outos inimigos, só tinhão a guerrear os Cantabros; porém o que não acho é documento seguro que o atteste.

---

(210) Idem, p. 556, e 557 do T. 3.°
(211) L.° 17, T. 6.°, p. 655, *in fine*.

2.° PERIODO.

Depois da pacifica posse da Peninsula.

Desde que os Romanos ficárão pacificos senhores da Hespanha, as antigas nacionalidades da Peninsula confundírão-se, aniquilárão-se, e só houve nella Imperio Romano. O brilho de Roma espalhou o seo reflexo sobre o Paiz, e o fausto ostentoso da capital, invadindo as novas Provincias, fez igualmente a sua conquista.

Os templos sumptuosos, os arcos triumphaes, circos, e até para naumachias, theatros, banhos, aqueductos, e talvez um laberintho (212), pavimentos de mosaico, cujos restos se encontrão ainda por toda a parte; e outros monumentos, como o Disco do Imperador Theodosio (213), que se vão descobrindo cada dia, para assim dizer (214), são testemunhas vivas do estado de opulencia a que se elevou

---

(212) Em Sevilha. *Adiciones al Libro de las Antigüedades y Principado de Sevilla*, pelo Doutor Rodrigo Caro, no *Memorial Histórico Español*, publicado pela Real Academia da Historia de Madrid, p. 360 do T. 1.°, Madrid, 1851.

(213) Achado em Almendralejo, em 1847. *Memoria Histórico-Critica sobre el gran Disco de Theodosio, encontrado en Almendralejo, leida a la Real Academia de la Historia,* por D. Antonio Delgado. Madrid, 1849, 4.° grande.

(214) Templos.

Pantheon, em Murviedro, descripto pelo Princepe Pio. *Inscripciones y Antiguedades del Reino de Valencia,* por D. Antonio Valcarcel Pio de Saboya, Princepe Pio etc., nas *Memorias da Real Academia da Historia de Madrid,* T. 8.°, p. 57.

Circos.

Em Murviedro, descripto igualmente, pelo Princepe Pio, l. c., p. 72.

Para naumachias.

Em Calahorra de los Vascones, com seis aqueductos que deitavão agua para as naumachias, descoberto em 1788, depois que escreveo Risco, publicado e illustrado por Llorente no anno de 1789. Govantes, *Diccionario Géografico-Histórico de España, Suplemento a la Seccion segunda,* Madrid, 1851, p. 5.

Theatros.

este Paiz, chegando até a fabricar estatuas de metaes preciosos de grande dimensão (215).

As estatuas erão tão communs que se adornavão com ellas as praças dos Municipios (216); as medalhas inumeraveis, e as inscripções infinitas, e para segurar mais a sua duração até algumas com lettras de bronze engastadas na pedra (217).

A cultura das Sciencias companheiras inseparaveis das Artes, e

---

Em Lisboa, dedicado a Nero, descoberto em 1798, na Rua de S. Mamede. *Dissertação Critico-Filologico-Historica sobre o Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de S. Mamede*, por Luiz Antonio de Azevedo. Lisboa 1815, 4.°

Banhos.

Em Barcelona, *Memorias da Real Academia da Historia de Madrid*, T. 8.°, p. xxv.

Em Santo Antonio das Taipas, na margem direita do Rio Ave, uma legoa ao Norte de Guimarães, na estrada que desta terra vai para Braga, descoberto em 184

Mosaicos.

Em Ampurias, descoberto em 1848. *Memorias da Real Academia da Historia de Madrid*. T. 8.°, p. xlii. Memorial Historico, T. 1.°, p. xxii.

Em Guadix, descoberto e perdido, por não se ter cuidado em aproveita-lo. *Memorial Historico*, T. 1.°, p. xxiii.

Em Lugo, descoberto em 1842, *Academia da Historia de Madrid*, T. 8.°, p. xliii. *Memorial Historico*, T. 1.°, p. xxiii.

Em Merida. *Academia da Historia de Madrid*, T. 8.°, p. xxiv.

Em Murviedo. Princepe Pio, l. c., p. 57, e Estampa 12, N.° 114.

Nas ruinas de Puig de Cebola, examinados e descriptos pelo Princepe Pio, em 1790, l. c., p. 83 e seguintes. A planta do edificio, em que se achárão os Mosaicos, é a estampa 37, N.° 253 [posta por engano, a p. 84, em N.° 263]; e nas estampas 38 a 44 vem elles representados, de N.° 254 a 264.

Nas proximidades d'Alvega, tres legoas acima d'Abrantes, descoberto pelo Sñr. Alexandre Herculano, em 1853, na sua viagem para examinar os Cartorios da Beira.

Aponto só os monumentos descobertos mais modernamente; porque dos outros de que se conservárão, ou ainda se conservão vestigios, dão noticia todas as obras que tratão d'antiguidades, e d'Historia Ecclesiastica e civil d'Hespanha.

(215) A de Isis, em Guadix, de prata, que pesava mais de 3:000 ducados. Rodrigo Caro, *Memorial Historico*, T. 1.°, p. 475.

(216) Plinio, L.° 34, Cap. 9.°, p. 208 do L.° 9.°

(217) Em Murviedro, Princepe Pio, l. c., p. 70. A inscripção vem na estampa 21, N.° 184.

e por consequencia do luxo que as alimenta, lavrou por toda a Hespanha; e como os conhecimentos scientificos dos Romanos erão moldados em prototypos Gregos, a lingua, e litteratura Gregas, havião necessariamente ser tambem cultivadas na Peninsula Iberica.

São de duas especies os documentos desta illustração.

Escriptores em cujas obras apparecem claramente as doutrinas Gregas, tiradas dos AA. que as professárão.

Inscripções Gregas, ou mesmo Latinas com palavras Gregas, fóra daquellas que já estavão introduzidas na lingua Latina, ou com alguns caracteres Gregos, misturados com os Romanos, ou finalmente relativas a objectos que revelem uma origem Grega, ou a profissões a cujo cargo estivesse difundir os estudos Hellenicos.

Produzir todos estes documentos na sua ordem chronologica é impossivel; porque são mui poucos os que tem data, ou que apresentão alguma circunstancia por onde se conheça, nem aproximadamente, o tempo a que pertencem; e até, pelo que respeita aos Escriptores, o mais que póde verificar-se é seculo em que vivêrão, e os limites, mais ou menos circumscriptos de sua existencia.

Mas para que a erudição Grega que appareceo nas obras dos Escriptores, que se dizem Hespanhoes, possa ser um testemunho de que na Hespanha se cultivárão as lettras Gregas, no tempo em que elles florecião, é necessario mostrar

1.° Que elles erão Hespanhoes:

2.° Que aprendêrão na Hespanha, porque se forão estudar fóra della nada aproveitão os seos conhecimentos para provar que então se cultivava na Peninsula a Litteratura Grega.

Consequentemente, pelo que respeita aos Escriptores, procurarei indagar, discorrendo pela ordem dos seculos da era Christam, quaes forão os Hespanhoes, cujas obras, nutridas com erudição Grega, chegárão até nós, que tiverão realmente essa erudição, e se a recebêrão no seo Paiz.

ESCRIPTORES DO 1.° SECULO.

Os Escriptores do 1.° seculo, que se atribuem á Hespanha, são Hygino, a familia dos Senecas, Pomponio Mela, Columella, Quintiliano e Marcial.

CAYO JULIO HYGINO.

A unica noticia authentica deste Escriptor é a que nos dá Suetonio, dizendo-nos « que foi liberto d'Augusto, natural d'Hespanha « (ainda que alguns o julgão Alexandrino, e trazido por Cesar para

«Roma, na sua puericia, depois da tomada de Alexandria); foi disci-
«pulo applicado de Cornelio Alexandre, Grammatico Grego, a quem
«imitou, e a quem muitos davão o nome de *Polyhistor*, outros o de
«*Historia*, pelo conhecimento que tinha da antiguidade. Foi Perfeito
«da Bibliotheca Palatina (em Roma), e nem por isso deixou de en-
«sinar a muitos; teve grande amisade com Ovidio, e com o Histo-
«riador Caio Licinio, varão consular, que refere ter elle morrido mui
«pobre, e têlo sustentado á sua custa em quanto viveo (218).»

S. Jeronimo, no 4.º anno da Olympiada 192, traz — C. Julio
«Hyginо, appellidado Polyhistor, é considerado como Grammatico il-
«lustre — (219).» Esta noticia é uma interpolação de S. Jeronimo; por
que não existe no texto Armenio (220), e parece-me que o Santo se
enganou, qualificando a Hygino com a antonomasia de seo Mestre
Cornelio Alexandre.

Não me compete examinar se pertencem, ou não, a este Hygino
todas as obras que andão em seo nome. Nas dissertações de Scheffer
e de Munker poderá satisfazer a sua curiosidade quem a tiver de oc-
cupar-se de semelhante materia (221). O que se deduz do texto de
Suetonio é que ou Hygino fosse Hespanhol, ou de Atexandria, a sua
erudição Grega adquirio-a em Roma, onde seo Mestre Cornelio Ale-
xandre ensinou (222), e onde elle viveo e morreo; e que por isso nada
prova a favor da cultura dos estudos Hellenicos na Peninsula, no seo
tempo.

---

(218) C. Julius Hyginus, *Augusti libertus, natione Hispanus [etsi non-
nulli Alexandrinum putant, et a Caesare puerum Romam advectum, Ale-
xandria capta] studiose et audiit et imitatus est Cornelium Alexandrum,
Grammaticum Graecum: quem propter antiquitatis notitiam* Polyhistorem
multi, quidam Historiam *vocabant, Praefuit Palatinae Bibliothecae; nec eo
secius plurimos docuit: fuitque familiarissimus Ovidio poetae et Cajo Licinio
consulari, historico; qui eum admodum pauperem decessisse tradit, et liberali-
tate sua, quoad vixerit, sustentatum. De illustris Grammaticis,* §. 20, p. 385
do T. 2.º

(219) *C. Julius Hyginus cognomento Polyhistor, Grammaticus habetur
illustris.* T. 8.º, col. 631 e 632.

(220) T. 2.º, p. 259.

(221) *Auctores Mythographi Latini,* Ed. de Van Staveren, Lugd. Ba-
tav., 1742, assignatura II e seguintes.

(222) Stephani Byzantini. *De Urbibus, voce* ΚΟΤΙΑΈΙΟΝ, Ed. de Ber-
kel, Lugd. Batav., 1694, p. 473.

Meursio, *Commentario ao Timeo de Platão; traduzido por Chalcidio.*
Na edição das Obras de Santo Hippolyto, Hamburgi, 1716, e 1718, T. 2.º,
p. 409.

A FAMILIA DOS SENECAS.

A familia dos Senecas, natural de Cordova, illustre por nascimento, illustrou-se ainda mais pela sua litteratura, em que sobresahírão:

Marco Anneo Seneca, seos filhos Anneo Novato, que teve tambem o nome de Julio Galião, por ter sido adoptado por pessoa do mesmo nome, Lucio Anneo Seneca, e Marco Anneo Mela; e Marco Anneo Lucano, filho de Mela, e neto de Marco Anneo Seneca.

MARCO ANNEO SENECA.

Sem me perder no mar de conjecturas e de combinações que empregárão os PP. Mohedanos para determinar todas as épocas da vida de Marco Anneo Seneca, (223) repetirei só o que consta pelo testemunho delle proprio, de seo filho Lucio Anneo Seneca, e de Marcial; a saber:

Que foi natural de Cordova (224):

Que foi para Roma, depois da morte de Cicero, e que não foi antes por causa das guerras civis (225); e, tendo morrido Cicero no anno 711 de Roma, é claro que, depois deste anno, é que M. Anneo Seneca partio para a capital do Imperio:

Que foi casado com Helvia (226); porém nenhum escriptor coevo, que eu saiba, diz se elle casou em Roma, ou em Cordova, ou mesmo na Hespanha: O que parece é que veio de Roma a Cordova, e que de lá voltou para Roma; porque Marcial faz os dous Senecas mais

---

D. José Rodrigues de Castro, *Biblioteca Española*, T. 2.°, p. 2 e 3.

(223) *Historia Literaria d'España*, T. 6.°, de p. 17 até p. 159.

(224) *Duos Senecas, unicumque Lucanum*
Facunda loquitur Corduba.

L.° 1.°, Epigramma 62, Ed. de Smids, Amstelaedami, 1701, p. 46.

(225) *Omnes autem magni in eloquentia nominis, excepto Cicerone, videor audisse, Nec Ciceronem quidem aetas mihi eripuerat, sed bellorum civilium furor, qui tunc totum orbem pervagabatur, intra coloniam meam me continuit*, Controversias, L.° 1.°, prefação, Edit. Variorum, Amstelodami, 1672, p. 67 do T. 3.°

(226) L. Anneo Seneca. *Consolatio ad Helviam*, Cap. 2.°, T. 1.°, p. 168.

notaveis, naturaes daquella Cidade (227), e Lucio Anneo Seneca diz, que foi levado para Roma nos braços de sua Tia, Irmam de sua Mãe (228); e tendo M. Anneo Seneca ido para Roma depois da morte de Cicero, para se verificar o que diz o Seneca Philosopho, era necessario que seo Pae voltasse de Roma a Patria:

Que chegou a uma idade muito avançada; porque já quando escreveo as Controversias se queixa de de ser velho, falto de vista, de ouvido, e de memoria, conservando-a só com vigor daquillo que tinha aprendido na sua puericia e juventude (229):

E que morreo em Roma (230).

Os PP. Mohedanos não duvidão de que M. Anneo Seneca aprendesse a lingua Grega em Cordova (231); porque, segundo elles afirmão, havia ali escolas de Grammatica Grega, como consta d'um monumento antigo; porém eu duvido que assim fosse:

1.º Porque o monumento allegado (232) é a inscripção sepulchral posta a Domicio Isquilino, Mestre de Grammatica Grega (233), que não tem data, nem outro algum indicio por onde se conheça quando foi feita; e por tanto é impossivel saber se é ou não anterior a Seneca, sendo mais provavel que seja posterior; porque, só depois de acabadas as guerras na Hespanha, que durárão até ao tempo d'Augusto, é que podia lavrar mais desempeçadamente na Peninsula o estudo das Lettras, e das Sciencias.

2.º, Porque M. Anneo Seneca era da mesma idade de Porcio Ladrão, foi seo companheiro desde a primeira puericia até ao ultimo dia da sua vida, e forão ambos condiscipulos na Escola de Marillio, onde

---

(227) l. c. na nota 224.

(228) *Illius manibus* [nas de sua Tia] *in urbem perlatus sum. Consolatio ad Helviam*, Cap. 17, p. 204 do T. 1.º

(229) *Sed cum multa jam mihi ex me desideranda senectus fecerit, oculorum aciem retuderit, aurium sensum hebetaverit, nervorum firmitatem fatigaverit: inter ea quae retuli, memoria est res ex omnibus partibus animi maxime delicata et fragilis: in quam primam senectus incurrit. . . . . .Nam quaecumque apud illam aut senex, aut juvenis deposui, quasi recentia, et modo audita sine cunctatione profert. At si qua illi intra proximos annos commisi, sic perdidit et amisit, ut etiam si saepius ingerantur, totiens tanquam nova audiam.* L.º 1.º das Controversias, Prefação, p. 63 e 64 do T. 3.º

(230) L. Anneo Seneca, *Consolatio ad Helviam*, Cap. 2.º, p. 168 do T. 1.º

(231) *Historia Literaria d'España*, T. 6.º, p. 35.

(232) Ibi, T. 3.º, p. 162, N.º 30.

(233) *Masdeu. Historia Critica d'España*, T. 6.º, p. 165, N.º 829.

Porcio Ladrão recitou a sua primeira declamação, sendo ainda muito moço (234), consequentemente, como não era possivel que Porcio principiasse a declamar logo que entrou na Escola de Marillio, segue-se que, tanto elle como Seneca, quando ali principiárão a estudar, estavão no fim da sua puericia, ou no começo da adolescencia. Por outra parte dizem os PP. Mohedanos que passados os 14 annos, o mais tardar, começavão os meninos o estudo da eloquencia entre os Romanos, e que estes hião á escola dos Rhetoricos, desd'os 14 annos, ou 16 (235).

Sendo isso assim, o que me parece é que os Paes de M. Anneo Seneca e de Porcio Ladrão mandárão seos filhos a Roma para ali receberem a sua educação litteraria, como hoje acontece, enviando cada um seos filhos ás Universidades, e que lá aprendeo Seneca o Grego, o que Porcio Ladrão não quiz fazer, porque ignorava e despresava a Litteratura Grega (236).

Era costume no 1.° seculo, e nos seguintes, enviarem os Paes de familias seos filhos a Roma, com o intuito de fazerem maiores progerssos nos estudos das Lettras, e a Hespanha offerece grande multidão de mancebos que no primeiro seculo sahírão della, e se criárão naquella grande cidade, onde se instruírão em todo o genero d'erudição (237), isto tinha por fim não só adquirir ali maior somma d'instrucção do que na sua Patria, mas igualmente fazer-se conhecido, e habilitar-se, por este modo, para alcançar os cargos publicos, e as honras que elles trazião com sigo.

---

(234) *Latronis enim Porcii, carissimi mihi sodalis, memoriam saepius cogar retractare, et à prima pueritia usque ad ultimum ejus diem perductam familiarem amicitiam cum voluptate maxima repetam.* Controversias, L.° 1.°, Prefação, p. 69 do T. 3.°

Cum disciputi essemus apud Marillium rhetorem, Ibi, p. 74.

Ab ea autem controversia incipiam, quam primam declamasse Latronem meum memini, admodum juvenem, in Marillii schola, cum jam coepisset diem ducere. Ibi, p. 76.

(235) *Historia Literaria d'España.* T. 6.°, p. 27 e 43.

(236) *Graecos enim et contemnebat, et ignorabat.*
M. Anneo Seneca. Controversias. L.° 5.°, controversia 33, p. 382 do T. 3.°

[237] *Que cosa mas sabida que la costumbre de el siglo I. y de los seguientes de enviar los padres de familias sus hijos à Roma, à fin de que hiciessen mayores progressos en el estudio de las letras? Sola nuestra España nos oferece, gran multitud de Jovenes que en el mismo siglo salieron de ella, y se criaron en aquella gran ciudad donde se instruyeron en todo genero de erudicion.* Risco, *España Sagrada.* T. 33, p. 108, col. 2.ª

Porém, ainda quando se rejeite esta hypotese, o que não póde deixar de admittir-se é que nenhuma prova existe de que houvesse escola Grega em Cordova no tempo de Seneca, nem de que este escriptor aprendesse nella; e por consequencia da sua Litteratura Hellenica não se conclue que ella se cultivasse então na Peninsula.

LUCIO ANNEO SENECA.

Lucio Anneo Seneca, nasceo em Hespanha, em Cordova, segundo Marcial (238), donde foi levado para Roma nos braços de sua Tia, Irmam de sua Mãe (239); e ali se criou, e aprendeo. Foi Mestre de Nero, que o encheo d'honras e riquezas, e por fim o mandou matar, no anno 65 de Jesus Christo (240). A sua educação litteraria não pertence por tanto á Hespanha.

D. José Rodrigues de Castro, diz que Lucio Anneo Seneca foi segundo filho de M. Anneo Seneca, e de Helvia, que foi a sua segunda Mulher (241). Não sei que até agora a ninguem viesse á idea que Helvia fosse segunda Mulher de M. Anneo Seneca, nem que elle tivesse casado com outra Mulher antes, ou depois desta. E semelhante equivocação é ainda mais notavel em D. José Rodrigues de Castro, porque, tratando de Marco Anneo, só menciona o seo casamento com Helvia. Naturalmente confundio os dous Senecas Pae e Filho; porque o Seneca Philosopho é que foi casado duas vezes.

Não me occupo dos outros dous filhos do Seneca, Novato e Mela, porque não chegárão até nossos dias obras suas.

MARCO ANNEO LUCANO.

Marco Anneo Lucano foi filho de Anneo Mela, terceiro filho de M. Anneo Seneca.

---

(238) V. a nota (224).

(239) V. a nota (228).

(240) Tacito. Annaes, L.° 15.°, Cap. 61 a 64, p. 287 a 291 do T. 3.°

Sobre as riquezas e honras que recebeo de Nero. V. Tacito, Annaes, L.° 14.°, Cap. 53 a 56, p. 219 a 222 do mesmo Tomo.

(241) *Lucio Anneo Seneca, Hijo segundo de Marco Seneca y de Helvia, que fue la segunda Muguer de Marco. Biblioteca Española,* T. 2.°, p. 32, col. 2.ª

Poderia duvidar-se de que elle fosse natural de Cordova, porque, sendo inadmissivel a opinião de ter seo Pae ficado em Cordova para administrar os bens dos Avós de Lucano, como bem provárão os PP. Mohedanos (242), não ha tambem nenhuma noticia de que seo Pae depois de ter ido, na sua infancia para Roma (243), voltasse á Patria, á excepção d'uma vida de Lucano, que se diz muito antiga, mas de que se ignora por quem, e quando foi escripta (244); e neste caso poderia chamar-se-lhe Cordovez por ser oriundo, e não natural de Cordova. Consta unicamente que Anneo Mela estava ausente de Roma, quando morreo seo Pae M. Anneo Seneca (245).

Custame valerme da authoridade d'uma obra de que não conheço o Author, nem sei o tempo em que foi composta; e muito mais, relatando-se nesta vida circunstancias indubitavelmente falsas, até na conta dos annos da existencia de Lucano (246); com tudo como, ou seo Pae tivesse ficado em Roma e não voltasse á Hespanha, ou tivesse voltado e della tornasse para Roma, isso nada influe no que respeita ao meo assumpto, seguirei o que se refere na mencionada vida cujo testemunho ninguem até agora contestou, excepto Tiraboschi (247); e muito principalmente porque Marcial considera Lucano como Cordovez (248).

Poderia ainda comprovar-se ser Cordova a patria de Lucano com a inscripção seguinte, se ella fosse genuina.

M. ANNEO. LUCANO.
CORDUBENSI. POETAE.
BENEFICIO. NERONIS.
FAMA. SERVATA.

---

(242) *Historia Literaria d'España*. T. 10.°, p. 3 e seguintes.

(243) V. a nota N.° 228; Anneo Mela era irmão mais moço de Seneca Philosopho, e foi com elle para Roma. V. os P.P. Mohedanos na vida de M. Anneo Seneca, T. 6.° da obra citada.

(244) *Vita ex commentario antiquissimo*. Lucano, Ed. de Oudendorp, Lugd. Batav. 1728, T. 1.°, assignatura ** ** 3,2; e n'outras edições mais antigas.

(245) L. Anneo Seneca, *Consolatio ad Helviam*, Cap. 2.°, p. 168 do T.° 1.°

(246) Tiraboschi, *Storia della Letteratura Italiana*, T. 2.°, P. 1.ª, p. 65. Ed. de Firenze, 1805.

Os P.P. Mohedanos, l. c., T. 10.°, p. 29, e 46.

(247) l. c. na nota precedente.

(248) V. a nota N.° 224.

Esta inscripção foi publicada por Pedro Crinito, dizendo que se via em Roma; por Vossio, dando-a no templo de S. Pedro desta Cidade; por D. Nicoláo Antonio, citando Grutero que, segundo elle, a tirou das antiguidades de Fabricio, e que a suppunha espuria, e accrescentando que tambem se lembra della Pedro Crinito, na vida de Lucano; e D. José Rodrigues de Castro transcreveo o passo de D. Nicoláo Antonio (249); porém Grutero não cita Fabricio; dá por suspeita a inscripção que vai copiar, em que se lê a palavra *conservata;* cita Morales e outros; emenda a palavra *conservata,* pondo em lugar della *servata;* e diz que Nero mandou pôr esta memoria, como expiação, e movido de arrependimento do que tinha feito, allegando Scip. Gent. (250), opinião que parece abraçou tambem D. José Rodrigues de Castro (251). Porém, a pesar de todas as explicações que se queirão inventar desta inscripção, não póde deixar de se ter por suspeita, como entendêrão Grutero, D. Nicoláo Antonio e os P.P. Mohedanos;

---

(249) *Visitur adhuc Romae in marmoreis monumentis id elogium de Lucano priscis litteris.* Vita Lucani ex Petris Criniti, *De Poetis Latinis,* Livro III, na ed. de Oudendorp., T. 1.°, assignatura ** ** * 3.

Romae in templo B. Petri inscriptio in marmore istius modi est. Vita ex G. J. Vossii, *De Historicis Latinis,* L.° 1.°, Cap. 26, l. c., assignatura ** ** **.

Lucano tamen, ut è diverticulo in viam, publico programmate conservatam fuisse famam ostendit, si fidei lubricae non est lapis Romanus, quem è Fabricii antiquitatibus *Gruterus habuit* [pōem a inscripção] *quamvis spuriis et supposititiis ille accenseat. Memenit et in* Lucani vita *Petrus Crinitus.* D. Nicoláo Antonio, *Bibliotheca Vetus,* T. 1.°, p. 55, col. 191 e 192.

D. José Rodriguez de Castro, *Biblioteca Española,* T. 2.°, p. 78.

(250) 2 Cordubae, suspectum habuerim.

M. ANNEO &c.

. . . .

. . . .

FAMA.

* CONSERVATA.

E Morali aliisque.

* *A Nerone poenitentia et dolore ducto. Vid. Scip. Gent. Lib. I. de conjuratione, p. 85. In lapide non* conservata *sed* Servata *legi, testes fidedignos et occulatos se habere dicit Boldon. lib. IV. Epig.* Grutero, *Inscriptiones,* Ed. Amstelaedami, 1707, T. 1.°, P. 2.ª, p. CCCLIV. N. 2.

(251) *Por querer Lucano tomarse satisfacion de esta injuria tuvo el*

(252); porque é impossivel acreditar que Nero, depois de ter mandado matar Lucano, pelo ciume que tinha da sua superioridade poetica, e por ter conspirado contra elle, como consta dos Authores que escrevêrão a vida de Nero, quizesse perpetuar a memoria daquelle mesmo a quem odiava.

Conta-se na indicada vida que Lucano foi, na idade de oito mezes, para Roma (253), consequentemente ali se educou; e por isso a sua erudição Grega não a recebeo na Hespanha, mas na capital do Imperio, onde viveo, e onde foi victima da crueldade de Nero, no anno 65 de Jesus Christo (254), sendo ainda muito moço,

Quanto ás Antiguidades de Fabricio, não sei que obra é. Conheço um opusculo de Fabricio que tem por titulo « *Georgii Fabricii Chemnicensis Veteris Romae cum nova collatio* » que anda junto com o Livro de Justo Lipsio « *Roma illustrata, sive Antiquitatum Romanarum Breviarium* » e com outros tratados do mesmo escriptor, de que vi duas edições. Na de que me servi ha uma lista dos AA. que Fabricio consultou, entre os quaes vem Lucano; porém não me parece que o citasse em parte alguma. No referido opusculo menciona Fabricio mais duas obras suas.

A 1.ª sobre os cemiterios e xenodochios.

A 2.ª publicada por elle, junta com o Livro de Velio Fido Lubencio sobre a Via Flaminia (255). Porém nenhuma destas obras pude encontrar.

POMPONIO MELA.

O que delle se sabe, pelo seo testemunho, é que foi natural da Betica, d'uma terra situada na costa desta Provincia e proxima do

---

desliz, en sentir de Cornelio Tacito, de conspirar contra Neron, *que fue lo que le ocasionó su muerte tan temprana: pero esto no impedió á que en obsequio suyo se pusiesse esta inscripcion Romana que trae Grutero* etc., l. c. na nota precedente.

(252) *Historia Literaria d'España*, T. 10.°, p. 47.

(253) *In patria sua non valuit educari.... Octavum enim mensem agens Romam translatus et.* Ed. d'Oudendorp citada, T. 1.°, assignatura ** ** 3,2.

(254) Tacito, *Annales*, L.° 15, Cap. 70, p. 294 do T.° 2.°

(255) As edições são de Amsterdam 1657, e de Londres 1692, ambas em 12.° A lista dos AA. vem a p. 253 da edição de 1692 *Quae* [columnas] *libello quodam cum coemiteriis et xenodochiis, additis clarorum virorum epitaphiis, separatim annotavimus*, p. 288 da ed. de 1692.

Fit ejusdem viae [a Flaminia] *mentio in libello Velii Fidi Lubentii, quem cum Antiquitatis aliquot monumentis edidimus.* Ibi. p. 324.

Estreito de Gibraltar (256); porém qual fosse esta terra *adhuc sub judice lis est*. Colhe-se, por um passo da sua obra (257), que escreveo ao tempo de Claudio, depois de ter triumphado dos Britanos; e tendo-se verificado este triunfo no anno 796 a 797 de Roma (258), escreveo Mela depois deste anno. Não consta porém se escreveo em Hespanha ou em Roma, com tudo considerando, por uma parte a pureza de lingua, e a elegancia com que escreveo em Latim, taes que dêrão lugar a afirmar-se que, se Cicero tivesse concluido a obra geographica que principiou, não a escreveria mais elegantemente (259); a copia de AA. Gregos de que se servio para compor a sua Geographia, alguns dos quaes cita, como Homero, Hyparcho, Temistagora Milesio, e outros não nomea, como Ephoro, Hecateo, Hellanico, Theagenes de Cydna, Artemidoro, Erathostenes, Polybio, Apollonio Rhodio, Metrodoro etc., principalmente Herodoto de cujos lugares, aproveitados por Mela, fez André Scotto um index, inserto nas edições de Gronovio (260); o gosto que tinha pela lingua Grega, e que se revela adoptando terminações Gregas nos nomes das Regiões e terras, como Europe, e Europen, Palestine, Crete, Armene etc, etc. (261), e usando ás vezes, de fórmas Gregas nas suas frases (262): e attendendo, por outra parte, a que é mui difficil, senão impossivel, escrever com muita perfeição, qualquer lingua estranha, sem ter estado bastante tempo, no paiz em que ella se falla, e que para ter tanta erudição Grega difficilmente poderia alcançala na Hespanha;

---

(256) *Sinus ultra est, in eoque Carteia, [ut quidam putant, aliquando Tartessos], et quam transvecti ex Africa Phoenices habitant, atque unde nos sumus, Tingentera. Tum Mellaria* etc. L.° 2.°, Cap. 6.°, N.° 9, P. 1.ª, p. 68, Ed. de Tzuschuck, Lipsiae, 1807.

(257) *Britannia qualis sit, qualesque progeneret, mox certiora et magis explorata dicentur. Quippe tamdiu clausam aperit ecce Principum maximus, nec indomitarum modo ante se, verum ignotarum quoque gentium victor, propriarum rerum fidem ut bello adfectavit, ita* triumpho *declaraturus portat*. L.° 3.°, Cap. 6.°, N.° 4, p. 92 da P. 1.ª

(258) Ibi, P. 1.ª, Prefação, de p. IX a p. XII. Dion Cassio, L.° 60; Cap. 23 do T. 2.°, p. 960.

(259) *Ex quo non temere Schottus judicare videtur, ne ipsum quidem Ciceronem, si Geographica, quae scribenda susceperat, absolvisse, elegantius scripturum fuisse*, Mela. Prefação, p. XXXIII da P. 1.ª

(260) Idem. Prefação, p. XXIV a p. XXIX.

(261) 1748, e 1782, a p. 330, em ambas as edições.

(262) Mela, Prefação, p. XXXVI e XXXVII.

porque os Livros para isso necessarios não se multiplicavão então, como agora, e não penetravão, por tanto, com facilidade nas Provincias distantes de Roma, parece quasi certo que Pomponio Mela foi adquirir na Capital do Imperio os seos conhecimentos na Litteratura Grega, dando mais força a este modo de sentir não constar coisa alguma de seos estudos na Patria.

LUCIO JUNIO MODERATO COLUMELLA.

O que unicamente consta da vida de Culumella é pelo testemunho de sua obra; e vem a ser:
Que nasceo em Cadiz (263):
Que estava em Roma antes do fim do anno 773 de Roma; porque nesse tempo morreo L. Volusio (264), a quem tratou Columella (265):
Que parece ter ido para Roma já depois de passados os limites da infancia, e mesmo da primeira adolescencia; porque refere mui variadas praticas agricolas, usadas por seo tio M. Columella (266), a que não é natural que desse attenção um rapaz muito moço; e porque, antes de ir para aquella Cidade, percorreo toda a Betica (267):

---

(263) Fallando dos peixes « *ut Atlantico faber, qui* et in nostro Gadium municipio *genorosissimis piscibus adnumeratur*. *Scriptor. Rei Rusticae Latinor.*, Ed. de Schneider, 1794 e seguintes, L.° 8.°, Cap. 16, N.° 9, p. 425 do T. 2.°, P. 1.ª

Et mea, quam generant Tartesi littore Gades, Idem, L.° 10.°, verso 185, p. 482 do mesmo tomo.

(364) *Fine anni* [773 de Roma] *concessere vitâ insignes viri, L. Volusius et Sallustius Crispus*, Tacito, *Annales*, L.° 3.°, Cap. 80, p. 183 do T. 1.°, da ed. de Valpy, Londini, 1812.

(265) *Sed et ipse nostra memoria veterem consularem virumque opulentissimum L. Volusium asseverantem audivi. Script. Rei Rust.*, L.° 1.°, Cap. 7.°, N.° 3, p. 58 do T.° 2.°, P. 1.ª

(266) Ibid, L.° 2.°, Cap. 15, N.° 4; L.° 5.°, Cap. 5.°, N.° 15; L.° 7.°, Cap. 2.°, N.° 4; L.° 12.°, Cap. 21, N.° 4, Cap. 40, N.° 2, e Cap. 44, N.° 5; p. 114, 251, 344 *in fine*, 579, 593, e 597 do T. 2.°, P. 1.ª

(267) *Quales in Italia Sabinorum vel tota Provincia Baetica videmus*, fallando dos lugares mais proprios para a cultura das oliveiras, Ibid. L.° 5.°, Cap. 8.°, N.° 5, p. 267. E cita uma palavra usada pelos rusticos daquella Provincia *Sed hunc actum provinciae Baeticae rustici* acnuam *vocant: iidemque triginta pedum latitudinem* et CLXXX *longitudinem* porcam *dicunt*. Ibid. L.° 5.°, Cap. 1.°, N.° 5, p. 238. Alguns Codices de Columella trazem, em

Que viveo no tempo d'Eprio Marcello, a quem dedicou a sua obra *de Arboribus*. Tacito falla diversas vezes em Eprio Marcello, relatando suceessos da sua vida, acontecidos nos annos 802, 811, 819, 822, e 823 de Roma (268), porém não se sabe em que época della estava Columella em Roma, para lhe offerecer a sua obra, ou se lha offereceo estando fóra de Roma:

Que compoz a obra sobre a Agricultura antes da morte de L. Anneo Seneca, e de seo Irmão mais velho Anneo Novato, ou L. Julio Gallião; porque do primeiro falla nella, como de pessoa então existente (269); e por comprazer ao segundo, e a Silvino, escreveo o L.º 10.º da cultura dos hortos (270); consequentemente foi a sua obra composta antes do anno 818 de Roma, em que Nero mandou matar L. Anneo Seneca, e posteriormente seos dous Irmãos Novato e Mela (271): Que esteve na Cilicia e na Syria (272): Schneider conjecturou que

---

lugar de *acnuam, agmiam, agmina, agnam*, e *agnuam* [V. a nota (*l*) da citada p. 238]. Eu adoptaria *agnuam*, que é a palavra que mais se aproxima de *acnuam*; porque *acnua* é uma palavra Latina, segundo Varrão « *is modus* acnua *Latine appellatur. Scriptor. Rei Rust.*, L.º 1.º, Cap. 10.º, N.º 2, p. 153 do T. 1.º, P. 1.ª »; e por tanto não havia dar Columella como peculiar aos rusticos da Betica, uma palavra Latina. Os diccionarios de Gesner e de Forcellini trazem este vocabulo só com a authoridade de Varrão, derivando-o do Grego ἄκενα, ou ἄκαινα, e mencionando o passo de Columella. O que eu concluo de tudo isto é que semelhante passo anda errado em todas as edições deste Autor.

(268) *Annaes*, L.º 12.º Cap. 4.º; L.º 13., Cap. 33; L.º 16, Cap. 22, 26, 28, 29 e 33, p. 50, 142, 322, 324, 325, 327 e 333 do T. 2.º *Historia*, L.º 2.º, Cap. 53 e 95; L.º 4.º, Cap. 6 a 8 e 43, p. 133, 168, 266, 267, e 299 do T. 3.º da ed. de Valpy, Londini 1812.

(269) *Nomentana Regio celeberrima fama est illustris, et praecipue quam possidet* Seneca, vir excellentis ingenii et doctrinae. Script. Rei Rust., L.º 3.º, Cap. 3.º, N.º 3, p. 138 do T. 2.º, P. 1.ª

(270) *De cultu hortorum*, Publi Silvine, *deinceps ita*, ut et tibi et Gallieni nostro complacuerat, *in carmen conferemus*. Idem, L.º 9.º, Cap. 16, N.º 2, p. 471.

(271) Tacito, *Annaes*, L.º 15, Cap. 60 a 63, p. 287 a 290 do T. 2.º, dá a morte de L. Anneo Seneca em 818 de Roma, e a de seo Irmão Mela em 819, L.º 16, Cap. 17, p. 316, do mesmo Tomo. Dion Cassio diz simplesmente que os Irmãos de Seneca forão mandados matar depois delle [L.º 62, Cap. 25, p. 1:022 do T. 2.º] e na nota 128 da mesma pag. é que se inculca ter sido morto Gallião depois de Mela, mas sem allegar authoridade que o prove.

(272) *Sed hoc idem semen* [o gergelim] *Ciliciae Syriaeque regionibus*

Columella poderia estar nestes Paizes no tempo em que Eprio foi Pretor na Lycia (273); porém isto não passa de uma conjectura: Que teve vinhas nos campos Ceretanos da Etruria; porque fallando com Silvino, a quem frequentemente se dirige na sua obra, diz « Pa- « rece prodigioso o que aconteceo nos nossos Ceretanos, onde alguma « cepa, nas tuas propriedades, teve mais de 2:000 cachos, e nas mi- « nhas 80 enxertos de dous annos me dêrão sete culleos de vinho » (274); e para que não possa haver duvida de que se dirige a Silvino, faz n'outro passo menção delle, como proprietario nos campos Ceretanos (275); Schneider, seguindo a opinião de Beroaldo, entende que os Ceretanos a que se refere Columella, não erão os da Etruria, mas sim os Cerretanos da Hespanha Citerior (276); e já tinha dito que o predio Ceretano de Columella era na Serdenha (277); porém o passo de Columella é d'uma intelligencia tão facil que não admitte duas interpretações, Columella, dirigindo-se a Silvino, falla collectivamente nos nossos Ceretanos, *in nostris Ceretanis*; isto é, nas propropriedades que ambos possuião naquelle sitio, e depois falla individualmente daquellas, que cada um delles ali tinha, *apud te*, e *apud me*. Ás vezes a muita erudição, desacompanhada d'outras qualidades, confunde o que se pertende illustrar.

Os P.P. Mohedanos já mostrárão a differença que havia entre os campos *Ceretanos* ou *Caeretanos*, junto á cidade de *Caere*, antiga-

---

ipse vidi *mense Junio Julioque conseri. Script. Rei Rust.*, L.° 2.°, Cap. 10.° N.° 18, p. 17 do T. 2.°, P. 1.ª

(273) *Aetas igitur Eprii cum Columellae aetate praeclare congruit; Ante A. U. 811. quo Lycii res suas ab eo repetebant, Lyciam propraetore rexisse videtur.* Forte eo illum secutus Columella Syriam Ciliciamque adiit, *quod colligere licet ex loco Columellae* [o passo citado na nota precedente] Idem, p. 673 do T. 2.°, P. 2.ª

(274) *Nam illa videntur prodigialiter in nostris Ceretanis accidisse, ut aliqua vitis apud te excederet uvarum numerum duorum millium, et apud me octogenae stirpes insitae intra bienium septenos culleos peraequarent. Scrip. Rei Rust.*, L.° 3.°, Cap. 3.°, N.° 3, p. 138 do T. 2.°, P. 1.ª

(275) *Publi Silvine, perhibere nobis potes, cum pulchre memineris, a me duo jugera vinearum intra tempus biennii ex una praecoque vite, quam in Ceretano tuo possides, insitione facta consummata* etc. Idem, L.° 6.°, Cap. 9.°, N.° 6, p. 150 do T. 2.°, P. 1.ª

(276) *Beroaldus recte monuit non respici Ceretes Etruriae, sed Citerioris Hispaniae*, Idem, p. 143 do T. 2.°, P. 2.ª

(277) *Ceretanum in Sardinia praedium memorat* III, *3,3* [é o passo transcripto na nota (N.° 275)]. Idem, p. 3.ª do T. 2.°, P. 2.ª

mente Agylla, na Toscana, e os campos dos Cerretanos, Povos do Principado da Catalunha, no territorio chamado hoje Puigcerdá, segundo Florez, e que aos primeiros se referia Columella (278). E que tinha tambem propriedades na Italia nos campos Ardeatino, Carseolano e Albano (278 *a*). Não consta que Columella voltasse á Hespanha, nem se sabe quando morreo; mas, pelo que fica expendido, parece que, tendo-se elle afazendado na Italia, ali falleceo.

Citando Columella muitos A.A. Gregos, e encontrando-se frequentes vezes na sua obra, palavras escriptas em Grego, parece que a ninguem poderá occorrer, que elle não fosse, até mui perito, na lingua Grega; porém eu duvido que a sonbesse; e eis aqui os motivos da minha desconfiança, principiando pelos A.A. que cita.

Diz Columella « Que nos antigos se achão muito mais coisas que « devão approvar-se do que as que se devem rejeitar. Que é grande a « multidão de Gregos que deo preceitos sobre coisas d'agricultura « (279) » e começando a enumeralos, interrompe o seo cathalogo com a observação seguinte « E outros, posto que de menos fama, cuja pa- « tria não sabemos, contribuírão tambem, algum tanto, para o nosso « estudo (280). » Continua a sua lista, e torna a interrompela com a advertencia de que « recebeo auxilios de mais alguns que nomea « (281). » Á vista disto julgar-se-hia indubitavel que Columella se servio de todos os A.A. que nella menciona: porém comparando-a com a noticia que nos dá Varrão de serem mais de 50 os A.A. Gregos que escrevêrão sobre diversos ramos d'agricultura, e apontando aquelles com quem podemos aconselhar-nos (282), alguma luz

---

(278) *Historia Literaria d'España*, T. 8.°, de p. 41 a 66.

(278 *a*) *Id autem cum sit verissimile, tum etiam verum esse nos docuit experimentum*, cum et in Ardeatino agro, quem multis temporibus ipsi ante possedimus, et in Carseolano itemque in Albano generis Aminaci vites hujusmodi notae habuerimus, *numero quidem perpaucas, verum ita fertiles*, Idem, L.° 3.°, Cap. 9.°, N.° 2, p. 148 do T. 2.°, P. 1.ª

(279) *Nam multo plura reperientur apud veteres, quae nobis probanda sint, quam quae repudianda. Magna porro et Graecorum turba est, de rusticis rebus praecipiens; cujus princeps* etc. Idem, L.° 1.°, N.° 6 e 7, p. 36 do T. 2.°, P. 1.ª

(280) *Et alii tamen obscuriores, quorum patrias non accepimus, aliquot stipendium nostro studio contulerunt.* Idem, L.° 1.°, Cap. 1.°, N.° 10, *p.* 37, do T. 2.°, P. 1.ª

(281) *Nec minori fide pro virili parte* tributum nobis intulere etc. Idem, L.° 1.°, Cap. 1.°, N.° 11, p. 37 do T.° 2.°, P. 1.ª

(282) *Qui Graece scripserunt dispersim alius de alia re, sunt plus quin-*

se descobrirá relativamente a este objecto; e para isso copiarei as listas dos A.A. Gregos, apresentadas por Varrão e por Columella, a que me referi.

LISTA DE VARRÃO (283).

« 1» *	« Hieron Siculus et . . .	« 7»
« 2» *	Attalus Philometor de philosophis.	« 9»
« 3» *	« Democritus physicus .	« 2»
« 4» *	« Xenophon Socraticus .	« 3»
« 5» *	« Aristoteles et } peripa-	« 5»
« 6» *	« Theophrastus } tetici. .	« 6»
« 7» *	« Architas pythagoreus, item	« 4»
« 8» *	« Amphiloeus Atheniensis	«12»
« 9» *	« Anaxipolis Thasius . . .	«18»
«10» *	« Apollodorus Lemnius.	« »
«11» *	« Aristophanes Mallotes	« »
«12» *	« Antigonus Cymaeus . .	«23»
«13» *	« Agathocles Chius	«16»
«14» *	« Apollonius Pergamenus	«24»
«15» *	« Aristandrus Atheniensis	«11»
«16» *	« Bacchius Milesius.	«21»
«17»	« Bion Soleus	« »
«18» *	« Chaeresteus } Athenienses	«14»
	et	
«19» *	« Chaereas }	«10»

LISTA DE COLUMELLA.

« 1» *	Hesiodus Boeotius . . .	«48»
« 2» *	Democritus Abderites	« 3»
« 3» *	« Socraticus Xenephon	« 4»
« 4» *	« Tarentinus Archytas. .	« 7»
	Peripatetici masgister ac discipulus	
« 5» *	« Aristoteles, cum	« 5»
« 6» *	« Theophrasto	« 6»
	Siculi quoque	
« 7» *	Hieron et	« 1»
« 8»	Epicharmus, discipulus	
« 9» *	{ Philometor, et . . . . } { Attalus . . . . }	« 2»
	Athenae vero scriptorum frequentiã pepererunt, e queis probatissimi auctores.	
«10» *	« Chaereas.	«19»
«11» *	« Aristandros	«15»
«12» *	« Amphilochus	« 8»
«13» *	« Euphronius.	«25»
«14» *	« Chrestus Euphronis	«18»
	non, ut multi putant, Amphipolites, qui et	

quaginta. Hi sunt, quos tu habere in consilio poteris, cum quid consulere voles. L.º 1.º, Cap. 1.º, N.º 7 e 8, p. 131 do T. 1.º, P. 1.ª

(283) Os numeros postos antes dos nomes dos A.A. indicão a ordem em que elles estão em cada uma das listas.

Este signal (*) mostra comprehenderem-se em ambas as listas os nomes a quem acompanha.

O numero posto depois do nome faz ver o lugar que esse mesmo nome occupa na outra lista.

LISTA DE VARRÃO.

«20» * » Diodorus Prieneus . . . «20»
«21» * « Dion Colophonius . . . . «25»
«22» « Diophanes Nicaeensis
«23» * « Epigenes Rhodius. . . . «15»
«24» * « Euagon Thasius . . . . . «17»
« « Euphronii duo, ...
«25» * unus Atheniensis, ... «13»
«26» alter Amphipolites . . .
«27» * « Hegesias Maronites. . . «26»
Menandri duo,
«28» * unus Prienaeus, ... «19»
«29» alter Heracleotes. . . .
«30» « Nicesius Maronites . . « »
«31» « Pythion Rhodius . . . . « »
Dos outros cuja patria não sabemos são (285)
«32» * « Androtion. . . . . «29»
«33» * « Aeschrion. . . . . «30»
«34» * « Aristomenes. . . . . «31»
«35» * « Athenagoras. . . . . «32»
«36» * « Crates. . . . . «33»
«37» * « Dadis . . . . «34»
«38» * « Dionysius. . . . . «35»
«39» * « Euphiton . . . . «36»
«40» * « Euphorion . . . . «37»
«41» * « Eubolus . . . . «38»
«42» * « Lysimachus . . . . «39»
«43» * « Mnascas. . . . . «22»
«44» * « Menestratus . . . . «40»
«45» * « Pleutiphanes. . . . . «41»
«46» * « Persis . . . . «42»
«47» * « Theophilus . . . . «43»
Todos estes que nomeei escrevêrão em prosa; das mesmas coisas, alguns tambem escrevêrão em verso, como (286)

LISTA DE COLUMELA.

ipse laudabilis habetur agricola, sed indigena soli Attici.
Schneider diz « Varrão traz 2 Euphronios, pelo que parece que Columella queria tambem commemorar 2 Euphronios; porém tão torpemente erradas estão as palavras que não acho como se hão de restituir e corrigir (284)»
«15» * « Rhodius Epigenes. . . . «23»
«16» * « Chius Agathocles . . . . «13»
«17» * « Euagon, et . . . } Thasii . . «24»
«18» * « Anaxipolis . . . } « 9»
e tambem
«19» * « Menander et . . . . «28»
«20» * « Diodorus, compatriotas de Biante, um dos 7 sabios (287. «20»
«21» * « Bacchius et . } Milesii «16»
«22» * « Mnaseas . . . . } «43»
«23» * « Antigonus Cymaeus. . «12»
«24» * « Pergamenus Apollonius. . . . . «14»
«25» * « Dion Colophonius. . . . «21»
«26» * « Hegesias Maronites. . . «27»
Nam quidem
«27» * « Diophanes Bithynius. . «52»
que de todo o
«28» * « Dionysium Uticense . . «51»
traductor do Carthaginez Magon, fez um epitome, reduzindo a 6 livros, o que estava

LISTA DE VARRÃO (283)

«48» * «Hesiodus Ascraeus. . . . « 1»
«49» «Menecrates Ephesius . . « »
A estes excedeo, em reputação,
«50» * « Mago Carthaginien- . . «44»
sis, porque resumio em 28 livos o que andava disperso, os quaes. . . . .
«51» * « Cassius Dionysius . . . « 28»
Uticensis, verteo na lingua Grega, em 20 livros, que mandou ao Pretor Sextilio, accrescentando-lhe não poucas coisas dos livros Gregos daquelles A.A. que referi, e ti-

LISTA DE COLUMELLA.

diffundido por muitos (288) . . . .
E outros, posto que mais obscuros, cujas patrias não sabemos, contribuírão tambem algum tanto para o nosso estudo (289); são estes. . . . .
«29» * « Androtion. . . . . «32»
«30» * « Aeschrion. . . . . «33»
«31» * « Aristomenes. . . . . «34»
«32» * « Athenagoras. . . . . «35»
«33» * « Crates. . . . . «36»
«34» * « Dadis . . . . «37»
«35» * « Dionysius . . . . «38»
«36» * « Euphiton. . . . . «39»
«37» * « Euphorion. . . . . «40»

---

(284) *Varro duos Euphronios habet. . . . unde apparet, Columellam similiter voluisse memorare duos Euphronios, sed verba in turpissimo mendo jacent; nec reperio, quomodo sint restituenda et corrigenda. Script. Rei Rust.*, p. 27 do T. 2.°, P. 2.ª

(285) *De reliquis, quorum quae fuerit patria non accepi, sunt* etc. Idem, L.° 1.°, Cap. 1.°, N.° 9, p. 132 do T. 1.°, P. 1.ª

(286) *Ii, quos dixi, omnes soluta oratione scripserunt, easdem res etiam quidam versibus, ut* etc. Idem, ibid.

(287) Bias foi natural de Priene [V. Suidas], onde tambem nascêrão um dos Menandros apontados por Varrão, e Diodoro.

(288) *Diophanes Bithynius Uticensem totum Dionysium, Poeni Magonis interpretem, per multa diffusă volumina, sex epitomis circumscripsit.* Idem, L.° 1.°, Cap. 1.°, N.° 10, p. 37 do T. 2.°, P. 1.ª

(289) V. a nota 285.

LISTA DE VARRÃO.

rou perto de 8 Livros de Magon. E estes mesmos reduzio utilmente a 6 livros...

«52» * « Diophanes na Bithynia, e os mandou ao Rei Deiotaro (290). «27»

LISTA DE COLUMELLA.

E tambem nos dêrão auxilio (291).......

«38» * « Eubolus (292)...... «41»

«39» * « Lysimachus .... «42»

«40» * « Menestratus .... «44»

«41» * « Pleutiphanes .... «45»

«42» * « Persis .... «46»

«43» * « Theophilus .... «47»

«44» * « Magon devemos principalmente venerar, como pae dos preceitos agricolas, porque os seos memoraveis 28 livros forão, por ordem do Senado, vertidos em Latim (293). «50»

---

(290) *Hos nobilitate Mago Carthaginiensis praeteriit Poenica lingua, quod res dispersas comprehendit libris XXIIX, quos Cassius Dionysius Uticensis vertit libris XX, ac Graeca lingua Sextilio praetori misit: inque volumina de Graecis libris eorum, quos dixi, adjecit non pauca, et de Magonis dempsit instar librorum VIII. Hosce ipsos utiliter ad VI. libros redegit Diophanes in Bithynia, et misit Deiotaro regi. Scriptor. Rei. Rust.* L.° 1.°, Cap. 1.°, N.° 10, p. 132 do T. 1.°, P. 1.ª

A lista de Varrão vem a p. 131 e 132 do T. acima citado.

(291) V. a nota (281).

(292) O texto, de que me sirvo traz *Cleobulus*, porém algumas edições trazem *Eubolus* [V. a nota (*b*), p. 37 do T. 2.°, P. 1.ª, dos Script. Rei Rust.]; por isso adoptei esta lição, e restitui o nome deste A. á sua ordem alphabetica; porque copiando Columella aqui exactamente a Varrão, que segue nos nomes dos A.A. a mesma ordem, não podia pôr Cleobulo depois de Lysimacho. Schneider já observou isto mesmo. *Scrip. Rei Rust.*, p. 251 do T. 1.°, P. 2.ª

(293) *Veruntamen ut Charthaginensem Magonem rusticationis parentem maxime veneremur. nam hujus octo et viginti memorabilia illa volumina ex-*

A confrontrção destas duas listas faz ver:
Que todos os A.A. da de Columella se achão na de Varrão, excepto Epicharmo *N.*° 8, que tambem Plinio cita (294), com a unica differença de assignar Columella patria a Mnaseas *N.*° 22, que Varrão traz, em *N.*° 43, entre aquelles cuja patria ignorava:
E que Columella ommittio Apollodoro Lemnio, Aristophanes Malottes, Bion Soleo, Diophanes de Nicea, Euphronio Amphipolites, Menandro Heracleota, Nicesio Maronita, Pythion Rhodio, e Menecrates Ephesio, citados por Varrão nos N.os 10, 11, 17, 22, 26, 29, 30, 31 e 49; porém como, a respeito de Euphronio Amphipolites, *N.*° 14 de Columella, já observei, seguindo a opinião de Schneider que, estando o passo de Columella muito errado, o que delle se póde colher é que pertendia mencionar dois Euphronios, do mesmo modo que Varrão; e como, por outra parte, Schneider, nas notas a Varrão, afirma, relativamente a Nicesio, que ninguem se lembrou delle, nem é nome Grego; porque devia ser Nicias, ou Nicesias (295); e relativamente a Pythion, que não tinha achado ninguem que fallasse nelle, alem de Varrão, e que provavelmente era um nome errado (296), serão seis os A.A. de Varrão ommittidos por Columella.

Na Lista de Varrão ha duplicado o nome de Diophanes que em N.° 22 vem com o nome genethliaco, *Niceense* (de Nicea), e em *N.*° 52 se diz que na Bithynia reduzio a seis os livros da agricultura de Magon, e os mandou a ElRei Deiotaro. Nicea é uma cidade da Bithynia, consequentemente trata-se de uma mesma pessoa, que em algum dos textos de Varrão viria designada pelo nome da sua patria, e n'outro com o do Paiz a que pertencia, e de que um copista ignorante fez dois A.A.; porque não póde attribuir-se a Varrão tamanha falta de conhecimentos geographicos; e por isso só havia de collocar o nome de Diophanes entre os que traduzírão e compendiárão Magon, e constão dos *N.*os 51 e 52. Assim ficárão reduzidos a cinco os A.A. da lista de Varrão, ommittidos por Columella.

---

senatus-consulto in Latinum sermonem conversa sunt. Script. Rei Rust. L.° 1.°, Cap. 1.°, N.° 13, p. 38 do T. 2.°, P. 1.ª

A lista de Columella vem de p. 36 a p. 38 do mesmo Tomo.

(294) L. 20, Cap 34, p. 537 do T. 6.°

(295) *Nemo praeterea nominavit; sed nec ipsum nomen graecum est. Debebat esse Nicias, vel Nicesias. Script. Rei Rust.*, p. 250 do T. 1.°, P. 2.ª

(296) *Hunc qui praeter Varronem nominaret, neminem reperi. Vitiosum forte est nomen.* Idem, ibid.

Columella não só transcreveo a lista de Varrão, mas até se servio quasi das suas mesmas palavras, porque fallando ambos dos A.A. cuja patria ignoravão.

Diz Varrão .. { *De reliquis*, quorum quae fuerit patria non accepi .. } e Columella { *Et alii tamen obscuriores*, quorum patrias non accepimus........ } (297)

Mas nesta transcripção tem dois descuidos:

Um copiando o *et Attalus Philometor*, *N.*° 2 de Varrão, em que transtornou a ordem destas duas palavras, e pondo *Philometor et Attalus*, fez de uma só pessoa duas. Alguns Commentadores de Columella tem-se dado tormentos para acharem estes dois A.A. (298), quando a unica transposição de um *et*, escrevendo *et Attalus Philometor*, em lugar de Philometor et Attalus, explica tudo. Aconteceo a Columella o mesmo que a todos os que fazem extractos ou apontamentos d'algum A., enganarem-se ás vezes no que transcrevem. E não foi só este o engano de Columella, tambem se enganou citando Catão em lugar de Varrão (299).

O outro descuido foi ommittir o prenome de Dionysio que traduzio em Grego os livros de Magon *N.*° 28 de Columella, e até o motivo porque deve ser considerado como um dos A.A. Gregos que escrevêrão sobre agricultura, que é ter addicionado bastantes coisas aos livros do A. Carthaginez, como se lê na lista de Varrão *N.*° 51.

Notarei finalmente na lista de Columella uma lacuna, a que até agora não se attendeo. Depois de Hegesius Maronites *N.*° 26 traz as palavras « *Nam quidem* » que não tem a que se refirão e, para fazerem sentido, demandão ser precedidas d'uma frase de que sejão o complemento, ou a explicação; porque tambem não podem applicar-se a Diophanes que se segue a Hegesias.

Dizendo-nos Columella que se ajudou dos A.A. comprehendidos na sua lista, e recomendando a Silvino que os consulte, antes de se entregar á agricultura (300), parece que não calaria seos nomes quando se servisse delles; porém não é assim; porque dos 44 que nomeou só apparecem mencionados em todo o decurso do seo livro 9, que são Hesiodo *N.*° 1, Democrito Abderita *N.*° 2, Xenophonte, *N.*° 3, Aristoteles, *N.*° 5, Epicharmo, *N.*° 8, Euphronio, *N.*° 13, Mnasea,

(297) V. as notas 285 e 280.

(298) Script. Rei Rust. T. 1.°, P. 2.ª, p. 248.

(299) No L.° 1.°, Cap. 3.°, N.° 1., p. 41 do T. 2.°, P. 1.ª, como advertio Schneider. Script. Rei Rust., p. 30 do T. 2.°, P. 2.ª

(300) *Hos igitur, Publi Silvine, priusquam cum agricolatione con-*

N.º 22, Dionysio, N,º 28, e Magon, N.º 44 ; sendo mui singular que dos 15 A.A. apontados de N.º 29 em diante, cuja patria Columella ignorava, mas contribuírão para os seos estudos, nem um só fosse por elle allegado ; mas é ainda mais extraordinario que tendo Columella, no principio da sua obra, trazido a collação Pythagoras, Meton, Eudoxo, Chiron, Melampo, Triptolomo, e Aristeo (301), e pouco depois Hipparcho (302), se esquecesse de os incluir no cathalogo dos A.A. que empregou na composição do seu tratado d'agricultura, e que o mesmo succeda quanto a Bolo Mendesio, Heraelito d'Epheso, Nicandro, Euhemero, Hamilcar, e Paxamo.

O que eu concluo de tudo isto é que Columella foi citando os A.A. Gregos pela authoridade dos escriptores Latinos, á medida que os hia lendo ; e que, do mesmo modo, adoptou como sua a lista de Varrão, o que se manifesta ; porque

As mais das vezes as citações de A.A. Gregos são acompanhadas de citações de A.A. Latinos, e se algum desses A.A. é daquelles cujas obras ainda existem, quer Columella os nomee, quer não, lá se achão os A.A. Gregos apontados por Columella.

Outras vezes, declarando que nada póde accrescentar aos A.A. Latinos que tomárão a mesma tarefa que elle emprehendeo, e que um delles, compilou o que havia nos antigos; quando depois allega A.A. Gregos sobre o mesmo assumpto, vem a fazer a confissão implicita de que os cita pela authoridade dos A.A. Latinos.

E tambem cita algumas vezes A.A. Latinos de quem tirou a doutrina Grega.

Assim, nomeando Democrito, Pythagoras, Meton, Eudoxo, Chiron, Melampo, Triptolomo, e Aristeo, inculca que para ser um perfeito agricultor, não tendo conhecimento daquelles A.A., muito aproveitará se na pratica igualar os nossos Tremelios, Sasernas e Stolões (303).

---

contrahas, advocato in consilio. Script. Rei Rust., L.º 1.º, Cap. 1.º, N.º 15, p. 38 do T. 2.º, P. 1.ª

(301) Ibi, L.º 1.º, Proemio, N.º 32, p. 34 do T. 2.º, P. 1.ª

(302) Ibid. L.º 1.º, Cap. 1.º, N.º 4, p. 36.

(303) *Accedit huc, quod ille, quem nos perfectum esse volumus agricolam, siquidem artis consummatae non sit, nec in universa rerum natura sagacitatem Dermocriti, vel Pythagorae fuerit consecutus, et in motibus astrorum ventorumque Metonis providentiam vel Eudoxi, et in pecoris cultu doctrinam Chironis ac Melampodis, et in agrorum solique molitione Triptolomi aut Aristei prudentiam ; multum tamen profecerit, si usu Tremelios Sasernasque et Stolones nostros aequaverit. Script. Rei Rust.* L.º 1.º, Proemio N.º 32, p. 34 do T. 2.º, P. 1.ª

Quando cita Hipparcho, sobre certos objectos astronomicos, diz que Saserna o acredita (304).

Uma das duas vezes que aponta Aristoteles é sobre objectos relativos ás ovelhas, e tinha antecedentemente referido a opinião de Celso a semelhante respeito (305).

Fallando da cultura dos rabanos e dos nabos cita Democrito, e seguidamente Hygino (306).

Fallando dos objectos domesticos a que deve attender o agricultor cita Magon e Hamilcar, e os Gregos Mnaseas e Paxamus, e depois os Latinos M. Ambivio, Maenas Licinio, e C. Macio (307). Hamilcar é de certo citado por Magon.

Repete o que disserão Varrão, e antes d'elle Dionysio e Magon sobre a procreação das mulas, e a citação de Dionysio e de Magon é tirada de Varrão (308); e lembra-se de Chiron e Melampo, do mesmo modo que Virgilio (309).

---

(304) *Multos enim jam memorabiles auctores comperi persuasum habere, longo aevi situ qualitatem caeli statumque mutari; eorumque consultissimum astrologiae professorem Hipparchum prodidisse, tempus fore, quo cardines mundi loco moverentur; idque etiam non* spernendus auctor rei rusticae Saserna videtur adcredidisse. Idem, L.° 1.°, Cap. 1.°, N. 4, p. 35 do T. 2.°, P. 1.ª

(305) Ibi, L.° 7.°, Cap. 3.°, N.° 12, p. 349 do T. 2.°, P. 1.ª

(306) Idem, L.° 11, Cap. 3.°, N.° 61, e 64, p. 547, e 548 do T. 2.°, P. 1.ª

(307) *Parvarum rerum cura non deffuisse Poenis Graecisque auctoribus atque etiam Romanis, memoria tradidit nam et Mago Carthaginiensis, et Hamilcar, quos secuti videntur Graecae gentis non obscuri scriptores Mnaseas atque Paxamus, tum demum nostri generis. . . ut M. Ambivius, et Maenas Licinius, tum etiam C. Matius.* Idem, L.° 12, Cap. 4.°, N.° 2, p. 559 do T. 2.°, P. 1.ª

(308) Columella — *Ut Marcus Varro, et ante eum Dionysius ac Mago prodiderunt.* L.° 6.°, Cap. 37, N.° 3, p. 337 do T. 2.°, P. 1.ª

Varrão, no lugar lugar correspondente, — *Cui ego ut succinerem, subjicio, Magonem et Dionysium scribere, mulam* etc. L.° 2.°, Cap. 1.°, N.° 27, p. 224 do T. 1.°, P. 1.ª O resto, que não se acha em Varrão, é tirado certamente de Magon, porque pertence á Africa. E para maior certesa de ter Columella mencionado Dionysio pela authoridade de Varrão, bastará advertir que é esta a unica vez que na obra de Columella vem citado aquelle traductor de Magon.

(309) *Hinc Amithaonius, docuit quem plurima Chiron.* Ibi, L.° 10.°, verso 348, p. 490 do T. 2.°, P. 1.ª

Antes de principiar a tratar das abelhas assevera que em tal objecto nada póde dizer-se mais, nem melhor do que escrevêrão Hygino, Virgilio e Celso; que Hygino collegio tudo o qne havia nos antigos a este respeito, e que, por isso, só se occupou desta materia, para que a sua obra não ficasse imperfeita (310); e citando depois Euhemero, Aristeo, Euthronio, Nicandro, Aristoteles que é a segunda e a ultima vez que o cita (311), e Democrito (312), é manifesto que de Hygino aproveitou a doutrina daquelles A.A.; e para mais prova até copia um perceito de Hygino, declarando telo este tomado de Aristomacho (313).
Outro testemunho de que Columella não sabia Grego é tambem que authorisando-se com o *Economicon* de Xenophonte, allega sempre a traducção de Cicero (314), signal de que não teve á vista o texto Grego.

Virgilio — *Philerides Chiron Amithaoniusque Melampus*, Georg., L.° 3.°, verso 550. Isto mesmo já foi notado por Schneider, Script. Rei Rust., p. 538 do T. 2.°, P. 2.ª

(310) *Venio nunc ad alvorum curam, de quibus neque diligentius quidquam praecipi potest, quam ab Hygino jam dictum est, nec ornatius quam Virgilio, nec elegantius quam Celso, Hyginus veterum auctorum placita secretis dispersa monimentis industrie collegit: Virgilius poeticis floribus illuminavit: Celsus utriusque memorati adhibuit modum. Quare ne attentanda quidem nobis fuit haec disputationis materia, nisi quod consummatio susceptae professionis hanc quoque sui partem desiderabat, ne universitas inchoati operis nostri, velut membro aliquo reciso, mutila atque imperfecta conspiceretur.* Idem, L.° 9.°, Cap. 2.°, N.° 1, p. 436 do T. 2.°, P. 1.ª

(311) Idem, ibid, p. 436, e 437, e Cap. 3.°, N.° 1, p. 437.

(312) Idem, ibid, Cap. 14, N.° 6, p. 462 do T. 2.°, P. 1.ª

(313) *Hyginus quidem in eo libro, quam de apibus scripsit, Aristomachus, inquit, hoc modo succurrendum* etc. Idem, Ibid., Cap. 13, N.° 8, p. 459.

(314) *Itaque in Oeconomico Xenophontis, quem M. Cicero latino sermoni tradidit* [vir], *egregius ille Ischomachus Atheniensis rogatus a Socrate, utrumne, si res familiaris desiderasset, mercari villicum tanquam fabrum, an a se institutum consueverit; Ego vero, inquit; ipse instituo. Etnim qui me absente in meum locum substituitur, et vicarius meae diligentiae succedit, is ea, quae ego, scire debet.* Idem, L.° 11.°, Cap. 1.°, N.° 5, p. 496 do T. 2.°, P. 1.ª

Haec in Oeconomico Xenophon [et] *deinde Cicero, qui eum Latinae consuetudini tradidit.* Idem, L.° 12, pref., N.° 7, p. 551 do T. 2.°, P. 1.ª

De quibus omnibus M. Cicero auctoritatem Xenophontis secutus in Oeconomico etc. Idem, ibi, Cap. 2.°, N.° 6, p. 55.

E quanto a Magon, de que muito aproveitou, servio-se da traducção Latina, feita por ordem do Senado Romano *N.°* 44; porque a unica vez que cita Cassio Dionysio, traductor Grego do A. Carthaginez, é pela authoridade de Varrão, como acima fica dito (315).

Parece-me, por consequencia, que se existissem as obras dos dois Sasernas, de Tremellio Scrofa, de Hygino, de Julio Grecino, e de outros A.A. Latinos, que muito valêrão a Columella para compôr a sua obra, ahi apparecerião as citações dos A.A. Gregos, por elle allegados.

Quanto ás palavras escriptas em Grego, na obra de Columella, parecem ter sido nella inseridas por copistas que assentárão ser mais acertado transcrever em Grego o que Columella copiou em caracteres Latinos; e, para assim o pensar, fundo-me nas razões seguintes.

1.ª *Palavras que no texto de Columella, publicado por Schneider, vem escriptas em Grego, e que algumas edições e Codices trazem com lettras latinas.*

κεράτιον. *Script. Rei Rust.* L.° 5.°, Cap. 10.°, N.° 20, p. 280 do do T. 2.°, P. 1.ª Na nota (*d*) da mesma pag. vem esta palavra em lettras latinas.

κεράτιον. Ibi, L.° de arboribus, Cap. 25, p. 655. Na nota (*d*) o mesmo.

Ἰταλούς. Ibi, L.° 6.°, pref., N.° 7, p. 290. Na nota (*m*) desta pag. o mesmo que na palavra antecedente. Columella copiou Varrão, que cita Timeo. L.° 2.°, Cap. 5.°, N.° 3, p. 243 do T. 1.°, P. 1.ª, porém advirta-se que algumas edições de Varrão trazem *Italos*, em lettras Latinas, (nota (*b*) da referida p. 243). Talvez acontecesse a Varrão o mesmo que a Columella.

πολύγονον. Ibi, L.° 6.°, Cap. 12, N.° 5, pag. 308. Na nota (*b*) o mesmo que nas precedentes.

γαλακτοπόται. Ibi, L.° 7.°, Cap. 2.°, N.° 2, p. 344. Na nota (*e*) desta pag. o mesmo que já fica lembrado nas antecedentes.

Ἱπποσέλινον, Ibi, L.° 11, Cap. 3.°, N.° 36, p. 540. Na nota (*h*) da dita pag. a mesma observação.

νομοφύλακας. Ibi, L.° 12.°, Cap. 3.°, N.° 10, p. 558. Na nota (*x*) desta pag. o mesmo.

σίλφιον, Ibi, L.° 12, Cap. 7.°, N.° 4, p. 562; e Cap. 59, N.° 4, p. 627. Na nota (*b*) da pag. 562, o mesmo.

---

(315) V. a nota 308.

Isto significa, no meo entender, que em alguns Codices se conservou o texto genuino de Columella com as palavras Gregas escriptas em caracteres Latinos, como elle as escreveo, e n'outros introduzírão os copistas essas mesmas palavras em Grego.

2.ª *Palavras Gregas escriptas, ora em Grego, ora com lettras Latinas, e alguma vez só com caracteres Latinos.*

EM GREGO.	COM LETTRAS LATINAS.
τιθύμαλον. Ibi, L.° 6.°, Cap. 16, N.° 2, p. 312. Algumas edições trazem esta palavra com lettras Latinas. V. a nota (*f*) de p. 312.	Tithimali e Titymalus. Ibi, L.° 9.° Cap. 13, N.° 2, p. 457.
ὀρνιθῶνας. Ibi, L.° 8.°, Cap. 1.°, N.° 3, p. 385.	Ornithonis. Ibi, L.° 8.°, Cap. 3.°, N.° 1, p. 390.
κάμπαι. Ibi, L.° 11, Cap. 3.°, N.° 63, p. 548. Algumas edições trazem esta palavra com lettras Latinas. V. a nota (*g*) desta pag.	Campe. Ibi, L.° 10.°, versos 324, e 366, p. 489, e 491.
Em algumas edições vem a palavra em frente escripta em Grego. V. a nota (*x*) de p. 344.	Erithraeos (quos vocant). Ibi, L.° 7.°, Cap. 2.°, N.° 4, p. 344; L.° 7.°, Cap. 2.°, N.° 6, p. 345; L.° 7.°, Cap. 3.°, N.° 2, p. 346.
	Amethyston (quam quidam Graeci amethyston appellant), Ibi, L° 3.°, Cap. 2.°, N.° 24, p. 134.

Não parece natural que, se Columella soubesse Grego, escrevesse palavras Gregas, umas vezes com lettras Latinas, e outras com caracteres Gregos.

3.ª *Palavras Gregas que Columella traz em caracteres Latinos, e Varrão em Grego, nos lugares correspondentes, e vice versa que, sendo de Varrão, Columella as copiou em Grego, como as traz Varrão; e outras em que no texto de Columella se substituírão, a palavras Latinas de Varrão, palavras Gregas.*

COLUMELLA EM CARACTERES LATINOS.	VARRÃO EM GREGO.
Hexagonum. Ibi., L.° 5.°, Cap. 2.°, N.° 10, p. 243.	ἑξάγωνον. L.° 3.°, Cap. 16, N.° 5, p. 312 do T. 1.°, P. 1.ª

COLUMELLA, EM CARACTERES LATINOS.	VARRÃO, EM GREGO.
Chenoboscia. Ibi., L.° 8.°, Cap. 14, N.° 1, p. 416. Ha edição que traz esta palavra em Grego. V. a nota (*a*) de p. 416.	χηνοβοςκεῖυν. Ibi, L.° 3.°, Cap. 10.°, N.° 1. p. 302.
Melissphila, ou Mellissophila. Ibi., L.° 9.°, Cap. 8.°, N.° 13, p. 450.	μελιςςόφυλλον. Ibi, L.° 3.°, Cap. 16, N.° 10, p. 314.
Nessotrophii. Ibi., L.° 8.° Cap. 15, N.° 1, p. 420.	νησσοτροφεῖον. Ibi, L.° 3.°, Cap. 11, N.° 1, p. 305. Algumas edições e Codices de Varrão trazem esta palavra em lettras Latinas. V. a nota (*c*) da p. citada
Siros. Ibi., L.° 1.°, Cap. 6.°, N.° 15, p. 54.	σειροὺς. Ibi, L.° 1.°, Cap. 57, N.° 2, p. 204; e Cap. 63, N.° 1, p. 208. As notas (*n*) e (*d*) das p. 204 e 208 trazem em lettras Latinas a palavra Grega.

COLUMELLA, EM GREGO.	VARRÃO, EM CARACTERES LATINOS.
σέριν. Ibi., L.° 8.°, Cap. 14, N.° 2, p. 417. — Quod σέριν Graeci appellant.	Seris (herbam, quae vocatur seris), Ibi, L.° 3.°, Cap. 10, N.° 5, p. 304.
ὀρνιθνῶνας. Ibi, L.° 8.° Cap. 1.°, N.° 3, p. 385.	Ornithones, constantemente (316).

COLUMELLA, EM GREGO.	VARRÃO EM GREGO.
περιςτερεῶνας. Ibi, L.° 8.°, Cap. 1.°, N.° 3, pag. 385.	περιςτερεῶνας, em 5 lugares; porém só n'um delles deixa de ter variantes, em lettras Latinas (317).

(316) L. 2.°, Pref., N.° 5, p. 213; L.° 3.° Cap. 3.°, N.° 1, e N.° 7, p. 279 e 281, Cap. 4.°, N.° 2, Cap. 5.°, N.° 8, p. 282, e 285; e só no L.° 2.°, pref. N.° 2, p. 211, traz esta palavra em Grego; porém ahi mesmo, na nota (*g*), vem variantes em caracteres Latinos.

(317) L.° 2.°, pref. N.° 2, e nota (*h*), p. 211; L.° 3.°, Cap. 7.°, N.° 2

COLUMELLA, EM GREGO.	VARRÃO, EM GREGO.
ὀρνιθοτροφίαν. Ibi, L.° 8.°, Cap. 2.°, N.° 6, p. 387.	*ὀρνιθοτροφείων*. Ibi, L.° 3.°, Cap. 5.°, N.° 8, p. 285.
ἀμφιβίους. Ibi, L.° 8.°, Cap. 13. N.° 1, p. 415.	*ἀμφιβίους*, Ibi, L.° 3.°, Cap. 10, N.° 1, p. 302.

COLUMELLA, SUBSTITUINDO-SE PALAVRAS GREGAS ÁS QUE SE ACHÃO EM VARRÃO EM LATIM.	VARRÃO, EM LATIM.
ἰχθυοτροφεῖα. Ibi, L.° 8.°, Cap. 1.°, N.° 3, p. 385.	Piscina, constantemente (318).
λαγοτροφεῖα. Ibi, L.° 8.°, Cap. 1.°, N.° 4, p. 385.	Leporaria, constantemente (319).

Lê-se em Columella *Chenoboscia*, correspondendo á palavra Grega de Varrão *χηνοβοσκεῖόν*, como já fica notado, (320) quando, para designar o mesmo objecto, se tinha anteriormente servido de *χηνοτροφεῖα* (321). Isto denota que o copista que introduzio no texto de Columella as duas ultimas palavras, acima transcriptas, empregou esta ultima para seguir a uniformidade de derivação e de desinencia das outras duas.

Copiando Columella com lettras Latinas as palavras que Varrão traz em Grego, não é acreditavel que, *vice versa*, escrevesse em Grego as que o mesmo Varrão traz em caracteres Latinos; e a variedade no modo de escrever as palavras Gregas, tanto em Columella, como em Varrão, indica, a meu ver, que todas ellas, pelo menos em Columella, forão originariamente escriptas em lettras Latinas. E menos acreditavel é ainda que Columella traduzisse em Grego as palavras Latinas de Varrão.

---

e 3, e notas (*i* e *k*) p. 292; L.° 3.°, Cap. 7.°, N.° 8, e nota (*c*), p. 294; L.° 3.°, Cap. 7.°, N.° 11, p. 294, só em Grego.

(318) L.° 3.°, Cap. 2.°, N.° 17, p. 279; L.° 3.°, Cap. 3.°, N.° 1, e 2, p. 279. duas vezes; Cap. 5.°, N.° 12, e 16, N.° 1, p. 287, 288, e 311, Cap. 17, p. 323 e seguintes; em todo este Cap. muitas vezes.

(319) L.° 3.°, Cap. 3.° N.° 2, Cap. 12, N.° 3, 4, 5 e 7, Cap. 13, N. 1, e 2, p. 279, 307, 308, e 309.

(320) L.° 3.°, Cap. 10, N.° 1, p. 302.

(321) L.° 8.°, Cap. 1.°, N.° 4, p. 385.

4.ª *Palavras Gregas diversas nos mesmos passos de Culumella; e outras que não são Gregas.*

σίλφιον. Algumas edições trazem μαγουδαρην, outras outras palavras (322).

ἐμβρυουλκεῖν. Ha edições que trazem ἐμβρυγακος, e n'outras vem outras palavras (323).

σπουδή, ἀλκή, ῥώμη, nomes Gregos de cadellas, vem n'outras edições diversamente (324).

ἀγρίαν σταφυλήν. Os Gregos, segundo Schneider, não dizem estas palavras, mas sim ἀγρίαν σταφιδα (325).

Isto mostra que os copistas transformárão em palavras Gregas, como cada um entendeo, e ás vezes mal, as palavras Latinas de Columella.

Mais enxertos de semelhante natureza, na obra de Columella, já tem sido notados, até em clausulas inteiras, como no L.º 1.º, Cap. 4.º, N.º 8, p. 43, onde, depois da palavra *pronunciavit*, se lia em algumas edições μέτρον ἄριστον, o que se eliminou, por não se achar nos melhores textos (326).

E no L.º de arboribus. Cytisum (quem Graeci aut ζέας, aut καρνίκην, aut τρυφερήν vocant) advertindo Schneider, a respeito deste passo, que em nenhuma outra parte encontrou os vocabulos Gregos que nelle se lêm (327).

---

(322) L.º 6.º, Cap. 17, N.º 7, e nota (*p*), p. 315; e igualmente a nota de Schneider a p. 334 do T. 2.º P. 2.ª

(323) L.º 7.º, Cap. 3, N.º 16, e nota (*s*), p. 350; e tambem a nota de Schneider a p. 384 do T. 2.º, P. 2.ª

(324) A nota (*e*) do L.º 7.º, Cap. 13, N.º 13, p. 382, traz σασιτουφαλακιιςωα. E Schneider no seo commentario p. 421 do T. 2.º, P. 2.ª diz = In lectione Ed. I.B.R. latent alia, veluti φυλαξ, Σῶα aut similia.

(325) L.º 8.º, Cap. 5.º, N.º 21, p. 400. Schneider, no T. 2.º, P. 2. p. 439. *Graeci* ἀγρίαν σταφίδα *ita vocant, non* σταφύλην.

(326) V. a nota (*x*) de p. 43. *Post hoc verbum* [pronunciavit] *inserta vulgo legebantur haec* μέτρον ἄριστον, *quae cum Victorius in libris suis non reperta deleri jussisset, incluserat Gesner. Equidem plane omisi, libris etiam reliquis consentientibus.* Sunt enim a librario sciolo addita, qui, quae latinis verbis expresserat Columella, graece reddere voluit lectori. Commentario de Schneider, p. 31 do T. 2.º, P. 2.ª

(327) Cap. 28, N.º 1, p. 660.
Inclusa [as palavras Gregas que estão no parenthesis] *recte omittit Sang.*,

Sendo a origem das palavras Gregas existentes na obra de Columella até agora mencionadas, terem-nas ali inserido os copistas, ou por curiosidade sua, ou por ignorancia, transferindo para o texto as glosas que achárão nos Mss. que transcrevêrão, do que ha tantos exemplos nos A.A. classicos Gregos e Latinos que a ninguem são desconhecidos, póde tambem atribuir-se a mesma origem ás poucas palavras Gregas de que não fallei; a *σταφυλῖνον*, *ἠχοῦς*, *φαγέδαιναν*, e *οἴστρους*, no L.° 9.° (328), que trata das abelhas, e que por isso são tiradas de Hygino, como fica dito (329), e a outros vocabulos d'uma charlatenaria tão rasteira, como a explicação de que o vendimador se chama em Grego *τρυγητῆρα* (330). E quando se lhes queira procurar outra causa, póde têla no que frequentemente tem acontecido a muitos A.A. que, para citar passos em lingoas que não entendem, os fazem copiar por alguem que saiba essas lingoas, tendo a boa fé de declarar de quem recebêrão aquelle serviço, para evitarem a nota de um pedantismo ridiculo.

Cada uma das razões ponderadas seria capaz, só por si, de fazer suspeitar que Columella não sabia a lingua Grega: o complexo de todas ellas pareceme que não deixa nenhuma duvida a este respeito.

Poderá talvez reputar-se minucia enfadonha e esteril a discussão em que entrei relativamente a Columella; mas espero se me releve, attendendo a que, tratando-se dos A.A. que tiverão, ou se presumírão ter, conhecimentos da lingua e litteratura Grega, alcançados na Hespanha, era questão prévia examinar se effectivamente sabião Grego. Alem de que o progresso da discussão deo lugar a alguma reflexão sobre os textos de Varrão e Columella, que não julgo inutil, e que escapou aos editores e commentadores, destes A.A. de que tenho noticia; aliaz contentar-me-hia com dizer que não ha vestigio de que Columella aprendesse a lingua Grega na sua patria.

---

nec ſimile aliquid legitur V, 12, *ubi verbotenus eadem traduntur.... Vocabula graeca alibi annotata nondum reperi.* Script. Rei Rust., T. 2.°, P. 2.ª, p. 689.

(328) Cap. 4.°, N.° 5, p. 440; Cap. 5.° N.° 6, p. 443; Cap. 13, N.° 11, p. 459; e Cap. 14, N.° 4, p. 462. Script Rei Rust. T. 2.°, P. 1.ª

(329) pag. 87.

(330) Ibi, L.° 11, Cap. 2.°, N.° 24, p. 510.

MARCO FABIO QUINTILIANO.

Ha duas opiniões sobre a patria de Quintiliano. Uns o fazem Hespanhol; outros nascido em Roma. Todos os Escriptoros Hespanhoes e tambem Dodwel (331), Burmanno (332), Caperonnier (333), Gesner (334), e outros, desde Angelo Policiano (335), adoptão a opi-

(331) *Annales Quintilianei*, p. 1:129 do T. 1.°, da Ed. de Burmanno, Lugd. Bat., 1720.

(332) l. c., Pref. assignatura *** ✠.

(333) *In Hispania natum esse Quintilianum, tradunt etiam Divus Hieronymus, Ausonius, et Cassiodorus quorum verba mox afferentur.* Nota (*a*) da p. LIII da Prefação da sua edição de Quintiliano, París 1725.

(334) Ed. de Quintiliano, Gottingae, 1738, Pref., §. 4.°

(335) Burmanno, na prefação da sua ed. de Quintiliano, assignatura ***** 3, traz este titulo — *Campani praefatio ex Angeli Politiani praefatio ex Angeli Politiani praefatione in M. Fab. Quintiliani Instit. Oratorias;* e Caperonnier, produzindo a mesma prefação, põe-lhe o titulo de — *Angeli Politiani Oratio super Fab. Quintilian.*, e diz na nota (*a*), *Variorum praefationum*, p. XXXIII, que não se sabe donde Burmanno copiou o titulo que imprimio. *In Burmanniana editione legebatur:* Campani Praefatio ex Angeli Politiani Praefatione in M. Fab. Quinctiliani Instit. Oratorias: *quem sane titulum unde Burmannus excripserit ignoratur. Vide Politiani opera, Venet.* 1498. *et Florent.* 1499. Se a advertencia de Caperonnier se dirige á palavra — *Praefatio* — este é o titulo que lhe dá a edição de Veneza de 1498, citada por elle, no index das obras que contem o volume; e a fl. assignatura (*aa*), vem o opusculo relativo a Quintiliano, do modo seguinte — *Oratio super Fabio Quintiliano et Statii Silvis* —; e continuando a impressão deste opusculo, acha-se sempre até ao fim, no alto das paginas, — *Praefatio in Quint. et Sil. Statii;* e Prefação chama tambem ao que Angelo Policiano escreveo sobre Homero [fl. assignatura ꝯ, e sobre Suetonio [fl. assignatura *aa* V. ✠. O que eu não sei é se Campano inserio a prefação de Angelo Policiano na sua edição de Quintiliano [Roma 1470], porque não a vi; mas sei que Caperonnier é muitas vezes injusto nos seos reparos contra Burmanno, quando aliás copia os testemunhos de Quintiliano por elle apontados, enumerando tão erradamente como Burmanno, alguns que não pódem pertencer ao A. das Instituições Oratorias [o que em seu lugar mostrarei], e transcrevendo litteralmente até as observações de Burmanno; como por exemplo, pondo este n'um testemunho de Quintilianno, extrahido de Cassiodoro, — *Idem in chronico ex Hieronymo, ut videtur* [Pref., assignatura *** *** ** 4], Caperonnier repete isto mesmo, pelas mesmas palavras, a p. LVII da sua prefação.

nião de ser Quintiliano natural de Calahorra, apoiando-se nos fundamentos seguintes.

S. Jeronymo, na sua traducção d'Eusebio, diz, na Olympiada 211, anno 70 de Jesus Christo, — *M. Fabio Quintiliano vem para Roma, trazido por Galba* (336).

E na Olympiada 216, anno 89 de Jesus Christo, — *Tornou-se illustre Quintiliano, natural de Calahorra, que foi o primeiro que teve em Roma escola publica, paga pelo fisco* (337).

E no L.º contra Vigilancio — *Este taverneiro Calagurritano, e que, em contraposição, por causa da pequena aldea sua patria, que tinha tambem o nome de Calagurris, é um Quintiliano mudo* (338).

Ausonio, na commemoração dos Professores de Bordeaux. *Fallarei primeiro de ti, Minervio, que sobresahes em Bordeaux, e és outro Quintiliano da toga Rhetorica .., .. Embora Calagurris tenha para si, como Mestre, a Fabio, com tanto que a cadeira de Bordeaux não lhe seja inferior* (339).

Cassiodoro, no Chronicon. — *Tornou-se illustre Quintiliano Hespanhol, que foi o primeiro que teve em Roma escola publica, paga pelo fisco* (340).

Os que seguem a opinião de ser Quintiliano natural de Roma fundão-se

---

(336) *M. Fabius Quinctilianus Romam a Galba, perducitur.* Obras de S. Jeronymo, Ed. Vallarsii, Veronae 1734 e seguintes, T. 8.º, col. 675 e 676.

(337) *Quintilianus ex Hispania Calaguritanus, qui primus Romae publicam scholam et salarium e fisco accepit, claruit.* Ibid, col. 685, e 686.

(338) *Iste caupo Calagurritanus, et in perversum, propter nomen viculi, mutus Quintilianus.* Idem, T. 2.º, Col. 388.

(339) *Primus Burdigalae columen dicere, Minervi,*
Alter Rhetoricae Quintiliane togae.
Illustres quondam quo praeceptore fuerunt
Constantinopolis, Roma, dehinc patria,

. . . .

Adserat usque licet Fabium Calagurris alumnum:
Non sit Burdigalae dum cathedra inferior.

Commemoratio Professorum Burdigalensium. Tiberius Victor Minervius, Orator. 1., Ed. ad usum Delphini, Parisiis, 1730, p. 133, e 134.

(340) *His Coss.* [Silvanus et Priscus] *Quintilianus ex Hispania primus Romae scholam publicam, et salarium e fisco accepit, et claruit.* Ed. de Garet, Rotomagi, 1697, T. 1.º, p. 387, col. 2.ª

N'uma vida de Quintiliano que principia — *Marco Fabio Quintiliano nasceo em Roma* (341).

N'um epigramma de Marcial, em que, relatando as patrias de diversos escriptores, e mencionando as de escriptores Hespanhoes, não conta entre elles Quintiliano (341).

E no passo de Quintiliano, a respeito da palavra *Gurdos.* — *Ouvi dizer que a palavra* Gurdos, *que entre o* vulgo tem a significação de estolidos, trazia a sua origem da Hespanha (343).

Pezemos cada um dos fundamentos destas duas opiniões.

Os passos da Chronica d'Eusebio, traduzida por S. Jeronymo, não são d'Eusebio.

Todos sabem que se perdeo a obra chronologica escripta em Grego por Eusebio, e que só della existia a parte traduzida pelo Santo Doutor da Igreja, e alguns fragmentos transcriptos, ou extractados nas obras de Syncello, de Cedreno, no Chronicon Paschale etc. Mas em 1818 publicou-se o texto completo d'Eusebio, conservado n'uma versão Armenia, e acompanhado d'uma traducção Latina (344). O Codice que servio para se publicar este texto não é posterior ao seculo xii, e talvez seja anterior: a traducção Armenia é do 5.° seculo (345): della se manifesta que S. Jeronymo unicamente traduzio o

---

(341) Ed. de Burmanno, Pref., assignatura *** *** ** ✠. Ed. de Gesner, Pref., assignatura *** 4 ✠.

(342) Epigramma 62 do L.° 1.°

(343) *Gurdos, quos pro stolidis accipit vulgus, ex Hispania duxisse originem audivi.* Instit. Orat., Ed. de Spalding, Lipsiae 1798, e seguintes, L.° 1.°, Cap. 5.°, N.° 57, pag. 126 do T. 1.°

(344) *Eusebii Pamphili, Caesariensis Episcopi, Chronicon bipartitum, nunc primum ex Armeniaco textu in Latinum conversum adnotationibus auctum, Graecis fragmentis exornatum. Opera P. Jo: Baptistae Aucher Ancyrani, Monachi Armeni et Doctoris Mechitaristae.* Venetiis. 1818, 2 vol. in 4.°

Antes desta edição Armenia já tinha apparecido em Milão, no mesmo anno, outra com este titulo — *Eusebii Pamphili Chronicorum Canonum libri duo, opus ex Haicano codice a Doctore Johanne Zohrabo* etc.; porém o texto Armenio não é o genuino; porque foi impresso por uma copia, pouco exacta, que Aucher tinha, e que lhe foi tirada, estando elle ausente de Veneza [Ed. d'Aucher, Prefação T.° 1.°, p. xxxvii]. Citei a Ed. de Milão, a p. 46, nota 152 desta Memoria, não por ignorar a circunstancia que referi, mas tão sómente para fazer ver que duas traducções Latinas erão conformes em copiar a citação d'Eusebio.

(245) Traducção Armenia citada, T. 1.°, Prefação, p. xi e seguintes, N.° 1 a 3; e p. xviii, N.° 1.

Canon do Bispo de Cesarea; e apresentando-nos o texto genuino, dá a conhecer as interpolações que nelle se fizerão. Nenhum dos passos relativos a Quintiliano se encontra na versão Armenia, (346); consequentemente é uma das interpolações: e S. Jeronymo declara que, no seo trabalho sobre a obra d'Eusebio, foi não só interprete, mas tambem Autor, e que, principalmente no que respeita á Historia Romana, accrescentou muitas coisas, ommittidas por Eusebio (347); porém de que modo o fez o Santo? Escrevendo, como o fazia sempre, á pressa, e dictando velocissimamente ao escrevente, o que elle, confessa na prefação da sua versão do Canon d'Eusebio, em que, dirigindo-a a Vicente e Galieno, lhe pede que a leão, não com animo de Juizes, mas de amigos (348); e na carta a Minervio e Alexandre (349); e na prefação do opusculo contra Vigilancio, que dictou n'uma noite, estando a dar-lhe pressa Sisinnio (350), e que tendo muitas citações necessariamente havia fazelas de memoria; e a memoria é muito falivel; e compondo tantas obras que só as epistolas a Paula e Eustochio não podião contar-se; porque erão quotidianas (351). E que resultou daqui? o que infalivelmente havia resultar, enganar-se muitas vezes S. Jeronymo, até naquillo mesmo que mais principalmente ajuntou ao texto d'Eusebio, que é o que respeita á Historia Romana; porque era impossivel que escrevendo tanto, e pelo modo porque escrevia, não se enganasse muito, não confundisse os factos, e não tomasse, com frequencia, a nuvem por Juno.

---

(346) *Versão Armenia*, T. 2.°. p. 273 a 277.

(347) *Sciendum etnim est, me et interpretris et scriptoris ex parte officio usum, quia et Graeca fidelissime expressi, et nonnulla quae mihi intermissa videbantur, adjeci, in Romana maxime historia, quam Eusebius, hujus conditor libri, non tam ignorasse, utpote eruditissimus, quam ut Graece scribens, parum suis necessariam perstrinxisse, mihi videtur.* Obras de S. Jeronymo. T. 8.°, Prefação, p. 7.

(348) *Itaque, mi Vincenti carissime, et tu Galliene, pars animae meae, obsecro, ut quicquid hoc tumultuarii operis est, amicorum, non judicum animo relegatis: praefertim cum et notario, ut scitis velocissime dictaverim.* Idem. ibid., p. 3.

(349) *Itaque ego tempore coarctatus.... Haec celeri sermone dictavi.* Idem. Epist. 119, col. 794, e 809 do T. 1.°

(350) *Haec, ut dixi, sanctorum Presbyterorum rogatu, unius noctis lucubratione dictavi, festinante admodum fratre Sisinnio.* Idem. T. 2.°, col. 402, N.° 18.

(351) *Epistolaram autem ad Paulam et Eustochium, quia quotidie scribuntur, incertus est numerus,* Idem. *De Viris Illustribus,* Cap. 135, T. 2.°, Col. 941.

Para dar uma idea da conta em que se tem a versão de Jeronymo, transcreverei o juiso que della faz em geral o traductor Armenio. «Foi pelos antiquarios e copistas tão maltratada, ou, para me-«lhor dizer, tão corrompida, que será difficilimo achar dois codices «que concordem em tudo entre si, principalmente nas datas dos «tempos e dos annos.... Pelo que, se não me engano muito, tão «longe está que o Chronicon Jeronimiano, tal como se lê hoje nos «Livros impressos e Mss., possa suprir o texto de Eusebio, que nem «mesmo apresenta a interpolação de S. Jeronymo, pura e verdadeira, «como elle a fez, de modo qne tudo nella está alterado e confundido, «ou pela audacia, ou pelo descuido dos copistas (352).»

Este juiso é o éco e a repetição do que tem dito todos os que fallárão deste assumpto, desde Erasmo até agora (353), alguns dos quaes lembra o traductor Armenio. E pelo que respeita em especial

---

(352) *Adde illam* [a versão de S. Jeronymo] *ab antiquariis, et exscriptoribus ita male habitam, imo corruptam, ut difficillimum sit duos codices reperire, qui in omnibus inter se conveniant, praesertim in annorum et temporum notis: .... Quam nisi me omnia ludunt, tantum abest ut Hieronymianum Chronicon, quale nunc in editis libris, et Mss. legitur, Eusebiani textus vices sufficere possit, ut ne ipsam quidem Hieronymianam interpolationem qualis ab Hieronymo profecta est, puram, atque sinceram exibeat: adeo in eo omnia, exscriptorum sive audacia sive incogitantia permixta sunt, atque perturbata.* T. 1.°, Prefação, p. VI.

(353) *Chronica Eusebii Hieronymo interprete, unà cum his quae ipse adjecit Hieronymus, et post hunc Prosper et allii nonnulli, perquos mihi videtur operis confusa ratio, nihilum obstante adjuratione quam operi praemiserat.* Obras de S. Jeronymo, Ed. de Erasmo, Francofurti ad Moenum, 1684, T. 1.°, no Index das obras do Santo, Prefação que precede ás Epistolas, assignatura (*A 4*), col. 1.ª,

A 1.ª edição d'Erasmo [que não vi] é de Bâle 1516. E já antes de Erasmo, em 1483, o Editor da obra chronologica d'Eusebio, traduzida e augmentada por S. Jeronymo, allegava, em abono da sua edição, que lhe foi necessario comparar muitos exemplares etc. *Erhardus Ratdolt Augustensis solerti vir ingenio maxima cura plurimis undique comparatis exemplaribus Eusebii libros chronicos ac reliquas in hoc volumine de temporibus additiones: non parvo studio impensisque emendatissime impressit.* Venetiis.... 1483. Quanto aos additamentos de Prospero póde verse. — *Arnaldi Pontaci Vazatensis Episcopi in Eusebio — Hieronymianum et Sancti Prosperi Chronica apparatus,* — no fim do T. 8.° da citada ed. de S. Jeronymo, da col. 12 em diante, onde trata extensamente das diversas redacções desta obra, e de seo Autor.

aos factos da Historia Romana, já notou Dodwell, tratando da morte de Passieno, « que na chronica d'Eusebio lhe foi mal assignado o « tempo de Caligula, e que muitas coisas de semelhante natureza, as « mais das vezes, no que respeita a objectos Romanos, se achão mal « ordenadas naquella chronica, interpolada por S. Jeronymo (354) » e n'outro lugar repete — que apontou annos certos a muitos acontecimentos referidos por Eutropio; porém a quem este não os designou (355). Por isso não só os successos se achão fóra do seo lugar, como no anno da morte de Passieno, o que é ainda mais de estranhar por se ter servido S. Jeronymo de Suetonio (356), por quem sabemos que ella não podia ter-se verificado antes do tempo de Claudio (357); mas até porque produz factos ou ignorados, ou contrarios ao que nos relatão os A.A. que delles escrevêrão, como v. gr., o que na Olympiada 210, anno 66 de Jesus Christo, diz o Santo, n'uma das suas interpolações, noticia que não se encontra no texto Armenio (358), — *Junio Anneo Gallião, Irmão de Seneca, egregio declamador, matou-se por suas mãos* — (359). Tacito refere que Mela, Irmão mais novo de Seneca Philosopho, foi mandado matar por Nero, no anno 819 do Roma, e Dion Cassio unicamente diz que os Irmãos de Seneca forão mortos depois delle; e só o editor de Cassio é que affirma ter sido morto Gallião depois de Mela (360), mas sem prova alguma, observando que a época da morte de Seneca, de Gallião e de Octavia vem de tal modo na versão de S. Jeronymo, que só este exemplo

---

(354) *Male ergo mors ejus* [Passieni] *sub* Caligula *refertur in* Chronico Eusebiano. *Sed multa sunt istiusmodi* in Chronico *illo ab* Hieronymo *plerumque quoad res* Romanas *interpolato male dispositas. Annales* Quintilianaei, na ed. de Burmanno, T. 1.°, p. 1127.

(355) *Sed ut* temere *illos certis* Imperatorum annis *assignarit* Hieronymus, *ut multa alia ab* Eutropio *accepta annis ille assignavit quorum tamen annos certos nullos designaverat* Eutropius; Idem, ibid, p. 1132.

(356) *A Troja usque ad vicesimum Constantini annum, nunc aditta, nunc mixta sunt plurima, quae de* Tranquillo, *et caeteris illustribus Historicis curiosissime excerpsimus.* [T. 8.°, Prefação, p. 7].

(357) Nero. Ed. de Baumgarten-Crusius. Lipsiae 1816, p. 90 e 91 do T. 2.°

(358) T. 2.°, p. 271 a 273.

(359) *Junius Annaeus Gallio frater Senecae egregius declamator propria se manu interfecit.* T. 8.°, col. 669 — 670.

(360) Tacito, Annaes, L.° 16, Cap. 17, p. 316 do T. 2.°
Dion Cassio, L.° 62, Cap. 25, p. 1:022 do T. 2.° A nota tem o N.° 128. Isto mesmo já fica dito a p. 76, N.° 271 desta Memoria.

basta para mostrar quam alteradas estão as datas em Eusebio, de modo que os acontecimentos parecem lançados quasi temerariamente em quasquer annos (361).

De quanto fica expendido póde concluir-se o valor que tem a authoridade de S. Jeronymo, quando não é apoiada por outro A. E apesar disto é um dos argumentos com que se sustenta a nacionalidade Hispanica de Quintiliano, que adiante melhor avaliarei.

O passo do Opusculo contra Vigilancio o mais que póde provar é que era essa a opinião de S. Jeronymo.

A authoridade de Ausonio pareceme que se deriva de S. Jeronymo. O Minervio a quem Ausonio celebra era seo contemporaneo, porque diz «telo visto, depois de se estar jogando muito tempo, re-«petir todos os pontos dos lances dos dados que tinhão rolado no ta-«boleiro (362)» e era não só Professor de Rhetorica, mas tambem orador (363); e S. Jeronymo, contemporaneo de Ausonio, era-o, por consequencia, tambem de Minervio. O Santo Doutor escreveo uma das suas epistolas a Minervio e Alexandre, Monges de Tolosa, que tinhão sido Oradores, e tinhão abandonado o foro, para seguir a vida ecclesiastica (364); por tanto não seria absolutamente mal cabida a supposição de que o Minervio a quem Ausonio celebra fosse o mesmo a quem a S. Jeronymo escreveo; mas, embora não o seja, o que não

---

(361) *Eusebius ex Hieronymi versione mortem Senecae ad annum Chr. 66, hoc est A. U. C. 818. Octaviae ad an. Chr 68. U. C. 821, et vel hoc uno exemplo apparet, quam perturbata ratio temporum nunc in Eusebio sit, ut res gestae quasi temere in annos quosdam conjectae videantur.* Dion Cassio, l. c. na nota antecedente.

(362) *Vidimus et quondam tabulae certamine longo,*
Omnes qui fuerant, enumerasse bolos;
Alternis vicibus quos praecipitante rotatu
Fundunt excisi per cava buxa gradus:

Nos versos a Minervio, p. 135, versos 25 a 28.

(363) *Sive Panegyricos placeat contendere libros,*
In Panathenaïcis tu numerandus eris:
Seu libeat fictas ludorum evolvere lites,
Ancipitem palmam Quintilianus habet.
Dicendi copia tibi torrens: quae tamen aurum,
Non etiam luteam volveret illuviem.
Et Demosthenicum, quod ter primum ille vocavit,
In te sic viguit, cedat ut ipse tibi.

l. c. p. 134

(364) *Prudentes estis, et eruditi, et de canina, ut ait Appius, facun-*

póde negar-se é que S. Jeronymo tinha nesta parte das Galias correspondencia seguida não só com estes Monges de Tolosa, mas igualmente com os Prebisteros Ripario e Desiderio, que vivião tambem para a banda de Tolosa, o primeiro dos quaes (Ripario) lhe escreveo sobre a heresia de Vigilancio, a quem o Santo respondeo, a quem tornou a escrever (365), e que junto com Desiderio lhe mandárão um opusculo explicando a doutrina daquelle herege, a que S. Jeronymo deo resposta no Livro contra elle (366); com Exuperio Bispo de Tolosa (367); e com Hedibias de Bordeaux, a quem diz que da extremidade da Galia o provocon a responder-lhe sobre certas questões (368), accrescentando que seos antepassados, Patera e Delphidio, um ensinou Rhetorica em Roma, antes do Santo nascer, e o outro, quando este era ainda moço, illustrou todas as Galias com o seo engenho, em prosa e verso (369). Este Delphidio é o quinto Professor de Bordeaux de que Ausonio faz menção (370), assim como a tinha feito de Patera seo Pae (371).

As obras de S. Jeronymo corrião, não só pelas Gallias, e pela Europa, mas até pela Asia e pela Africa; porque as mandava ás pessoas com quem se correspondia, como a Minervio e Alexandre, a quem mandou o Commentario sobre Malachias (372), a Exuperio, Bispo de Tolosa, que delle recebeo os Commentarios sobre Zacharias (373), e na Africa lia Santo Agostinho a interpretação do L.º de Job, a exposição da epistola de S. Paulo aos Galatas, a obra relativa a Origenes, o L.º de *Viris illustribus*, a traducção dos Evangelios em Latim, e a Apologia contra Rufino, tendo-lhe enviado o Santo seo

---

dia, ad Christi disertitudinem transmigrasti. Epist. 119, Col. 794 do T. 1.º

(365) Epist. 109, e 138, Col. 719 e 1040 do T. 1.º

(366) Col. 389 do T. 2.º

(367) Prefação de S. Jeronymo ao Commentario sobre Zacharias. Em qualquer edição das obras do Santo.

(368) *Et de extremis Galliae finibus.... ad respondendum provocas.* Epist. 120, Col. 812 do T. 1.º

(369) *Majores tui Patera atque Delphidius, quorum alter antequam ego nascerer, Rhetoricam Romae docuit: alter me jam adolescentulo omnes Gallias prosa versuque, suo illustravit ingenio.* Ibidem.

(370) Epigramma 195, p. 141 dos Professores de Bordeaux.

(371) Epigramma 194, p. 139, idem.

(372) Prefação do Commentario a Malachias. Em qualquer edição das obras de S. Jeronymo.

(373) Prefação do Commentario a Zacharias. Idem.

Combresbytero algumas destas obras (374). Quem quizer mais exemplos da extensa correspondencia de S. Jeronymo, e de como se espalhavão as suas obras, acha-los-ha, se tiver a paciencia de ler o que elle escreveo, e especialmente as Epistolas.

Por todas as razões ponderadas é mais que provavel ter chegado tambem a Tolosa e a Bordeaux a tradução do Canon d'Eusebio, chamado por S. Jeronymo *Chronica de toda a Historia* (375), assim como ali chegárão as outras obras que mencionei, e que Ausonio tirasse delle o que diz respeito á Patria de Quintiliano, e muito principalmente sendo esta uma das primeiras obras que o Santo escreveo, porque é a 5.ª que enumera, no catalogo de suas composições (376) pondo em primeiro lugar o Livro das Epistolas, não obstante serem de diversas épocas, por não fazer menção particular de cada uma. E se aliaz se provar ser Quintiliano natural de Roma, mais claro ficará ter a Obra de S. Jeroymo servido de texto a Ausonio.

O passo de Cassiodoro é decididamente tirado do Canon d'Eusebio, traduzido por S. Jeronymo. Assim o confessão até mesmo os escriptores de boa fé, que sustentão a opinião de ser Quintiliano Hespanhol (377); outros concordão em que parece tirado d'Eusebio, como Burmanno e Caperonnier (378). E posto que Cassiodoro diga ter tirado d'Eusebio, e de S. Jeronymo só a parte chronologica desde Adam até ao Consulado de Bruto, e que desde Bruto até ao Consulado de Theodorico a tirou de Tito Livio, Aufidio Basso, e Paschal (379), já

(374) Epist. 56, 67, 104, e 110, Col. 299, 402, 631, e 723 do T. 1.°

(375) *Chronicon omnimodae historiae. Liber de Viris illustribus*, Col. 939 do T.° 2.°

(376) Idem, l. c.

(377) Gesner, *Hinc sua habet etiam Cassiodorus*, [de S. Jeronymo] Pref., * 1 ý

Cassiodoro, despues de nombrar los Consules Silvano y Prisco, usa de los mismos terminos copiando sin duda este lugar d'Eusebio [o da Olympiada 216], *à excepcion que no expressa la Patria de Quintiliano, sino solo la Nacion.* Risco, *España Sagrada*, T. 33, p. 63, Col. 2.ª no fim.

(378) V. a nota (335), no fim.

(379) *Ab Adam, usque ad diluvium, sicut ex Chronicis Eusebii et Hieronymi collegimus, anni sunt 2242.*
A diluvio usque ad Ninum Assyriorum Regem, anni sunt 899.
A Nino usque ad Latinum Regem, anni sunt 852.
A Latino Rege usque ad Romulum, anni sunt 457.
A Romulo usque ad Brutum, et Tarquinium primos Consules, anni sunt 240.
A Bruto et Tarquinio usque ad Consulatum vestrum [o de Theodorico] *sicut*

se tem observado á muito que, repetidas vezes, copiou integralmente as expressões d'Eusebio (380).

Pelo modo porque tenho tratado este assumpto vê-se que todos os testemunhos allegados para provar que a patria de Quintiliano foi Calahorra, se reduzem ao de S. Jeronymo, e quam pouco vale este testemunho. Passemos aos que se produzem em apoio de ser natural de Roma.

Uma vida de Quintiliano que anda nas suas edições.

Gesner, publicando esta vida, diz «Que se ignora de quem seja: «que não se encontra na edição de Jenson: e que vio quem a attri-«buia a Valla (381).» A edição de Jenson é de Veneza 1471; a vida vem já na edição de Veneza de 1493 (382); e o A. que Gesner vio attribuila a Valla não posso dizer quem seja (383). D. Nicoláo Antonio, suppondo primeiro que ella fosse de Omnibono Leoniceno Vicentino, diz depois que haverá com tudo alguns que antes julguem ter sido Lourenço Valla seo A. (384). Porém seja esta vida de quem

---

ex Tito Livio et Aufidio Basso, et Paschali virorum clarorum auctoritate firmata collegimus, anni sunt 1031. T. 1.°, p. 395, col. 2.ª, e p. 396, Col. 1.ª e 2.ª

(380) *Deinde cum Cassiodorus scripserit suum Chronicon [quod nil pene continet praeter ordinem consulum] post Hieronymum annis 178. et testetur se collegisse illud ex Livio, Aufidio, et Paschali, none citius meminisset Eusebii, quam aliorum, cum alioquin crebro ejusdem referat sententias integras?* Pontaco, l. c., col. 9, no fim do T. 8.° das obras de S. Jeronymo. Não cito mais authoridades para corroborar a de Pontaco; porque o julgo inutil.

(381) *Cujus sit ignoratur. Nondum extat in Jensoniana editione; vidi qui Vallae tribuerit.* Pref. assignatura *** 4 ỳ, nota (*).

(382) *Venetiis per Bonetum Locatellum: mandato ac sumptibus Nobilis Viri Octaviani Scoti Modoetienses. Anno 1493.* Tem os commentarios de Rafael Regio, e na ultima folha, que se segue aquella em que vem o anno da impressão, é que traz a vida de Quintiliano.

(383) Será algum dos comprehendidos, sem designação, no — *Erunt tamen* — da nota seguinte.

(384) *Fuerit fortassis ejus vitae Auctor Omnibonus Leonicenus Vicentinus.... Erunt tamen qui Laur. potius Vallam ejus vitae Auctorem existiment. Bibliotheca Hispana Vetus.* Madrid, 1788, T. 1.°, p. 69, Col. 1.ª, nota (2).

Relativamente a Valla não allude Gesner a esta nota; porque foi publicada muito depois de ser impressa a sua edição de Quintiliano, e não se encontra na 1.ª edição da *Biblitheca Vetus*, que é a que Gesner podia consultar.

quer que for, uma authoridade a que não póde assignar-se nem A., nem época, nenhuma fé merece.

Não está no mesmo caso o testemuuho do epigramma de Marcial, que é o seguinte

Ad Licinianum, escriptores unde

Verona docti syllabas amat Vatis;
Marone felix Mantua est:
Censetur Apona Livio suo tellus,
Stellaque nec Flacco minus.
Apollodoro plaudit imbrifer Nilus,
Nasone Peligni sonant.
Duosque Senecas, unicumque Lucanum
Facunda loquitur Corduba.
Gaudent jocosae Canio suo Gades;
Emerita Deciano meo.
Te Liciniane, gloriabitur nostra
Nec me tacebit Bilbilis (385).

D. Nicoláo Antonio impugnou o testemunho que se tira deste epigramma, por não se fallar nelle em Quintiliano, sustentando
« Que Marcial só teve intenção de celebrar neste lugar, Poetas, e não
« todos, e muito menos os Hespanhoes que tivesem adquirido louvor
« por quaesquer escriptos.
« Que se assim não fosse, porque razão ommittiria Cicero, e outros
« dignissimos de memoria?
« Que por isso comprehendeo só, no seo epigramma, alguns poetas,
« com os lugares de seo nascimento, até chegar a Liciniano, seo com-
« patriota, e a si mesmo; e que, por tanto, não admira deixasse de
« dar lugar a Quintiliano entre os Poetas.
« Que diz nunca deverem esquecer Catullo de Verona, Virgilio de
« Mantua, Auruncio Stella, e Valerio Flacco de Padua, Apollodoro do
« Egypto, Nasão dos Pelignos, Senecas e Lucano de Cordova, Canio
« Gaditano, Liciano Emeritense, e elle mesmo de Bilbilis, *todos poetas*,
« e que forão honra e ornamento das Cidades onde nascêrão.
« Que se lhe dirá ter ommittido Livio, que foi louvado com os outros, de
« quem nunca se lê que fosse poeta; e tambem se lhe negará que possa
« convir a ambos os Senecas fama por este estudo. Ommitti Livio de

---

(385) Epígr. 62 do L.° 1.°

« caso pensado; porque não é louvado de proposito e directamente. Os
« versos

Censetur Apona Livio suo tellus,
Stellâque, nec Flacco minus,

« tem este sentido — A terra Apona, isto é Patavina, que se enobrece
« *principalmente* pelo Historiador Livio, não é menos celebre pelos dois
« poetas Stella, e Flacco.
« E quanto aos dois Senecas, ou elles sejão o Rhetorico e o Philo-
« sopho, ou este e algum dos irmãos, necessariamente se deve acre-
« ditar Marcial, que assim o affirma (386). »

Depois que D. Nicoláo Antonio emittio este parecer passou quasi geralmente, como moeda de lei, sem que ninguem até agora, nem ao menos se lembrasse de sujeita-lo a uma analyse critica; porém eu entendo que D. Nicoláo Antonio assevera gratuitamente o que se lhe antolha, allega provas *contra producentem,* e cahe n'um perfeito parallogismo.

Assevera gratuitamente, porque inculca que Marcial, no seo Epi-

---

(386) *Poetas hic tamen, non omnes, nedum Hispanos, qui laudem ex quibuscumque scriptis collegissent, celebrandi animus fuit Martiali. Qui enim, nisi hoc esset, Ciceronem et alios memoria dignissimos praetermisisset? Solos inquam quosdam poetas cum locis eorum natalibus epigrammate complexus est, ut tandem ad Licianum civem suum, et ad se ipsum laudandos deveniret. Quare nihil mirum Quintiliano in poetis minimè datum locum fuisse, Catullum nempe ex Verona, Virgilium ex Mantua, Auruntium Stellam, et Valerium Flaccum ex Patavio, Apollodorum ex Aegipto, Nasonem ex Pelignis, Senecas et Lucanum ex Corduba, Canium Gaditanum, Decianum Emeritensem, Licianum seque ipsum Bilbilitanos,* poetas omnes, *ab urbibus suis, quibus honore et ornamento fuerint, nunquam ait tacendos. Ais tamen, praetermissum à me Livium, qui unà cum aliis laudatur, quem quidem poetam fuisse nusquam legitur. Immo et utrique Senecae famam ex hoc studio convenire posse inficiaris. Livium quidem data opera praetermisimus; non enim is ex proposito ac directè laudatur.* Hi enim *versus*

Censetur Apona Livio suo tellus,
Stellâque, nec Flacco minus,

hunc sensum habent: Apona tellus, hoc est Patavina quae Livio historico maxime *nobilitatur, non minus poetis duobus Stella et Flacco celebris est. De duobus vero Senecis poetis, sive ii sint Rhetor cum Philosopho, sive hic cum aliquo ex fratribus, necesse est ut habeamus Martiali asserenti fidem. Bibliot. Vetus,* T. 1.°, p. 70, col. 1.ª

gramma só trata de Poetas, e para assim o persuadir era necessario que provasse serem poetas todos os escriptores de que Marcial nelle faz menção. Mas o titulo que tem o Epigramma é — *Ad Licinianum, scriptores unde* —, o que quer dizer, na concisão da lingua Latina, — A Liciniano, donde forão naturaes *(unde)* alguns escriptores, (aquelles que vai mencionar). Para que podesse entender-se o contrario era preciso que, ou Marcial disesse expressamente que todos os de que fallava erão poetas, ou que D. Nicoláo Antonio provasse que o erão; porém nada disto se verifica. Esta intelligencia natural do texto é a que lhe deo até o Commentador Hespanhol Ramirez (387), quer este seja um nome supposto de Francisco Sanches das Brozas, quer seja o verdadeiro Lorenzo Ramirez do Prado (388), e effectivamente os poetas, os historiadores, os philosophos, e os oradores tem no epigramma os seos representantes ¿ Porque Marcial não menciona Cicero, ou outros grandes homens, logo todos os de quem falla são poetas? Quem havia d'impor a Marcial a obrigação de celebrar quaesquer determinados escriptores? Por ventura entre os poetas Gregos não ha poetas de mais nomeada do que Apollodoro? e Marcial só deste se lembrou. ¿ E dos poetas Latinos porque não aponta Horacio?

D. Nicoláo Antonio traduzindo « Apona, que se enobrece *princi-* « *palmente* pelo Historiador Livio, não é menos celebre pelos dois « poetas Stella e Flacco » exalta Livio ainda mais do que Marcial; porque este põem a celebridade de Livio, e a de Stella e Flacco em igual gráo

Censetur Apona Livio suo tellus;
Stellaque, nec Flacco minus:

e, apesar disto, obstina-se em segurar que Marcial elogiou Livio só por incidente, de maneira que o incidente fica sendo o principal! Se Marcial não quisesse fallar positivamente de Livio que necessidade tinha de o nomear? Não bastaria dizer que Apona se gloriava de Stella, e de Flacco, assim como o diz do Nilo a respeito de Apollodoro etc.?

O argumento relativo aos dois Senecas reduz-se ao seguinte —

---

(387) *Licinianum Bilbilitanum poetam civem suum ad posteritatis et gloriae spem erigit hoc epigrammate, adductis multis poetis et aliis scriptoribus, qui patriam suam ita gloriosam reddiderunt.* Ed. variorum de Schrevelio. Lugd. Bat. 1670, p. 68.

(388) V. D. José Rodriguez de Castro, Biblioteca Española, T. 2.º, p. 123, col. 2.ª, e p. 124, col. 2.ª

Eu digo que todos os escriptores de que trata Marcial são poetas; e por isso como Marcial nomea os dois Senecas, ou elles sejão o Rhetorica e o Philosopho, ou este e algum dos Irmãos, posto que não sejão notaveis como poetas, com tudo como Marcial os menciona é necessario acreditar que são poetas. Isto é substituir gratuitamente a a sua opinião á de Marcial.

Marcial dirige-se algumas vezes a Daciano nos seos Epigrammas (389), e até lhe endereçou, com úma epistola em prosa, o L.° 2.° delles. Expansões d'amisade, conselhos, encomios de suas virtudes, é o que se encontra nos versos a Daciano, e nem uma só palavra relativa á sua veia poetica, o que nos diz Marcial é, queixando-se de que procurando-o não o achava em casa, — Muitas vezes não estás « em casa; e ainda quando estás muitas vezes te negas, ou só porque « estás tratando das causas, ou porque muitas vezes tratas de ti (390). »

D. Nicoláo Antonio, tendo considerado a Daciano na cathegoria dos poetas, na explicação do Epigramma 62 do L.° 1.° (391), como já mostrámos, quando depois se occupa especialmente delle, confessa, referindo-se ao epigramma cujos versos acabo de transcrever, que por estes se sabe que Daciano advogava (392); e nem se quer se lembra de que fosse poeta, antes pelo contrario apresenta uma prova *contra producentem* do que antes tinha afirmado.

Quanto a Liciniano Marcial falla duas vezes nesta personagem, uma no epigramma 62 do L.° 1.°, que tem sido objecto desta discussão, e outra no epigramma, 50 do mesmo L.°, recomendando-lhe

---

(389) L.° 1.°, Epigram. 9, 25, 40, e 62; e L.° 2.°, Epigram. 5.°

(390) *Ne valeam, si non totis, Deciane, diebus,*
Et tecum totis noctibus esse velim.
Sed duo sunt, quae nos destinguunt, millia passûm;
Quatuor haec fiunt, cum rediturus eam,
Saepe domi non es: cum sis quoque, saepe negaris:
Vel tantum caussis, vel tibi saepe vacas.
Te tamen ut videam, duo millia non piget ire:
Ut te non videam, quattuor piget ire.
Epigram. 5.° do L.° 2.°

(391) *Bibliotheca Vetus*, T. 1.°, p. 69, Col. 2.ª e seguintes.

(392) *Unde novimus Dacianum causas agitavisse.* Idem, ibid., p. 90, Col. 1.ª

Il parait qu il se livroit aux exercices du barreau. Nota ao Epigram. 9.° do L.° 1.° de Marcial, publicado juntamente com Stacio, e outros poetas, na collecção Nisard. París 1842, p. 566.

que trate de gosar do campo, caçar, divertir-se, e descansar, termina assim « Longe de ti o horrido Liburno (o pregoeiro publico que ci-« tava os reos, e annunciava as acções nas audiencias), e o cliente ri-« xoso: longe de ti as ordens imperiosas das Viuvas. Não quebrará o « pallido reo o teo profundo sono, mas dormirás toda a manham. « Compre outro grande, e insano aplauso: compadecete dos que tem « esta felicidade, tu que não és soberbo, e goza do verdadeiro praser, « em quanto o teo Sura é louvado. Não é vergonhoso procurar só « viver o que lhe resta de vida quem já tem a fama que lhe basta (393).»

---

(393) *Vir Celtiberis non tacende gentibus,*
Nostraeque laus Hispaniae;
Videbis altam, Liciane Bilbilim,
Equis, et armis nobilem,
Sterilemque Caunum nivibus, effractis sacrum
Vadaveronem montibus;
Et delicati dulce Botrodi nemus,
Pomona quod felix amat,
Tepidum natabis lene Congedi vadum,
Mollesque nympharum lacus,
Quibus remissum corpus adstringas brevi
Salono, qui ferrum gelat,
Praestabit illic ipsa figendas prope
Voberta prendenti feras,
Aestus serenos aureo franges Tago
Obscurus umbris arborum.
Avidam rigens Dircenna placabit sitim,
Et Nemea, quae vincit nives,
At cum December canus, et bruma impotens
Aquilone rauco mugiet,
Aprica repetes Tarraconis littora,
Tuamque Laletaniam,
Ibi illigatas mollibus damas plagis
Maetabis, et vernas apros,
Leporemque forti callidum rumpes equo:
Cervos relinques villico.
Vicina in ipsum sylva descendet focum
Infante cinctum sordido,
Vocabitur venator, et veniet tibi
Conviva clamatus prope:
Lunata nusquam pellis, et nusquam Toga,
Olidaeque vestes murice,
Procul horridus Liburnus, et querulus cliens:
Imperia viduarum procul.

Como D. Nicoláo Antonio, por este passo de Marcial, não podia fechar os olhos á evidencia de que Liciniano era advogado, para o fazer poeta, pegou-se á palavra *sophos*, exprimindo-se por este modo « Daqui (do passo do epigramma citado) facilmente se collige que se « occupava do foro; porém não menos se entregava ás Musas. A pa- « lavra gregra Σοφῶς com que se acclamavão os que recitavão as obras « poeticas, como em Latim *euge*, *belle*, em Persio, pertence á poesia, « e talvez pertence tambem ao foro (occupação abandonada por Da- « ciano) pela menção que se faz de Sura, porque Palphurio Sura, ad- « vogado daquelles tempos, não destituido de celebridade, era amigo « d'ambos (394). »

A palavra *sophos* não significa só os aplausos que se davão aos poetas, era palavra usada nas acclamações, principalmente quando se louvavão os que recitavão, ou os que advogavão as causas no foro (395). Nem só as poesias e as orações se recitavão em publico, tambem se recitavão as historias, os dialogos etc. (396), e aos aplausos

---

Non rumpet altum pallidus somnum reus,
 Sed mane totum dormies,
Mercetur alius grande, et insanum sophos:
 Miserere tu felicium,
Veroque fruere non superbus gaudio,
 Dum Sura laudatur tuus.
Non impudenter vita, quod reliquum est, petit:
 Cum fama, quod satis est, habet.

Epigram. 50 do L.° 1.°

(394) *Vacavisse foro, nec minus dedisse Musis operam Licinianum, hinc facile est colligere.* Σοφῶς *verbum Graecum acclamandi poeticorum operum recitatores, ut et Latina* euge, belle, *apud Persium: quod quidem ad poesin, ut Surae mentio ad forense [relictum à Daciano opus] forfan pertinet; Palphurius enim Sura Causidicus non incelebris illorum temporum, utriusque amicus.* Idem, l. c., p. 90, col. 2.ª

(395) *Vox Graeca sapienter significans, cujus usus in declamationibus, praesertim cum recitantes aut causas in foro agentes prece aut pretio corrogati laudabant, qua de re multa* Plin. epist. 14, l. 2. *Hinc* Martial., l. 1, epigr. 50 ℣ 37. *Mercetur alius grande et insanum sophos.* Forcellini, *Lexicon.* O mesmo dizem, mais resumidamente, Gesner, no seo Diccionario Latino e Scheller, e Ruhnken, *Lexicon Latino — Belgicum,* Lugd. Batav. 1799. Os que se compravão para dar applausos aos que recitavão, a que allude este Epigrama, chamavão-se Sophocles, Σοφοκλεις em Grego, e *laudicoeni* em Latim. V. Plinio, Epist. 14 do L.° 2.°, Ed. de Gierig, T. 1.°, p. 164.

(396) *Recitantes benignè et patienter audivit; nec tantum carmina et*

forenses se refere expressa e claramente Marcial; porque diz a Liciniano que os deixe a Sura e gose da vida.

No passo acima transcripto apparece, por incidente, Daciano, abandonando o foro, e o mesmo se lê na edição de Roma (397). Não atino com o fundamento, que teve D. Nicaláo Antonio para semelhante asserção. Não posso persuadirme de que elle se esquecesse de que *vacare* não só se emprega para significar a não existencia de qualquer objecto; mas, quando se lhe junta dativo, significa occupar-se de alguma coisa (398), e muito mais tendo o tomado nesta acepção, applicando-o a Liciniano, para o contemplar como advogado, nem sei como não advertio que, admittindo a 1.ª significação de *vacare* no passo de Marcial

Vel tantum caussis, vel tibi saepe vacas (399)

lhe faz cometter um grosseiro contrasenso, atribuindo-lhe queixar-se de que Daciano se negava muitas vezes, quando estava em casa, por não ter que fazer, nem nas causas, nem no que lhe respeitava! O contrario é o que entendem os commentadores de Marcial (400). Se quizesse considerar-se a palavra *Daciano* como um engano, em lugar de *Liciniano*, que é o objecto do Art.º de D. Nicoláo Antonio, a pesar de trazerem *Daciano* ambas as edições da *Bibliotheca Vetus*, ignoro tambem como chegou á noticia de seo A., que Liciniano abandonou o foro.

Seria ocioso insistir sobre este objecto e levar mais adiante a analyse da explicação dada por D. Nicoláo Antonio ao Epigramma 62 do L.º 1.º de Marcial; porque me parece ter demonstrado a insubsistencia dos argumentos com que elle quer sustenta-la, e coesequentemente que o testemunho que se tira deste Epigramma para prova de que Quintiliano, não era Hespanhol, não é tão destituido de funda-

---

historias, sed et orationes et dialogos. Diz Suetonio de Octaviano Augusto, Cap. 89 do T. 1.º, p. 353.

Quem quizer instruir-se sobre esta materia póde lêr *Excursus primus in Plinii Epistolas. De recitationibus Romanorum.* Ed. das Epistolas de Plinio, publicadas por Gierig, Lipsiae, 1800, e 1802, T. 2.º, p. 538 e seguintes.

(397) 1696, T. 1.º, p. 69, N.º 304.

(398) V. o Diccionario de Gesner.

(399) Epigramma 5.º do L.º 2.º

(400) Ed. *Variorum* de 1670, p. 110; e de Smids, Amstelodami, 1701, p. 72. Ed. de Lemaire. París, 1825, T. 1.º, p. 173.

mento como se pertende; e muito mais reflectindo que Marcial, escrevendo a Quintiliano chama-lhe honra da toga Romana (401), e se fosse seo compatriota, não deixaria Marcial de procurar para os seos uma parte da gloria que elle tinha em Roma, e que reflectia tambem sobre a sua patria, e de qualificalo, ao menos, com um *noster*.

O passo de Quintiliano, relativo á significação da palavra *Gurdos*, sem ser argumento concludente, não é com tudo, a meo ver, tão futil, como o reputa Gesner (402).

Refere Quintiliano ter ouvido dizer que a palavra *Gurdos*, que entre o vulgo significa stolidos, trazia a sua origem da Hespanha (403). Se Quintiliano fosse Hespanhol, ou tivesse estado na Hespanha, era mais natural que disesse — *ouvi dizer na Hespanha* etc.

Outros dois contendores entrárão nesta lide sobre a patria de Quintiliano, Francisco Philelpho, e Mr. Gedoyn.
O 1.°, pugnando pela naturalidade Hespanhola, porque lhe pareceo achar Hispanismos na sua dicção (404).
O 2.°, Querendo que só podesse ser Romano; por não lhe parecer verosimil que um estrangeiro tivesse podido adquirir um conhecimento, como o que elle tinha, da Lingua Latina e das leis, dos costumes, e da Historia dos Romanos (405).
Nenhum valor dou ás razões destes Escriptores, porque:

---

(401) *Quintiliane, vagae moderator summe juventae,*
Gloria Romanae, Quintiliane, togae;
Epigram. 90 do L. 2.°

(402) *Ingeniosa est Heumanni mei objectio contra patriam Fabii ex,* I, 5,57 *Gurdos,* quos pro stolidis accipit vulgus, ex Hispania duxisse originem audivi: *neque enim ita locuturus videtur homo ipse Hispanus. Verum contra testimonia, quae laudavimus, hoc non multum valere, ipse intelligit. Nempe similitudinem cum ita certam non videret Fabius, cum Romae potius Romanus videri vellet, alieno testimonio hic utitur. Et quidni audisse illum dicamus in ipsa patria; sed nomen non communis usus, verum proverbiale, qualia sexcenta, in hoc praesertim argumento. Et quot sunt Germanica vix decimae Germanorum parti nota? Prefatio* * 2, §. 5.

(403) V. a nota precedente.

(404) Citado por Morhof — *In quo* [Quintiliano] *Hispanitatem [erat enim Calaguri, oppido Hispaniae natus] perperam a Franc. Philelpho esse notatam, libro de* Patavinitate Livii *dictum a nobis est* C. 9. Morhof, *Polyhistor*, Ed. Lubecae, 1747, L.° 4.°, Cap. 13, §. 3.°, p. 892 do T. 1.°

(405) *Tout ce qu'il en dit,* [Quintiliano das pessoas com quem tratou] *montre assez qu'il n'a point été élevé autre part qu'à Rome.*

D'ailleurs, il ne paroit point vraisemblable, qu'un Etranger eût pu aqué-

Quanto ao 1.°, não sei como alguem possa conhecer qual era a lingua que se fallava na Hespanha, no tempo de Quintiliano: e por isso não considero em pessoa nenhuma tacto tão fino que possa descobrir os Hispanismos de Quintiliano.

E quanto ao 2.°, se Quintiliano tivesse ido muito moço para Roma, e ali fosse educado, podia ter lá adquirido a pericia na lingua Latina, na Historia Romana etc., que nelle admira Mr. Gedoyn. assim como se verificou em Pomponio Mela, de quem se afirmou que nem Cicero, se tivesse concluido a obra geographica que tinha começado, a escreveria mais elegantemente, como já notei (406).

Spalding, depois de ter discutido a patria de Quintiliano, contenta-se com que a sua familia fosse oriunda da Hespanha, seguindo talvez a opinião de Tiraboschi (407).

Esgotados os testemunhos da nacionalidade de Quintiliano, resta indagar se, ou na sua obra, ou n'outros subsidios, haverá alguns meios de alcançar mais alguma certesa a este respeito.

I.

FAMILIA A QUE PERTENCIA QUINTILIANO, OU A SUA ASCENDENCIA.

Risco, estribandose na authoridade de Festo, reconhece e sustenta que a familia de Quintiliano era Patricia, das mais antigas da Italia, reunindo-se nella os dois appelidos dos Fabianos, e dos Quintilianos, de modo que o Fabio servia de prenome, e o Quintiliano de sobrenome, tornando-se o nome de Quintiliano hereditario; porque tambem o tinha o filho do A. das Instituições Oratorias (408).

---

rir une conoissance aussi profonde, que celle qu'il avoit de la Langue Latine, des Loix, des Coutumes, et de l'Histoire des Romains. Prefação da traducção de Quintiliano. Ed. de París, 1770, p. xxv.

(406). V. a p. 74, e nota 259 desta Memoria.

(407) *Neque tamen protinus necesse est ut natus in Hispania fuerit noster* [Quintilianus], *si familia ejus inde est oriunda.* Ed. de Quintiliano, Pref., p. xxxix.

Tiraboschi, *Storia della Letteratura Italiana*, Ed. de Firenze 1805, T. 2.°, p. 122.

(408) Risco, *España Sagrada*, T. 33, p. 95, col. 2.ª

II.

AVÔ DE QUINTILIANO.

M. Anneo Seneca faz menção d'um Quintiliano, máo declamador, já fallecido quando elle escrevia as suas controversias (409).

É quasi geralmente admittido pertencer este declamador á familia de Quintiliano, divergindo-se em o considerarem seo Pae, ou seu Avô, mas prevalecendo esta ultima opinião, por assentar em melhores fundamentos.

Burmanno traz o passo de Seneca entre os testemunhos de Quintiliano (citando, por engano, o L.° 10.° das Controversias, em lugar do 5.°, e omittindo a palavra *senex*), sem advertir que o lugar de Seneca não póde ser applicado ao A. das Instituições Oratorias; e Caperonnier copiou Burmanno (410), emendando a citação, mas omittindo tambem o *senex*.

Os passos de Festo são os seguintes.
Fabiani et Quintiliani appellabantur luperci à Fabio, et Quintilio praepositis suis.
Quintiliani Luperci *appellati videntur a Quinctilio, qui praepositus est Lupercis: ut à Fabio Fabiani dicti sunt. item* Luperci *quibus is praepositus fuerit. fuisse autem* Romuli *temporibus institutos utrosque, et Fabianos, et Quinctilianos, multi sunt qui existimant. quorum numerum postea saepe auctum fuisse, quia* honoris gratia *multi in Lupercis adscribebantur.* Ed. *ad usum Delphini,* Amstelodami 1700, p. 140, e 414. Risco só copiou o 2.° passo.

(409) *Quomodo L. Asprenas, aut Quintilianus senex declamaverit: transeo istos quorum fama cum ispis extincta est.* Na epistola com que dirige a seos filhos o L.° 5.° das Controversias. Ed. *Variorum,* 1672, T. 3.°, p. 347.

(410) Prefação T. 1.°, assignatura *** *** ** 2. Caperonnier, Prefação, p. LIV.

III.

PAE DE QUINTILIANO.

1. « Porque me hade impedir a modestia de usar d'um exemplo « domestico? Meo Pae, contra um que sendo mandado a certa missão, « tinha dito que nella havia de morrer, e depois, apenas passados « poucos dias, voltara, sem ter concluido ao que hia, fallou assim — « *Não exijo* que morras *na missão mas que te* demores *nella* (411). »

Burmanno e os Commentadores de quem se aproveitou, entendêrão, por este passo de Quintiliano, que seo Pae foi optimo declamador, e tambem algumas vezes advogado perante o Principe (412), ou por parte do Principe: o mesmo entende tambem D. Nicoláo Antonio, accrescentando porém, que isto não prova que Quintiliano fosse Romano; porque teria vindo para Roma quando era adolescente e que depois o seguiria seo Pae; mas que tal não consta de Quintiliano (413): e D. José Rodrigues de Castro, seguindo a D. Nicoláo Antonio, não se oppõem a que o Pae de Quintiliano fosse advogado do Imperador, mas diz que podia exercer ali a sua advocacia depois de ter vindo d'Hespanha com seo filho (414).

Risco vai mais longe « Alguns colligem daqui (do passo acima « transcripto) que o Pae de Quintiliano foi tambem declamador, e até « advogado do Principe; mas, em verdade, neste lugar, que é o unico « em que se menciona, não se afirma que exerceo a advocacia diante « do Imperador, nem que o discurso em que pronunciou esta aguda

---

(411) *Et cur me prohibeat pudor uti domestico exemplo? Pater meus contra eum, qui se legationi immoriturum dixerat, deinde vix paucis diebus insumtis, re infecta redierat.* Non exigo, ut immoriaris legationi, immorare, Spalding, L.° 9.°, Cap. 3.°, N.° 73, T. 3.°, p. 498.

Este passo vem mal transcripto em Gesner [p. 452] que ommittio as palavras — *deinde vix paucis diebus insumtis, re infecta redierat.* — sem as quaes não se entende o dito do pae de Quintiliano.

(412) *Quintiliani pater optimus fuit declamator: idem etiam aliquando causidicus apud principem.* T. 1.°, p. 820.

(413) *Bibliotheca Vetus.* T. 1.°, p. 70, Col. 2.ª, N.° 241 e 243.

(414) *Bibliot. Españ.*, T. 2.°, p. 103, col. 1.ª

« sentença foi algum litigio formal. Nada pois podemos estabelecer,
« guiados pelo testemunho de Quintiliano, senão que seo pae esteve
« empregado n'um dos officios honorificos da Republica, cujo cumpri-
« mento o obrigou nesta occasião a reprehender ao Deputado, que
« tinha voltado sem concluir o negocio que se lhe tinha incumbido.
« Nem ha apparencia que isto fosse em Roma, e em presença do Im-
« perador, antes é mais verosimil que succedesse em Calahorra;
« porque alem de que o Deputado contra quem se procedeo neste caso
« mais parece Deputado d'uma Cidade que Embaixador do Principe,
« como diz Tillemont, é tambem mais provavel que a familia de
« Quintiliano não passou a Roma, como a de Seneca, mas que se con-
« servou sempre em Calahorra, como o indica o facto de voltar o
« nosso Orador a Hespanha, depois de concluir os seos estudos; e a
« sua residencia na Patria até que Galba o levou em sua compa-
« nhia (415). »

A toda esta perlenda de asserções gratuitas, probabilidades forçadas, e algumas contradicções, só responderei:

Que *Legatio* não só significa embaixada, mas tambem qualquer missão, e o exercicio das funcções do Legado:

Que Legados não erão só os Embaixadores mas igualmente os Lugar-Tenentes dos Generaes; aquelles que os Proconsules e os Pretores, quando hião para as Provincias, levavão com sigo, ou por ordem do Senado como adjuntos, para os aconselharem e ajudarem; os que os Imperadores mandavão para administrarem as Provincias que tinhão reservado para si; e os que fazião as vezes dos Proconsules nas Provincias: e que destes ultimos Legados não faltão exemplos na Hespanha:

Que só referindo-se aos Legados que tinhão uma missão administrativa é que póde entender-se o dito do Pae de Quintiliano; porque nos tempos antigos não havia missões diplomaticas fixas; os Embaixadores erão nomeados *ad hoc*, para os negocios occorrentes, e necessariamente havião de voltar e dar conta do objecto a que tinhão ido, nem ha, nem póde haver exemplo do contrario; e por consequencia não podia ter lugar, nem dizer que o Legado havia morrer na embaixada, nem voltar passados poucos dias.

Que o pae de Quintiliano não reprehendeo o Deputado, mas exigio delle que voltasse para onde tinha sido mandado, e se demorasse lá *exigo immorare:*

---

(415) España Sagrada, T. 33, p. 98, col. 2.ª

E que este modo de se exprimir só podia competir a quem fallava, ou perante o Principe, ou em nome do Principe.

2. Pareceme, que ha mais um testemunho relativo ao pae de Quintiliano.

Seneca cita o passo d'um Quintiliano, sem o censurar, e até não sem algum louvor (416).

Quando Seneca fallou no Avô de Quintiliano, que já tinha morrido, na época em que elle escrevia, designou-o com a qualificação de velho *(senex)*, e isto parece indicar que havia no seo tempo outro Quintiliano, aliás, não havendo outro mais moço, era inutil esta distincção. No tempo de Seneca não ha memoria d'outro Orador Quintiliano senão do Pae de M. Fabio; nem ao filho póde applicar-se o passo de Seneca, porque não era do seo tempo, nem Seneca havia de citar sem censura, antes com tacita approvação, um declamador de quem, havia pouco, tinha dito que não tratava, porque morrera com elle a sua fama.

Masdeu reconhece dois Quintilianos o Avô, e o Pae de M. Fabio; porém troca a sua proficiencia; porque qualifica o 1.° como bom orador, e o 2.° como causidico de máo gosto, e amante de ninharias. É o contrario do que se deprehende dos passos de Seneca e Quintiliano citados (417).

Mas o que é ainda mais é assacar a M. Fabio, não se ter atrevido a nomear seo Pae senão para censurar nelle um infeliz jogo de palavras (418); quando pelo contrario M, Fabio, na enumeração de diversas figuras, umas das quaes condemna e outras não, cita o dito de seo Pae, não só com elogio, mas de certo modo, como uma especie de modêlo (419).

---

(416) *Circa hunc sensum est ille* a Quinctiliano *dictus: Nescio utrumne vos miserabiliores dicant quod alimenta accipitis, an quod huic datis. Accipitis enim quia debiles estis. ei datis per quem debiles estis.* Controversias, L.° 5.°, Cap. 33, p. 382 do T. 2.°

Spalding, L.° 9.°, Cap. 3.°, N.° 73, p. 498 [nota], referindo-se a este passo de Seneca diz — *Refert* [Seneca] *tamen aliquem ejus sensum non sine laude quadam;* mas applica o 1.° lugar de Seneca [nota 409] tambem ao Pae de Quintiliano, e não ao Avô.

(417) *Quintiliano el abuelo, buen Orador. Quintiliano el padre, Causidico de mal gusto, y amante de niñerias.* T. 8.°, p. 388, N.° 8, e 11.

(418) *El abogado Quintiliano, padre del insigne Fabio, debia de ser Orador muy flaco y vicioso, segun se vé que su hijo no se atrevió a nombrarle, sino para censurar en el un infelis juguete de palavras.* Masdeu, l. c. p. 162.

(419) O passo inteiro de Quintiliano é o seguinte *Sic contingit, ut ali-*

IV.

PUERICIA DE QUINTILIANO.

1. « Na minha puericia chamavão Asno branco a Junio Basso, « homem muito mordaz (420).

2. « Na minha puericia corrião em Roma as insignes orações de « Domicio Afro, Crispo Passieno, e Decimo Lelio a favor de Volusio « Catulo (421). »

V.

QUINTILIANO SAHINDO DA PUERICIA E ENTRADO NA ADOLESCENCIA.

« Bastavão aliás os dois Livros que compoz sobre esta materia « Domicio Afro, a quem frequentei assiduamente no principio da mi- « nha adolescencia, sendo elle velho, de maneira que a aprendi, não « tanto pela ler, como as mais das vezes, pela ouvir a elle mesmo (422).

D. José Rodrigues de Castro concorda em que « Quintiliano diz

---

quis sensus vehemens et acer venustatem aliquam, non eadem ex verbo non dissonam, accipiat. Et cur me prohibeat pudor uti domestico exemplo? Pater meus contra eum, qui se legationi immoriturum dixerat, *deinde vix paucis diebus insumtis, re infecta redierat. — Non exigo, ut immoriaris legationi, immorare.* — Nam et valet sensus ipse, et in verbis, tantum distantibus jucunde consonat vox, praesertim non captata, sed velut oblata; cum altero suo sit usus, alterum ab adversario acceperit. L.° 9.°, Cap. 3.°, N. 72, p. 497 do T. 3.° Para se entender bem este passo deve ler-se desde o N.° 68, p. 494.

(420) *Ut nobis pueris Junius Bassus, homo in primis dicax,* Asinus albus *vocabatur,* L.° 6.°, Cap. 3.°, N.° 57, p. 568 do T. 2.°

(421) *Nobis pueris insignes pro Voluseno Catulo, Domitii Afri, Crispi Passieni, Decimi Laelii orationes ferebantur.* L.° 10.°, Cap. 1.°, N.° 24, p. 21 do T. 4.°

(422) *Sufficiebant alioqui libri duo a* Domitio *Afro in hanc rem compositi, quem adolescentulus senem colui: ut non lecta mihi tantum ea, Sed pleraque ex ipso sint cognita.* L.° 5.°, Cap. 7.°, N.° 7, p. 194 do T. 2.°

« de si que quando era jovenzito, isto é logo que sahio da idade pueril, « ou desde que cumprio os dez annos em diante, assistio sem inter- « rupção por muitos annos a ouvir Domicio Africano na Aula, e na « sua casa até que este falleceo, que foi no anno 59 da era Chris- « tam (423).

VI.

ADOLESCENCIA DE QUINTILIANO.

1. Egregiamente me parecia, quando era adolescente, ter dito, em Grego, o accusador de Cossuciano Capiton, neste sentido. « *Enver-* « *gonha-se de ter medo de Cesar* (424). » Tacito falla em duas accusações do Cossuciano Capiton.

A 1.ª no anno 47 de J. C., em que, pedindo com outros graça ao Cesar (Claudio), pelo passado, e concedendo-lha elle, começárão a orar em defesa propria (425).

A 2.ª no anno 57 de J. C., accusado pelos Cilices, e apertado pelos accusadores, deixou de defender-se e foi condemnado (426).

2. Pareceme ter dito muito bem Servilio Noniano, que elles (Tito Livio e Sallustio) mais erão iguaes do que semelhantes. Tambem eu ouvi Servilio, homem de engenho esclarecido, e sentencioso (427).

Servilio morreo no mesmo anno em que falleceo Domicio Afro, e por consequencia este passo refere-se á adolescencia de Quintiliano.

---

(423) Bibliot. Españ., T. 2.°, p. 104, col. 1.ª

(424) *Egregieque nobis adolescentibus dixisse accusator Cossutiani Capitonis videbatur, Graecae quidem, sed in hunc sensum,* Erubescis Caesarem timere, L.° 6.°, Cap. 1.°, N.° 14, p. 452 do T. 2.°

(425) Annaes, L.° 11, Cap. 6.°, T.° 2.°, p. 9.

(426) Annaes, L.° 13, Cap. 33, p. 142 do T. 2.°

(427) *Nam mihi egregie dixisse videtur* Servilius Nonianus, *pares eos* [Tito Livio e Sallustio] *magis, quam similes: qui et ipse a nobis auditus est, elati vir ingenii, et sententiis creber.* L.° 10.°, Cap. 1.°, N.° 102, p. 89 do T. 4.°

VII.

JUVENTUDE DE QUINTILIANO.

1. « Na causa de Nevio Arpiniano a coisa unica que havia a « saber era se elle tinha deitado a mulher n'um precipicio, ou se ella « é que se tinha deitado? Foi esta a unica allegação que publiquei « nesse tempo, e que confesso têlo feito, levado d'um desejo juvenil de « gloria (428).

2. « Sirvome das mesmas palavras que ouvi a Domicio Afro, « quando eu era joven (429). »

VIII.

OUTROS FACTOS DA VIDA DE QUINTILIANO.

1. Assistia em Roma, quando falleceo Domicio Afro, ou proximamente á sua morte, porque refere factos da extrema velhice deste seo Mestre.

Vi este grande Orador muito velho, que perdia cada dia alguma coisa daquella authoridade que tinha merecido, pelo que alguns se rião, outros se envergonhavão; e por isso deo occasião a dizer-se que antes quiz que a oratoria o deixasse do que deixa-la elle (430).

---

(428) *Nam id est in causa Naevii Arpiniani solum quaesitum,* Praecipitata esset ab eo uxor, an se ipsa sua sponte jecisset? *cujus actionem equidem solam in hoc tempus emiseram, quod ipsum me fecisse ductum juvenili cupiditate gloriae fateor,* L.° 7.°, Cap. 2.°, N.° 24, p. 66 do T. 3.°

(429) *Utor enim verbis iisdem, quae ex Afro Domitio juvenis excepi:* L.° 10.°, Cap. 1.°, N.° 86, p. 69 do T. 4.°

(430) *Vidi ego longe omnium quos mihi cognoscere contigit, summum oratorem,* Domitium Afrum *valde senem, quotidie aliquid ex ea, quam meruerat, auctoritate perdentem; cum agente illo, quem principem fuisse quondam fori non erat dubium, allii, quod indignum videatur, riderent, alii erubescerent: quae occasio fuit dicendi,* malle eum deficere, quam desinere, L.° 12, Cap. 11, N.° 3, p. 683 do T. 4.°

Domicio morreo, segundo Tacito, imperando Nero, no anno 59 ou 60 de Christo; porque o passo em que refere este acontecimento é um pouco ambiguo. No fim do anno 59 de J. C., nas poucas linhas do Cap. 19, que é o ultimo, em que só trata das mortes de Domicio Afro e M. Servilio, diz — *Seguem-se as mortes dos illustres varões* etc. (431). — Poderia talvez duvidar-se se a palavra — *seguem-se* — se referia ao que antecedentemente vinha relatando Tacito, ou ao principio do anno subsequente, 60 de J. C.; porém ou a morte de Domicio e de M. Servilio se tenhão verificado no fim do anno 59, ou no principio do anno 60, isso nada influe na Chronologia da vida de Quintiliano.

2. Orou na presença de Berenice.

« Porque não só achei nos livros, das observações publicados por « Septimio, que Cicero tinha tratado de semelhantes causas, mas « tambem eu orei a favor da Rainha Berenice, na sua presença (432). »

Dion Cassio referindo os successos do 6.º Consulado de Vespasiano (anno 75 de J, C.) diz « Por este tempo florecia muito Berenice, « e com ella veio para Roma seo irmão Agrippa. Este foi adornado « com as insignias pretorias; ella habitou no palacio, e viveo com « Tito. Era opinião vulgar que ella casaria com Tito; porque já era « tratada, em tudo, como se fosse sua Mulher; porém Tito, conhe- « cendo que o povo Romano levava isto a mal, mandou-a embora; « porque, mormurando-se muito disto, chegárão uns Cynicos a insul- « ta-los no theatro, de que resultou ser um açoitado, e outro dego- « lado (433). »

E no anno 79 de Chr., no Consulado 9.º de Vespasiano, diz mais Dion Cassio. — Tito, desde que principiou a governar só, não mandou matar ninguem, nem se entregou a amores, mas era brando, ainda armando-se-lhe traições, e era continente, a pesar de ter Berenice voltado para Roma; talvez porque mudou logo de costumes (434).

Suetonio diz que Tito, logo no principio do seo governo, mandou

---

(431) *Sequuntur virorum inlustrium mortes Domitii Afri, et M. Servilii, qui summis honoribus et multâ eloquentiâ viguerant.* Annal., L.º 14, Cap. 19, p. 191 do T. 2.º

(432) *Nam et in libris observationum, Septimio editis, adfuisse Ciceronem tali causae invenio: et ego pro Regina Berenice, apud ipsam causam dixi.* L.º 4.º, Cap. 1.º, N.º 19, p. 21 do T. 2.º

(433) T. 2.º, p. 1:088, col. 2.ª *in fine*, e 1:089, col. 2.ª

(434) Idem, ibid, p. 1:091, col. 1.ª, *in fine.*

sahir de Roma Berenice, contra vontade d'um e d'outro (435); e Aurelio Victor diz o mesmo, em sustancia (436). Para concordar estes A.A. com Dion Cassio é necessario admittir que, nos ultimos tempos de Vespasiano (78, ou 79 de J. Christo) voltou Berenice a Roma; e parece natural que orasse Quintiliano na presença da Rainha, na sua primeira vinda áquella Cidade, ao que tambem se inclina Spalding (437).

3. « Ensinou, por espaço de vinte annos, Rhetorica em Roma, « depois de ter empregado vinte annos os seos estudos em ensinar a « mocidade, alcançou a sua aposentadoria (438).

4. « Quando escreveo as suas Instituições oratorias.

« Pedindo-lhe alguns dos seos amigos que composesse alguma coiza « sobre a arte de orar, resistio por muito tempo (439); e depois que « se resolveo a fazer a sua obra, gastou pouco mais de dois annos em « a compôr (440). »

Dodwel, e outros, querem que as Instituições Oratorias estivesem concluidas antes do anno 94 de J. Christo, allegando que sendo M. Fabio tão propenso a adular o Imperador, a quem os Philosophos forão ingratissimos, não os teria elogiado como o fez, em muitos lugares da sua obra (441).

---

(435) *Berenicem statim ab urbe demisit, invitus, invitam.* Tito, Cap. 7.°, p. 317 do T. 2.°, e no principio do mesmo Cap. falla dos amores de Tito com Berenice a que se refere Dion Cassio.

(436) *Denique ut subiit pondus regium, Berenicem nuptias suas spectantem regredi domum, et enervatorum greges abire praecepit.* Epitome, Cap. 10.°, N.° 7, Ed. de Arnetzen, Amstelodami, 1733, p. 498.

(437) *An forte, hisce* [aos Cynicos] *ut poenam statueret Regina ab iis laesa, Titus deperiens eam a patre impetravit.* L.° 4.°, p. 22 do T. 2.°

(438) *Post impetratam studiis meis quietem,* quae *per viginti annos erudiendis juvenibus impenderem,* L.° 1.°, Proem., N.° 4 e 5, p. 5. do T. 1.°

(439) *Cum a me quidam familiariter postularent, ut aliquid de ratione dicendi componerem, diu sum equidem reluctatus:* Idem, ibid, N.° 5.

(440) *Eflagitasti quotidiano convicio, ut libros, quos ad Marcellum meum de Institutione Oratoria scripseram, jam emittere inciperem...., quibus componendis, uti scis, paulo plus quam biennium, tot alioqui negotiis districtus,* impendi. Ibi. *Triphoni epistola,* L.° 1.°, p. 6, N.° 1.

(441) *Imo pugnat nota alia ne ad annum XCIV,* affectum *vel* finis *Operis producatur.* Philosophiae *aliquoties meminit, semperque cum* laude. *Ita nimirum ut praecipua illius decora potiori jure suae vendicet* Oratoriae, ae-

Spalding não dá muito valor ao argumento de Dodwel (442). E Gedoyn, talvez com mais razão, pertende que a obra de Quintiliano fosse escripta depois do anno 94 de J. Christo (443), fundando-se provavelmente n'um passo em que qualifica de muito viciosos os Philosophos do seo tempo (444).

A mim pareceme que M. Fabio podia ter findado a sua obra, tanto antes, como depois do anno 94 de J. Christo; e muito principalmente porque os Mathematicos e os Philosophos forão expulsos de Roma por Domiciano duas vezes.

---

mulus *proinde, non* inimicus *illius, appellandus.* Etiam Philosophorum, *praesertim,* Socratis, *nec fere sine* encomiis. *Id unum in illis reprehendit,* quod *alieniores essent à gerenda* Republica, *quam suum esse voluit, quem hic instituebat,* Sapientem *pariter atque* Oratorem. *Et, si quos obiter perstringit* Philosophos, *sic tamen id facit ut* Philosophiam *ipsam veneretur, eamque semper purget ne commune haberet cum* Philosophis *illis convitium. Itaque non tam* Philosophos *illos agnoscit, quam* Philosophiae *potius ostentatores, rei nimirum optimae* nomen *duntaxat ementientes, cum essent à re ipsa, quam profitebantur, alienissimi. Haec ille passim, etiam in Libro* ultimo, *ne dubitemus alienis à* Philosophiae *laude temporibus, vel biennium illud, imo biennii etiam additamentum, quod Operi concinnando impendisse se agnoscit, esse finiendum.* Non ita *certe scripsisse verisimile est cum* Philosophos malos, *pariter ac* bonos, *ad unum* omnes, *in reliquis* Epictetum, *hoc uno nomine quod* Philosophi *essent, arceret urbe* Domitianus. *Non ita certe ornasset homines* Domitiano *ingratissimos* Domitiani *tam proclivis, ut quam mollissime loquar, assentator. Sed anno illo ipso* XCIV. *Edictum illud, ut alibi ostendimus, quo Urbe* Philosophis *interdictum est, emisit* Domitianus. T. 1.°, p. 1147, *in fine*, §. XXVI.

Dodwell produz muitos passos de Quintiliano, para provar o que diz neste §., e entre elles alguns do Proemio do L.° 1.°; porém não se lembrou do passo do mesmo Proemio, transcripto na seguinte nota [444], que, de certo, não é muito favoravel aos Philosophos do tempo de M. Fabio.

(442) *Non tamen satis grave videtur argumentum, post tale edictum rhetorem nostrum,* tam proclivem *Domitiani assentatorem, Philosophiam et ipsos philosophos, Socratem v. c., non fuisse laudaturum. Volebat sane videri Domitianus philosophos, tanquam viros malos, proscribere non ipsam Philosophiam odisse.* L.° 1.°, Proemio, p. 13, nota do T. 1.°

(443) Prefação, T. 1.°, p. XXVII.

(444) *Ac veterum quidem sapientiae professorum* [os philosophos] *multos et honesta pracepisse, et ut praeceperunt, etiam vixisse, facile concesserim: nostris vero temporibus sub hoc nomine, maxima in plerisque vitia latuerunt. Non enim virtute ac studiis, ut haberentur philosophi, laborabant, sed vultum, et tristitiam, et dissentientem a caeteris habitum pessimis moribus pretendebant.* L.° 1.°, Proemio, N.° 15, p. 13 do T. 1.°

A 1.ª no segundo anno da Olympiada 217, no anno 9,° do seo imperio, 90 de J. Christo.

A 2.ª no 2.° anno da Olympiada 218, no anno 13.° do seo governo, 94 de J. Christo (445). Por consequencia poderia a obra de Qnintiliano terminar-se antes ou depois do anno 94, segundo a hypotese que se adoptar.

5. Foi encarregado por Domiciano de ensinar os netos d'uma sua Irmam (446).

6. Teve honras Consulares (447).

7. Filhos que teve, e quando elles e sua mulher lhe morrêrão.

Foi casado com uma senhora, muito mais moça, do que elle, que morreo de 19 annos, e depois lhe morrêrão os unicos dois filhos que della teve, um de cinco, e outro de dez annos (448).

---

(445) Eusebio. *Domitianus Mathematicos et Philosophos Romanorum expulit.*

Domitianus rursum Mathematicos et Philosophos Romanorum ejecit. Traducção Armenia, T. 2.°, p. 277, e 279.

S. Jeronymo põem a primeira expulsão dos Mathematicos e Philosophos no anno 9.° do imperio de Domiciano, e 91 de J. Christo; e a 2.ª no anno 15.°. e 97 de J. Christo. T. 8.°, col. 687, 688, 689, e 690.

(446) *Cum vero mihi Domitianus Augustus sororis suae nepotum delegaverit curam, non fatis honorem judiciorum Coelestium intelligam, nisi ex hoc quoque oneris magnitudinem metiar.* L.° 4.°, proemio, N.° 2, p. 7.ª, do T. 2.°

(447) Tene *consulari nuper adoptione ad omnium spes honorum patris admotum.* L.° 6.°, Proemio, N.° 13, p. 437, *in fine* do T. 2.° Fallando com seo filho que lhe tinha morrido.

Felix et sapiens et nobilis et generosus
Appositam nigrae lunam subtexit alutae:

Juvenal, fallando de Quintiliano, Satira VII, vers. 191 e 192, Ed. de Rupert, Lipsae 1819, p. 153 do T. 1.° V. a respeito de *alutae* as notas, a p. 446 do T. 2.°

Quintilianus Consularia per Clementem ornamenta sortitus: honestamenta nominis potius videtur, quam insignia potestatis habuisse. Ausonio *Ad Gratianum.... Gratiarum Actio pro Consulatu*, N.° 31, p. 535.

(448) *Erepta mihi prius eorum matre* [a de seos filhos] *quae nondum expleto aetatis undevicesimo anno duos enixa filios, quamvis acerbissimis rapta fatis.*

Aetate ea puellari praesertim meae comparata.

Mihi filius minor quintum egressus annum, prior *alterum ex duobus eruit lumen..*

Una post haec Quintiliani mei spe ac voluptate nitebar, ... sed jam

Esta serie de factos relativos á familia, e ás differentes épocas da vida de Quintiliano, parece que deveria persuadir ser elle natural de Roma; mas, por uma parte, a insistencia em acreditar cegamente nos dois passos de S. Jeronymo, n'um dos quaes o traz conduzido por Galba da Hespanha para Roma, no anno 70 de J. Christo; e no outro em que o faz natural de Calahorra, florecendo na capital do Imperio, no anno 89 de J. Christo, e sendo o primeiro Mestre que nella teve escola publica paga pelo Fisco (449); e, por outra parte, um mal entendido amor de gloria nacional, fizerão imaginar argumentos e factos para torcer a intelligencia natural dos passos que transcrevi, e forçalos a concordar com elles, sem attender a que S. Jeronymo, como está demonstrado, e alguns mesmo dos que tomárão a peito este empenho não só acreditão, mas provão, errou muitas vezes em tudo o que respeita á historia Romana, de que nos offerece um exemplo até o primeiro dos passos acima apontados, dando-nos M. Fabio trazido por Galba, para Roma, no anno 70 de J. Christo (450), quando a este tempo já elle tinha morrido, porque foi assassinado em 69 (451).

Assim contra a estada de Quintiliano em Roma, na sua puericia — IV, 1 e 2 — (452), diz Risco « Quintiliano, se refere algum suc- « cesso do tempo da sua puericia, não falla com expressões que si- « gnifiquem a sua residencia em Roma, mas só a fama publica do « do que conta. De maneira que não ha uma locução em todos os « seos Livros por onde possa inferir-se que esteve em Roma nos « annos da sua idade pueril ! ! (453) » Se Quintiliano fosse Romano, escrevendo em Roma, onde era de todos conhecido, seria necessario explicar que, no tempo da sua puericia, vivia em Roma? Pareceme que sendo Hespanhol é que era mister informar-nos de que o era, para saber-se que então assistia naquella cidade.

« Dodwel não se atreve a tanto, assenta que de certo M. Fabio

---

decimum aetatis ingressus annum, morreo d'uma doença que durou oito mezes, *mensium octo valetudinem tulit*. L.° 6.°, Proemio de N.° 4 a N.° 12, p. 429 a p. 437 do T. 2.°

(449) V. as Notas 336 e 337.

(450) S. Jeronymo, T. 8.°, col. 675, e 676.

(451) Tacito, *Histor.*, L.° 1.°, Cap. 41, P. 42 do T. 3.° Suetonio, Galba, p. 772 do T. 2.° [nota 2.], Ed. de Oudendorp, Lugd. Batav. 1751.

(452) Os N.°s Romanos referem-se aos artigos relativos á familia e vida de Quintiliano, e os N.°s Arabicos aos §§. desses mesmos artigos.

(453) Risco, *España Sagrada*. T. 33, p. 109, Col. 1.ª

« esteve em Roma na sua puericia e adolescencia; como consta das « suas Instituições; que recebendo salario do Fisco viveo em Roma, « por espaço de vinte annos continuos; e que, dimittindo se do em- « prego publico de ensinar, ainda ficou em Roma......E não só elle « mas seos antepassados, em nenhuma outra parte sabemos que esti- « vessem senão em Roma. Aqui se lembra de certo de seo Pae; aqui « tambem M. Anneo Seneca talvez vio e ouvio seo Avô (454) » porém como era indespensavel conciliar estes passos com os de S. Jeronymo, e não havia outro meio de o conseguir, teceo Dodwell, uma historia em que nos conta

Que M. Fabio veio de Hespanha (porque não podia voltar á patria sem de lá ter vindo), mas sem dizer, nem como, nem quando veio.

Que de Roma tornou á Hespanha com Galba que era seo protector, e amigo dos seos estudos (455); e porque talvez quizesse fazer na sua patria a primeira profissão da arte oratoria (456):

Que esteve na Hespanha todo o tempo que Galba governou a Provincia sua patria (457).

Que não sabe em que ali se occupou, mas que lhe parece ter sido antes de toga, do que militar, o seo emprego; porque, pela experiencia que Galba tinha delle, no exercicio do emprego da toga, o fez, quando foi Imperador, Mestre d'uma escola publica, paga á

---

(454) Puer *certe atque* Adolescens Romae *fuit, ut ex his ipsis constat Institutionibus. Et cum* falarium e fisco *acciperet, per* viginti annos continuos Romae *egit. Imo postquam sese illo docendi munere publico abdicasset, adhuc* Romae *haesit. Ibi uxorem perdidit; Ibi* filium *[quem deflet] utrumque. Ibi illum deprehendit* Domitianus *cum nepotum studiis illum praeficeret. Ibi* Institutiones *hasce continuo* biennio, *et quod excurrebat, absolvit.... Quid dico* Ipse? [Quintiliano] *Imo ne majores quidem illius alibi, praeterquam* Romae, *legimus. Hic certe* Patrem *suum ipse memorat. Hic etiam* Avum *ejus fortasse vidit audivitque* M. Annaeus Seneca *Pater, Cur erqo* Calagurritanus *appellandus, si mora ejus in urbe patria* Calagurritana *nulla fuerit insignis? quae tamen alia, quam hoc tempore, nulla insignis esse potuit,* T. 1.°, p. 1:129.

(455) *Erat enim certe* Galba Quintiliani *patronus.* Ibid. E mais abaixo — *amicum nempe studiorum ejus patronumque* Galbam.

(456) *Ea ratio esse potuit cur primam artis oratoriae professionem facere vellet* in patria, *et libenter illam* Galbae *in Provinciam ituri invitationem amplecteretur.* Ibid.

(457) *Fuit hoc* ipso, *ut videtur,* tempore *quo* Galba *Provinciae ejus patriae perfectus est.* Ibid.

custa do fisco, e que nem a indole de Quintiliano era militar (358), e que regressou com Galba para Roma (459).

Mas ha alguns factos positivos em que assente esta historia? Não os ha, antes pelo contrario, o mesmo Dodwel confessa que isto não consta expressamente de nenhum Historiador (360); e com elle se conformão outros escriptores que o seguirão (361); e o que mais é confessa tambem Dodwel que podia tambem ter o sobrenome da Patria sem nunca ter lá ido (462); e tinha para isto um exemplo em seo Mestre Domicio Afro, que era Nemausense, (de Nismes) (463) e se chamava Africano. Porém tudo o que refere Dodwell necessariamente havia de acontecer. E por que? Por tres razões.

1.ª «Porque Galba governou a Hespanha, por espaço de oito

---

(458) *Caeterum quo munere functus fuerit in Patria noster* Fabius, Scholae *an* fori *Praeceptorisne an Advocati, id fateor esse mihi incompertum.* Togae *tamen fuisse potius quam* Sagi *munus,* exinde *colligo quod è datis in hoc munere sui experimentis,* Galba *illum* Romae, *jam Imperator* Scholae *Oratoriae* publicae *praefecerit, et salario publico e* fisco *solvendo instruxerit. Nec sane* militaris *erat* Quintiliano *indoles,* Ibi. §. X.

(459) *Ut ex inde constat quod reversus è Provincia* [Galba] Quintilianum *suum* Romam *duxerit, teste, ut videbimus,* Hieronymo. Ibi, in principio.

(460) *Scio nullum esse qui id diserte testetur, Historicum.* Ibi, in principio.

(461) *Neque etiam de ipso Fabio, ejusque vita et fatis longam instituemus orationem,* cum hoc virorum *insignium, ut Nicolai Antonio in Veteris Hispaniae* T. I., *et imprimis Dodwellis industria praeceperit, cujus Annales Quintilianeos subjicere non negleximus.* Burmano, T. 1.°, assignatura *** ỳ., e effectivamente nem uma só palavra diz da vida de Quintiliano, admittindo, por consequencia, as opiniões de Dodwel.

Caperonnier tambem se contenta com juntar á sua edição de Quintiliano os Annaes de Dodwel, sem accrescentar mais nada, *Subjungitur autem (praeter Quintilianaeos Dodwelli Annales, Annaliumque synopsin) Index* etc. Praefat. p. XXVI. A synopse a que se refere é a mesma que traz Burmanno. *Non probat Dodwellus abductum a Galba Fabium.* Gesner Praef., assignatura * 2.

No ay testimonio en favor de la congetura de Dodwel sobre lo que escribe de Galba [a respeito de Quintiliano]. Risco, *España Sagrada,* T. 33, p. 58, col. 2.ª

(462) *Potuit, fateor,* à Patria *cognomen accipere, ut* nunquam *prorsus fuisset in* Patria. T. 1.°, p. 1129, §. IX.

(463) S. Jeronymo, T. 8.°, col. 661 e 662. Tillemont, citado na nota, refere-se a Dion Cassio ect. *Qui plura de hoc Oratore desiderat, adeat Cl. Menard,* Histoire Civile et eccles. de la Ville de Nismes. *Vol. I, p. 39 et seg.* Diz Valpy na sua ed. de Tacito, na nota, p. 273 e 274 do T. 1.°

« annos, segundo Suetonio e Plutarcho (464), e veio para Roma no « anno 68 de J. Christo; e por isso devia ter ido para o seo governo « no anno 61 de J. Christo (465).

2.ª « Porque as coisas de que faz menção nesta obra indicão ter « estado ausente de Roma por muito tempo; por isso que traz á me- « moria successos acontecidos em Roma na sua primeira puericia, e « no principio da adolescencia. Depois ha uma lacuna manifesta. Nem « se recorda de acontecimentos alguns da idade proxima, isto é, da- « quelles oito annos, em que julgamos que esteve ausente de Roma (466).

3.ª « Porque, tratando dos vinte annos do magisterio de Quin- « tiliano, diz que elles devem ter principio no anno de 68; e acabar « no fim do anno 88 de J. Christo.

« Que o mesmo S. Jeronymo nos ensina ter vindo Quintiliano « para Roma, em companhia de Galba; porém que as suas palavras, « ainda que pertenção ao governo de Domiciano, devem referir-se ao « fim daquelles oito annos

« Que dão uma errada intelligencia a S. Jeronymo os que julgão « ter Quintiliano aberto a sua Aula naquelle anno de Domiciano.

« E que não é isto o que quiz dizer S. Jeronymo, nem o Au- « thor, coevo de Quintiliano a quem elle seguio, seja quem fôr; porque « elle escreveo, decerto as suas Instituições ainda no tempo de Domi- « ciano, como consta de muitos lugares della; e por isso não póde as- « signar-se o principio daquelles annos ao tempo de Domiciano, antes « o A. de S. Jeronymo designou naquellas palavras o fim do magis- « terio (467). »

---

(464) Suetonio, Galba, Cap. 9.°, p. 189 do T. 2.° Plutarcho, Galba.

(465) Octennio *enim Provinciam illam* [a Hespanha] *tenuisse, testes habemus disertos* Suetonium et Plutarchum. *Rediit autem* Romam Galba *eo ipso anno, quo* Nero *interfectus est* LXVIII. *Sed* exeunte. *Ita* incipere *Octennium illud anno alio non potuit quam illo quem nos numeramus et erae nostrae receptae* LXI, p. 1128 do T. 1.°, §. IX.

(466) *Res sane ejus in hoc Opere obiter memoratae diu illum* Roma *abfuisse indicant. Res enim* Romae *gestas à prima* Pueritiae *memoria repetit, et ab initio* Adolescentiae. *Inde hiatus manifestus est. Nec enim* proximae aetatis *res, hujùs nimirum, quo illum abfuisse putamus* Octennii, *ullas unquam advocat.* Ibi, T. 1.°, p. 1129.

Gesner, *Praef.*, assignatura * 2; Risco, *España Sagrada*, T.° 33, p. 109, col. 2.ª; e D. José Rodrigues de Castro, *Biblioteca Española*, T. 2.°, p. 105, col. 1.ª, assentem a esta razão de Dodwel; e igualmente Burmanno e Caperonnier; porque não o contradizem.

(467) *Male* Hieronymum *intelligunt qui illo demum* Domitiani *anno*

E para reforçar a authoridade de S. Jeronymo accrescenta « Não « devemos suspeitar que S. Jeronymo emittisse esta opinião temera- « riamente; teve de certo diante dos olhos a Suetonio, Author pro- « ximo na idade a Quintiliano, aquelle mesmo Suetonio cnjo teste- « munho invoca no Chronicon, principalmente nas coisas Romanas. « Porque Suetonio escreveo um Livro dos illustres Rhetoricos, de que « hoje temos um fragmento muito mutilado, como consta do catalogo « que o precede nos codices Mss.; e nesse catalogo temos tambem os « nomes d'outros Rhetoricos cujas vidas escreveo Suetonio, naquella « obra, e que se perdêrão, e entre elles Marco Fabio Quintiliano; e d'ahi « extrahio S. Jeronymo, e collocou nos seos lugares, segundo a ordem « dos tempos, outros Rhetoricos que não se achão hoje na obra de « Suetonio. E porque havemos duvidar de que tirou d'ahi tambem o « seo Quintiliano (468)? »

Scholam Romae *à* Quintiliano *apertam existimant. Non hoc voluit* Hieronymus; *non Auctor ejus quicunque demum fuerit*, Quintiliano *ipsi coevus, Scripsit enim certe* Institutiones *quas habemus, ut è multis constat earundem locis, superstite adhuc* Domitiano. *Antea tamen quam manum illi Operi admoveret, jam* elapsos *supponit* viginti *illos annos quibus* juventutem erudierit. *Hinc certe constat* exordium *illorum annorum sub* Domitiano *non esse ponendum. Finem potius docendi designavit illis verbis Auctor* Hieronymi. T. 1.°, p. 1131, §. XII.

(468) *Ne autem temere haec* Hyeronymum *effudisse suspicemur, habuit certe ob oculos* [Quintiliano] *Auctorem* Quintiliani *aevo proximum* Suetotonium. *Imo illum ipsum* Suetonium *in* Chronico *testem sese advocasse, in rebus praesertim* Romanis, *quarum parcior fuerat* Eusebius, *in* Chronici Eusebiani *à se* Latine *traducti* Praefatione *ipse testatur* Hieronymus. *Scripsit enim sane* Suetonius *de* claris Rhetoribus *Librum; cujus hodieque Fragmentum habemus, admodum* mutilatum, *ut è* Catalogo *constat quem praefixum repraesentant Codices Mss. In illo aliorum quoque* Rhetorum *nomina legimus quorum* vitas *descripserit* in *illo Opere* Suetonius, *quae tamen olim perierint. Et in illis* Marcum *etiam* Fabium Quintilianum. *Et quidem alios inde* Rhetoras, *qui tamen nulli comparent in Opere* Suetoniano *hodierno, excerpsit, et suo quemque loco, pro temporis ordine, disposuit* Hieronymus. *Cur itaque dubitemus quin et* Quintilianum *suum similiter inde transtulerit?* Nostrum *vero illum fuisse, de quo scripsit* Suetonius, Quintilianum, *non* Patrem *ejus aut* Avum *è temporis illa, in qua illum exhibet* Catalogus, *serie, facile colligimus. Praecedunt enim ibi* L. Statius Ursulus, P. Clodius Quirinalis, M. Antonius Liberalis, Sex. Julius Gabinianus; *quos* Claudii, et Neronis, et Vespasiani *etiam, temporibus apposuit* Hieronymus. *Solus illum sequitur* Julius Tito. *Sed* Titonem *nullum, opinor, legimus in* cognominibus Romanis; *saepius* Tironem. *Estque fortasse* Julius *ille* Tiro *cujus* codicillos *memorat sub*

Quanto á 1.ª razão, aceito a Chronologia de Dodwel; porque della heide aproveitarme para o combater. Mas supponhamos (por um momento) que Quintiliano veio d'Hespanha com Galba para Roma, é isso consequencia necessaria de o ter acompanhado para o seo governo? Não poderia ter ido para ali antes, ou depois delle lá estar?

Quanto á 2.ª razão, é, em primeiro lugar, falso trazer Quintiliano á memoria successos da sua primeira puericia, e principio da adolescencia, e haver depois uma lacuna manifesta, e não se recordar de nenhuns acontecimentos da idade proxima. Os art.os VI e VII mostrão evidentemente o contrario; porém supponha-se ainda (do mesmo modo) que M. Fabio partio com Galba para a Hespanha, nesse caso a lacuna, segundo o que Dodwell imagina, não foi de oito annos, mas de dez; porque se foi para a Hespanha com Galba no anno 61, dois annos depois da morte de Domicio, fallecido em 59 de J. Christo (469); e se nada nos diz do que aconteceo em Roma nesses dois annos, o que é exacto, a lacuna é de dez annos, e não de oito. Naturalmente esteve-se Quintiliano preparando, nestes dois annos, para acompanhar Galba. Mas por Quintiliano não fallar de acontecimentos de Roma, n'um certo espaço de tempo, segue-se que em todo esse tempo esteve na Hespanha, ou mesmo que lá fosse? Alem disto temos nós a chronologia da vida de M. Fabio provada com factos de épocas determinadas? Depois de publicar as suas Instituições Oratorias sabemos alguma coisa delle? sabemos mesmo quando elle publicou esta sua obra?

Quintiliano conta-nos todos os successos de alguma importancia da sua vida, mas quasi sempre por incidente, e não ha um só facto della a que assigne data. Relata acontecimentos da sua puericia, ado-

---

Trajano Plinius. *Hoc si verum,* Julius *ille* Tiro *jam* nuper, *cum scriberet* Plinius, *defunctus,* Quintiliani *in Schola* Rhetorica, *successor esse potuit. Sic alius à nostro* Quintiliano *esse non potuit, qui fuerit loco illi, pro* temporis *ordine, quem secutus est in* vitis *illis disponendis* Suetonius, *inserendus. Sed desunt, fateor,* notae illae *temporum in* Suetonio *hodierno, etiam in* vitis *illis quas cum* Suetonio *hodierno communes habuit* Hieronymus. *Nullum in illo legimus* Imperatoris annum *quo ipsi illi qui supersunt hodieque* Rhethores *floruerint. Inde suspicio est* pleniorem *fuisse in* vitis *illis* Suetonium *quem adhibuit* Hieronymus, *quam sit ille quem hodie habemus.* T. 1.°, p. 1132, §. XIII.

(469) *Et quidem opportune accidit, ut ipso illo aetatis* Quintiliani, *pro nostris calculis, anno ;* secundo *autem à morte* Domitii *Aerae nostrae* Christianae LXI. *in* Hispaniam *mitteretur* à Nerone Galba. T. 1.°, p. 1128, §. IX.

lescencia e juventude, IV, V, VI, e VII; designa algumas das causas que advogou VII, 1, e VIII, 2, e tambem aquella em que defendeo uma Ré, por ter apresentado, como de seo Marido, um testamento falso (470); faz menção d'outras em globo (471), assim como das obras que tinha escripto sobre a arte Rhetorica, e sobre as causas porque se tinha corrompido a eloquencia (472); do tempo que ensinou VIII, 3; dos filhos que teve, e de quando elles e sua Mulher lhe morrêrão VIII, 7 etc.; porém não diz, em parte nenhuma, quando se verificou qualquer destas coisas; e por consequencia como é que podemos avaliar as lacunas, que existem entre os factos por elle referidos? E será acreditavel que, se elle tivesse estado oito annos na Hespanha, guardasse um silencio sepulchral sobre um periodo tão notavel da sua vida, passado na sua patria, quando aliás nos instrue de factos muito mais insignificantes? Eu persuado-me de que é inadmissivel semelhante hypotese; e só esta consideração destruiria, quanto a mim, todos os argumentos da nacionalidade Hispanica de Quintiliano, quando outros não houvesse contra ella

A 3.ª razão serve para illustrar dois pontos historicos. A época em que M. Fabio principiou e acabou o seo magisterio, VIII, 3.

E a authoridade que S. Jeronymo seguio para adoptar essa época, e o mais que relata de Quintiliano.

E para melhor se conhecer a opinião de Dodwell, accrescentarei ainda o que elle continua a expender sobre estes dois assumptos. Diz: « Que a palavra d'Eusebio *Claruit* (tornou-se illustre), applicada a um « anno determinado, deve referir-se a algum facto insigne, que se con« sidere como uma época da vida; e não ha por certo época da vida

---

(470) *Ream tuebar, quae subjecisse dicebatur mariti testamentum, et dicebantur chirographum marito expiranti heredes dedisse.* L.° 9.°, Cap. 2.°, N.° 73, p. 424 do T. 3.°

(471) Depois de fallar da causa de Nevio — *Caeterae quae sub nomine meo feruntur, negligentia excipientium in quaestum notariorum corruptae, minimam partem mei habent.* L.° 7.°, Cap. 2.°, N.° 24, p. 67 do T. 3.°

(472) *Duo jam sub nomine meo libri ferebantur artis rhetoricae, neque editi à me, neque in hoc comparati. Namque alterum, sermone per biduum habito, pueri, quibus id praestabatur, exceperant: alterum pluribus sane diebus, quantum notando consequi poterant, interceptum, boni juvenes, sed nimium amantes* mei, *temerario editionis honore vulgaverant.* Instit. L.° 1.°, Proemio, N.° 7, p. 10 do T. 1.° *Nam ita forte accidit, ut eum quoque librum, quem* de causis corruptae eloquentiae *emisi, jam scribere agressus, ictu simili ferier.* L.° 6.°, Proemio, N.° 3, p. 424 do T. 2.°; L.° 8.°, Cap. 3.°, N.° 58, p. 254 do T. 3.°, *in fine;* ibi, Cap. 6.°, N.° 76 do T. 3.°, p. 358.

« de que tratamos que melhor corresponda a este anno do que aquella
« em que abdicou a escola de Rhetorica (473). »

Eu cuidava que um Professor ganhava credito e fama em quanto ensinava, e não quando fechava a sua Aula, mas já vejo que me enganei.

« E que é certo ter Quintiliano ensinado antes do Imperio de
« Domiciano, e que ensinou pelo tempo de Tito; e ao menos no fim
« do governo de Vespasiano (474). »

Neste passo esqueceo-se Dodwell de ter afirmado n'outro que Galba, quando trouxe M. Fabio para Roma, o fez Mestre de Rhetorica, com estipendio pago pelo publico (475).

E tambem não se recordou de ter dito « que é sem duvida te-
« rem os vinte annos do magisterio de Quintiliano começado no fim
« do anno 68 da era Christam, e terminado no fim do anno 88 da
« mesma era (476). De modo que, tendo entrado Galba em Roma no
« anno 69 de Christo (477), e tendo vindo M. Fabio em sua compa-
« nhia, já ensinava Rhetorica em Roma em 68, antes de lá estar!!!

Mas se os vinte annos do magisterio de Quintiliano acabárão no anno 88 de J. Christo, como é que principiárão no tempo de Tito, ou pelo menos no fim do imperio de Vespasiano?

Vespasiano morreo no anno 79 de J. Christo (478), e por isso qualquer anno que se adopte, antes deste, para satisfazer á hypotese de Dodwell; comparado com o anno de 88, apresentará a impossibi-

---

(473) *Verbum certe illud* Eusebiani *Chronici* CLARUIT, *cum* certo anno *affigitur, ad rem* gestam *aliquam insignem, quae quasi* vitae *qaedam* Epocha *habenda fuerit, referendum est. Nec est sane alia* vitae hujus, *in qua versamur,* Epocha *quae huic anno aptius respondeat, quam haec ipsa* abdicatae *à* Quintiliano *Scholae* Rhetoricae. T. 1.°, p. 1133, §. XIV.

(474) *Sed vero etiam* ante Domitiani *imperium è* Plinii *nostri temporibus, certum est docuisse* Quintilianum. E na margem Docuit *etiam sub* Tito, *et sub* finem *saltem* Vespasiani. T. 1.°, p. 1136, §. XV.

(475) Galba *illum* Romae, *jam Imperator, Scholae* Oratoriae *publicae praefecerit, et salario publico è* fisco *solvendo instruxerit,* T. 1.°, p. 1129, §. X.

(476) *Ait porro* Quintilianus *ipse se* studia sua per viginti annos erudiendis juvenibus impendisse. *Anni illi ab hoc procul dubio, in quo versamur, anno Aerae* Christianae. LXVIII *exeunte arcessendi erunt, desinentque adeo anno ejusdem Aerae receptae* LXXXVIII. *ipso quoque* exeunte. T. 1.°, p. 1131, §. XII.

(477) Tacito, Hist., L.° 1.°, Cap. 6.°, p. 12 do T. 3.°

(478) Suetonio, Vespasiano, T. 2.°, p. 305, nota, diz que morreo no

lidade de terminarem neste anno os vinte do magisterio de Quintiliano, impossibilidade que se tornará tanto maior quanto esse anno que se tomar fôr mais proximo do fim do reinado de Vespasiano. E como é que para comprovar um facto se invoca a authoridade d'uma obra que não existe contra a de outra obra do mesmo Author ainda existente, fazendo-o assim cahir n'uma contradição manifesta? Se Suetonio diz, na vida de Vespasiano que foi elle a quem se deve o primeiro estabelecimento de Professores publicos em Roma, pagos pelo fisco (479), como é que o mesmo Suetonio havia referir, na obra dos illustres Rhetoricos, á muito perdida, que os vinte annos do magisterio de Fabio acabavão no anno 88 de J. Christo, sem se contradizer?

Galba chegou a Roma no anno 69 de J. Christo (480) e Vespasiano principiou a reinar naquella Cidade no 70; e por isso ainda que Vespasiano, logo no primeiro dia do seu governo, se occupasse da creação de escolas publicas em Roma, pagas á custa do estado, nem assim mesmo, podião completar-se no anno 88 de J. Christo os vinte annos do magisterio M. Fabio.

Gesner, seguindo Dodwell, entende que « bellamente concorda, « com o que soubemos por S. Jeronymo na sua chronica, o que diz « Suetonio de Vespasiano C. 17, que foi o primeiro que estabeleceo « estipendio annual, pago pelo fisco, aos Mestres de Rhetorica Latinos « e Gregos. O Chronicon diz que Quintiliano se tornou illustre *(Cla-« ruit)* no anno oitavo de Domiciano, Olympiada 216, isto é no fim « daquelles vinte annos que no principio da sua obra diz ter empre-« gado em ensinar a mocidade (481). »

---

anno 832 de Roma. V. tambem a ed. de Oudendorp, T. 2.°, p. 868, nota. Eusebio, Traducção Armenia, T. 2.°, p. 277, põe a morte de Vespasiano em 79 de J. Christo, como Suetonio; porém S. Jeronymo assigna-lhe o anno de 80, T. 8.°, col. 681 e 682.

(479) *Ingenia et artes vel maxime fovit: primus e fisco Latinis Graecis que rhetoribus annua centena constituit.* Vespasiano, Cap. 18, p. 298 do T. 2.°

(480) Tacito. Hist. L.° 1.°, Cap. 6.°, p. 12 do T. 3.°

(481) *Pulchre huc convenit quod ex Hieronymi Chronico modo cognovimus quod Suetonius de Vespasiano C. 17 ait.* Primus e fisco Latinis Graecisque Rhetoribus annua centena constituit. Claruisse *illum ait Chronicon ad annum Domitiani* VIII, *Olympiad. 216, h. e. sub finem illorum xx annorum, quos ipse principio operis ait se erudiendis juvenibus impendisse.* Prefação, assignatura * 2. O Cap. de Suetonio é o Cap. 18 e não o 17. V. a nota [479].

Concorda bellamente, se a concordancia se refere a Fabio, sendo o primeiro Professor de Rhetorica pago pelo estado, ter principiado a ensinar no tempo de Vespasiano, mas pessimamente se a concordancia se refere ao tempo em que concluio o seo magisterio.

O que sabemos é que M. Fabio principiou a ensinar no tempo de Vespasiano, porque Plinio foi seo discipulo (482) no anno 76 de J. Christo, segundo Masson e Gierig (483); porém quando principiou e findou o tempo em que regeo a sua Aula não o sabemos.

Seria grande fadiga acompanhar Dodwell nas suas investigações chronologicas, farei, com tudo, mais duas observações sobre ellas, que acabarão de patentear as contradicções em que laborou, e concorrem tambem para derribar a sua opinião sobre a nacionalidade de Quintiliano.

A causa de Nevio Arpiniano quer Dodwell que fosse tratada por M. Fabio no anno 70 de J. Christo, ou pouco depois, quando já tinha alcançado celebridade na arte oratoria, no foro (484). Mas se Galba entrou em Roma no anno 69 de J. Christo (485) e Quintiliano veio com elle, como é que já tinha adquerido fama no anno de 70? E a contradicção é ainda mais flagrante por ter Dodwel, acabado de dizer na linha antecedente, que o anno de 69, por ser tumultuosissimo, não era proprio para se tratarem causas, e muito menos para se publicarem (486). E se Quintiliano (como Dodwell suppõe) foi com Galba para a Hespanha, se ali esteve oito annos, e exerceo a advocacia, como póde áfirmar-se que (fallando elle da causa de Nevio Arpiniano, dizendo que a allegação que nella fez foi a unica a que deo

---

(482) *Ac prope quotidie ad audiendos, quos tunc ego frequentabam, Quintilianum et Niceten Sacerdotem ventitabat.* Ed. de Gierig, Lipsiae 1800 — 1802, L.° 6.°, Epist. 6, N.° 3, p. 20 do T. 2.°

(483) *Tabula Chronologica rerum Pliniarum maxime ex ratione Joannis Massoni.* Ed. de Gierig. T. 1.°, p. XXIX dos Prologomenos. Rezzonico, *Disquisitiones Plinianae.* Parma, 1763, T. 1.°, p. 106, e 107, diz que Plinio aprendeo com Quintiliano no anno 77 da Era vulgar.

(484) *De causa* Naevii Apruniani.... *Proinde sub* initium, *ut videtur* Vespasiani, *sedataque Republica, anno fortasse* LXX. *vel paulo postea, cum celebritatem nominis de Arte Oratoriae esset in* foro *consecutus.* T. 1.°, p. 1137, §. XVII. Dodwel dá a Nevio o sobrenome de Apruniano, porque assim se lê em algumas edições.

(485) V. a nota [480].

(486) *Vix porro anno* LXIX. *tumultuosissimo nec* causis *agendis nedum in* lucem *dandis, consentaneo.* T. 1.°, p. 1137, §. XVII; e depois immediatamente — *Proinde* [o passo transcripto na nota (484)].

publicidade naquelle tempo) assim o praticára, levado por um desejo juvenil de gloria? Podia bem M. Fabio ter ainda desejo de gloria no anno 70 de J. Christo; porém o impeto do ardor juvenil já tinha passado. Não seria mais natural este ardor juvenil de gloria n'um rapaz de 19 annos, ou pouco mais, como aconteceo ao seo discipulo Plinio, que orou, pela primeira vez, tendo 19 annos; porém com uma especie de censura, ou de arrependimento de sua temeridade, ao que parece, tem a ingenua modestia de confessar, quando assim o escrevia, que ainda não via claramente, em que deve sobresahir o Orador (487)?

Quintiliano censurando os declamadores, e os Mestres que afrontosamente criticavão os homens que mais tinhão honrado as lettras, prosegue « Darei os parabens áquelles que sem trabalho, sem sciencia, « e sem doutrina, se achão eloquentes. Nós pedimos á muito tempo « ser aliviados do emprego de ensinar e de advogar; porque julga- « vamos ser fim honestissimo deixar este emprego em quanto ainda « desejassem que nelle continuassemos; e consolar-nos-hemos do nosso « ocio investigando e escrevendo coisas que entendermos aproveitarão « aos jovens de talento, o que de certo nos causa prazer (488). »

Dodwell, commentando este passo, diz

« Quintiliano abdicou, não só o exercicio da sua *Aula* mas tambem o « da sua *Arte* no *foro*. Isto mesmo nos ensina elle nas palavras — « *Nós quando* — etc. (489). Donde consta que só deixou ambos aquelles « empregos, depois de ter alcançado permissão do *Principe* de quem « tinha recebido *salario*. Aprendemos tambem a *razão* porque os « largou. Porque julgou ser o *fim mais honesto* do emprego *deixa-lo* « *quando era ainda desejado*. Teve, sem duvida, diante dos olhos o « exemplo de seo antigo Mestre Domicio Afro, observando ter-se-lhe « notado, como vicio, querer antes que a Oratoria o deixasse, do que « deixa-la elle (490), porque o engenho o tinha desamparado, em

---

(487) *Undevisesimo aetatis anno dicere in foro coepi; et nunc demum, quid praestare debeat orator, adhuc tamen per caliginem video.* Plinio, L.° 5.°, Epist. 8.ª, N.° 8, p. 424 do T. 1.°

(488) *Verum illis quidem gratulemur, sine labore, sine ratione, sine disciplina disertis: nos, quando et praecipiendi munus jam pridem deprecati sumus et in foro quoque dicendi, quia honestissimum finem putabamus, desinere dum desideraremur; inquirendo scribendoque talia consolemur otium nostrum, quae futura usui bonae mentis juvenibus arbitramur, nobis certe sunt voluptati.*, L.° 2.°, Cap. 12, N.° 12, p. 328 do T. 1.°

(489) V. a nota precedente.

(490) V. a nota 430.

« razão da sua decrepitude. Daqui tomou elle occasião de procurar o
« seo descanço, estando já salva e consumada a sua fama. Tinha então,
« segundo os nossos raciocinios, sómente 46, ou 47 annos de idade,
« talvez no fim do anno, já principiado, em que acabou o seo vigesimo
« estipendio. . . . Poude com tudo o nosso M. Fabio allegar uma causa
« muito verosimil, conforme as opiniões da época em que viveo;
« porque a antiga *Milicia*, no tempo de Servio Tulio, findava na idade
« de 45 annos, e a dos soldados de leva (rasos), ao menos no anno
« 50, segundo as leis dos que declamavão, como reconhece o mesmo
« Quintiliano. . . . Por tanto sobejavão-lhe, na nossa intelligencia, a
« idade, e especialmente cores assás justas, para pertender a aposenta-
« doria do seo emprego (491). »

---

(491) *Caeterum cum* Schola *usum praeterea,* Artis *suae in* foro *abdicavit etiam Quintilianus. Hoc nos docet ipse illis verbis :* Nos quando et praecipiendi munus etiam pridem deprecati sumus, et in foro quoque dicendi, quia honestissimum finem putabamus, desinere dum desideraremur; inquirendo scribendoque talia, consolemur otium nostrum, quae futura usui bonae mentis juvenibus arbitremur, nobis certe sunt voluptati. *Hinc sane constat utrumque munus illum, non nisi* Principis, *a quo* salarium *acceperat, venia impetrata, deposuisse. Discimus etiam, cur deposuerit,* rationem. *Quod scilicet* honestissimum *muneris* finem *illum putaret,* desinere dum desideraretur. *Habuit nimirum ob oculos sui olim Praeceptoris exemplum* Domitii Afri, *cui vitio datum observaverat, quod* deficere *mallet quam* desinere. *Quod scilicet deficientis prae* senio *ingenii rationem nullam habuisset. Hinc ille occasionem aucupatus est, salva jam et matura fama, otium petendi. Annum tunc agebat, pro rationibus nostris,* Aetatis *duntaxat* XLVI. XLVII. *fortasse in anni, quo desiit* XX. *ejus stipendium, fine jam inchoato. Ut proinde* Principis *fortasse, potius, sub quo causas fuerit acturus, quam* Aetatis, *rationem habuerit.* Inquietam *certe* anxiamque *Oratorum* vitam, licet illos certamina et pericula sua ad Consulatus evexissent, *causatur* Maternus, *cur se ab* Oratoria *ad* Poeticen *receperit, qui sub mitiore vixit, oravitque Principe quam fuerit* Domitianus. *Potuit tamen noster vel* Aetatis *causam, pro illorum,* quibus *vixit, temporum opinionibus, obtendere satis verisimilem. Finis enim* Militiae *veteris, pro censu* Servii Tullii, *in anno erat* Aetatis XLV. *Et* gregariae Militiae *finem, in anno saltem* L. *pro* declamantium *Legibus agnoscit ipse* Quintilianus. *Ita nimirum, siquis tirocinium paulo* serius *inchoasset, ut scilicet* stipendiorum *numerus legitimus ante illum Aetatis annum exire non potuerit. Aliter missionem honestam dabant; etiam* ante *annum* Aetatis *vel* XLV. expleta stipendia. *Ita disputat* Spurius Ligustinus *insigni ejus illa apud* Livium *Oratione :* viginti duo stipendia annua in exercitu emerita *[inquit]* habeo, et major annis sum quinquaginta. *Utroque se nomine a militia excusandum ostendit,, tam quod* stipendia *legitima, quam quod* atatem *militiae legitimam*

Não sei o que querem dizer as palavras de Dodwel — *segundo as leis dos que declamavão, como reconheee o mesmo Quintiliano.* — O passo de Quintiliano é o seguinte. « Um soldado, que n'outro tempo « tinha peleijado bravamente, e n'uma outra guerra pedira que se lhe « desse baixa, em conformidade da lei, porque tinha 50 annos (492). » Aqui não acho leis de declamadores.

Poderá a idade de 46, ou 47 annos, comparar-se com a decrepitude de Domicio para dar a Quintiliano motivo de abandonar o ensino e o foro? E a despensa do serviço militar aos 45, ou 50 annos, tem nada que ver com o exercicio do magisterio, ou do foro? Não nos diz Fabio que trabalhava na sua obra, de dia, e de noite, com medo de que a morte não lhe permitisse concluila (493)? Teria um homem de 46, ou 47 annos, receio de morrer com brevidade? Creio que ninguem se convencerá de tal ¿ E não será mais plausivel, e até mais ajustado com a verdade encostar-se, mais ou menos, á opinião de Mr. Gedoyn, que dá o nascimento de Quintiliano no fim do governo de Tiberio, para, deste modo, quando escreveo as suas Instituições, estar na idade de 60 annos, ou mais, e verificar-se então o receio de não durar muito (494).

É escusado cançarme, e enfadar os leitores, prolongando esta pomica, já bem estirada; e por isso accrescentarei, tão sómente.

Que nenhum dos Escriptores do seculo 1.°, cuja nacionalidade

---

superaverat. Stipendiorum *autem* numerum, *etiam in* gregali militia. *vix* majorem *legimus eo quem in illo* docendi orandique *munere exegerit* Quintilianus. *Nec absurde* stipendiorum numerum *inde arcessitum jam ostendimus, unde primum fluxit* stipendiorum exemplum, *à re nempe* Militari. *Ita suppetebant* Quintiliano, *pro nostris rationibus,* Aetas, *justique satis, in speciem,* colores, *ad petendam muneris vacationem.* T. 1.°, p. 1136, §. XVI.

(492) *Qui aliquando fortiter fecerat, et alio bello petierat, ut militia vacaret ex lege, quod qninquagenarius esset.* L. 9.°, Cap. 2.°, N.° 85, p. 434 do T. 3.°

Tratava-se de defender um soldado accusado de ter desertado, nas circunstancias expendidas.

(493) *At me fortuna id agentem* [trabalhar na sua obra] *diebus ac noctibus, festinantemque metu meae mortalitatis, ita subito prostravit* etc. L.° 6.°, Proemio, N.° 2, p. 424 do T. 2.°

(494) *On peut raisonablement inférer que Quintilien est né sur la fin de Tibere, l'an 37 de Notre Seigneur. De cete sorte on trouvera qu'il avoit 22 ans, lorsque Domitius Afer mourut; et près de 60 lorsqu'il composa ses Livres de l'Institution de l'Orateur; qui est l'âge òu les homes peuvent regarder leur fin, come. n'étant pas éloignée.* T. 1.°, Préface, p. XXVII.

Hispanica é incontestavel, como Pomponio Mela, os Senecas, Columela e Marcial, deixou de lembrar-se da sua patria, nas obras que escreveo. E que nenhum dos Escriptores coevos de Quintiliano, como Plinio, Juvenal, e Marcial, nem dos que se lhe seguírão até S. Jeronymo, como Trebellio Pollião e Lactancio, diz que elle seja Hespanhol, sendo impossivel que se o fosse, Marcial, seo compatriota, quando o elogia e lhe chama gloria da toga Romana, deixasse de honrar com elle a sua Patria, como já observei (495).

Resumindo, por tanto, tudo o que tenho ponderado, o que póde saber-se de Quintiliano é:

Que era Romano, d'uma familia antiga e illustre, I.

Que seo Avô, e seo Pae vivêrão em Roma, II e III.

Que nasceo em Roma, no tempo de Tiberio;

Porque foi discipulo de Domicio Afro, fallecido no tempo de Nero, no anno 59 ou 60 de J. Christo, VIII, 1, e cultivou relações com este seo Mestre, não só na Aula, mas na casa d'elle, continuando-as desd'a sua primeira adolescencia, na sua juventude, e depois até á decrepitude de Domicio, VII, 2, e VIII, 1. Por consequencia estas relações abrangem consideravel espaço de tempo.

E porque só nascendo no tempo de Tiberio é que póde ter lugar o receio de lhe faltar a vida para concluir a sua obra (496).

Que foi o 1.º Mestre que em Roma ensinou Rhetorica, sendo pago á custa do fisco; porque Suetonio diz que Vespasiano foi o primeiro que estabeleceo Mestres de Rhetorica Gregos e Latinos, pagos pelo Estado (497); e porque no tempo deste Imperador foi Plinio discipulo de M. Fabio.

Que, segundo Masson e Gierig, já ensinava em Roma, no anno 76 de J. Christo (498) em que Plinio foi seo discipulo; porém que não sabemos quando começou, e acabou o seo magisterio.

Que advogou causas, VII, 1, e VII, 2, e notas 428, e 429.

Que escreveo dois Livros sobre a Arte Rhetorica, e uma obra sobre as causas porque se corrompeo a eloquencia, nota 472.

Que ensinou por espaço de vinte annos, e depois pedio, e alcançou a sua aposentadoria, tanto do ensino, como da advocacia, VIII, 3, e nota 438.

---

(495) V. a nota 401, e o texto a que se refere.
(496) V. a nota 494, e o texto a que se refere.
(497) V. a nota 479.
(498) V. a nota 483, e o texto a que se refere.

Que escreveo as suas Instituições Oratorias, a instancias de seos amigos, resistindo muito tempo, e gastando dois annos em compôlas, VIII, 4.
Que foi encarregado por Domiciano de ensinar os netos d'uma sua Irmam, VIII, 5.
Que teve honras Consulares, VIII, 6.
Que foi casado com uma Senhora muito moça, que falleceo da idade de 19 annos, deixando-lhe dois filhos, um dos quaes morreo de cinco, e outro de dez annos, VIII, 7.
E que por consequencia, sendo Romano, e tendo vivido em Roma, ali é que adquirio os conhecimentos que teve da lingua e litteratura Grega, estando concordes sobre este ultimo ponto até os mesmos que o suppõem Hespanhol; e por tanto não aproveita a erudição Grega de Quintiliano para provar que no seo tempo se cultivavão na Peninsula os estudos Hellenicos.

Só me resta mencionar um facto da vida de Quintiliano, de que não se encontra vestigio em suas obras, e que é ter elle sido casado duas vezes.

Plinio n'uma epistola dirigida a Quintiliano, offerece-lhe uma somma para ajuda das despezas do casamento d'uma filha, neta de Tutilio, e que estava destinada a esposar Nonio Celer (499).

Os Escriptores da vida de Quintiliano colligírão daqui ter elle sido casado duas vezes, e a difficuldade, no seo modo de ver, só consistia em saber onde havião de collocar a mulher a que allude Plinio, se antes, se depois daquella cuja morte M. Fabio deplora. Esta circunstancia deo lugar, como era natural, a duas opiniões diversas.

A mais antiga é a de Dodwell que põe o casamento, para cujas despesas Plinio concorreo, posterior ao outro, no anno 94 de J. Christo (500).

---

(499) C. Plinius Quinctiliano Suo. S.
Quamvis et ipse sis continentissimus, et filiam tuam ita institueris, ut decebat filiam tuam, Tuilii neptim; cum tamen sit nuptura honestisimo viro, Nonio Celeri, cui ratio civilium officiorum necessitatem quondam nitoris imponit; debet, secundum conditionem mariti, veste, comitatu [quibus non quidem augetur dignitas, ornatur tamen] instrui. Te porro animo beatissimum, modicum facultatibus scio: itaque partem oneris tui mihi vindico, et tanquam parens alter puellae nostrae, confero quinquaginta millia numûm: plus collaturus, nisi a verecundia tua sola mediocritate munusculi impetrari posse considerem, ne recusares. Vale. L.° 6.°, Epist. 32, p. 104 do T. 2.°

(500) *Ita natam illam* [a filha de Quintiliano] *fuisse oportuit anno*

Depois D. Nicoláo Antonio fez preceder este casamento ao da mulher cujos filhos morrêrão 'a Quintiliano (501). Não produzirei todas as razões em que se funda cada uma destas opiniões, por serem fastidiosas; e só direi o que ulteriormente se tem pensado a respeito dellas

Mr. Gedoyn foi o 1.º (que eu saiba) que duvidou de ser da filha de Quintiliano o casamento para cujas despezas offereceo Plinio uma somma. Porque lamentando-se da perda de sua mulher e filhos no prefacio do L.º 6.º, das Instit. Oratorias, traça como uma historia da sua familia, e não diz uma só palavra da filha de que falla Plinio. Se esta filha estava morta, porque não havia elle de chorala, como aos seos outros filhos? e se ainda vivia, porque não acha nella um motivo de consolação? Em fim porque diz elle que é tal a sua desgraça que os seos bens, as suas obras, e o fructo d'uma vida longa e penosa, serão tudo para estranhos.

Que está persuadido de que a carta de Plinio não foi escripta a Quintiliano, e que a sua direcção he erro, como, outros muitos, mais importantes, que deixou passar nos antigos Mss. a negligencia dos copistas.

E que, se lhe fosse permittido levar mais longe as suas conjecturas, acreditaria que, em lugar de *Plinio a Quintiliano,* deveria ler-se *Plinio a Quintiano;* porque Plinio falla deste Quintiano, n'outra Epistola, como d'um homem de merecimento, que era muito seo amigo; e como n'outra epistola precedente se falla tambem de Quintiliano, a semelhança dos nomes poderia muito bem causar este engano (502).

Estas reflexões de Mr. Gedoyn respeitão unicamente á opinião de D. Nicoláo Antonio, e não se fez cargo da de Dodwell.

Spalding abraçou a opinião de Mr. Gedoyn, e combate igualmente a de Dodwell; sendo de parecer que não é necessario mudar o « nome á direcção da Epistola de Plinio, como quer o traductor « Francez; porque podia ser escripta a outro Quintiliano diverso do « nosso.

« E que não acreditaria facilmente que Plinio fazendo a seo « Mestre o efferecimento constante da sua carta, deixasse de fazer « menção de ter sido por elle ensinado (503). »

Aerae Nostrae XCV. *Nec adeo* nubere *mater illius potuit ante annum* XCIV *ut haec illius* primogenita *fuisset*, T. 1.º, p. 1154, §. XXXII.

(501) T. 1.º, p. 74, col. 2.ª, N.º 252.

(502) *Préface*, p. XXIX e XXX.

(503) *Non sane opus est ut mutetur nomen ejus, cui inscripta est Plinii*

E Rupert, no seo Commentario a Juvenal, duvida, do mesmo modo, de que a carta de Plinio fosse escripta a M. Fabio (504).

Eu tambem não sei onde heide accomodar as duas mulheres de Quintiliano. Exporei com brevidade os motivos da minha ignorancia, juntando mais algumas considerações ás que antecedentemente se tem feito sobre este assumpto.

Se M. Fabio, casou com outra mulher, antes daquella cuja perda lamenta, ou a filha que della teve era já morta quando escreveo o Proemio do L.º 6.º das Instituições Oratorias, ou não.

No 1.º caso não havia Quintiliano deixar de relatar esta morte e a de sua Mãe, no numero de suas desgraças.

No 2.º caso não diria M. Fabio:

Que era o que unicamente tinha sobrevivido a todos os seos (505), explicando depois como tinha ficado só, que foi perdendo primeiro sua Mulher, e depois successivamente seos dois filhos (506).

Que todos os seos cuidados vem a redundar em utilidade alheia.

E que é tão desgraçado que deixa todo o seo patrimonio, e a sua obra, não áquelles para quem a tinha preparado (que erão os seos) mas a estranhos (507).

Ter Quintiliano outra mulher depois daquella de que se lembra no Proemio do L.º 6.º, sendo o seo casamento no anno 94 de J. Christo, (508) não sei como póde admittir-se.

Dodwell confessa

«Que Plinio não podia escrever a carta de que se trata depois do «anno 107 de J. Christo, em que collegio e publicou os Livros das «suas Epistolas, e que antes podia escrevela; porém não muito antes.

---

epistola 6,32, cum facile posset intelligi alter Quintilianus, a nostro scriptore plane diversus. Neque enim tam facile, quam fit a Baelio, crediderim, Plinium, ubi tenue pro suis facultatibus munus praeceptori suo offert, idque commendare studet, potuisse omnem disciplinae illius mentionem omittere, Prefação, p. XXXI do T. 1.º V. tambem L.º 3.º, Epist. 1.ª, N.º 21, nota, p. 437 do T. 1.º

(504) T. 2.º, p. 446.

(505) *Si quis in me est alius usus vocis, quam ut incusem deos,* superstes omnium meorum. L.º 6.º, Proem., N.º 4, p. 428 do T.º 2.º

(506) V. a nota [448].

(507) *Sed omnia haec cura ad alienas utilitates [si modo quid utile scribimus]* spectat. *Nos miseri, sicut facultates patrimonii nostri, ita hoc opus aliis preparabamus, aliis relinquemus.* L.º 6.º, Proemio, N.º 16, p. 442 do T. 2.º

« E que no verão do anno 107 de J. Christo colligio e publicou, no
« seo retiro Laurentino, os primeiros oito Livros das Epistolas; e por
« isso já antes tinha escripto aquella (a que se diz dirigida á Quin-
« tiliano) (509). »

Se Plinio escreveo a M. Fabio, antes do anno 107 de J. Christo, ainda que fosse no anno 106, que é a época mais proxima a 107, como é que, tendo casado em 94, e nascendo-lhe uma filha em 95, conforme quer Dodwell (510), já em 106 essa filha era nubil? Ao que accresce que Plinio considera a pessoa para cujo enxoval contribuio, não como uma creança, mas sim como uma Senhora moça a quem se tratava já de fazer o enxoval para o seo casamento (511). E tudo isto é ainda suppondo que a obra de Quintiliano foi escripta antes do anno 94 de J. Christo; mas se ella fosse escripta depois, como pode fazer persuadir a diatribe contra os Philosophos (512), quantos annos havia de ter a filha de Quintiliano?

Mas independentemente destas considerações, como é que podia ter lugar a generosidade de Plinio, a respeito d'uma filha de Quintiliano, dizendo-lhe que é muito parco, (moderado em despesas *continentissimus*), e que sabia ter elle uma fortuna modica (513), se a esse tempo era tão generoso e opulento como Juvenal o descreve (514), e elle mesmo se inculca (515).

A hypotese deste segundo casamento pareceme, por tanto, insustentavel,

Para concluir o que, relativamente a Quintiliano, julguei exigir

---

(508) V. a nota [448].

(509) Plinius *autem post annum* Domini cvii. quos illos *Libros Epistolarum collegit, ediditque*, scribere illam non potuit. Antea potuit, nec multo tamen.

Aestate enim anni 107, in secessu suo Laurentino Libros priores Epistolarum octo collegit Plinius emisitque. Itaque antea jam Epistolam scripserat, T. 1.°, p. 1154, §. xxxii.

(510) V. a nota [500].

(511) V. a Epist. de Plinio, nota [449]. Posto que Plinio lhe chame *Puella*, esta palavra significa uma pessoa moça donzella e até mesmo já casada. V. os Diccionarios de Gesner e Forcellini.

(512) V. a nota [444].

(513) *Te.... modicum facultatibus scio.* V. a nota [499].

(514) *Unde igitur tot*
Quintilianus habet saltus? exempla novorum
Fatorum transi: felix et pulcer et acer;
Felix et sapiens et nobilis et generosus etc.

Juvenal, Sat. 7.ª, vers. 188 a 191. T. 1.°, p. 153.

(515) V. a nota [507].

o meu assumpto, notarei uma allucinação singular de D. José Rodrigues de Castro. Attribue elle a Dodwell a opinião de ser Quintiliano natural de Roma, e propõe-se a impugnalo com os seos mesmos argumentos, quando, pelo contrario, o empenho de Dodwell é provar que M. Fabio nasceo em Calahorra, como se póde ver pelo decurso desta Memoria (516).

Parece que D. José Rodrigues de Castro, herdou de Tiraboschi esta allucinação; porque Tiraboschi refere tambem que Dodwel não se occupou muito da patria de Quintiliano, mas que se mostra mais favoravel áquelles que o querem Romano, do que áquelles que dizem ser nativo de Calahorra na Hespanha, e cita em apoio deste seo modo de sentir o N.° IX dos Annaes de Dodwell (517); porém o que se lê em Dodwell é inteiramente o contrario. Diz elle. « Porque razão se havia chamar Quintiliano Calagurritano se não se « tivesse demorado na sua Patria tempo consideravel? Mas de certo « ali esteve, e foi, segundo parece, no mesmo tempo em que Galba « foi Prefeito da Provincia sua Patria (518). » É sina infeliz de Quin-

---

(516) *A pesar de estas convincentes razones* [as com que se pertende provar que M. Fabio era Hespanhol] *han adoptado varios eruditos estrangeros el sentir del referido Anónymo* [o A. da vida de Quintiliano] *y. . . . defienden con teson que Quintiliano nació em Roma.*

Intentó demostrarlo Enrique Dodwell en la vida que escribió de Quintiliano, y quiso intitular Vita M. Fabii Quintiliani per Annales disposita, *porque en ellos pone la verdadera época de Quintiliano, sacada de lo que este dice en varias partes de sus* Instituciones Oratorias. *Estos lugares en que se fundó Dodwel para hacer* Romano *á Quintiliano, se expressarán aqui, para que se vea claramente por ellos mismos, que no tuvo razon en contradecir á Eusebio y á S. Geronimo que abiertamente dicen haber sido Quintiliano natural de* Calahorra. *Biblioteca Española,* T. 2.°, p. 103, col. 1.ª

(517) *Egli* [Dodwel] *intento a fissar le diverse epoche della vita* [de Quintiliano], *non molto si è tratenuto sulla question della patria: ma si mostra più favorevole a coloro che il voglion romano, che non a quelli che lo dicon nativo di Calaorra in Ispagna* [Ann. Quint. n. 9]. *Storia della Letteratura Italiana,* T. 2.°, P. 1.ª, p. 120, N.° X.

(518) *Cur erqo* [Quintiliano] Calagurritanus *appelandus, si mora ejus in Urbe patria* Calagurritana *nulla fuerit insignis? quae tamen alia, quam hoc tempore, nulla insignis esse potuit. Potuit, fateor, à* Patria *cognomen accipere, ut* nunquam *prorsus fuisset in Patriam. Sed* fuit *certe; fuitque hoc* ipso, *ut videtur,* tempore *quo* Galba *Provinciae ejus patriae praefectus est.* T. 1.°, p. 1129. No mesmo §. tinha já dito — *Imo* Hispanum *illum* [Quintiliano], *et quidem* Calagurritanum, *agnoscit* Ausonius. *Ea ratio esse potuit* etc. [V. a

tiliano attribuirem-se a muitos dos que fallárão no que lhe respeita opiniões absolutamente oppostas ao que elles escrevêrão.

Depois de terminado este artigo, alcancei a versão Franceza de Quintiliano, feita por Mr. Ouizille, e na — *Noticia bibliographica e litteraria* — que a precede deparo com o trecho o seguinte. « Na falta « de tradições positivas talvez o melhor é conformar-se com as sabias « indagações de Dodwel, que, na sua obra intitulada *Annaes de Quin-* « *tiliano*, colligio, com a mais escrupulosa exacção, tudo o que tinha « relação com o nosso Rhetorico. Não póde admirar-se assás, com ef- « feito, a sagacidade com que este habil critico soube, sem fazer vio- « lencia a texto algum, e apoiando-se sempre na Historia e na Chro- « nologia, recompor uma vida de Quintiliano, cujas fazes diversas se « encadeão, e se coordenão, pelo modo mais luminoso. Sigamos pois os « seos passos, porque em vão procurariamos melhor guia ! ! ! (519). » É mais facil escrever assim do que cansar-se em apurar a verdade. Mas o peior é que Mr. Ouizille attribue tambem a Dodwell o que elle não proferio, referindo que « Quintiliano, trazido muito moço para « Roma por Galba, fez ali os seos estudos, e seguio as lições do Do- « micio Africano, e de Servilio Noniano, oradores celebres desta « época (520); » porém Dodwell nunca disse que Galba tinha trazido Quintiliano para Roma na sua infancia, a fim de fazer ali os seus estudos.

---

a nota 456]. Este texto já fica transcripto, pela maior parte, na nota [454]. V. tambem a nota [457].

(519) *A défaut de traditions positives, le mieux peut être est de s'en tenir aux savantes recherches de Dodwel, qui, dans son ouvrage intitulé* Annales Quintilianaei, *a recueilli, avec la plus scrupuleuse exactitude*, tout ce *qui avait rapport à notre rheteur. On ne saurait asses admirer, en effet, la sagacité avec laquelle ce critique habile a su, sans faire violence à aucun texte, et en s'appuyant toujours sur l'histoire et la chronologie, recomposer une vie de Quintilien dont les phases diverses s'enchainent et se coordonneut de la manière la plus lumineuse. Attachons nous donc à ces pas, car vainement chercherions nous un meilleur guide.* Traducção Franceza, acompanhada do texto Latino de Quintiliano. París, 1839 e seguintes. T. 1.°, p. 1.

(520) *Amené* [Quintiliano] *fort jeune à Rome par Galba, il y fit ses études, et suivit les leçons de Domitius Afer et de Servilius Nonianus, orateurs célèbres de cette époque.* Idem, ibid. p. ij.

MARCO VALERIO MARCIAL.

Alguns escriptores dão tambem a Marcial o apelido de *coquus* (cosinheiro). Não me interessa saber se teve realmente este apelido, se o teve por seo Pae ter sido cosinheiro, ou se, por archaismo, se escreveo *coce* por *quoque*, depois do nome de Marcial. Quem for curioso de semelhante investigação póde consultar D. Nicoláo Antonio, e a edição de Marcial, publicada por Lemaire em París, 1825 (521).

O que se sabe de Marcial com certesa é

1.º Que foi natural de Bilbilis; porque assim o declara em muitos dos seos epigrammas (522). Bilbilis era uma cidade notavel da Celtiberia, Municipio Romano, e condecorada com o titulo de Augusta, que existio no monte Bambola, a meia legoa de Calatayud. O nosso Gaspar Barreiros foi o primeiro que assignou o sitio em que esteve Bilbilis, opinião que depois adoptárão D. Nicoláo Antonio, Florez e outros (523).

2.º Que nasceo nas kalendas de Março, como consta de suas obras (524).

3.º Que foi para Roma onde esteve 35 annos, fazendo nelles algumas digressões a Imola, na Gallia togada (a Lombardia), a Altino, a Aquileia etc. (525), o que se manifesta dos passos seguintes.

N'um epigramma, escripto de Roma aos seos concidadãos, diz-lhes que á 34 annos fazem sem elle offertas a Ceres.

---

(521) *Biblioth. Hispan. Vetus.* T. 1.º, p. 81, N.º 275. Ed. de Lemaire, T. 1.º, p. XIV.

(522) L.º 1.º *Epigram.* 50, e 62; L.º 4.º *Epigr.* 55, p. 92, 107, e 440 do T. 1.º; L.º 10.º, *Epigr.* 20, 103, e 104, p. 492, 572, e 573 do T. 2.º; L.º 12.º, *Epigr.* 3, 18, e 21, p. 4, 16, e 19 do T. 3.º Nos *Epigr.* 20 do L.º 10.º, 3, e 12 do L.º 12.º, não se nomea claramente Bilbilis, mas occorrem outras circunstancias que indicão a patria de Marcial.

(523) *Chorographia de algũs lugares que stam em hum caminho que fes Gaspar Barreiros o anno de 1546, começando na cidade de Badajoz em Castella té á de Milam em Italia* etc. Coimbra por Joã Alvares, 1561, fl. 75 ỷ. V. desde fl. 74, Art.º *Calatayud.*

Biblioth. Hispan. Vetus, T. 1.º, p. 80, N.º 273.

Florez, *Medallas.* T. 1.º, p. 169 a 186, onde trata tambem das preeminencias de Bilbilis.

(524) *Epigram.* 53 do L.º 9.º, 24 e 92, do L.º 10.º, p. 424, 495 e 565 do T. 2.º; e 60 do L.º 12.º, p. 55 do T. 3.º

(525) *Epigr.* 1.º e 4.º do L.º 3.º, e 25 do L.º 4.º, p. 262, 265, e 401 do T. 1.º

N'outro escripto igualmente de Roma, fallando com um livro de sua composição, que manda a um amigo assistente em Bilbilis, recommenda-lhe que cumprimente os seos poucos, mas antigos companheiros, que tinha deixado de ver havia já 34 annos.
N'outro instruenos finalmente de que voltou á patria tendo vivido ausente della 35 annos (526).
4.° Que exerceo a advocacia em Roma, por espaço de 30 annos.
Todos os Escriptores que se occupárão de Marcial, que chegárão ao meo conhecimento, ou não fallárão em tal, como Rader, Collesson, Smids, Jouvenci, a edição de Lemaire etc., ou asseverárão mui positivamente que Marcial não tinha capacidade para nenhum genero de estudos, excepto para fazer epigrammas, posto que o instigassem a empregar-se no foro, ou a fazer um poema heroico, ou outro poema regular; taes forão Domicio Calderino, Pedro Crinito, e os que por elles se guiárão (527).

---

(526) *Quatuor accessit trigesima messibus aestas*
Ut sine me Cereri rustica liba datis.
Epigr. 103 do L.° 10.°, p. 573 do T. 2.°
Quid mandem tibi, quaeris? ut sodales
Paucos, sed veteres, et ante brumas
Triginta mihi quatuor visos
Ipsa protinus via salutes.
Epigr. 104 do L.° 10.°, p. 574 do T. 2.°
Munera sunt dominae post septima lustra reverso:
Has Marcella domos, parvaque regna dedit.
Epigr. 31 do L.° 12.°, p. 29 do T. 3.°

N'um epigramma dirigido a Julio diz-lhe Marcial que, se bem se lembra, forão companheiros 34 annos; porém não póde saber-se qual é a época da vida de Marcial que estes 34 annos abrangem. *Epigr.* 34 do L.° 12.°, p. 32 do T. 3.°

(527) *Litterarum causa Roma cum ageret ingenium nulli studiorum generi accommodare potuit quamvis alii ad causas agendas: alii ad carmen heroicum et justum poema hortarentur: praeterquam epigrammatis scribendis otii et Epicureae sectae: quam veram vitam appellat.* Domicio Calderino. Ed. de Milão 1483, assignatura a iii.

O Catalogo das edições de Marcial, que vem no 1.° Tomo da edição de Lemaire, menciona, p. LXVI, já acompanhado do texto de Marcial, na 2.ª edição de Veneza 1474, o commentario que Domicio Calderino fez ao poeta de Bilbilis; porém esta edição traz só o commentario de Calderino, e não o texto de Marcial, que foi impresso pela primeira vez com o Commentario em Veneza, 1480. V. o *Manuel du Libraire* de Brunet, París 1842 e seguintes, art.os *Calderinus e Martialis.*

D. Nicoláo Antonio limita-se a reflectir que Marcial preferio ao exercicio do foro, donde podia esperar que lhe proviessem maiores lucros, um genero de vida descançado, captando a benevolencia das pessoas principaes, e de todos os habitantes de Roma com as suas aprasiveis facecias (528).

D. José Rodrigues de Castro opina que Marcial não quiz dedicar-se a escrever obras serias, por não ter Mecenas (529).

Quem communicou aos Autores que a proclamão a noticia da incapacidade de Marcial para toda a qualidade d'estudos, não sei eu, o que me parece é não poder duvidar-se de que advogou 30 annos em Roma, á vista da maneira porque se exprime, dirigindo-se a Juvenal. « A minha Bilbilis, soberba com o seo oiro, e com o seu ferro, para « onde voltei, depois de muitos annos, recebeome, e tornoume lavrador. « Aqui descançados cultivamos Boterdo e Platea, nomes rudes das « terras Celtibericas. Goso d'um grande e longo somno, que a hora de « terça não vem muitas vezes interromper, e agora recupero tudo o « que perdi nas vigilias que tive durante 30 annos. Não conheço a « toga; mas, quando o peço, daseme o meo vestido que tenho ali pro- « ximo n'uma cadeira quebrada (530). »

Sed cum agendis causis, minimè se idoneum videret, omnem operam atque diligentiam retulit ad scribenda epigrammata. Pedro Crinito. *De Poetis Latinis.* Copiado pelo P. Manoel Alvares na sua edição de Marcial, Conimbricae, 1569, edição que não vi lembrada pelos que fizerão catalogos das edições de Marcial.

Na edição *Variorum* de Schrevelio, Lugd. Batav. 1670, transcreveo-se igualmente a mesma vida, assim como na de Maittaire. Londini, 1716, etc.

(528) *Hoc enim in otio vivendi genus, atque, adeò festivis jocis captandi sibi virorum principum ac totius urbis favorem, prae forensibus exercitiis habuit, unde lucra sibi proventura maxima sperare poterat,* Biblioth. Hisp. Vetus, T. 1.°, p. 82, N.° 277.

(529) *No quiso dedicarse á escribir obras serias; por que decia á su amigo Lucio Julio, que para esto se necessitaba tener hombre* etc. *Bibliot. Españ.* T. 2.°, p. 119, col. 2.ª

(530) *Me multos repetita post Decembres*
Accepit mea, rusticumque fecit,
Auro Bilbilis et superba ferro.
Hic pigri colimus labore dulci
Boterdum Plateamque: Celtiberis
Haec sunt nomina crassiora terris.
Ingenti fruor improboque somno,
Quem nec tertia saepe rumpit hora,

A hora de terça, que entre nós é desd'as oito até ás nove, era o tempo destinado para se tratarem as causas no foro (531). E que não se empregava só em fazer epigrammas prova-se tambem pela carta com que enviou a Prisco o L.° 12.° dos seos epigrammas, em que allude a occupações que tinha em Roma (532).

O que eu não sei é, se os cinco annos que faltão para completar os 35 que esteve em Roma, os gastou Marcial em aprender, antes de principiar a advogar, ou se pertencem a outra época da sua vida, em parte da qual deixou o exercicio do foro.

Todos os mais factos relativos á vida de Marcial, ou são duvidosos, ou não se lhes póde assignar o tempo em que se verificárão.

Et totum mihi nunc repono, quidquid
Ter denos vigilaveram per annos.
Ignota est toga: sed datur petenti
Rupta proxima vestis e cathedra.

Epigr. 18 do L.° 12.°, p. 17 do T. 3.°

Os Commentadores de Marcial, que tenho visto, á excepção de Schrevelio, conformando-se com Domicio Calderino, fazem concordar *rupta* com *cathedra*. *Rupta auget paupertatem dum ait cathedram quoque ipsam ruptam fuisse*, assignatura u VIII.

Schrevelio admitte a concordancia com *vestis* ou *cathedra*. *Proxima, id est, quaelibet obvia vestis è ruptâ cathedra. Vel rupta vestis è proxima cathedra*. Ed Variorum. Lugd. Bat. 1670, p. 669.

E a mim pareceme que *rupta* melhor convem a *vestis* do que a cathedra; porque mais saliente se torna o contraste entre um vestido já roto, e a toga; e porque, quanto a mim, as palavras *rupta*, *proxima* e *vestis* tem relação a um mesmo objecto a que estão natural e successivamente ligadas, ficando o *rupta* mui distante de *è cathedra*.

V. tambem o epigramma 20 do L.° 5.°

Nec nos atria, nec domos potentum,
Nec lites tetricas, forumque triste
Nosscmus,

T. 2.°, p. 31.

(531) *Hoc spatium temporis, agendis foro causis destinatum, illud est quod, apud nos, ab octava sonante, usque ad nonam sonantem extenditur.* Nota 2 ao Epigr. 8 do L.° 4.°, p. 379 do T. 1.°, da ed. de Lemaire.

(532) *Scio me patrocinium debere contumacissimae triennii desidiae: quae absolvenda non esset inter illas quoque ocupationes urbicas, quibus facilius consequimur ut molesti potius quam officiosi est videamur.* L.° 12.°, p. 1 do T. 3.°

QUEM FORÃO OS PAES DE MARCIAL.

Domicio Calderino, a quem seguio Rader (533), cuja vida de Marcial copiárão exactamente Collesson, e Smids, e que tambem adoptárão, quasi inteiramente os Professores de París que cuidárão da edição de Lemaire, por lhe parecer a melhor (534), dizem que os paes de Marcial forão Fronton e Flacilla, fundando-se no epigramma 34 do L.° 5.°, que tem por epigraphe — Epitaphio de Erocio a seo pae Fronton —, em que Marcial recomenda a seos paes já mortos (segundo aquelles Autores) Fronton e Flacilla, a menina Erocio, morta com seis annos menos seis dias de idade (535). E Jouvenci é do mesmo parecer (436).

D. Nicoláo Antonio combate esta opinião, authorisando-se com o epigramma 37 do L.° 5.°, que explica ser Erocio uma escrava, nascida de paes escravos, em casa de Marcial (537), e concluindo da-

---

(533) *Parentes Romana appellatione Frontonem et Flacillam nominat: Obscuros quidem ac filii tantum testimonio vix cognitos.* Domicio Calderino, *Vida de Marcial*, em qualquer edição. *Parentum nomina, nisi filius cantasset, oblivione sepulta jacerent, liber 5. immortali reddidit epigr. 35.*

Hanc tibi Fronto pater, genitrix Flacilla puellam.

Rader, *Vida de Marcial*, em qualquer edição.

(534) *Inter varias variorum auctorum vitas Martialis, quum potior nobis visa esset illa Matth. Raderi, ex ipso Martiale concinnata, priori eam volumini praemisimus.* T. 1.°, p. LXXXI.

(535) EPITAPHIUM EROTII AD FROTONEM PARENTEM

Hanc tibi Fronto pater, genitrix Flacilla puellam,
Oscula commendo, deliciasque meas;
Paulula ne nigras horrescat Erotion umbras,
Oraque Tartarei prodigiosa canis.
Impletura fuit sextae modo frigora brumae,
Vixisset totidem ni minus illa dies
Inter tam veteres ludat lasciva patronos,
Et nomen blaeso garriat ore meum. etc.

T. 2.°, p. 50.

(536) *Natus est Bilbili.... patre Frontone, matre Flacilla.* Em qualquer ed. de Jouvenci, na vida de Marcial.

(537) DE EROTIO PUELLA.

Neste epigramma, dirigindo-se a Peto, figura que elle lhe diz, pelo ver lamentar a morte de Erocio.

qui serem os paes a que se allude no epigramma 34, os da escrava, e não os de Marcial (538).

E D. José Rodrigues de Castro accrescenta, que não consta por parte alguma que Marcial tivesse tal irmam (539). Mas a sua observação nenhum lugar tem; porque a dissidencia neste assumpto não versa sobre ser, ou não, Erocio Irmam de Marcial; o que tem de esclarecer-se é se, sendo ella escrava, nascida em casa de Marcial *(vernula)*, os Manes a quem elle a recomenda, na habitação dos mortos, são os dos paes delle, ou os da escrava; visto não ser necessario que fosse irmam de Marcial para elle a recomendar aos Manes de seos paes.

A expressão — entre os tam antigos patronos — (540) parece dever applicar-se aos paes de Marcial que, nessa qualidade, erão patronos da escrava Erocio; e os Professores que tratárão da edição de Lemaire, copiando a Rader, sem o citar, estendem este patronato até aos avos de Marcial (541), que certamente não podião ter sido patronos da escrava, fallecida na idade de seis annos, e ainda para o serem os paes de Marcial é necessario admittir que tivessem morrido durante os seis annos da vida de Erocio.

Deflere non te vernulae pudet mortem?
T. 2.°, p. 57.

(538) *Natus in Calendis Martiis [non quidem ex Frontone et Flacilla parentibus, ne cum Domitio Calderino erremus; haec enim nomina sunt parentum Erotii puellae quam deflet mortuam epig. 37, libri quinti].* Biblioth. Hisp. Vetus. T. 1.°, p. 81, §. 276.

(539) *Y que se equivocaron Lilio Gregorio Giraldo y Domicio Calderino en quanto á los padres de Marcial, se convence por el* Epigramma XXXV *del lib. 5.° compuesto en la muerte de la niña* Erocio, *hija de* Fronton *y de* Flacilla *á quienes dichos Autores tuvieron por padres de Marcial; y no consta por parte alguna que este tuviesse tal hermana.* Bibl. Españ. T. 2.°, p. 119.

Não é o epigramma 34 do L.° 5.° [que em algumas edições tem o n.° 35) que D. Nicoláo Antonio allega em prova de que Fronton e Flacilla não forão os paes de Marcial, mas sim de Erocio, é o epigramma 37 do L.° 5.° V. a nota antecedente.

(540) *Inter tam veteres ludat lasciva patronos.* Verso 7.° do Epigr. nota [535].

(541) Lasciva patronos. *Hoc est inter patrem et avos antiquos defensores ludere liceat in campis Elysiis. Potest etiam patrocinio uti majorum Martialis, jure vernulae, ita ut non reformidet Cerberum et caetera inferorum terriculamenta, sed lusitet discurratque gestiens modo puerorum.* T. 2.°, p. 51, Nota 7.

Por outra parte os paes de Erocio, já defuntos, podião tambem considerar-se protectores natos de sua filha.

Mas o que torna mais embaraçosa a solução deste problema é que afirmando Rader, na vida de Marcial, que seos paes forão Fronton e Flacilla (542); sustentando no commentario ao epigramma 34 do L.º 5.º (na sua edição tem o N.º 35) que Marcial encomenda a seos paes já fallecidos recebão entre os Manes a alma innocente da menina Erocio, filha de paes escravos, nascida em sua casa, e morta em tenra idade (543), e repetindo, logo immediatamente, quando explica as palavras — *antigos patronos* —, que erão estes o pae, mãe, parentes e avos de Marcial, porque era escrava, nascida em casa de Marcial de pae e mãe escravos (544); acho depois, trasladada na edição de Lemaire, uma nota do mesmo Rader que diz assim « A Fronton e Fla- « cilla, que em quanto vivestes fostes meos escravos, recomendo vossa « filha, escrava, nascida na minha casa, morta na pequena idade de « seis annos, para que recebaes a sua alminha e a defendaes daquellas « larvas, monstros, e terrores stygios, Cerbero trifauce, Eumenides « etc. (545). »

Rader deo tres diversas redacções ao seo commentario sobre Marcial. A 1.ª sahio á luz em Ingolstad no anno de 1602; a 2.ª publicou-se na mesma Cidade em 1611; e a 3.ª foi impressa em Moguncia no anno de 1627, a que se seguírão uns *Analecta*, impressos em Colonia Agrip. em 1628. Nas primeiras duas redacções não se encontra semelhante nota, a 3.ª não a vi, nem o *Analecta;* porém como os Professores que trabalhárão na edição de Lemaire dizem que a tinhão (546), é natural que della tirassem a nota a que me reportei, e sendo ella tão opposta á opinião emittida pelo Jesuita Rader

---

(542) V. a nota [533].

(543) *Utrique parenti jam defuncto commendat sexennem puellam Erotion vernulam immaturo fato extinctam, ut insontem ejus animam aput Manes excipiant.* Ed. de Ingolstad. 1602, p. 353.

(544) *patrem, matrem, propinquos, avos, avias. Erat enim vernula Martialis, hoc est, domi Martialis e servo, servaque nata.* Ibid.

(545) Hanc tibi etc. *Erotion puellam sexennem immaturo extinctam fato, filiam vestram, o Fronto et Flacilla, servi, dum viveritis, mei, vernulam et delicias meas vobis commendo, ut excipiatis animulam ejus, deductamque defendatis a larvis illis, monstris, terroribusque stygiis, Cerbero trifauci, Eumenidibus* etc. Rader.

(546) 1627. *Mogunt. fol. Matthaei Raderi* etc. *Editio haec est penes nos ipsos.* Catalogo das edições de Marcial. T. 1.º, p. LXXVIII.

nas suas duas redacções anteriores, póde ser que na 3.ª desse elle o motivo de ter mudado de parecer. E não deixa de ser singular ter-so produzido na nota 1.ª da p. 50 do T. 2.º da ed. de Lemaire, um dictame attribuindo-o a Rader, e na p. immediata outro absolutamente opposto, etxrahido do mesmo A., posto que não venha com o seo nome, sem se dar a razão porque isto assim se pratica.

Nestá perplexidade o que, por hora, me parece é ser duvidoso quem forão os paes de Marcial.

QUANDO NASCEO MARCIAL.

Masdeu assigna ao nascimento de Marcial o anno 41 de J. Christo citando Jouvenci (547); porém Jouvenci não diz tal; o que elle refere, na vida de Marcial, é que nasceo no tempo de Claudio, cujo imperio começou no anno 41 de J. Christo (548).

Os Professores da Universidade de París que se encarregárão da edição Lemaire põem o nascimento de Marcial no anno 43 de J. Christo, declarando attribuirem-lhe esta data mais por conjectura do que por demonstração (549). A conjectura assenta naturalmente nos fundamentos seguintes.

Que foi para Roma tendo annos	21
Que esteve naquella cidade	35
Que, depois destes 35 annos, é que sahio de Roma	1
E que tinha 57 annos quando voltou para a patria (550), no primeiro anno do Imperio de Trajano	57
Trajano principiou a reinar no anno 852 de Roma de J. Christo (551), annos	99
e abatidos destes annos os 57 acima	57
ficaria sendo o nascimento de Marcial no anno de J. Ch.	42

(647) *Naciò el año quarenta y uno de la era Christiana.* Hist. Critica d'España, T. 8.º, p. 328, §. XIII e nota [1].

(548) *Marc. Val. Martialis natus est Bilbilis. . . . Kalendis Martiis, sub Claudio Imperatore, qui anno Christi 41 imperium inivit.* Na vida de Marcial, em qualquer edição. Servime da edição de Veneza 1745, 12.º

Porém como Trajano não veio para Roma logo no principio do anno 99 de J. Christo (552), esta consideração, e o modo de contar o principio dos annos de J. Christo correspondente aos annos de Roma, poderia adiantar o nascimento de Marcial ao anno 43 de J. Christo.

Destes esteios em que se pertende firmar a conjectura da edição de Lemaire, só é seguro ter Marcial estado em Roma 35 annos; aos outros factos não ha meios de estabelecer a época em que acontecêrão, como logo veremos; consequentemente não se sabe em que anno nasceo Marcial.

ONDE APRENDEO MARCIAL.

Domicio Calderino, e Pedro Crinito querem que fosse buscar a sua instrucção a Roma (553).

Rader, e os que o seguírão, afirmão que estudou em Calahorra (554).

D. Nicoláo Antonio assenta que aprendeo na patria, notando não saber porque razão Rader dissera que fora ensinado em Calahorra, sem

---

(549) *Marc. Val. Martialis. . . . Christi* XLIII, *quamquam hoc ex conjectura magis quam ἀποδείξει, natus.* T. 1.°, p. XIII.

(550) *In Italia mansit annos 35. quibus exactis, rediit in Hispaniam suam anno aetalis 57.* Jouvenci, l. c.

Il P. Matteo Radero. . . . osserva. . . . che essendo nel cinquantesimo anno di sua vita fece alla patria ritorno, sul principio del Impero di Trajano. Tiraboschi, *Storia della Letteratura Italiana,* T. 2.°, P. 1.ª, p. 93.

Rader não é tão explicito como Tiraboschi, mas do que elle escreveo póde deprehender-se o mesmo.

D. Nicoláo Antonio diz que voltou para a patria quando tinha quasi 57 onnos. *Cogitavit in patriam reditum, et exsecutus est quatuor jam et triginta annorum urbis incola, cùm ferè ageret aetatis septimum et quinquagesimum.* Biblioth. Hisp. Vetus, T. 1.°, p. 82, N.° 278. Aqui ha equivocação d'um anno, porque Marcial esteve de certo 35 annos em Roma, como fica demonstrado a p. 145

(551) Dion Cassio, L.° 68, p. 1122 do T. 2.°

Eusebio Chronicon, traducção Armenia, p. 281 do T. 2.°

(552) Dodwell, *Praelectiones Academicae in Schola Historices Camdenianae, Praelectio* IV, §. VIII, p. 231. V. tambem a nota §. 38 [l. 20] da p. 1122, acima citada, de Dion Cassio.

(553) *Litterarum causa Romae, cùm ageret.* Domicio. Vida de Marcial, em qualquer edição.

reparar que o mesmo podia applicar-se-lhe pela opinião que emittio de Marcial ter aprendido na terra em que nasceo (555).

E D. José Rodrigues de Castro não se decide, nem por Calagorra, nem pela patria de Marcial; mas faz dizer a Mariana que estudou em Bilbilis (556), quando elle nem uma só palavra proferio a semelhante respeito, e unicamente relata que, no tempo do Imperador Domiciano, florecêrão em Roma tres Poetas Hespanhoes, o primeiro dos quaes foi Marcial, visinho de Bilbilis (557).

Por tanto, não havendo testemunho algum authentico, que nos instrua do lugar onde Marcial recebeo a sua educação litteraria, o que póde assegurar-se relativamente a este objecto, é que não se sabe onde aprendeo, e se alguma hypotese podesse aventurar-se, a este respeito, seria a de Pedro Crinito, cujo sentir é que foi estudar a Roma.

EM QUE IDADE FOI MARCIAL PARA ROMA.

Segundo Pedro Crinito foi na sua puericia (558).

Rader, e os que copiárão a vida por elle escripta, querem que fosse para Roma, quando tinha 21 annos (559).

Jouvenci diz o mesmo (560).

Sub primam aetatem profectus est ad urbem Romam, qùo facilius in litterarum studio versari posset, suumque inqenium erudire. Pedro Crinito. Vida de Marcial, nas edições deste A.

(554) *Calagurritanus alumnus.* Na vida de Marcial, em qualquer das edições que trazem a que Rader compoz.

(555) *Litterisque in patria insigniter eruditus [Calagurritanum alumnum nescio quo sensu Raderus dixerit]*, Biblioth. Hispan. Vetus, T. 1.°, p. 81, §. 276.

(556) *Instruido en* Bilbilis, *de donde era natural, en sentir del P. Juan de Mariana en el fin del Cap. 4.° del L.° 4.° de la* Historia d'España ; *ó en* Calahorra *de donde le hace alumno su historiador Radero,* Bibliot. Españ. T. 2.°, p. 119.

(657) *En tiempo deste Emperador* [Domiciano] *florecieron em Roma tres Poetas Españoles muy conocidos por sus versos agudos y elegantes : el primero fue Marco Valerio Marcial, vecino de Bilbilis, pueblo que estaba cerca de donde oy está Calatayud. Historia d'España*, L.° 4.°, Cap. 4.°, Ed. de Valencia, 1785, T. 2.°, p. 30 ; e nada mais diz de Marcial.

(558) V. a nota [553].

(559) *Romam venit, cum annum ageret alterum et vicessimum.* Na Vida de Marcial.

(560) Vida de Marcial, em qualquer das edições de Jouvenci.

Segundo D. Nicoláo Antonio foi, logo que a sua idade lho permittio (561).

Pela conta de Masdeu tinha 21, ou 22 annos (562).

Masson, Gierig e Schaefer, dão-lhe a idade de 23 annos (563).

Como ninguem produz prova por onde conste quando Marcial foi para Roma, não podemos assignar época certa a este acontecimento.

A opinião de que Marcial contava 21 annos, quando foi para Roma, funda-se provavelmente em que tendo ali estado 35 annos, e regressando á patria aos 57 annos, abatendo de 57 os 35, e aquelle em que voltou de Roma, que fazem 36, ficão 21 para se assignarem á idade em que foi para a capital do imperio; porém nenhum indicio ha nem de que Marcial viesse para a Hespanha quando tinha 57 annos, nem de que o Epigramma 24 do L.° 10.°, em que nos participa ter 57 annos no tempo em que o escrevia, fosse feito em Roma, ou logo que chegou a Hespanha. Se, v. gr., Marcial o composesse cinco annos depois da sua estada na patria, teria 16 a 17 annos quando foi para Roma, e tantos menos teria, quanto mais se alongasse a época da composição daquelle epigramma, sem que lhe obste referir Marcial, no epigramma 103 do L.° 10.°, feito aos 34 annos da sua residencia em Roma, que a Italia lhe tinha mudado a côr do cabello (564); porque indo para Roma com 16 annos, aos 50, já vão apparecendo muito as cans.

Não havendo, por tanto, nenhum documento que possa guiarnos para descobrir a idade em que Marcial sahio da Hespanha, abraçaria

---

(561) *Cum primum per aetatem licuit Romam se contulit.* Biblioth. Hisp. Vetus, T. 1.°, p. 81, N.° 276.

(562) *Vino a Roma de vinte y uno ó veinte y dos años en tiempo de Nero.* Hist. Crit. de España, T. 8.°, p. 328, §. XIII. Na p. 329 atêm-se aos 22 annos.

(563) M. Valerius Martialis Bilbili Celtiberiae oriundus a. aet. 23 Romam venit. Gierig na sua ed. das Epistolas de Plinio, L.° 3.°, Cap. 21, p. 295. do T. 1.°, nota [1], citando Masson na Vida de Plinio

Schaefer, ed. do *Panegyrico, e das Epist. de Plinio.* Lipsiae 1805. p. 182, nota [2], onde tambem cita Masson.

(564) *Quatuor accessit trigesima messibus aestas,*
Ut sine me Cereri rustica liba datis.
Moenia dum colimus dominae pulcherrima Romae,
Mutavere meas Itala regna comas.

T. 2.°, p. 273.

eu mais voluntariamente, posto que não o tenha por certo, como já disse, o parecer dos que entendem ter elle ido estudar a Roma, até porque, destinando-se Marcial ao exercicio do foro, seguiria o exemplo dos seos compatriotas, que hião ali habilitar-se para esse fim, e seria este o emprego dos cinco annos que Marcial diz ter vivido em Roma sem advogar (565).

QUANDO VOLTOU MARCIAL PARA HESPANHA.

Rader e alguns de seos sequazes assentão que veio para Hespanha no primeiro, ou no segundo anno de Trajano (566).

Os que cuidárão da edição de Lemaire afastárão-se um pouco de Rader, dizendo que veio para a patria no primeiro anno de Trajano (567).

Segundo Masdeu veio para a sua terra no principio do Imperio de Trajano (568).

Dodwell quer que fosse a sua volta para Bilbilis no anno do terceiro consulado de Trajano (569).

Gierig, Masson, e Schaefer põem este successo em tempo de Nerva, no anno 97 de J. Christo, tendo Marcial 58 annos de idade (570).

D. Nicoláo Antonio diz que foi no tempo de Trajano; porém não logo no principio do seo Imperio (571).

---

(565) V. p. 147.

(566) *Sub primum vel alterum Trajani annum .... in patriam redierit.* Vida de Marcial.

(567) *Sub primum Trajani annum, ... in patriam* redierit. T. 1.°, p. XIX.

(568) *Volvió à España al principio del Imperio de Trajano*, l. c., p. 328, citando a vida de Marcial escripta por Jouvenci, que só diz ter morrido em Hespanha no tempo da Trajano — *rediit in Hispaniam suam anno aetatis 57. ibique decessit imperante Trajano.*

(569) *Imo Juvenalem in ipsa* Subura meminit Martialis, anno postquam in patriam rediisset [quod Trajani 3.° consulatu factum]. T. 1.°, p. 1160, §. XXXVIII.

(570) Sub a. aet. 58. Chr. 97. in patriam rediit. Plin. Epist. 21 do L.° 3.°, ed. de Gierig, T. 1.°, p. 295, nota [1] citando Masson *in vita Plinii.* Schaefer. l. c. nota

(571) *Cogitavit in patriam reditum, et exsecutus est quatuor jam et*

O que póde concluir-se de toda esta diversidade de opiniões sobre o anno em que Marcial regressou á patria é que não se sabe quando isto teve lugar; mas o que póde ter-se por certo é que nem voltou para Bilbilis no primeiro anno de Trajano, nem consta que este facto se vereficasse no segundo, em que Trajano foi Consul pela trerceira vez; porque se sabe, que Marcial estava então em Roma, e não ha noticia de que de lá sahisse nesse anno.

Marcial residia em Roma quando Trajano andava na campanha da Germania; porque no epigramma 6 do L.º 10.º felicita aquelles que tiverem a sorte de o ver entrar pela via Flamina, e quando os mensageiros vierem annunciar ao povo que vá ao encontro do Cesar, o povo com uma só voz pergunte vem elle (572)?

E no epigramma 7.º do mesmo L.º pede o Tibre ao Rheno que restitua Trajano aos seos povos e a Roma (573).

Trajano fez duas vezes a guerra na Germania, contra os Dacos. Na 1.ª partio para os combater no anno 100 de J. Christo, 853 de Roma, e veio de lá no anno 101 de J. Christo, 854 de Roma (574).

---

triginta annorum urbis incola, cùm ferè ageret aetatis septimum et quinquagesimum. Quonam autem Trajani, incertum: attamen discessisse eum non recenti principatu, uti video ab aliquibus colligi. Biblioth. Hisp. Vetus, T. 1.º, p. 82, N.º 278.

(572) DE ADVENTU CAESARIS TRAJANI

Felices, quibus urna dedit spectare coruscum
Solibus Arctois sideribusque ducem.
Quando erit dies ille, quo campus, et arbor, et omnis
Lucebit Latia culta fenestra nuru?
Quando morae dulces, longusque a Caesare pulvis,
Totaque Flaminia Roma videnda via?
Quando eques, et picti tunica Nilotide Mauri,
Ibitis? et populi vox erit una, venit?

T. 2.º, p. 479.

(573) AD RHENUM, DE EODEM.

Nympharum pater amniumque, Rhene,
. . . .
. . . .
Trajanum populis suis, et urbi,
Tibris te dominus rogat, remittas.

p. 480 do T. 2.º

(574) Dion Cassio. L.º 68 T. 2.º, p. 1125 a 1127. Dodwel, *Praelectiones Camdenianae, Praelectio XI*, §. *XIV e XV*, p. 406 a 409, diz que a primeira expedição contra Decebalo, começou no anno 100, não muito antes

Na 2.ª sahio de Roma no anno 856, 103 de J, Christo, e voltou no anno 859, 106 de J. Christo (575). Suppondo que Marcial se refere á primeira campanha de Trajano contra os Dacos, os dois epigrammas forão compostos estando ainda Trajano na Germania, isto é nos annos 100 a 101 de J. Christo, 853 a 854 de Roma. O anno 100 de J. Christo foi o 2.º do Imperio de Trajano, aquelle em que foi para a Germania, e o do seo terceiro consulado a que allude Marcial no epigramma 4.º do L.º 11 (576).

D. Nicoláo Antonio é só o que atinou com a verdade, em quanto á incertesa da época em que Marcial se restituio á Hespanha, no tempo de Trajano, porém não logo no principio do seo imperio, estribando-se nas mesmas razões que produzi, mas enganando-se na chronologia (577); porque o anno do terceiro consulado de Trajano foi o de 100 de J. Christo, e não o de 101, nem foi o terceiro, mas o segundo do seo imperio; e o anno 853 de Roma, corresponde ao anno 100 de J. Christo, e não ao anno 101, como já mostrei (578); e contradiz-se porqne afirma ter Marcial executado o seo intento de ir para a patria, quando tinha habitado em Roma 34 annos (579), e transcreve logo no § seguinte o verso de Marcial onde positiva-

---

do principio d'Outubro, mas depois do principio de Setembro, e por isso tendo Marcial escripto os epigrammas 6.º e 7.º do L.º 10.º, não só depois da partida de Trajano contra Decebalo, mas até quando elle já estava no Rheno, porque recomenda, em nome do Tibre, áquelle rio que o restitua aos seos povos, e a Roma, não parece provavel que nos tres mezes que vão até ao fim do anno 100 se ausentasse Marcial da cidade eterna, e que estivesse esperando que viesse do Rheno a noticia de ter lá chegado Trajano para sahir de Roma.

(575) Dion Cassio, L.º 68, p. 1128 a 1131 do T. 2.º; Dodwell. l. c., e *Prelecção* XIII, §. III, e IV., p. 441 a p. 444.

(576) *Et qui purpureis jam tertia nomina fastis,*
Jane refers Nervae; vos precor ore pio:
T. 2.º p. 580. Neste epigramma faz supplicas aos Deoses a favor de Trajano Nerva.

(577) *Victoria haec scilicet prima de Decebalo Dacorum rege [nam duae fuere, alteraque post biennium] in consulatum Trajani tertium, et Frontonis tertium incidit, qui fuit annus ejus imperii etiam tertius, urbis* DCCCLII. *Christianae redemtionis* CI. *aut sequens.* Biblioth. Hispan. Vetus, T. 2.º, p. 82, N.º 278.

(578) V. a nota 547 acima, e o texto a que se refere.

(579) V. a nota [571].

mente nos declara que se recolheo a Hespanha, depois de ter residido fora della 35 annos (580).

PORQUE MOTIVO VOLTOU MACIAL PARA A SUA PATRIA.

Uns querem que Marcial voltasse para Hespanha, por se ir fazendo velho, e estar enfastiado de Roma (581).

Outros por não ser bem aceito a Trajano (582).

Outros juntão estes dois motivos (583).

E D. Nicoláo Antonio, mencionando ambos, não opta por nenhum (584).

Não me persuado de que o motivo que Marcial teve para se retirar de Roma fosse não ser favorecido por Trajano; porque em alguns epigrammas do L.° 10.°, a que não póde assignar-se data, mostra a intenção e o desejo de regressar para os seos.

No epigramma 20 diz a Manio, de quem era amigo, desd'a mo-

---

(580) *Munera post septima lustra reverso;* Epigramma 31 do L.° 12.°, p. 29 do T. 3.° Veja-se este epigramma.

(581) *Cum jam aetate ad senectutem ingravescente rerum urbanarum taedio affectus esset, rediit in Hispaniam.* Domicio Calderiuo, *Vida de Marcial.*

Postremo cum Martialis fuerit provectior, taedio rerum urbanarum affectus, in patriam rediit. Pedro Crinito, em qualquer das edições de Marcial em que se transcreveo a vida deste Autor, por elle escripta.

(582) *Permaneció en Roma hasta el tiempo del Emperador Trajano, de quem fue poco favorecido;* D. José Rodrigues de Castro, *Bibliot. Españ.* T. 2.°, p. 119.

Subió al trono un Español, y Marcial cayó de tal modo, que a pesar de toda su finura con que aduló al nuevo Principe en sus epigrammas, se vió finalmente precisado á marchar de Roma. Masdeu Hist. Crit. d'España, T. 8.°, p. 329.

Sentio, sub primum Trajani annum, quod ab eo negligeretur, in patriam rediit. Ed. de Lemaire, T. 1.°, p. XIX.

(583) *Sentio. . . . .quod ab eo* [Trajano] *negligeretur, in patriam rediit . . . . Cum apud Nervam parum, apud Trajanum nihil posset, rerum urbanarum taedio affectus, urgentibus jam taedio et fatis, patriam repetivit.* Rader, e os que copiárão a vida de Marcial, por elle escripta.

(584) *Curiae pertesus, aut parum Trajano gratus. Bibliot. Hispan. Vetus,* T. 1.°, p. 82, N.° 278.

cidade, que hade ir ter com elle á patria commum, e que qualquer lugar em que estiverem juntos, é para elles Roma (585).

No epigramma 78 participa a Macro que hade partir para a sua terra, quando elle já não estiver lá; mas em tudo quanto ali escrever hade apparecer o nome de Macro (586).

No epigramma 96, respondendo a Avito que se admirava de que Marcial, tendo-se feito velho em Roma, estivesse sempre a fallar de terras remotas, e a ter sêde das agoas do Tejo, e das do Salo (o rio que corria junto a Bilbilis), diz-lhe que ama aquella terra, por ser em tudo mais commoda para elle do que Roma, e por isso, com pouco o torna feliz (587), indicando assim bem claramente a vontade que tinha de deixar Roma, e a razão porque o fazia.

---

(585) *Ducit ad auriferas quod me Salo Celtiber oras*
Pendula quod patriae visere tecta libet;
Tu mihi simplicibus, Mani, dilectus ab annis,
Et praetextata cultus amicitia,
Tu facis, in terris quo non est alter Iberis
Dulcior, et vero dignus amore magis.
Tecum ego vel sicci Gaetula mapalia Paeni,
Et poteram Scythicas hospes amare casas.
Si tibi mens eadem, si nostri mutua cura est,
In quocumque loco Roma duobus erit.
T. 2.°, p. 492.

(586) *Nos Celtas, Macer, et truces Iberos*
Cum desiderio tui petemus.
Sed quocumque tamen feretur illic
Piscosi calamo Tagi notata,
Macrum pagina nostra nominabit
T. 2.°, p. 552.

(587) *Saepe loquar nimium gentes quod, Avite, remotas,*
Miraris, Latia factus in urbe senex,
Auriferumque Tagum sitiam, patriumque Salonem,
Et repetam saturae sordida rura casae.
Illa placet tellus, in qua res parva beatum
Me facit, et tenues luxuriantur opes.
Pascitur hic, ibi pascit ager: tepet igne maligno
Hic focus, ingenti lumine lucet ibi.
Hic pretiosa fames, conturbatorque macellus,
Mensa ibi divitiis ruris operta sui.
Quatuor hic aestate togae, pluresve teruntur;
Autumnis ibi me quatuor una tegit.
T. 2.°, p. 567.

No epigramma 103, fallando com os seos concidadãos, diz-lhes que, tendo já chegado o 34.° verão, depois da sua ausencia na Italia, se lhe mudou a côr do cabello; que vai ter com elles, e ali ficará se fôr bem recebido, aliás volará para Roma (588). Deste epigramma se colhe que Marcial, quando sahio de Roma, já havia dois annos que tratava de se ausentar daquella cidade, porque verificando o seo regresso para a patria, depois de ter vivido 35 annos em Roma (589), e escrevendo este epigramma no anno 34 da sua estada ali, medeão, pouco mais ou menos dois annos entre estas duas épocas; e note-se mais que Marcial não tinha receio de ser mal acolhido na Capital do Imperio, porque adverte aos seos concidadãos, que se não for por elles bem recebido, tornará para lá.

E no epigramma 104, repetindo que não vê os seos amigos á 34 annos, recomenda a Flacco, a quem manda um Livro seo, que lhe compre, por preço modico, um retiro agradavel, onde elle passe, sem trabalho, uma vida descançada (590).

Pareceme que do contheudo nos epigrammas apontados póde concluir-se que Marcial tinha a idea fixa de recolher-se á sua terra; e que esta idea se transformou, com o andar dos annos, n'uma especie de nostalgia, a que são ainda mais sujeitos os naturaes dos paizes montanhosos e asperos, e a que por fim cedeo, ficando tão satisfeito de gosar em Bilbilis as propriedades que recebeo de sua Mulher, que não as trocaria pelos hortos de Nausica, filha de Alcinoo, se ella lhos quizesse dar (591).

---

(588) *Quatuor accessit trigesima messibus aestas,*
Ut sine me Cereri rustica liba datis.
Moenia dum colimus dominae pulcherrima Romae,
Mutavere mea Itala regna comas.
Excipitis reducem placida si mente, venimus;
Aspera si geritis corda, redire licet.
L. 2.°, p. 572.

(589) V. a p. 45 desta Memoria.

(590) *Quid mandem tibi, quaeris? ut sodales.*
Paucos, sed veteres, et ante brumas
Triginta mihi quatuor visos
Ipsa protinus a via salutes,
Et nostrum adomoneas subinde Flaccum,
Jucundos mihi nec laboriosos
Secessus pretio paret salubri,
Qui pigrum faciant tuum parentem.
T. 2.°, p. 574.

(591) *Has Marcella domos parvaque regna dedit.*

E parece-me tambem que Marcial não foi desfavorecido de Trajano; porque, se o fosse, não lhe remetteria, depois de estar em Hespanha, um resumo que fez dos L.os 10.º e 11.º dos seus epigrammas, por elle corrigido, deixando para aquelles a quem Trajano dera descanço, que lessem os dois livros inteiros; mas tendo tanta confiança no Cesar que, não lhe pede, diz-lhe que leia elle o resumo, e não desconfia absolutamente de que talvez tenha tempo de ler a obra completa (592); nem escreveria em louvor de Trajano os epigrammas 6.º, 8.º, 9.º e 15.º do mesmo Livro, compostos todos já na patria. Se Marcial viesse de Roma desgostoso de Trajano, não lhe faria depois tantos elogios.

QUANDO MORREO MARCIAL, E DE QUE IDADE.

Os Autores que escrevêrão a vida de Marcial dizem que morreo:
Na patria, pouco depois de para ella voltar (593):
Quatro ou cinco annos, quando muito, depois de ter regressado á patria, quasi sexagenario, ou prolongou a sua vida por mais dois annos (594):

Si mihi Nausicae patrios concederet hortos,
Alcinoo possem dicere, Malo meos.
Epigr. 31 do L.º 12.º, p. 29 do T. 3.º

(592) *Longior undecimi nobis, decimique libelli*
Arctatus labor est, et breve rasit opus.
Plura legant vacui, quibus otia tuta dedisti;
Haec lege tu, Caesar: forsan et illa leges.
Epigr. 5.º do L.º 12.º, p. 7. do T. 3.º

(593) *In patriam rediit atque in natali solo paulo post interiit.* Pedro Crinito, e os que se aproveitárão da vida que elle escreveo de Marcial.

(594) *In patriam redierit ibique post quadriennium, summum quinquenium exactum, ultimum vitae diem clausit, ita ut* ἑξηκονταετής *ferè obierit, aut biennium ultra vitam propagaret.* Rader, e os que o seguem.

Na edição de Lemaire acrescenta-se a estas palavras de *Rader* — morreo portanto no anno 104, ou 105 de J. Christo, 4.º ou 5.º de Trajano — *Obiit ergo anno post C. N. 104, aut 105, Trajani quarto, aut quinto. Sura et Serviano iterum Coss., Olymp.* CCXX, *a. 2, post U. C.* DCCCLIV. T. 1.º, p. XIX. Porém os annos 104 e 105 de J. Christo não correspondem aos 4.º 5.º de Trajano, mas sim aos 6.º e 7.º. Sura foi Consul pela segunda vez no anno 104 de J. Christo; porém com P. Horacio Marcello, e não com Serviano; nem este Consulado teve lugar no 2.º anno da Olymp. 220, porque

Não se sabe quantos annos depois de vir para a Hespanha; e que o L.° 12.° dos epigrammas foi composto no 6.°, ou no 7.° anno de Trajano (595):
Em Hespanha no tempo de Trajano, tendo 60 annos (596):
No tempo de Trajano, de idade de 75 annos (597):
No principio do Imperio de Trajano, d'ali a 3 ou 4 annos (598):
No anno 100 de J. Christo, ou pouco depois (599):

Em tamanha divergencia d'opiniões ácerca do anno em que morreo Marcial, a unica exacta é a de D. Nicoláo Antonio — que se ignora quanto tempo viveo na patria, depois de ter deixado Roma. — Ignora-se igualmente quantos annos tinha quando falleceo. Mas parece-me que, sem saber-se, nem quando, nem quantos annos tinha quando se finou, nem haver nenhum fundamento para determinar, como alguns fizerão, quantos annos viveo ainda Marcial depois do seu regresso á Hespanha, póde com tudo a vida de Marcial alongar-se mais alem do termo que lhe assignão os escriptores que ficão mencionados.

Marcial estava em Roma pelos fins do anno 100 de Christo (600). Supponhamos que sahio daquella cidade logo no anno immediato a este, e nelle mesmo chegou á sua terra. Ali esteve tres annos sem fazer nada (601); por consequencia até ao fim do anno 103 de

---

nesse anno foi o 1.° Consulado de Sura, com Sosio Sennecio pela terceira vez Consul; nem o 2.° anno da referida Olymp. 220 foi o DCCCLIV de Roma, mas o DCCCLV.

(595) *Quod verò annis post haec* (depois de ter composto o epigramma 31 do L.° 12) *vixerit nemini credo notum;* e que este L.° 12 foi composto no 6.° ou 7.° de Trajano, *sexto aut septimo nempe Trajani.* Biblioth. Hispan. Vetus, T. 1.°, p. 82, e 83, N.° 280.

(596) *Ibique* [in Hispania] *decessit imperante Trajano, natus annos admodum 60.* Jouvenci.

(597) *Viviò en tiempo del Emperador Domiciano, y murió en el de Trajano de edad de 75 años.* Bibliot. Españ., T. 2.°, p. 120, citando Baillet, *Jugemens des Sans.* T. 4.°, p. 189.

(598) *Volviò a España al principio del Imperio de Trajano, y murió de alli á 3 ó 4 años.* Masdeu *Hist. Critica d'España.* T. 8.°, p. 328, citando Jouvenci, que tal não diz. V. a nota [596].

(599) *Mortuus est a 100. aut paulo post.* Gierig, na ed. das Epist. de Plinio, Epist. 21 do L.° 3.°, p. 295 do T. 1.°

Schaefer segue tambem a opinião de Masson. Ed. das Epist., e do Panegyrico de Plinio, p. 182.

(600) V. a p. 156, e 157 desta Memoria.

(601) V. a nota [532].

J. Christo. Passados estes tres annos, no quarto depois da sua volta á patria, escreveo o L.° 12.° dos Epigrammas (602); por tanto compunha-os no anno 104 de J. Christo, 6.° de Trajano; e por isso ainda que Marcial tivesse morrido logo depois de ter composto o L.° 12.° dos seus epigrammas, ainda assim mesmo teria alcançado o anno 6.° de Trajano; porém julgo que póde levar-se mais longe a vida de Marcial.

No epigramma 8.° do L.° 12.°, fallando Marcial com Roma, refere que ella, soberba por ter um Imperador com as qualidades de Trajano, disse aos proceres dos Parthos, aos que governão os Seres, aos Thraces, aos Sauromates, aos Getas, e aos Britannos, vinde que posso mostrar-vos o que é um Cesar (603).

Neste epigramma parece alludir-se aos Parthos que Trajano venceo, e assim o entendêrão alguns Commentadores de Marcial (604).

Xiphilino, no resumo de Dion Cassio, relata a guerra contra os Parthos, incluindo todos os successos della nos annos 867 e 868 de Roma; 114 e 115 de J. Christo (605).

Dodwell, e o Autor do Appendix Chronologico inserto na edição de Tacito publicada por Valpy, apoiados no testemunho de Malala, e n'outros monumentos historicos admittem duas expedições contra os Parthos, para a primeira das quaes Trajano partio no anno 112 de J. Christo, 865 de Roma, e acabou no anno 114 de J. Christo 867 de Roma; a segunda começada e terminada no anno 115 de J. Christo, 868 de Roma (606).

---

(602) V. a carta com que mandou a Prisco o L.° 12 dos Epigrammas, T. 3.°, p. 1.

(603) *Terrarum Dea gentiumque Roma,*
Cui par est nihil, et nihil secundum,
Trajani modo laeta quum futuros
Tot per saecula computaret annos,
Et fortem, juvenemque, Martiumque
In tanto duce militem viderit;
Dixit praeside gloriosa tali:
Parthorum proceres, ducesque Serum,
Traces, Sauromatae, Getae, Britanni,
Possum ostendere Caesarem; venite.
T. 3.°, p. 9.

(604) Rader, os que tratárão da edição de Lemaire etc.

(605) L.° 68, p. 1134 a 1145 do T. 2.°

(606) Malala. *Chronographia*, L.° 12.°, *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*. Ed. de Bonna, 1831, p. 270 e seguintes. Este Autor só me parece que possa servir para apontar a existencia, e alguns successos da primeira

O L.° 68 de Dion Cassio tem uma lacuna em que se omittem os acontecimentos occorridos entre os annos de 860 e 867 (607); e por isso talvez Xiphilino abrangesse nos annos 867 e 868 de Roma os factos dos annos anteriores; mas todos concordão em que só se lhe confirmou o appellido de Parthico em 868, depois da tomada de Ctesiphonte, capital da Parthia (608).

Póde porém o epigramma citado referir-se ás primeiras noticias que se recebêrão em Roma das vantagens obtidas por Trajano contra os Parthos, nos annos 866, ou 867 de Roma, 113, ou 114 de J. Christo, mas seja qualquer destas épocas a que Marcial teve em vista, sempre d'ahi se colligirá que elle ainda vivia, pelos menos, depois do anno 866 de Roma, 113 de J. Christo, e xv do Imperio de Trajano (609).

Estranhará talvez alguem dizer eu, a p. 154 desta Memoria, que o epigramma 24 do L.° 10.° podia ter sido composto por Marcial cinco annos depois da sua estada na Patria, achando-se o referido epigramma comprehendido entre os do L.° 10.°, escripto antes do L.° 12.°, que foi feito tres annos depois de viver Marcial ocioso entre os seus concidadãos; mas para salvar esta apparente contradicção, bastará lembrar — que não é certo que todos os epigrammas que o L.° 12.° « contêm fossem escriptos depois da sua volta á Hespanha, assim como « tambem não é certo que nos livros precedentes, publicados em « Roma, não se tenha introduzido algum outro, por elle composto, de- « pois de partir d'aquella Cidade (610). »

---

expedição de Trajano contra os Parthos, e o mez em que partio de Roma para o Oriente [se é verdade que foi o mez d'Outubro]; porque o anno 12.° do imperio de Trajano que Malala dá como a época daquella partida não é exacto. Provavelmente confundio Malala o anno 12.° de Trajano com o 112 de J. Christo.

Dodwell, l. c., *Praelectio* xv, §§. 3, 4, 5, 7, 8, e 11, p. 483 a p. 497; e *Praelectio* xvi, p. 518.

Appendix Chronologico. T. 5.° da ed. de Tacito, de p. 232 em diante.

(607) Dion Cassio, T. 2.°, p. 1133.

(608) Xiphilino, Resumo do L.° 68 de Dion Cassio, T. 2.°, p. 1143. Dodwell l. c., *Praelectio* xv, §§ 11 e 12, p. 497 a 499.

(609) Eusebio, *Chronicon*, traducção Armenia, T. 2.°, p. 283.

(610) *Non è ugualmente certo che tutti gli Epigrammi nel libro medesimo* [no L.° 12] *contenuti, fossero da lui scritti dopo il suo ritorno, e non è pure ugualmente certo che ne'libri precedenti, da lui publicati in Roma, non sia stato poscia intruso qualque altro da lui composto poichè n'era partito.* Tiraboschi, *Storia della Letteratura Italiana*, T. 2.°, P. 1.ª, p. 93.

Da confusão dos epigrammas de Marcial, em diversos codices, dá tam-

Tudo o que fica expendido, relativamente a Marcial, reduz-se, por tanto a

Que nasceo em Bilbilis, nas kalendas de Março, ignorando-se porém o anno em que nasceo:

Que não se sabe onde recebeo a sua educação litteraria:

Que não consta o anno em que foi da sua patria para Roma:

Que em Roma viveo 35 annos, occupando-se 30 destes annos em advogar:

Que não ha motivo para acreditar que fosse mal visto de Trajano:

Que se ignora em que anno voltou para a Hespanha, sabendo-se comtudo que no 100 de J. Christo, 2.º do imperio de Trajano, ainda estava em Roma:

Que depois de regressar á sua terra, ha fundamento para julgar que vivia posteriormente ao anno 113 de J. Christo, XV do Imperio de Trajano:

Que passada esta época nenhum vestigio ha de Marcial, nem se póde assignar, de modo algum, que idade tinha quando falleceo:

E que a sua litteratura grega não prova que a houvesse no seu tempo na sua patria, por isso mesmo que não se sabe onde estudou.

Não acabarei este artigo sem dar a conhecer uma reflexão de Masdeu, que respeita a Marcial, que elle diz poderá parecer nova, e que realmente o é, e vem a ser que « Este Hespanhol, nos 21, ou 22 « annos primeiros que viveo em Hespanha, ou não fez versos, ou não « achou quem lhos louvasse. Foi para Roma, e versificou com muito « applauso, em quanto teve Imperadores Italianos. Subio ao throno um « Hespanhol, e Marcial cahio de tal modo que, a pesar de toda a sua « finura, com que adulou o novo Principe com os seus epigrammas, « se vio precisado finalmente a sahir de Roma. Volta á sua patria, e « queixa-se nella amargamente, porque não encontra a approvação e « elogios a que estava costumado em Roma. O mesmo Marcial dá tes- « temunho de tudo isto nas suas poesias. Logo as agudezas deste Poeta « forão bem recebidas em Roma, e mal em Hespanha, applaudidas « pelos Romanos, e despresadas pelos Hespanhoes; ouvidas com gosto « pelos Imperadores Romanos, e reprovadas de Trajano, Imperador « Hespanhol. Qual era pois então a nação inficionada e corrompida, a « Hespanhola, ou a Italiana (611)?

---

bem noticia a edição de Lemaire na nota ao epigramma 25 do L.º 4.º, p. 401 do T. 1.º etc.

(611) *Historia Critica d'España,* T: 8.º, p. 329.

A conclusão de tudo isto é que tendo-se corrompido o bom gosto da Litteratura em Roma, conservou-se intacto na Hespanha.

Mas quem disse a Masdeu que Marcial foi para Roma na idade de 21, ou 22 annos? Alem de que esqueceu-se de ter declarado antecedentemente, valendo-se da autoridade do Autor do Dialogo sobre as causas de se ter corrompido a eloquencia, escripto no 6.º anno de Vespasiano, que as causas desta enfermidade, tendo seu principio em Roma, e sahindo da Italia, passou ás Provincias (611). Como é que a Hespanha foi preservada desta peste litteraria, como a qualifica Masdeu (612)? E como é que Trajano, ainda sendo Hespanhol, escapou a semelhante contagio, e teve tão fino e delicado gosto que se enjoava com os epigrammas de Marcial? Trajano, guerreiro toda a sua vida, e passando uma grande parte della fóra de Roma! Alem de que restava provar que Trajano fosse desafecto a Marcial, quando o que póde ajuizar-se é não ter existido tal desafeição (613)? Parece-me que, no passo de Masdeu, o excessivo amor da patria o desviou de attentar pelo que escrevia. Que os Hespanhoes não fossem os Autores da corrupção da Litteratura em Roma, póde admittir-se; mas que na Peninsula Iberica se conservasse o mesmo apuro de bom gosto que havia em Roma no tempo de Cicero, julgo que ninguem se atreverá a defender.

A analyse que tenho feito dos Escriptores do 1.º seculo da Igreja mostra:

Que ou não aprendêrão na Hespanha, como Hygino, mesmo querendo que elle fosse Hespanhol, Lucano, e muito provavelmente o Seneca Rhetorico;

Ou não se sabe onde aprendêrão, como Pomponio Mela, o Seneca Rhethorico, no caso de não ter estudado em Roma, e Marcial;

Ou não sabião Grego, como Columella;

Ou não erão Hespanhoes, como Quintiliano.

E por isso os seus conhecimentos da Litteratura Grega não attestão que ella fosse cultivada em seu tempo na Hespanha; mas, sem negar todavia, que tenha existido este facto, o que me é impossivel é provar que o houve.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

---

(611) l. c. p. 323 citando o Anonymo *de causis corr. eloq.*, Cap. 28 e 29, p. 726, e 727. O passo do Dialogo de *Oratoribus*, attribuido a Tacito, é este = *Quae mala* (os de ter degenerado a eloquencia e as outras artes) *primum in Urbe nata, mox per Italiam fusa, jam in provincias manant.* Tacito de Valpy, T. 4.º, p. 180.

(612) l. c., p. 325.

(613) V. da p. 158 desta Memoria em diante.

EMENDAS.

Erros.	*Correcções.*
P. 3, l. 35, mais mais	mais
P. 4, l. 18, por esta	por desta
P. 18, l. 2, tornamos	tornámo-nos
P. 20, nota 41, l. 1, per	por
P. 21, nota 49, l. 1, Idem	Florez
——— nota 50, l. 3, Madeu	Masdeu
P. 26, l. 7, Ampurias, que	Ampurias, e que
P. 34, l. 13, e paz	e a paz
P. 36, l. 12, desenbarcou	desembarcou
P. 51, l. 20, oomo	como
P. 57, l. 2, comservão	conservão
——— l. 8, Plutarcho,	Plutarcho.
P. 58, l. 34, cita.	cita :
P. 62, l. 34, outos	outros
P. 64, l. 10 das notas, 184	1843
P. 65, l. 17, é seculo	é o seculo
P. 67, l. 5, Julio Galião	Junio Gallião,
P. 68, nota 229, l. 5, senex	puer
P. 72, nota 249, l. 2, Petris	Petri
P. 74, l. 3, ao tempo	no tempo
P. 75, l. 8, Culumela	Columela
P. 76, l. 8, Julio	Junio
——— nota 267, l. 3, Latma	Latina
P. 77, nota 277, l. 2, 275	274
P. 79, l. 19, Cymacus	Cymaeus
P. 80, l. 27, Cymacus.	Cymaeus
P. 81, nota 289, 285	280
P. 90, l. 2, χηνοβοςκεῖυν.	χηνοβοςκεῖον.
P. 94, l. 2, Escriptoros.	Escriptores
——— nota 335, l. 2, *Campani praefatio ex Angeli Politiani praefatio ex Angeli Politiani praefatione.*	*Campani praefatio ex Angeli Politiani praefatione.*
——— l. 14 contínuando	continuando
P. 97, nota 348, l. 3, praefertim	praesertim.
P. 98, nota 352, l. 5, nune	nunc
——— nota 353, l. 4, Jcronymo	Jeronymo
P. 99, nota 360, l. 3, N.°	nota
P. 101, l. 10, provocon	provocou
P. 102, l. 11, (376)	(376),
P. 105, nota 386, l. 14, qnidem	quidem
P. 108, nota 393, l. 8, fclix	felix
P. 110, l. 26, coesequente	consequente
P. 112, l. 7. Gedoyn.	Gedoyn,
P. 116, nota 416, l. 4, T. 2.°	T. 3.°
P. 123, l. 11, moça,	moça
——— nota 446, l. 2, fatis	satis

Erros.	*Correcções.*
P. 125, nota l. 1, 154	454
P. 127, l. 16, oito	vinte
——— l. 21, decerto	de certo
——— l. 22, della	dellas
P. 128, l. 4, cnjo	cujo
P. 144, nota 522, l. 3, T. 3.°	T. 3.°, e outros
P. 152, nota 550, aetalis	aetatis
P. 159, nota 586, l. 1, truees	truces
P. 166, l. 8, passou	passarão